



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE RONDONÓPOLIS
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
EDUCAÇÃO**



ELISÂNGELA LOPES DE LIMA CARVALHO

**PROJETO EDUCOMUNICAÇÃO: FORMAÇÃO CIDADÃ NA ESCOLA DE ENSINO
MÉDIO ANTONIO FERREIRA SOBRINHO, JACIARA (MT).**

RONDONÓPOLIS - MT

2018



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE RONDONÓPOLIS
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
EDUCAÇÃO**



ELISÂNGELA LOPES DE LIMA CARVALHO

**PROJETO EDUCOMUNICAÇÃO: FORMAÇÃO CIDADÃ NA ESCOLA DE ENSINO
MÉDIO ANTONIO FERREIRA SOBRINHO, JACIARA (MT).**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação no Instituto de Ciências Humanas e Sociais da Universidade Federal de Mato Grosso, Campus Universitário de Rondonópolis, como requisito para a obtenção de título de Mestre em Educação, Linha de Pesquisa Formação de Professores e Políticas Públicas Educacionais.

Orientador: Prof. Dr. Ademar de Lima Carvalho

RONDONÓPOLIS - MT

2018

Dados Internacionais de Catalogação na Fonte.

C331p CARVALHO, Elisângela Lopes de Lima.
PROJETO EDUCOMUNICAÇÃO : FORMAÇÃO CIDADÃ NA ESCOLA
DE ENSINO MÉDIO ANTONIO FERREIRA SOBRINHO, JACIARA (MT). /
Elisângela Lopes de Lima CARVALHO. -- 2018
181 f. ; 30 cm.

Orientador: Ademar de Lima Carvalho.
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Mato Grosso,
Instituto de Ciências Humanas e Sociais, Programa de Pós-Graduação em
Educação, Rondonópolis, 2018.
Inclui bibliografia.

1. Educação. 2. Comunicação. 3. Cidadania. 4. Educomunicação. I.
Título.

Ficha catalográfica elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pelo(a)
autor(a).

Permitida a reprodução parcial ou total, desde que citada a fonte.



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO
PRÓ-REITORIA DE ENSINO DE PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
Rod. Rondonópolis.-Guiratinga, km 06 MT-270 - Campus Universitário de
Tel : (66) 3410-4035 - Email : ppgedu@ufmt.br

FOLHA DE APROVAÇÃO

TÍTULO : "PROJETO EDUCOMUNICAÇÃO: FORMAÇÃO CIDADÃ NA ESCOLA DE ENSINO MÉDIO ANTONIO FERREIRA SOBRINHO, JACIARA (MT)"

AUTOR : Mestranda Elisângela Lopes de Lima Carvalho

Dissertação defendida e aprovada em 05/04/2018.

Composição da Banca Examinadora:

Presidente Banca / Orientador Doutor(a) Ademar de Lima Carvalho
Instituição : UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO

Examinador Interno Doutor(a) ERIKA VIRGILIO RODRIGUES DA CUNHA
Instituição : UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO

Examinador Externo Doutor(a) Ismar de Oliveira Soares
Instituição : Universidade de São Paulo

Examinador Suplente Doutor(a) Flávio Vilas-Bôas Trovão
Instituição : UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO PAULO

RONDONÓPOLIS, 09/04/2018.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, em primeiro lugar, a Deus, pelos dons que me concedeu e, principalmente, por ter me protegido e acompanhado no trajeto Jaciara x Rondonópolis, Rondonópolis x Jaciara, durante o período do Mestrado.

Aos meus pais, Roberto (*in memoriam*) e Neuza, que me deram a base educacional para prosseguir na caminhada do conhecimento.

Ao meu esposo Amadeo, que muito contribuiu para que eu conseguisse realizar esse sonho, assumindo as responsabilidades e os cuidados de casa em minha ausência, apoio sem o qual não teria conseguido concluir o Mestrado. Meu amor eterno...

Aos meus filhos, Dayana e Guilherme, que ficaram em casa e compreenderam a necessidade de minha ausência, ao meu filho Daniel, sua esposa Nicole e meu neto Roger, que serviram de apoio e companhia nos momentos em que fiquei em Rondonópolis.

Aos demais familiares que também me acolheram durante o processo de formação.

Agradeço aos colegas e amigos que conquistei nesse percurso, em especial Janaina, Cristiana, Adriana, Keila, Paulo e Áureo. Ter vocês como companheiros foi uma experiência inesquecível.

Meus sinceros agradecimentos aos professores do Mestrado em Educação com o quais convivi durante dois anos e com quem aprendi muito: Prof. Dra Lindalva, Prof. Dra. Églen, Prof. Dr. Flávio Trovão, Prof. Dra Simone e à nossa técnica sempre disponível, Anabel.

Aos membros de minha banca: Prof. Dra Érika Virgílio, cujas orientações e observações tentei seguir à risca. Obrigada por tanto cuidado e zelo em suas correções! Ao Prof. Dr. Ismar de Oliveira Soares, membro externo da minha banca, cuja gentileza e disponibilidade em contribuir não só teoricamente, mas presencialmente, com minha pesquisa, encantou-me desde o início. Sou-lhe eternamente grata pela oportunidade de compartilhar de seu enorme conhecimento e humildade.

E, especialmente, ao meu professor (des)orientador, Prof. Dr. Ademar de Lima Carvalho, o qual me acompanhou não apenas durante esse trajeto, mas me

aconselhou desde 2012, quando me candidatei ao Mestrado pela primeira vez. Agradeço pela dedicação e pelo incentivo, sem os quais não teria conseguido concluir esse etapa de minha formação e de aperfeiçoamento, não só profissional, mas, sobretudo, pessoal. Sou-lhes externamente grata pela contribuição nesse momento tão importante

Às professoras e alunos da Escola Estadual Antonio Ferreira Sobrinho participantes desta pesquisa, agradeço pela participação para realização de meu trabalho.

Enfim, agradeço a todos e todas as pessoas que, direta ou indiretamente, fizeram parte desse processo de pesquisa.

Muito obrigada!

RESUMO

Esta pesquisa está vinculada à linha de Pesquisa “Formação de Professores e Políticas Públicas Educacionais”, do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGEdu), da UFMT/Rondonópolis. Tem como tema “Educação e Comunicação” e como delimitação o Projeto Educomunicação como estratégia de formação cidadã e de protagonismo juvenil da Escola de Ensino Médio Antonio Ferreira Sobrinho, Jaciara/MT. A problemática que originou este estudo de caso partiu do seguinte questionamento: *O projeto Educomunicação contribui como suporte para formação cidadã/emancipadora dos alunos do ensino médio?* Tem como objetivo geral, compreender como a Educomunicação em uma Escola de Ensino Médio contribui (ou pode contribuir) na formação cidadã dos alunos participantes. Para tanto, o referencial teórico desta dissertação está embasado na proposta de educação libertadora de Paulo Freire e Célestin Freinet, bem como na inserção das mídias no ambiente escolar, através da educomunicação defendida por Ismar Soares. Esse referencial se organiza nos seguintes eixos de análise: Educação e Pedagogia da comunicação, e serve de apoio para uma abordagem dialógica sobre a relação desses eixos e o ambiente escolar. Desta forma, tenho como ponto de partida as concepções teóricas de Freire (1985, 1987, 1995, 2000), Freinet (1977, 1998, 2004) e Soares (1989, 2002, 2011), as quais convergem quanto ao tema comunicação no espaço escola, visto que esses três autores conduzem suas reflexões para uma educação com foco na transformação, não só do aluno, mas da sociedade, inclusive do professor. Sendo um estudo de caso direcionado pelo método dialético-fenomenológico, apresenta concepções embasadas por Freire (1985), Bello (2006), Minayo (2001), Triviños (1987), Bicudo (2011), entre outros. A coleta de dados se deu em três etapas distintas: a observação indireta, pesquisa documental e entrevista semiestruturada, a qual foi direcionada a 02 professoras e 09 alunos. O critério de seleção dos interlocutores foi o envolvimento de, no mínimo, dois anos com o Projeto Educomunicação. A análise dos dados comprovou que há contribuição do projeto na formação cidadã dos estudantes de Ensino Médio que participam do projeto, considerando a possibilidade de ampliação dessa contribuição com a oferta de formação específica sobre a educomunicação, não apenas aos alunos, mas aos demais professores da escola. A partir da pesquisa, constatou-se que as alterações apresentadas nas Portarias de atribuição do educador no Estado de Mato Grosso influenciaram nos resultados referentes às atividades educacionais, apontando como necessária uma reavaliação acerca da carga horária de disponibilidade deste profissional, assim como a oferta de formação voltada para a prática educacional.

Palavras-chave: Educação. Comunicação. Cidadania. Educomunicação.

ABSTRACT

This research is linked to the research line "Training of Teachers and Public Educational Policies" of the Graduate Program in Education (PPGEdu), UFMT / Rondonópolis. Its theme is "Education and Communication" and as a delimitation the Educommunication Project as a strategy for citizen training and youth protagonism of the Antonio Ferreira Sobrinho High School, Jaciara / MT. The problem that originated this case study started from the following question: Does the Educommunication project contribute as a support for citizen education / emancipation of high school students? Its general objective is to understand how the Educommunication in a High School contributes (or can contribute) to the citizen training of the participating students. To that end, the theoretical reference of this dissertation is based on the proposal of liberating education of Paulo Freire and Célestin Freinet, as well as in the insertion of the media in the school environment, through the educommunication defended by Ismar Soares. This framework is organized in the following axes of analysis: Education and Pedagogy of communication, and serves as support for a dialogic approach on the relation of these axes and the school environment. Thus Freire (1985, 1987, 1995, 2000), Freinet (1977, 1998, 2004) and Soares (1989, 2002, 2011) have theoretical conceptions, which converge on the subject of communication in space school, since these three authors conduct their reflections towards an education focused on the transformation, not only of the student, but of society, including the teacher. Being a case study directed by the dialectical-phenomenological method, it presents methodological concepts based on Freire (1985), Bello (2006), Minayo (2001), Triviños (1987), Bicudo (2011), among others. The data collection took place in three distinct stages: indirect observation, documentary research and semi-structured interview, which was directed to 02 teachers and 09 students. The criterion of selection of the interlocutors was the involvement of, at least, two years with the Educommunication Project. The analysis of the data showed that there is a contribution of the project to the citizen training of high school students participating in the project, considering the possibility of expanding this contribution with the offer of specific training on educommunication, not only to the students, but to the other teachers of the project. school. From the research, it was verified that the alterations presented in the Administrative Commissions of the educator in the State of Mato Grosso influenced the results referring to educational activities, pointing out as necessary a reassessment about the hours of availability of this professional, as well as the offer of training aimed at educommunication practice.

Keywords: Education. Communication. Citizenship. Educommunication.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Entrada da E. E. Antonio Ferreira Sobrinho.....	33
Figura 2: Corredor da entrada da escola E. E. Antonio Ferreira Sobrinho.....	33
Figura 3: Pátio da escola.....	34
Figura 4: Sala de aula.....	34
Figura 5: Refeitório.....	35
Figura 6: Principais pontos da Reforma do Ensino Médio (MP 746/2016).....	64
Figura 7: Texto da aluna Juliana.....	113
Figura 8: Texto do aluno Fernando sobre a sessão itinerante.....	114
Figura 9: Aluno entrevistando vereadores.....	131
Figura 10: Entrevista com médica.....	131
Figura 11: Ricardo e Professora Educomunicadora com outros professores no <i>stand</i>	132
Figura 12: Ferreira entrevistando governador do Estado de Mato Grosso, Pedro Taques.....	133

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Quadro discente AFS/2017.....	35
Tabela 2: Municípios e escolas com o projeto Educomunicação em MT.....	60
Tabela 3: Colaboradores da rádio escola.....	109
Tabela 4: Colaboradores do jornal	110

LISTA DE ABREVIATURAS

ABPEducom – Associação Brasileira de Pesquisadores e Profissionais em Educomunicação

AFS – Antonio Ferreira Sobrinho

BDTD – Banco de Dados da Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações

CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

EMIEP – Ensino Médio Integrado à Educação Profissional

IOMAT – Superintendência da Imprensa Oficial do Estado de Mato Grosso

LDBEN – Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional

MDB – Partido do Movimento Democrático do Brasil

MT – Mato Grosso

NCE-USP – Núcleo de Comunicação e Educação da Universidade de São Paulo

PDE – Programa de Desenvolvimento da Escola

PDDE – Programa Dinheiro Direto na Escola

PPGEdu – Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Mato Grosso, Câmpus de Rondonópolis

PPP – Projeto Político Pedagógico

PROEMI – Programa Ensino Médio Inovador

PP – Partido Progressista

PSDB – Partido da Social Democracia Brasileira

PT – Partido dos Trabalhadores

PUC – Pontifícia Universidade Católica

SBPC – Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência

SEDUC – Secretaria de Estado de Educação

TICs – Tecnologias de Informação e Comunicação

UFMT – Universidade Federal de Mato Grosso

UNESCO – Fundação das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura

USP – Universidade de São Paulo

WCME – *World Council for Media Education*

SUMÁRIO

I INTRODUÇÃO.....	11
II CAMINHOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA.....	19
2.1 A DIALÉTICA NA ABORDAGEM FENOMENOLÓGICA.....	24
2.2 ESTUDO DE CASO.....	30
2.3 LOCAL DA PESQUISA.....	30
2.4 INTERLOCUTORES DA PESQUISA.....	36
2.5 INSTRUMENTOS DA COLETA DE DADOS.....	38
2.6 PASSOS DA ANÁLISE.....	39
III UMA DÉCADA DE EDUCOMUNICAÇÃO EM MATO GROSSO: CONTEXTUALIZAÇÃO.....	42
3.1 CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA DA EDUCOMUNICAÇÃO NO BRASIL.....	42
3.2 AÇÕES EDUCOMUNICATIVAS NO RIO DE JANEIRO.....	42
3.3 O I CONGRESSO INTERNACIONAL SOBRE COMUNICAÇÃO E EDUCAÇÃO – NCE/USP.....	43
3.4 EDUCOM.RÁDIO NO MUNICÍPIO DE SÃO PAULO.....	47
3.5 EDUCOM.RÁDIO CENTRO-OESTE.....	48
3.6 A LEI ESTADUAL 9.988/2008 E INSTRUÇÕES NORMATIVAS DA SEDUC.....	51
3.7 REFORMA DO ENSINO MÉDIO X EDUCOMUNICAÇÃO EM MATO GROSSO.....	63
IV EDUCAÇÃO E COMUNICAÇÃO ENQUANTO PRÁTICAS DE LIBERDADE.....	68
4.1 CONCEPÇÃO DE EDUCAÇÃO.....	68
4.2 COMUNICAÇÃO NA EDUCAÇÃO: UMA RELAÇÃO DIALÓGICA.....	73
V PEDAGOGIA DA COMUNICAÇÃO E ESPAÇOS COMUNICATIVOS NO AMBIENTE ESCOLAR.....	96
5.1 EDUCOMUNICAÇÃO: CONCEITO E INTERVENÇÕES PRÁTICAS.....	96
5.2 EDUCOMUNICAÇÃO COMO ESTRATÉGIA DE FORMAÇÃO CIDADÃ.....	98
VI JORNAL E RÁDIO COMO INSTRUMENTOS DE EDUCAÇÃO CIDADÃ: A EDUCOMUNICAÇÃO NA ESCOLA ESTADUAL ANTONIO FERREIRA SOBRINHO, JACIARA – MT.....	107
6.1 EIXO EDUCAÇÃO.....	116
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	140
REFERÊNCIAS.....	145

APÊNDICES.....	152
APÊNDICE A: Roteiro de entrevista para alunos.....	153
APÊNDICE B: Roteiro de entrevista para coordenadora/educadora.....	155
ANEXOS.....	156
ANEXO A: Projeto Educomunicação.....	157
ANEXO B: Ficha Cadastral de Colaboradores.....	168
ANEXO C: Boletim Informativo AFS Jovem.....	158

I INTRODUÇÃO

Apresentada à linha de Pesquisa “Formação de Professores e Políticas Públicas Educacionais” do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGEdu), da UFMT/Rondonópolis, a presente pesquisa intitula-se “Projeto Educomunicação: formação cidadã na Escola de Ensino Médio Antonio Ferreira Sobrinho, em Jaciara – MT”.

O objetivo geral dessa pesquisa qualitativa com enfoque no estudo de caso é compreender se e como a Educomunicação em uma Escola de Ensino Médio contribui (ou pode contribuir) na formação cidadã dos alunos participantes.

Os objetivos específicos desenvolvidos a partir daí são:

- Discutir a concepção de educação libertadora, cidadania e comunicação;
- Investigar os pressupostos teóricos voltados para a Educomunicação e sua implantação no Brasil e em Mato Grosso, relacionando-a à prática cidadã;
- Discutir as Portarias e Instruções Normativas que endossam a presença do educador no ambiente escolar em Mato Grosso;
- Analisar a compreensão dos interlocutores da pesquisa (09 educandos e 02 professoras) acerca da educomunicação e sua intervenção no ambiente escolar.

Tenho como questão de investigação a formação cidadã sob a ótica da seguinte problemática: *O projeto Educomunicação contribui como suporte para formação cidadã/emancipadora dos alunos do ensino médio?*

O problema central da pesquisa se dá a partir da vivência prática relacionada ao projeto. A dúvida da contribuição da Educomunicação na formação cidadã surgiu em 2016, quando, no período de observação na escola, foi feita a análise do Projeto Político Pedagógico – PPP. Neste documento, a Escola apresenta como sua principal missão “a formação cidadã do educando”. No entanto, mesmo contando com um projeto que incentiva a comunicação, criatividade e participação estudantil, como é o Educomunicação, o projeto não é citado neste documento, tampouco é tido como temática no cronograma de estudo das áreas de conhecimento.

Essa constatação me fez refletir sobre a relação entre educomunicação e cidadania, bem como a necessidade de discussão entre os pares acerca da contribuição das mídias comunicativas para o aprendizado dos estudantes de Ensino Médio, o que resultou no questionamento que direciona esta pesquisa.

Acerca dessa proposta teórica, ressalto também que os eixos de análise apresentados na pesquisa – que são: Educação e Pedagogia da comunicação – conduzem para uma abordagem dialógica sobre a relação desses eixos com o ambiente escolar, tendo como ponto de partida as concepções teóricas de Paulo Freire, Célestin Freinet e Ismar de Oliveira Soares, as quais convergem no entendimento sobre a comunicação no espaço escolar, pois, como diz Freire (1985), “educação é comunicação”.

O meu interesse pela temática da pesquisa está ligado diretamente à minha história pessoal e profissional. Uma das melhores lembranças de minha infância está relacionada ao trajeto que percorria de casa para a escola onde cursei todo o ensino básico, em minha cidade Natal, Jaciara - MT, coincidentemente a mesma escola que é local desta pesquisa, na qual atuei com o projeto educomunicação de 2012 a 2015.

Tal percurso, durante os primeiros anos de minha vida escolar, era alegrado pela companhia da “Voz do Poste”, sistema de comunicação que era formado por aproximadamente 150 caixas de som espalhadas pela cidade e fixadas em postes e árvores. De um estúdio se transmitia por fios, todos os dias, uma programação musical, com publicidades e notícias. Em 1986 o sistema de som foi extinto e Jaciara passou a ter sua primeira emissora: Rádio Xavantes (AM), conforme disponibiliza o Portal do Jornalista (2013, p. 1).

O prazer de caminhar durante as idas e vindas de casa para a escola (e vice-versa) sempre ouvindo músicas, recados e tendo a sensação de que tinha uma companhia ao meu lado sempre me chamou a atenção, principalmente quando as atividades escolares não eram tão agradáveis assim, ainda mais nos primeiros anos, onde a preocupação com a alfabetização era mais rígida.

A presença dessa mídia passou a ser uma constante em minha vida profissional, uma vez que, em um breve resgate da minha experiência enquanto educadora, posso citar experiências de recreio animado usando caixa de som, dança e informações desde 1997, quando era professora contratada na E. E. Milton da Costa Ferreira. Porém passei a ter uma compreensão mais clara da relação entre rádio e educação apenas a partir de 2009, quando me interessei em compreender o

fenômeno da educação atrelada à comunicação e tecnologia, ao participar da formação Tecnologias em Educação e ter acesso ao material da Especialização Mídias em Educação¹.

Assim, tendo como ponto de partida minhas próprias experiências profissionais e pessoais em relação à comunicação no ambiente escolar, esta pesquisa fala sobre “Educação e comunicação”, sendo o foco da investigação o uso de mídias comunicativas no ambiente escolar, mais precisamente o jornal (impresso e mural) e a rádio, enquanto instrumentos para a educação cidadã, estando ambos relacionados ao projeto denominado “Educomunicação”².

Esse conceito avança a partir da preocupação com o progresso das tecnologias e suas influências na formação dos jovens, a qual motivou, na Europa, o envolvimento de educadores e familiares com um novo campo, denominado educação para a comunicação, mídia-educação ou *media education*. Tal campo reconhece a qualidade de alguns produtos midiáticos, pois estabelece, conforme Almeida (2016, p, 2), “a importância da informação e da comunicação social na formação para a cidadania”.

A partir da *media education*, no Brasil, surge esse conceito de educomunicação, o qual, conforme Mogadouro (2011, p. 206), pretende “habilitar os cidadãos a exercerem os seus direitos, principalmente aqueles que envolvem a liberdade de expressão e o acesso à informação”, devendo as ações educativas buscar a conscientização das comunidades através da articulação da comunicação enquanto interativa e dialógica.

Neste processo, educomunicação tem como propósito intervir na conscientização e participação crítica dos sujeitos nos ecossistemas³. Essa intervenção, para Soares (2014) se organiza em sete áreas ou modalidades.

¹ Mídias na Educação foi um programa de educação a distância, com estrutura modular, que visou proporcionar formação continuada para o uso pedagógico das diferentes tecnologias da informação e da comunicação – TV e vídeo, informática, rádio e impresso. O público-alvo prioritário foram professores da educação básica, com 360 horas. Ver Portal do MEC, disponível em: <http://portal.mec.gov.br/midias-na-educacao>.

² Este neologismo, cuja disseminação no Brasil se deu pela intervenção do Núcleo de Comunicação e Educação da Universidade de São Paulo, através do Professor Dr. Ismar de Oliveira Soares, tem suas bases teóricas pautadas na educação libertadora de Paulo Freire, tendo a contribuição da teoria da comunicação coletiva de Célestin Freinet, que apresenta uma experiência de introdução do jornal no ambiente escolar. Ver Soares (2011, p. 1).

³ O conceito de ecossistema foi delineado em 1935 e pode ser resumido como o conjunto constituído por um grupo de seres vivos de diversas espécies e por seu meio ambiente natural. É estruturado por interações entre seres vivos que exercem uma troca de energia uns sobre os outros e que interagem com seu meio. Ver Barbero (2010, p. 58).

1. A área da educação para a comunicação [...] tem como objetivo a compreensão do fenômeno da comunicação, tanto no nível interpessoal e grupal quanto no nível organizacional e massivo. [...]
2. A área da expressão comunicativa através das artes está atenta ao potencial criativo e emancipador das distintas formas de manifestação artística na comunidade educativa, como meio de comunicação acessível a todos. [...]
3. A área da mediação tecnológica na educação preocupa-se com os procedimentos e as reflexões sobre a presença das tecnologias da informação e seus múltiplos usos pela comunidade educativa. [...]
4. A área da pedagogia da comunicação referenda-se na educação formal.
5. A área da gestão da comunicação volta-se para o planejamento e a execução de planos, programas e projetos referentes às demais áreas de intervenção [...]
6. A área da reflexão epistemológica dedica-se à sistematização de experiências e ao estudo do próprio fenômeno constituído pela inter-relação entre educação e comunicação (SOARES, 2011, p. 45-46)

Nesta pesquisa, a abordagem da proposta educ comunicativa pauta-se na área da Pedagogia da Comunicação, sendo esse um dos eixos de análise nas entrevistas realizadas com alunos e professores envolvidos com o Projeto Educomunicação.

Sendo a Educomunicação um tema crescente no que tange às pesquisas voltadas para educação, fiz um levantamento dessas publicações, tendo como recorte temporal o período de 2006 a 2016, com base em três descritores: 1: “Educomunicação e educação cidadã”; 2: “Educomunicação e cidadania”; e 3: “Educomunicação e protagonismo”.

A primeira busca, feita no Banco de Dados da Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações – BDTD, no Portal de Periódicos CAPES e na página da ABPEDUCOM, sem especificações (aspas, vírgula), apresentou um resultado de 18.865 publicações. Após uma delimitação dos descritores, com o acréscimo de boleadores (aspas), os portais pesquisados apresentaram um resultado de 56 publicações com os descritores destacados em algumas regiões do Brasil, destacando-se a região Sudeste com o maior número de publicações.

A busca mostrou que o descritor 1. Educomunicação e educação cidadã, representa um total de nove publicações. Já para o descritor 2. Educomunicação e cidadania, os dados apresentados confirmam um quantitativo de duas publicações no portal ABPEDUCOM, uma no BDTD, uma no Oásis.br, uma no Banco de Teses da USP e vinte e seis no Periódico CAPES, totalizando trinta e umas publicações para o segundo descritor.

Finalizando, o terceiro descritor apresentou um total de dezessete resultados, sendo quatro na ABPEDUCOM, um no Banco de Teses da USP, oito no portal Oásis.br e quatro no Período CAPES.

Entretanto, é importante frisar que desse total, três trabalhos se repetiram, e a exclusão dos trabalhos repetidos nos dois últimos descritores, resulta no total de dois trabalhos a menos para o descritor “Educomunicação e protagonismo” e quatro trabalhos a menos no descritor “Educomunicação e educação cidadã”.

Esses dados demonstram que, mesmo havendo um grande número de publicações nos últimos dez anos voltadas para a temática Educomunicação, a maioria das publicações está relacionada à educomunicação no terceiro setor, ou seja, em Grupos Sociais, Pastorais, Organizações não governamentais voltadas para educação ambiental, etc. As pesquisas que tratam especificamente da presença das mídias no ambiente escolar, até 2016, estão em menor número, principalmente na região centro-oeste.

Assim, a realização dessa pesquisa endossa a presença das mídias de comunicação na escola enquanto estratégia de formação cidadã, justificando-se por possibilitar uma abordagem diferenciada das apresentadas até o momento, principalmente se levarmos em consideração a análise do avanço da Educomunicação em Mato Grosso, que mesmo tendo ampliado a oferta da prática educadora nas escolas estaduais, a partir de 2008, possui apenas uma publicação até então sobre essa experiência – pesquisa essa publicada em 2007, antes da promulgação da Lei Educom em Mato Grosso.

Mesmo tendo um envolvimento inicial com o objeto de pesquisa, eu me distanciei do mesmo durante a licença para qualificação, havendo a inserção de novas propostas e atuação de outra professora educadora.

Em relação à minha intervenção com a prática com mídias em educação, ao trabalhar com o Ensino Médio Noturno, em 2011, já havia começado a trabalhar com o blog em sala de aula, no período noturno, onde foi criado o blog Papas na Língua, transformado no ano seguinte em jornal mural.

Neste mesmo ano, enquanto professora responsável pela implementação do mesmo na escola, tive a minha carga horária total de trabalho (30 horas), destinadas às atividades educacionais, as quais estavam voltadas à implantação da rádio escolar (denominada AFS Jovem, por escolha dos alunos da unidade), do jornal mural

“Papás na Língua” (também escolhido por votação), e do jornal impresso “Boletim Informativo AFS Jovem” e do Blog AFS Comunicando⁴.

De acordo com o cronograma e relatório do projeto apresentado em 2012 e disponibilizado no período de observação realizado na escola, foi possível perceber que no primeiro ano de implantação do projeto, as atividades da rádio escola ocupavam todos os horários de intervalo nos períodos matutino e vespertino, e apenas dois intervalos no noturno.

Tais atividades incluíam músicas, avisos, recados dos alunos, homenagens e apresentações musicais e/ou artísticas cotidianamente, incluindo premiação, como no caso das escolhas dos nomes da rádio e do jornal mural, em que a votação foi feita em forma de enquete no Blog, que foi a primeira mídia trabalhada, em 2011, em sala de aula, no período noturno. As enquetes eram produzidas e disponibilizadas no Blog AFS Comunicando e divulgadas na programação da rádio e no jornal mural, sendo premiados os alunos cujas sugestões foram escolhidas.

No tocante ao jornal mural, conforme o relatório da escola, a disponibilização desde o primeiro ano permanece semanal, sendo as notícias divulgadas trocadas toda segunda-feira, por grupos de alunos que são determinados no início do ano, em cronograma organizado pelos participantes.

As concepções teóricas apresentadas na pesquisa se pautam em Freire e Freinet, abordados no segundo capítulo, na apresentação de concepções voltadas para educação e cidadania, e em Soares, entre outros, no terceiro, no qual busco discorrer sobre a Pedagogia da Comunicação como área de intervenção da Educomunicação.

O conceito de “educomunicação” adotado neste estudo remete a um “campo de ação emergente na interface entre os tradicionais campos da educação e da comunicação” (SOARES, 2011, p. 10), que hoje se apresenta como direcionamento para mudanças nas práticas voltadas para a expressividade, favorecendo as condições de comunicação do seguimento humano, mais especificamente da infância e juventude.

4 O Blog AFS Comunicando, criado em 2011 numa atividade com os alunos do período noturno, apesar de ser uma das mídias presentes no projeto, não é analisado na pesquisa com os interlocutores, pois, em virtude da diminuição da carga horária do professor educador, a alimentação desta mídia é feita sazonalmente e não tem envolvido os alunos. Serve apenas de registro das atividades das demais mídias, no caso, rádio e jornal. Para verificação, acesse o endereço do Blog: <http://afscomunicando.blogspot.com>

A partir desta concepção, surge a Associação Brasileira de Pesquisadores e Profissionais em Educomunicação – ABPEducom, fundada em 2012, que veio para construir uma rede de praxis educacional, “colocando-se a serviço dos profissionais e pesquisadores do novo campo, para que dialoguem entre si, em igualdade de condições, em benefício do campo, em todo o Brasil”, conforme cita Soares (2012, p. 5).

Importa ressaltar que a coleta de dados se deu com três procedimentos distintos: através da observação não participante, tomando contato com o desenvolvimento das ações de finalização do ano letivo de 2016 e início de 2017; na aplicação de entrevistas semiestruturadas a nove alunos e duas professoras, gravadas em áudio e transcritas, em maio deste mesmo ano; e na pesquisa de documentos relacionados ao projeto educacional, tais como Portarias e legislação estadual voltada para o tema.

Este trabalho encontra-se organizado em cinco capítulos. O Capítulo metodológico, intitulado **Caminhos metodológicos da pesquisa**, apresenta as diretrizes que endossaram metodologicamente sua elaboração, tendo embasamento em autores como Triviños, Bello, Bicudo, Chizzotti, Fazenda, entre outros.

O Capítulo III – Uma década de Educomunicação em Mato Grosso, traz uma contextualização histórica da implantação da educacional no Brasil, em Mato Grosso e em Jaciara. Também apresenta um registro comparativo das Portarias e Instruções que normatizam a inserção do educador no ambiente escolar.

No Capítulo IV – Educação e comunicação enquanto práticas de liberdade, voltado para concepções teóricas sobre educação e cidadania, pauta-se nas proposições de Freire, Freinet, Paro, entre outros.

O Capítulo V – Pedagogia da comunicação e ambientes comunicativos no espaço escolar discorre sobre a proposta de intervenção da educacional nos ambientes educacionais, relacionando experiências propostas por Soares, Citelli, Aparici, Costa, Alves e outros.

Finalizando, **Capítulo VI – Jornal e rádio como instrumentos de educação cidadã: a Educomunicação na Escola Estadual Antonio Ferreira Sobrinho**, apresento os dados da pesquisa realizada na escola Antonio Ferreira Sobrinho, destacando os resultados obtidos com a aplicação da entrevista a 02 professoras e 09 alunos, e analisando os dados da observação, disponibilizados em diário de campo pela pesquisadora.

Ressalto que as entrevistas das professoras foram feitas em dois momentos, sendo o segundo uma discussão mais detalhada acerca das respostas obtidas no primeiro momento, a fim de aprofundar mais as respostas apresentadas inicialmente.

O critério de seleção tanto dos estudantes quanto das professoras foi o envolvimento dos mesmos com o Projeto Educomunicação por mais de dois anos, o que excluiu a participação da diretora e da articuladora da instituição, visto que ambas têm menos de dois anos de atuação nos cargos e, em virtude disso, não acompanharam diretamente as ações do projeto na escola.

Penso que seja importante frisar que, apesar de estar inserida no quadro de professores efetivos da rede estadual a partir de 2011, já havia iniciado minha prática com o trabalho com as mídias no ambiente escolar desde 2004, sendo inclusive a primeira professora a trabalhar com a rádio escolar na rede municipal de Jaciara, voluntariamente difundindo a comunicação coletiva com os alunos da Educação de Jovens e Adultos da Escola Municipal Magda Ivana nos anos de 2009 e 2010.

Neste trabalho, contei com o apoio da Secretaria Municipal de Educação na instalação de caixas de som por todo o pátio da escola, bem como na aquisição de microfones e suportes. Tal apoio esteve vinculado ao curso *Mídias na Escola e Tecnologias em educação*, visto que nesta formação desenvolvemos o projeto da rádio escolar.

Entretanto, oficialmente a prática educomunicativa foi homologada na rede estadual, em Jaciara, na E. E. Antonio Ferreira Sobrinho, onde implantei o Projeto Educomunicação, ficando responsável pelo projeto nos anos de 2012 a 2015. A partir de 2016, após licenciar-me para qualificação no Mestrado em Educação, uma nova conjuntura se efetivou, passando a responder pelo projeto em 2016 e 2017 outra professora educadora, a qual, conforme entrevista realizada, aceitou minhas contribuições e auxílios durante o início de seu trabalho, mas instituiu uma nova prática e rotina nas atividades.

II CAMINHOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA

E é como seres transformadores e criadores que os homens, em suas permanentes relações com a realidade, produzem, não somente os bens materiais, as coisas sensíveis, os objetos, mas também as instituições sociais, suas ideias, suas concepções (FREIRE, 1987, p. 52).

Este capítulo apresenta os fundamentos e procedimentos metodológicos desta pesquisa, a fim de demonstrar ao leitor os passos realizados no processo de sua elaboração. Os autores que embasam as concepções metodológicas neste capítulo são Freire (1985), Bello (2006), Minayo (2001), Triviños (1987), Bicudo (2011), Weller, Pfaff (2010), Rey (2010), entre outros, que discorrem sobre pesquisa qualitativa, bem como sobre o estudo de caso e a abordagem dialético-fenomenológica.

A escolha e definição do tipo de pesquisa, assim como a abordagem e os instrumentos adotados na sua realização, demonstram as características da pesquisa, e da própria pesquisadora, pois fundamento o método de pesquisa escolhido – dialético-fenomenológico –, e relaciono-o com minha prática profissional.

Tal relação está pautada no diálogo entre o fenômeno que é pesquisado e sua interação com o mundo, embasando-me na perspectiva freiriana de educação.

Em virtude da tendência analítica da pesquisa qualitativa e do espírito pesquisador que me impulsionou na busca pela compreensão de uma prática pedagógica voltada para a educação cidadã, atrelada à educação libertadora proposta por Paulo Freire, optei pela pesquisa qualitativa justamente pela sua utilização no campo da educação como uma forma de investigar resultados de determinadas práticas educacionais (WELLER, PFAF, 2010).

Entendemos por pesquisa a atividade básica da Ciência na sua indagação e construção da realidade. É a pesquisa que alimenta a atividade de ensino e a atualiza frente à realidade do mundo. Portanto, embora seja uma prática teórica, a pesquisa vincula pensamento e ação. Ou seja, nada pode ser intelectualmente um problema, se não tiver sido, em primeiro lugar, um problema da vida prática. As questões da investigação estão, portanto, relacionadas a interesse e circunstâncias socialmente condicionadas. São frutos de determinada inserção no real, nele encontrando suas razões e seus objetivos. Toda investigação se inicia por um problema com uma questão, com uma dúvida ou com uma pergunta, articuladas a conhecimentos anteriores, mas que também podem demandar a criação de novos referenciais (MINAYO, 2001, p. 17-18).

Nestes termos, realizar pesquisa em educação visa uma melhor compreensão dos aspectos e fenômenos que permeiam a prática educativa, relacionando-a não apenas com as pessoas diretamente envolvidas no processo. Isso significa que, no caso desta pesquisa, em que o objeto é o Projeto Educomunicação e sua contribuição na formação do cidadão-educando, a pesquisa visa dialogar com os sujeitos participantes, bem como com suas especificidades e formas de compreensão de mundo.

Adotar a abordagem qualitativa enquanto método implica compreendê-la melhor. Na busca desta compreensão deparei-me com as reflexões de Triviños (1987), o qual afirma ser a concepção de pesquisa qualitativa

[...] uma forma de interpretar os limites ou entornos do que se pretende pesquisar de forma muito mais ampla que um dado objetivo, além de relacionar essa tendência qualitativa à própria ação e concepção de sujeito que o pesquisador tem (TRIVIÑOS, 1987, p. 121).

Enquanto profissional da educação pública, considero que o aluno com o qual atuo diretamente seja um sujeito livre, crítico e consciente de seu papel na sociedade, e a educação paute-se na relação *teoria x práxis*, pois como propõe Freire (2000, p. 16), “não há cultura nem história imóveis”. Sendo assim, a pesquisa em educação não poderia ser direcionada por outro caminho senão o qualitativo, pois assumir tal abordagem de pesquisa é também confirmar e apresentar na pesquisa minha própria “concepção de homem e de mundo” (TRIVIÑOS, 1987). Isso quer dizer que não há como separar o pesquisador da pesquisa, uma vez que a interpretação do fenômeno pesquisado a partir da abordagem qualitativa implica na transferência dos significados que eu, enquanto pesquisadora e também enquanto pessoa e profissional, atribuo à realidade na qual atuo.

Com o crescente número de pesquisas qualitativas voltadas para a educação a partir da década de 70, conforme citam Weller & Pfaff (2010, p. 19), a relação entre “teoria e prática, o uso político e aplicação dos resultados” promovem intervenções muitas vezes intencionais no ambiente educacional, o que fortalece a ideia de que a pesquisa qualitativa tem promovido análises e avaliações de práticas educativas”, a partir das análises interpretativas.

A escolha pela pesquisa qualitativa se deu justamente pelo fato desta permitir a construção do conhecimento, relacionando e confrontando o pensamento do pesquisador com o objeto de estudo e sua significação.

Sendo uma produção do ser humano, o conhecimento não é algo pronto e acabado no que se refere ao objeto de estudo, visto que o pesquisador pode construir uma nova ideia de sua própria experiência, produzindo um novo conceito acerca do que está pesquisando. Esse novo conceito parte justamente da reflexão da pesquisa, não enquanto meros dados coletados, mas enquanto promotores de mudanças, de novas ideias e de novas atitudes no âmbito educacional. Rey (2010) discorre o seguinte sobre a pesquisa qualitativa:

A única tranquilidade que o pesquisador pode ter nesse sentido se refere ao fato de suas construções lhe permitirem novas construções e novas articulações entre elas capazes de aumentar a sensibilidade do modelo teórico em desenvolvimento para avançar na criação de novos momentos de inteligibilidade sobre o estudado, ou seja, para avançar na criação de novas zonas de sentido (REY, 2010, p. 7).

Neste sentido, a pesquisa bibliográfica como irrefutável fonte de conhecimento e direcionamento na pesquisa qualitativa fez com que me fossem apresentados os pressupostos teóricos que direcionam esse trabalho.

No que tange à base teórica, pautei-me nos pensamentos libertários de Paulo Freire e Celéstin Freinet, bem como na concepção de Educomunicação apresentada por Ismar de Oliveira Soares, tendo como abordagem metodológica a dialético fenomenológica, buscando a compreensão entre o fenômeno estudado – no caso o Projeto Educomunicação – e a prática cidadã no ambiente educacional.

Freire (1987, p. 39) afirma que a educação libertadora, problematizadora, “não pode ser o ato de depositar, ou de narrar, ou de transferir, ou de transmitir ‘conhecimentos’ e valores aos educandos, meros pacientes, à maneira da educação ‘bancária’, mas um ato cognoscente”. Tal ideia é reforçada pelas proposituras de Freinet, ao trabalhar com a comunicação nas escolas e referenciada por Soares, na proposta de uso das mídias no ambiente escolar enquanto instrumento de libertação e formação.

O método fenomenológico parte da compreensão do fenômeno segundo as vivências e/ou experiências do sujeito que estão relacionadas a esse fenômeno. Esse

enfoque ressalta minha compreensão enquanto pesquisadora, relacionando-a com a compreensão que têm os interlocutores da pesquisa sobre o que é educomunicação.

É importante frisar que, mesmo enquanto pesquisadora, eu tenha optado pelo acompanhamento de ações voltadas para o projeto Educomunicação no universo da pesquisa, esse acompanhamento tratou-se de uma observação voltada uma melhor apropriação da organização das ações relativas ao projeto na escola, o que não exclui a compreensão do fenômeno por parte dos participantes diretamente ligados a ele, tendo a voz dos sujeitos como ponto principal da análise desta investigação.

Tendo a Educomunicação enquanto uma proposta incentivadora da educação cidadã, procuro compreender como se dá efetivação das práticas relacionadas ao projeto na escola pesquisada, o que reforça minha relação com uma atuação docente mais dinâmica, integradora das mídias no ambiente escolar e, ao mesmo tempo, com a concepção de educação enquanto princípio de libertação, de promoção do protagonismo⁵ entre os jovens estudantes.

No que diz respeito ao protagonismo juvenil, Soares (2011, p. 29) corrobora que:

[...] documentos recentes têm mostrado que – em certas circunstâncias, como a condição socioeconômica da família, em termos de resultados concretos – as redes sociais possibilitadas pela Internet vêm ganhando importância na formação de hábitos e na maneira como os jovens convivem socialmente, construindo conceitos próprios quanto a formas de aprendizado, podendo, até mesmo, desenvolver aguçado senso crítico em suas relações com o mundo (SOARES, 2011, p. 29).

Desta forma, é fato que a tecnologia tornou-se aliada da comunicação, pois tem promovido mudanças tanto na concepção de aprendizagem quanto no comportamento dos educandos, os quais se interessam mais das atividades escolares e sentem-se livres para experimentar o novo, improvisar e se expressar, protagonizando sua própria formação.

Nessa perspectiva, é indispensável, como afirma Soares (2002, p. 4), “reconhecer a comunicação como o mais importante dos eixos transversais dos processos educativos”, pois a partir desse reconhecimento é que se “garantiu o sucesso dos movimentos sociais em torno dos direitos das minorias, de um manejo sustentável da terra, do bem estar da infância e dos idosos, entre tantos outros temas”.

5 O termo protagonismo tem sido empregado nas práticas escolares que focam na participação do estudante, transmitindo a ideia de que o mesmo é capaz de protagonizar seu próprio aprendizado e sua própria história, segundo Soares (2011).

Isso significa pensar em uma escola que não mais protagoniza com exclusividade a legitimação do saber, uma vez que há uma ampla gama de saberes que circulam por outros canais, descentralizados, difusos, como discorre Martín-Barbero (2008), ou seja, é preciso repensar o papel que cada indivíduo tem diante do processo educacional, bem como qual o tipo de sujeito que se pretende formar.

Assim, embora pareçamos cada vez mais integrados ao mundo por meio dos inúmeros dispositivos tecnológicos da contemporaneidade, convém refletir sobre o quanto o lugar da cultura transforma-se entre nós por meio de dois processos fundamentais: a revitalização das identidades e a revolução das técnicas (MARTÍN-BARBERO, 2008, p. 9).

Esse pensamento é endossado por Soares (2002), que reforça a intervenção dos meios tecnológicos na atuação do professor no ambiente educativo, destacando a necessidade de aprendermos a convergir os diversos saberes presentes no cotidiano, não só da escola, mas em todos os espaços.

O desenvolvimento tecnológico criou novos **campos** de atuação e espaços de convergência de saberes. [Nesse sentido] reconhecemos inter-relação entre comunicação e educação como um novo campo de intervenção social e de atuação profissional, considerando que a informação é um fator fundamental para a educação (SOARES, 2002, p. 2).

Esse entrelaçamento de saberes voltados para a informação enquanto fundamental para a educação perpassa pela prática do diálogo no ambiente escolar.

O diálogo é uma premissa presente entre os autores que embasam essa dissertação, além de ser o instrumento utilizado para a compreensão do fenômeno pesquisado. É através do diálogo que, segundo Freire (1987, p. 39), “se opera a superação de que resulta um termo novo: não mais educador do educando do educador, mas educador-educando com educando-educador.” Isso significa que através do diálogo a pesquisa tem um novo conceito, produz novas teorias, visto que a síntese das concepções de cada um dos integrantes dessa relação dialógica permite a concepção de algo novo, de uma nova proposta.

Desta forma, o caráter qualitativo da pesquisa em educação pressupõe a construção de um conhecimento novo, pois a partir da complexidade existente na pesquisa qualitativa, é impossível chegar a apenas uma concepção após a análise e interpretação do par fenômeno/percebido.

O par fenômeno/percebido caracteriza a concepção fenomenológica de realidade e de conhecimento e solicita que a descrição e o que expressa sejam analisados e interpretados, atentando-se para a ambiguidade própria da linguagem, dada a densidade de sentidos que ela transporta (BICUDO, 2011, p. 20).

Nesta compreensão, fica claro que o pesquisador não constrói uma nova teoria ou alcança determinado resultado apenas apresentando os dados obtidos na pesquisa: é preciso contextualizar o objeto pesquisado, estabelecendo uma conexão entre esse contexto e as características e sentidos do fenômeno-objeto e a própria compreensão que o pesquisador tem sobre o mesmo.

É a partir da exploração de significados possíveis acerca do objeto que o sujeito-pesquisador propõe uma nova concepção a partir da pesquisa.

Nestes termos, pretendo, com a pesquisa qualitativa, endossar a proposição de Freire (1997, p. 21), de que não “há inteligibilidade que não seja comunicação e intercomunicação e que não se funde na dialogicidade. O pensar certo por isso é dialógico e não polêmico”, o que ressalta a presença de contradições e/ou oposições no fenômeno da comunicação, que se fundamenta justamente a partir dessa relação dialética.

2.1 A DIALÉTICA NA ABORDAGEM FENOMENOLÓGICA

Tendo como ponto de partida a premissa de que a dialética é a postura metodológica mais adequada para compreender a realidade social pelo fato de que essa integra o fenômeno como algo contextualizado, tal contextualização não ocorre ao se aplicar a concepção de realidade natural, uma vez que esta destitui a historicidade e subjetividade do fenômeno social. Em se tratando de método, Fazenda (1994) aborda o seguinte:

[...] é a atitude de abertura do ser humano para compreender o que se mostra. Essa atitude é apresentada por Heidegger ao referir-se ao método fenomenológico de investigação (método tomado do grego *meta-odos* – *meta* significando após, além e *odos* significando caminho – poderia ser traduzido para além do caminho, ou continuar o caminho). A atitude fenomenológica para Heidegger é, pois, retomar um caminho que nos conduza a ver nosso existir simplesmente como ele se mostra (FAZENDA, 1994, p. 63).

Conforme esse pensamento, o método fenomenológico é o caminho que direciona a pesquisa para uma constatação do fato não apenas enquanto fato em si,

mas como tal fato ou fenômeno aparece diante daqueles a quem se mostra. É mais que uma simples verificação ou descrição: trata-se de interpretar esse fenômeno, mostrando os aspectos encobertos à primeira vista.

Essa interpretação, através da abordagem fenomenológica, relaciona-se com a dialética quando propõe justamente uma compreensão tendo como base a síntese das contradições relacionadas ao fato analisado, pois propõe o diálogo entre as proposições muitas vezes contraditórias, conforme cita Fazenda (2008):

Propor-se falar da dialética como método de investigação é, ao mesmo tempo, abordar um tema candente e relevante política, ideológica e teoricamente, e, contraditoriamente, expor-se a um conjunto de riscos dos quais o fundamental é o da banalização ou simplificação (FAZENDA, 2008, p. 71).

Assim, é importante explicitar a relação entre a dialética e a fenomenologia empregada nesta pesquisa, a qual utiliza a perspectiva freiriana. Esses dois conceitos estão presentes nas abordagens de Paulo Freire, ou seja, o autor assume, ao mesmo tempo, uma ética e metodologia dialética, que é também fenomenológica, pois pauta-se na busca de compreensão do fenômeno social a partir do diálogo com o seu entorno.

Hermann (2002, p. 85) afirma que “a ação educativa, enquanto reflexão hermenêutica, implica que, na compreensão de algo ou alguém, produz-se uma autocrítica”. Isso significa que a construção do conhecimento acontece através da experiência individual, em que aquele que “se educa” submete-se também às suas próprias falhas e erros nesse processo, não havendo limites para a compreensão. Assim, falar em educação libertadora é relacionar de forma mais profunda a compreensão que temos desta liberdade com a nossa prática educativa, buscando compreender as possíveis intervenções que tal prática possa realizar na aprendizagem dos alunos e, principalmente, em nossa própria aprendizagem.

Freire (1997) apresenta a seguinte abordagem sobre pesquisa:

Não há ensino sem pesquisa e pesquisa sem ensino. Esses que-fazer-se encontram um no corpo do outro. Enquanto ensino continuo buscando, reprocurando. Ensino porque busco, porque indaguei, porque indago e me indago. Pesquiso para constatar, constatando, intervenho, intervindo, educo e me educo. Pesquiso para conhecer o que ainda não conheço e comunicar ou anunciar a novidade (FREIRE, 1997, p. 16).

Essa concepção de que pesquisa é a constatação, é a busca pelo que não se conhece e, principalmente, para transmitir aos demais essa novidade apreendida, como apresenta Freire, rechaça a ideia de conhecimento adquirido apenas passivamente, pois ao dizer que não existe ensino sem pesquisa, Freire (1985, p. 31) reforça a concepção de que a educação não pode ser feita estaticamente, ao dizer que “o homem, como um ser histórico, inserido num permanente movimento de procura, faz e refaz constantemente o seu saber”.

A percepção da relação *teoria x práxis* na formação do conhecimento manifesta o caráter da proposta pedagógica de Freire quando este compreende, de forma particular, o pensamento dialético. Em sua compreensão, Freire percebe um sentido histórico e político do conhecimento e da teoria educativa, pois ressalta que as mudanças somente ocorrem quando há mudança da própria prática, a partir de uma consciência crítica. Essa consciência se faz com o diálogo entre as ideias, entre o conhecimento e a prática, entre o que penso e o que o mundo me mostra. Em *Pedagogia da Indignação* (FREIRE, 2000), podemos compreender um pouco dessa postura de Paulo Freire acerca da postura crítica que devemos ter enquanto pais, alunos e professores:

Vivemos um tempo de transformações cada vez mais radicais nos centros urbanos mais dinâmicos. [...] Daí que uma das qualidades mais urgentes que precisamos forjar em nós nos dias que passam e sem a qual dificilmente podíamos estar, de um lado, sequer mais ou menos à altura do nosso tempo, de outro, compreender adolescentes e jovens, é a capacidade crítica, jamais “sonolenta”, sempre desperta à inteligência do novo. Do inusitado que, embora às vezes nos espante e nos incomode, até, não pode ser considerado, só por isso, um desvalor. Capacidade crítica de que resulta um saber tão fundamental quanto óbvio: não há cultura nem história imóveis. A mudança é uma constatação natural da cultura e da história. [...] As revoluções tecnológicas encurtam o tempo entre uma e outra mudança (FREIRE, 2000, p. 16).

É, então, preciso que aprendamos a valorizar o novo, a reconhecer as mudanças como parte de um processo de evolução, e compreender que tais mudanças interferem na prática pedagógica, a qual não pode estar pautada apenas em conhecimentos teóricos e obsoletos.

A práxis pode ser aqui entendida como um espaço de contradição, de “tensão entre diálogo e conflito, entre unidade e oposição”, como cita Gadotti (1995, p. 20).

Em se tratando do ambiente escolar, essa tensão está sempre presente, e é nela que Freire pautava sua concepção dialógica da prática pedagógica: não há quem,

enquanto professor, não tenha enfrentado situações dialógicas, envolvendo, por exemplo, conceitos tidos como opostos, mas que, na realidade, se complementam.

Exemplo dessas situações são os problemas de disciplina enfrentados em sala de aula e a prática de liberdade: mesmo a defesa de uma educação democrática, que valorize a criticidade do educando-educador através de sua relação com o educador-educando, perpassa por problemas de disciplina, os quais são experiências de aprendizado para os dois.

O empirismo fenomenológico de Freire emerge de uma prática que parte de um diálogo crítico da sociedade brasileira, da compreensão de que essa sociedade gerou um percentual de marginalizados e excluídos.

A práxis revolucionária somente pode opor-se à práxis das elites dominadoras. E é natural que assim seja, pois são quefazeres antagônicos. O que não se pode realizar, na práxis revolucionária, é a divisão absurda entre a práxis da liderança e a das massas oprimidas, de forma que a destas fosse a de apenas seguir as determinações da liderança. Esta dicotomia existe, como condição necessária na situação de dominação, em que a elite dominadora prescreve e os dominados seguem as prescrições. Na práxis revolucionária há uma unidade, em que a liderança – sem que isto signifique diminuição de sua responsabilidade coordenadora e, em certos momentos, diretora – não pode ter nas massas oprimidas o objeto de sua posse. (FREIRE, 1987, p. 71).

Esse encontro dialógico é eminentemente empírico; é um empirismo do devir, do vir a ser, inclusive crítico e dialético. É uma experiência da vivência, do acontecer que evolui para o acontecido, mas que ao se constituir para o acontecido, já é crítica com relação ao acontecido estabelecido.

Sendo assim, no que se refere ao método de pesquisa, optei pelo método dialético na perspectiva fenomenológica, a partir dos pressupostos de Freire (1985, p. 21), o qual descreve com precisão a união que estabeleceu entre essas duas correntes metodológicas: “Minha perspectiva é dialética e fenomenológica. [...] Eu acredito que daqui temos que olhar para vencermos esse relacionamento oposto entre teoria e práxis superando o que não deve ser feito num nível idealista”.

Desta forma, a junção entre dialética e fenomenologia na concepção freiriana é possível em virtude do diálogo entre os pontos fortes de cada uma, ou seja, a compreensão e o diálogo sobre o fenômeno social e suas implicações para os sujeitos envolvidos com tal fenômeno, principalmente em se tratando da educação e da cultura.

Segundo Bicudo (2011, p. 37), “o caráter qualitativo da pesquisa fenomenológica advém das vivências percebidas e expressas, as quais carregam consigo, já em sua estrutura, a hermenêutica, na medida em que se auto interpreta (...)”. Tal afirmação ressalta justamente que, uma vez que a fenomenologia trata do fenômeno – algo que se mostra diante de um olhar intencional e interrogativo –, na concepção dialética pretende-se estabelecer uma relação entre o fenômeno observado – no caso o projeto Educomunicação e a prática pedagógica –, a partir do diálogo entre os autores abordados como referenciais teóricos e a experiência vivida e constatada na pesquisa.

Epistemologicamente conceituando o termo fenomenologia, Bello (2006) afirma que se trata da junção de duas partes:

“Fenômeno” significa aquilo que se mostra; não somente aquilo que aparece ou parece. [...] “Logia” deriva da palavra logos, que para os gregos tinha muitos significados: palavra, pensamento. Vamos tomar logos como pensamento, como capacidade de refletir. Tomemos então fenomenologia como reflexão sobre um fenômeno ou sobre aquilo que se mostra (BELLO, 2006, p. 17-18).

Assim sendo, a concepção da palavra fenomenologia, a partir de sua origem, conduz para um estudo sobre um determinado fato que acontece meio à sociedade, e a compreensão desta característica do fenômeno que se mostra. É fundamental no emprego da fenomenologia como método de pesquisa a reflexão sobre o fenômeno, a qual requer que o pesquisador enxergue o entorno e a abrangência do mesmo.

Assim, uma das questões da fenomenologia é educar a capacidade de observação, pois a aprendizagem acontece de forma inter-relacionada com o todo, sendo necessário distinguir os aspectos que estão no entorno do fenômeno. Sendo o fenômeno alvo da possível compreensão humana, é comum que ansiemos por compreender seu significado e sua relação conosco, muito mais do que apenas reconhecer sua existência.

Nas pesquisas positivistas, conforme discorre Bello (2006), a preocupação do pesquisador seria em compreender a existência do fato ou fenômeno, comprovando-a, simplesmente. No caso da pesquisa dialético-fenomenológica, o foco está na compreensão do fenômeno em sua inter-relação com a realidade social, estabelecendo uma relação de totalidade.

Ainda buscando compreender a abrangência da fenomenologia, Chizzotti (2006, p. 80) afirma que a mesma “considera que a imersão no cotidiano e a familiaridade com as coisas tangíveis revelam os fenômenos”, enquanto que “a dialética também insiste na relação dinâmica entre o sujeito e o objeto, no processo de conhecimento” (CHIZZOTTI, 2006, p. 80).

Essa relação reforça que a compreensão do sujeito ou fenômeno pesquisado, baseada na prática dialógica do pesquisador, permite uma convergência entre os aspectos predominantes da realidade na qual o fenômeno está inserido e a concepção que o pesquisador tem desse objeto, estabelecendo-se, através desse diálogo, uma nova propositura.

Assim, considerando-se as premissas da análise dialética, através do emprego deste método de pesquisa, procuro compreender como se dá a prática do Projeto Educomunicação com alunos do Ensino Médio, bem como dialogar com os diferentes pontos de vistas dos sujeitos participantes da pesquisa, acerca da relação deste projeto com a prática cidadã, ressaltando a subjetividade existente na pesquisa qualitativa, uma vez que abordo realidades e concepções de diferentes sujeitos, sejam eles educandos, professores ou pesquisadora.

A referência ao diálogo é importante porque endossa a característica humana de incompletude, de inacabamento, sendo o diálogo uma oportunidade de compreensão da realidade, de aperfeiçoamento e busca do saber, como afirma Freire (1987, p. 55), ao dizer que

A inconclusão faz parte da experiência vital – o ser humano se tornou, contudo, capaz de reconhecer-se como tal. A consciência do inacabamento o insere num permanente movimento de busca a que se junta, necessariamente, a capacidade de intervenção no mundo, mero suporte para os outros animais. Só o ser inacabado, mas que chega a saber-se inacabado, faz a história em que socialmente se faz e refaz. O ser inacabado, porém, que não se sabe assim, que apenas contacta o seu suporte, tem história, mas não a faz. O ser humano que, fazendo história, nela se faz, conta não só a sua, mas também a dos que apenas a têm (FREIRE, 1987, p. 55).

Essa percepção do ser humano enquanto ser em formação também precisa ter como premissa a ideia de que o saber não é propriedade privada ou hierárquico: é preciso aceitar a ideia de que, conforme diz Freire (1987, p. 68), não “há saber mais, nem saber menos, há saberes diferentes”, o que reforça a ideia de que o educador não é detentor único do conhecimento.

Seu papel deve ser o de mediar o processo de aprendizagem, rejeitando a prática da educação bancária, o que justifica o pensamento dialético-fenomenológico nessa pesquisa sobre o projeto Educomunicação, porque são fenômenos subjetivos na relação do processo de educar e na concepção do conhecimento.

2.2 ESTUDO DE CASO

Uma vez que a pesquisa qualitativa trata do estudo do fenômeno, em se tratando de um fenômeno voltado para a educação, o procedimento técnico mais adequado para o desenvolvimento deste tipo de pesquisa, conforme Gil (2007, p. 28), é o estudo de caso, que “envolve o estudo profundo e exaustivo de um ou poucos objetos de maneira que se permita o seu amplo e detalhado conhecimento.”

Por se tratar de uma pesquisa no campo da educação, que tem o desejo de mostrar a realidade do projeto Educomunicação em uma determinada escola, o emprego do estudo de caso enquanto tipo de pesquisa se justifica porque, de acordo com Triviños (1987, p. 109), o estudo de caso pode “fornecer o conhecimento aprofundado de uma realidade delimitada que os resultados atingidos podem permitir e formular hipóteses para o encaminhamento de outras pesquisas”.

Enquanto procedimento relacionado à pesquisa descritiva, o estudo de caso permite um maior detalhamento do objeto de pesquisa, no caso, o Educomunicação, facilitando a compreensão de sua intervenção e atuação no ambiente escolar.

Triviños (1987, p. 111) afirma que, no estudo de caso, “os resultados são válidos só para o caso que se estuda”. Isso significa que não se pode generalizar o resultado atingido no estudo do projeto Educomunicação na Escola Estadual Antonio Ferreira Sobrinho a outras escolas, visto que cada uma tem sua especificidade.

No entanto, a relevância desta pesquisa se dá no fato de que o aprofundamento da compreensão sobre o tema poderá contribuir para que outras hipóteses sejam formuladas e permitir a realização de outras pesquisas vinculadas ao tema.

2.3 LOCAL DA PESQUISA

A definição do tipo e do método de pesquisa adotado foi apenas o primeiro passo para o desenvolvimento deste trabalho, no qual, pautando-me na pesquisa

qualitativa e na abordagem dialético-fenomenológica, voltei meu olhar para o fenômeno denominado “Educomunicação”, constatando sua intervenção enquanto prática educativa facilitadora de uma aprendizagem participativa, crítica e libertadora.

Tendo como ponto de partida o pressuposto apresentado pela escola no seu Projeto Político Pedagógico, de que sua missão é “formar cidadãos críticos”, e partindo da premissa de que a intencionalidade do projeto Educomunicação é, como diz Soares (2011, p. 10), “contribuir para que os meios de informação estejam a serviço da edificação de uma sociedade mais humana, pacífica e solidária”, colocando as tecnologias a serviço do bem comum e da prática da cidadania, é que surgiu a problemática que direciona essa investigação: **o projeto Educomunicação contribui para esta formação dos alunos do Ensino Médio? De que forma?**

Nestes termos, concordo que a emancipação humana é fomentada pela relação entre educação e cidadania, a qual, conforme Carvalho (2007, p. 21), significa, “antes de tudo, perguntar, investigar, compreender qual é o seu sentido e significado no processo de ordenação do projeto de sociedade no mundo contemporâneo”.

Isso significa dizer que, num primeiro momento, o reconhecimento desse olhar crítico acerca do que seja educação cidadã pode não se efetivar no cotidiano escolar, emergindo como um ponto de discussão para uma possível intervenção da pesquisa, em um segundo momento.

Como dito na introdução desta pesquisa acerca do meu envolvimento direto na implementação da Educomunicação em Jaciara, ao pensar no objeto de pesquisa inicialmente concebi a proposta de pesquisar todas as quatro as escolas que ofertam o projeto Educomunicação no município, relacionando o projeto Educomunicação com a formação cidadã. Entretanto, no decorrer das leituras e definição do projeto, optei por investigar a escola em que atuei diretamente na rede estadual, uma vez que cada unidade escolar apresenta não apenas um público diferenciado no atendimento, mas uma realidade própria.

A escola escolhida oferta apenas o Ensino Médio, sendo a única exclusiva desta modalidade no município de Jaciara-MT. Sendo criada em 1979, desde 2010 oferta o Ensino Médio Integrado à Educação Profissional – EMIEP – Técnico em Informática e, a partir de 2014, integrava o quadro de escolas com Ensino Médio Inovador – PROEMI – cujo atendimento ampliou de 800 para 1000 a carga horária anual de cada série. A partir de 2018, deixa de ofertar o PROEMI para integrar o

quadro de Escolas Plenas⁶ da rede estadual de Mato Grosso. Os alunos e professores que não puderam se adequar à realidade da escola integral foram removidos, em grande parte, para a escola estadual mais próxima, E. E. Prefeito Artur Ramos.

Essa remoção incluía, a princípio, os projetos desenvolvidos na escola até 2017, conforme acordado por representantes da SEDUC em audiência no Ministério Público. Entretanto, a inclusão da Escola Estadual Prefeito Artur Ramos no quadro de escolas com Educomunicação apenas se deu após intervenção desta pesquisadora, apresentando um novo projeto à Coordenadoria de Projetos Educativos, em 2018.

O atendimento ao Ensino Médio como primeiro critério para a definição do universo da pesquisa se deu justamente pelo fato do Projeto Educomunicação ter iniciado em Mato Grosso em 2004 voltado apenas para o Ensino Médio.

A Escola Estadual Antonio Ferreira Sobrinho pertence à rede estadual de ensino e até 2017 ofertava exclusivamente o Ensino Médio em três modalidades: Ensino Médio Inovador, com carga horária ampliada de 800 horas para 1000 horas anuais, Ensino Médio Integrado à Educação Profissional, com carga horária ampliada nas disciplinas técnicas voltadas para o curso técnico em informática, e o Ensino Médio Regular, no período noturno, sendo esta a escola em que atuo como professora desde 2009.

Apresentava em seu quadro de profissionais no início de 2017 quarenta e um professores, todos com formação superior e curso de especialização, três técnicos administrativos educacionais na Secretaria com escolaridade superior e especialização, uma técnica na função de secretária com nível superior e especialização, um técnico na biblioteca com ensino médio, um técnico no Laboratório de Informática Educativa com curso superior e especialização, quinze funcionários de Apoio, sendo seis na função de nutrição, três vigias e seis na infraestrutura, todos com Ensino Médio. Além desses, a escola contava com uma diretora e duas coordenadoras pedagógicas.

Entretanto, com a mudança para modalidade de Escola Plena em 2018, até o momento da finalização desta pesquisa, permaneceram no quadro apenas 10 desses professores efetivos, ficando quatro (04) como coordenadoras (uma coordenadora geral e três coordenadoras de área). Os demais profissionais que possuem dois

6 As Escolas Plenas integram o Programa Pró-Escolas, da SEDUC/MT. Fazem parte do programa atendimento em tempo integral, com oferta de atividades diferenciadas voltadas para a qualidade de ensino e protagonismo estudantil. Entretanto, a proposta exclui projetos já inseridos na realidade escolar, como exemplo o Educomunicação.

vínculos empregatícios, em virtude da carga horária de 40 horas da escola integral, foram removidos para a Escola Estadual Prefeito Artur Ramos.

Em relação à infraestrutura, a entrada da escola, como se pode visualizar na figura 1, possui rampas de acesso na lateral e escadaria na parte frontal, com portão de correr e corredor coberto que se estende por toda a extensão da escola, conforme se visualiza na figura 2.

Figura 1: Entrada da E. E. Antonio Ferreira Sobrinho



Fonte: Blog AFS Comunicando. Acesso em 11/10/2017

A figura 2 mostra o acesso à coordenação escolar, bebedouro e aos banheiros dos alunos, no final do corredor. O piso é antigo, ainda de sua estrutura original, porém o telhado da escola foi completamente reformado em 2015, além da pintura que foi refeita.

Figura 2: Corredor na entrada da E. E. Antonio Ferreira Sobrinho



Fonte: Blog AFS Comunicando. Acesso em 11/10/2017.

O pátio é aberto, com iluminação e arborização, de acordo com a figura 3, abaixo.

Figura 3: Pátio da E. E. Antonio Ferreira Sobrinho



Fonte: Blog AFS Comunicando. Acesso em 11/10/2017.

As salas de aula comportam, no máximo, 35 mesas com carteiras, sendo estas adaptadas ao tamanho dos alunos, conforme se pode ver na figura 4. As salas possuem armário, ventiladores e condicionadores de ar, no modelo janela.

Figura 4: Sala de aula



Fonte: Blog AFS Comunicando. Acesso em 11/10/2017.

De acordo com a figura 5, pode-se visualizar o refeitório e a cantina da escola, além dos laboratórios que ficam ao lado.

Figura 5: Refeitório



Fonte: Blog AFS Comunicando. Acesso em 11/10/2017.

Resumindo, a escola possui um pátio de entrada bem espaçoso, tendo quinze salas de aulas, 2 laboratórios de informática, 1 sala de coordenação, 2 sala de direção, 1 sala de secretaria, 1 estúdio para Rádio Escola, 1 sala de articulação, 1 sala de professores, 2 sanitários para profissionais, 2 banheiros para alunos (masculino e feminino, 1 sala de vídeo, 1 laboratório de Química, 1 laboratório de Ciências, 1 laboratório de Matemática, 1 laboratório de Biologia, 1 biblioteca, 1 almoxarifado, 1 cantina, 1 quadra coberta com 2 sanitários, 1 quadra sem cobertura, 1 cozinha com refeitório amplo.

No que tange aos alunos atendidos, a escola contou, em 2017, com 659 alunos matriculados nos três períodos, como se visualiza na tabela a seguir.

Tabela 1: Quadro discente AFS/2017

Modalidade/ Ensino Médio	Ano	Nº de Alunos Matutino	Nº de Alunos Vespertino	Nº de Alunos Noturno
PROEMI	1º	117	61	20
PROEMI	2º	88	71	34
PROEMI	3º	85	31	45
EMIEP	1º	35	18	0
EMIEP	2º	27	0	0

EMIEP	3º	27	0	0
TOTAL POR PERÍODO		379	181	99
TOTAL		659		

Fonte: Blog AFS Comunicando, 2017. Acesso em 12/10/2017.

A escola está localizada na região central do município de Jaciara-MT, e, segundo o Projeto Político Pedagógico – PPP (2015), atende uma clientela com maioria pertencente à classe trabalhadora; oriunda de famílias cujos pais exercem profissões diversas e que, muitas vezes, não acompanham a vida escolar dos filhos, fato que tem gerado inúmeros problemas como desinteresse e a indisciplina. Há um número considerável de alunos oriundos da zona rural, sendo os mesmos usuários do transporte escolar, mantido pelo governo em parceria com a prefeitura.

As diretrizes educacionais e pedagógicas que orientam as atividades da escola estão pautadas na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDBEN, de 20 de dezembro de 1996, segundo a qual, em seu Art. 22, a educação básica, da qual o ensino médio é parte integrante, deve “assegurar a todos, a formação comum para o exercício da cidadania e fornecer-lhes meios para progredir no trabalho e em estudos posteriores, dando a ele um caráter de terminalidade e de continuidade”.

No que se refere ao projeto Educomunicação, o mesmo funciona nesta escola desde 2012, porém, não há registros sobre o mesmo no texto-base do Projeto Político Pedagógico, o que aponta para uma divergência entre as propostas pedagógicas realizadas e as registradas pela equipe gestora.

Em se tratando da organização das atividades do projeto, no início do ano letivo de 2017, cinquenta e um (51) alunos se inscreveram como participantes colaboradores no uso das mídias do projeto, nos três períodos de funcionamento da escola. Destes, a partir dos critérios de escolha descritos mais à frente, nove estão participando desta pesquisa.

2.4 INTERLOCUTORES DA PESQUISA

Os interlocutores participantes da pesquisa foram definidos conforme o envolvimento com o projeto Educomunicação. O critério de escolha para a seleção dos interlocutores-educandos foi a participação no projeto Educomunicação por mais de um ano. A partir desse critério, foram selecionadas 02 professoras e 09 estudantes que se habilitaram a contribuir com a pesquisa, sendo que sete destes eram alunos

matriculados no terceiro (3º) ano e dois (02) eram do segundo (2º) ano. Necessário se faz dizer que, por serem menores de idade, todos receberam autorização dos pais ou responsáveis para responder à entrevista semiestruturada apresentada como instrumento de coleta de dados da pesquisa.

No tocante aos professores, optei por trabalhar com a professora responsável pelo projeto desde 2016, que atua dez (10) horas com as ações do projeto. Além dela, também se dispôs a participar da pesquisa uma das coordenadoras pedagógicas da escola que acompanha o projeto desde 2013. Para a escolha de todos os participantes, o critério foi envolvimento com o projeto Educomunicação há mais de um ano.

Em relação à identificação dos estudantes, na garantia de confidencialidade quanto à identidade dos participantes, nesta pesquisa os interlocutores participantes são denominados através de codinomes relacionados às habilidades educadoras apresentadas por cada um deles, sendo todas voltadas para as mídias que tais estudantes utilizam.

Desta forma, os estudantes que atuam na rádio escola são identificados nesta pesquisa com codinomes de locutores, repórteres e sonoplastas reconhecidos nacionalmente e conforme suas aptidões, sendo eles: **Robson** (voz esportiva), **Ricardo** (voz jornalística), **Ferreira** (locutor bem-sucedido), **André** (voz masculina do Google), **Victorino** (repórter), **Bruno Mauri** (operador técnico), **Cris** (programadora). Já os estudantes que atuam com o jornal receberam codinomes relacionados à editores/escritores também nacionalmente conhecidos: **Maitê** (editora) e **Glória** (repórter). A identificação de cada um conforme os codinomes acima foi feita a partir da observação.

Em se tratando das duas professoras participantes, a responsável pelo projeto é denominada aqui como **Professora Educomunicadora** e a que atua na coordenação como **Professora Coordenadora**.

Uma das primeiras atividades relacionadas ao projeto Educomunicação é o preenchimento de uma ficha cadastral com dados de identificação dos participantes (Ver Anexo C, p. 169). O acesso a esses dados feitos através da professora educadora permitiu a construção do quadro abaixo, com a identificação dos interlocutores estudantes, participantes da pesquisa.

Quadro 2: Identificação dos interlocutores-educandos participantes da pesquisa

N	NOME	IDADE	SEXO	SÉRIE/TURMA	FUNÇÃO	ADESÃO AO PROJETO
01	Cris	16 anos	Feminino	3ª A EMIEP	Locutora	2015
02	Bruno Mauri	16 anos	Masculino	3º A EMIEP	Operador técnico	2015
03	Ferreira	16 anos	Masculino	3º A EMIEP	Locutor	2015
04	Ricardo	16 anos	Masculino	2º D	Locutor/sonoplasta	2016
05	André	17 anos	Masculino	3º A EMIEP	Locutor	2016
06	Robson	17 anos	Masculino	3º A EMIEP	Locutor	2015
07	Victorino	16 anos	Masculino	2º D	Sonoplasta	2016
08	Maitê	17 anos	Feminino	3º A EMIEP	Editora	2016
09	Glória	17 anos	Feminino	3º A EMIEP	Repórter	2016

Fonte: Elaborado por CARVALHO, em 10/05/2017.

Além do acesso aos dados de identificação dos estudantes, apliquei às duas professoras, à diretora e à articuladora uma ficha de identificação, para montagem do quadro abaixo:

Quadro 3: Identificação dos interlocutores-professores da pesquisa

NOME	SEXO	FORMAÇÃO	FUNÇÃO	TEMPO DE ATUAÇÃO DOCENTE
Educomunicadora	Feminino	Pedagogia	Professora	35 anos
Coordenadora	Feminino	Ciências Biológicas	Coordenadora	8 anos

Fonte: Elaborado por CARVALHO, em 13/05/2017

2.5 INSTRUMENTOS DE COLETA DE DADOS

A realização da etapa de coleta de dados foi direcionada por três momentos: o primeiro foi o acompanhamento/observação⁷ das atividades do projeto Educomunicação na escola, o segundo a pesquisa documental e o terceiro a aplicação e análise das entrevistas.

O acompanhamento/observação, que ocorreu entre dezembro/2016 e abril/2017, em virtude de a escola ter trabalhado com o término do ano letivo de 2016 até 31 de janeiro, e iniciado o ano letivo 2017 em 13 de março, se deu no intuito de melhor compreender a organização do projeto, tanto na finalização do ano letivo

⁷ Ressalto que a observação feita no início da coleta de dados teve como objetivo levantar informações sobre a organização inicial do projeto, que todo início de ano é reformulado, em virtude da inserção de novos alunos. Os dados coletados nesse período de observação serão apresentados posteriormente, no período de análise, mas não são o foco da pesquisa, pois serviram apenas para facilitar a compreensão das ações e organização do projeto.

quanto no início. Entretanto, os registros dizem respeito aos interlocutores participantes da pesquisa, bem como aos dados obtidos através da coleta de dados, realizada com a aplicação de uma entrevista.

Em segundo lugar, tive acesso à documentação que rege o projeto na rede estadual de Mato Grosso, bem como na escola. Para tanto, apresento cronologicamente as portarias que instituíram a educomunicação nas escolas de MT, fazendo uma análise nas alterações sofridas desde a implantação até o momento da realização da pesquisa. Posteriormente, acessei o projeto inicial e o atual da escola, fazendo um comparativo entre a organização pedagógica do projeto enviado à SEDUC/MT e as práticas realizadas no cotidiano escolar.

Essa busca de registros documentais acerca do funcionamento tanto da escola quanto do projeto pesquisado tem fundamento no pensamento de Fazenda (1994, p. 101), segundo o qual a compreensão de um fenômeno só é possível com relação “à totalidade à qual pertence (horizonte da compreensão). Não há compreensão de um fenômeno isolado; uma palavra só pode ser compreendida dentro de um texto, e este, num contexto”.

Como último momento direcionador da etapa de coleta de dados, a partir do acesso aos registros documentais que teorizam a prática relativa ao projeto, e após o acompanhamento das ações práticas do projeto nos meses finais e no início de ano letivo (entre dezembro de 2016 e março de 2017), realizei a entrevista entre março e maio de 2017.

Conforme Marconi e Lakatos (2003, p. 197), a padronização das perguntas da entrevista permite a obtenção de respostas aos mesmos questionamentos, “permitindo que todas elas sejam comparadas com o mesmo conjunto de perguntas, e que as diferenças devem refletir diferenças entre os respondentes e não nas perguntas”.

Assim, a entrevista semiestruturada, aplicada tanto aos estudantes quanto às professoras participantes, contou com sete (07) questões abertas, voltadas para a verificação da relação entre os interlocutores e a prática educadora.

2.6 PASSOS DA ANÁLISE

A partir do método dialético-fenomenológico, a análise dos dados coletados nas entrevistas tem como premissa a concepção de que o percebido – no caso o

fenômeno “Educomunicação”, ao se mostrar, não o faz do mesmo modo em seu contexto, pois cada sujeito o percebe de uma forma, atribuindo-lhe sentidos conforme sua própria existência e características sociais e culturais.

Assim, Bicudo (2011, p. 56) afirma que os significados que o pesquisador pode compreender nas descrições “não se mostram de imediato, de modo direto, mas vão se revelando mediante a compreensão, o sentido das experiências vividas pelo sujeito, olhadas em sua totalidade”. A integralidade nada mais é do que o resultado de uma busca focada e direcionada por procedimentos rigorosos, busca essa voltada para um movimento em torno da interrogação que move a pesquisa.

Neste sentido, a análise das descrições obtidas através da entrevista está pautada na compreensão do sentido do “dito buscado na totalidade do descrito nesse depoimento individual e os significados que o transcendem, uma vez que estão articulados às expressões culturais de sentidos percebidos e trabalhados pelos atos da consciência” (BICUDO, 2011, p. 57).

Conforme essa compreensão, a análise dos dados coletados segue os seguintes passos, preconizados por Martins (1989, apud, BICUDO 2011, p. 57): “a leitura atenta do descrito em sua totalidade; evidência de sentidos importantes; estabelecimento de unidades de significado e síntese de unidades de significado”.

Com base nesses passos, realizei a análise da seguinte forma:

- No que se refere à leitura, tanto nas gravações de áudio quanto no registro escrito em caderno de campo das respostas dos interlocutores às entrevistas, busco, como pesquisadora, compreender a experiência vivida pelo sujeito em relação ao fenômeno analisado;
- A partir dos questionamentos apresentados nas entrevistas, destaquei nas respostas relacionadas aos objetivos específicos, a saber: as concepções de educação, cidadania e Educomunicação dos nove educandos e das duas professoras;
- Após articular frases apresentadas nas descrições com variações imaginativas, mediante um processo de análise dos significados das palavras, busco uma convergência entre a realidade vivida pelos interlocutores e a concepção ideológica que cada sujeito apresenta acerca do fenômeno. Essas unidades de significado são organizadas pelos seguintes eixos de análise: **1) educação, 2) pedagogia da comunicação;**

- Finalizo a análise apontando características que se constituem relevantes nas descrições de experiências voltadas ao fenômeno.

Assim, a concepção dialética desta análise pressupõe a contraposição de ideias e concepções, a partir de uma discussão teórico-prática acerca da prática educadora no ambiente escolar.

- a) Apresentar concepções de educação, cidadania e comunicação;
- b) Conceituar Educomunicação, relacionando-a à prática cidadã;

Verificar e analisar a compreensão de nove educandos e duas professoras acerca da educomunicação e sua intervenção no ambiente escolar.

III UMA DÉCADA DE EDUCOMUNICAÇÃO EM MATO GROSSO: CONTEXTUALIZAÇÃO

Esse capítulo traz um breve histórico da implantação do projeto Educomunicação no Brasil, em Mato Grosso e em Jaciara.

3.1 CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA DA EDUCOMUNICAÇÃO NO BRASIL

Sendo a comunicação responsável por mediar a vida social das pessoas, sua intervenção no ambiente educacional nada mais é do que a afirmação de que nos constituímos enquanto seres sociais através do diálogo.

Martín-Barbero (2010, p. 121) ressalta que “vivemos numa época da passagem de uma sociedade com sistema educativo para uma sociedade do conhecimento e aprendizagens contínuas”. Essa afirmação endossa não apenas os problemas que têm provocado mudanças na educação, mas também questiona o suposto progresso educacional provocado pelo forte apelo à inovação tecnológica.

Importa dizer que práticas de campo e movimentos voltados para a “educação para a comunicação”, ou seja, para a expansão do uso das mídias na escola, têm como base três correntes teóricas: **Protocolo Moral**, focado na investigação da qualidade do que é ofertado nas mídias às crianças e jovens; o **Protocolo Cultural**, que defende o uso dos meios de comunicação como integrante da cultura atual e foca na relação dos educandos com as tecnologias de informação ou mídia, e o **Protocolo Mediático**, corrente nova na América Latina, que foca na universalização do direito à comunicação atrelado à educação, como “garantia do “acesso à palavra”, tradicionalmente negado aos mais pobres e excluídos”, como enfatiza Soares (2014, p. 18). Esse último Protocolo retrata a opção adotada pela Educomunicação, pois destaca as mediações culturais no ambiente escolar, com a presença das mídias.

Destaco aqui a propagação desse novo conceito, chamado “Educomunicação”, em que a educação para a comunicação perpassa todos âmbitos do cotidiano da criança ou jovem rumo à uma nova concepção de comunicação, pautada no aprofundamento das relações de poder que regem o processo comunicativo e de participação democrática na educação.

No Brasil, o Professor Dr. Ismar de Oliveira Soares, do NCE/USP, foi um dos responsáveis pela propagação desse movimento em favor da valorização da

expressão, objetivando o aumento da capacidade comunicativa tanto da comunidade escolar como do seu entorno, de forma a valorizar a mídia e tê-la como instrumento de análise e interação entre educandos e educadores.

Um exemplo dessa atuação foi a publicação, em 1984 de um manual de leitura crítica dos jornais, pela Edições Paulinas, em que Soares (1984, p. 8) sugere que não são apenas os pesquisadores que denunciam a manipulação exercida por boa parte dos veículos de comunicação, pois, afirma que “a sociedade, através de alguns segmentos significativos como escolas, associações de classe, comunidades de base, percebeu que a presença dos meios de comunicação deve ser questionada”.

Assim, Soares (1984) ressalta a importância dos grupos e instituições que representam os segmentos da sociedade em estarem analisando criticamente as mensagens oferecidas pelos meios de comunicação, destacando o jornal como um exemplo a ser trabalhado e debatido, o que sugere que não são apenas os pesquisadores que denunciam a manipulação exercida por boa parte dos veículos de comunicação.

Apesar de ser vista como uma iniciativa de inclusão digital, a inserção das mídias no ambiente escolar, na década de 90, pedia para o uso de computadores na escola de forma instrumental, fugindo da proposta dialógica que o estudo dos audiovisuais e imprensa propunham.

3.2 AÇÕES EDUCOMUNICATIVAS NO RIO DE JANEIRO - CINEDUC

O diálogo entre a educação e a comunicação tem como premissa a ideia de que ambos se complementam na prática educ comunicativa, ou seja, na “renovação das práticas sociais que objetivam ampliar as condições de expressão de todos os seguimentos humanos”, destacando-se as crianças e jovens.

Entretanto, a história da educação midiática no Brasil e na América Latina, permeia a década de 60, como se pode observar a seguir:

[...] a Educação Midiática na América Latina remonta, pelo menos, aos anos de 1960 e pode ser descrita a partir dos projetos que se sucederam ao longo do tempo ou, ainda, pelas ideias que lhes deram sustentação. [...] A partir de 1969, a Ocic (Organização Católica Internacional de Cinema) assumiu o PLAN-DENI (Plan de Niños) e, ao longo das três décadas seguintes, o multiplicou em países como Uruguai, o Brasil, o Paraguai, a República Dominicana, além do Equador. No Brasil, o programa denominou-se Cineduc, estabelecendo-se no Rio de Janeiro, com atuação até o presente momento.

Bebendo, inicialmente, dos fundamentos do protocolo cultural, o PLAN-DENI converteu-se no mais precursor exemplo da prática educomunicativa no continente latino-americano (SOARES, 2014, p. 19).

A preparação de professores visando um trabalho crítico sobre o conteúdo cinematográfico em sala de aula foi um exemplo de projeto pautado na ideia de educação midiática. Sendo nomeado como PLAN-DENI, esse projeto atuou em países como Uruguai, Paraguai, República Dominicana e Equador, além do Brasil, onde recebeu o nome de Cineduc.

Iniciando suas atividades em 1970 e atuando até hoje como representante brasileiro junto ao CIFEJ (Centre International du Film pour l' Enfant et la Jeunesse), órgão da UNESCO, o Cineduc foi reconhecido como instituição de utilidade pública por lei municipal do Rio de Janeiro em 17 de janeiro de 1984, e tem como objetivo contribuir no processo educativo transformador, promovendo reflexões sobre as linguagens audiovisuais com crianças, jovens e educadores. (CINEDUC.ORG.BR, 2018, p. 1).

A preocupação com a reflexão crítica acerca da influência dos meios de comunicação mobilizou os intelectuais desta época a denunciarem, como cita Soares (2014, p. 19) uma “evidente dependência cultural que o hemisfério Sul mantinha com relação ao hemisfério Norte, em termos de produção e distribuição de bens culturais e comunicacionais”. Tal preocupação pautava-se nos pressupostos marxistas de “imposição da ideologia das classes dominantes (detentora dos meios de informação) sobre as classes dominadas (consumidora dos meios) ou na teoria defendida por Laswell e Schramm, segundo a qual “a eficácia do processo comunicativo era garantida pela teoria dos efeitos, isto é, pela prevalência do emissor sobre o receptor. (SOARES, 2014).

Independente da teoria que endossasse as denúncias apresentadas pelos intelectuais da época, importa ressaltar que o foco era provocar uma reação do público, que era visto como passivo.

A partir deste contexto, surgem medidas voltadas para a promoção do desenvolvimento cultural latino-americano, tendo intervenção da Unesco através do apoio a ações voltadas para aproximação da comunicação e educação enquanto políticas públicas.

Entre essas ações, Soares (2014) cita as seguintes:

[...]um encontro no México, em dezembro de 1979, reunindo os ministros da Educação e do Planejamento dos países do continente, com o objetivo de examinar os problemas fundamentais da educação no contexto do desenvolvimento geral da região, criando, para tanto, um plano comum, denominado Projeto Principal de Educação na América Latina e Caribe. (...), apoiando, entre outras ações, os Seminários Latino-americanos de Educação para a Televisão realizados, respectivamente, em Santiago, Chile (1985), Curitiba, Brasil (1986) e Buenos Aires, Argentina (1988), com uma síntese, em 1990, em Las Vertientes, Chile (SOARES, 2014, p. 20).

Esse esforço da Unesco em promover a dimensão cultural e educativa das novas tecnologias instigou o diálogo entre latino-americanos sobre a relação entre comunicação e educação. A preocupação que inicialmente moveu as práticas mediáticas pelos educadores, as quais pautavam-se apenas numa crítica ao conteúdo das mídias apresentadas em sala de aula, evoluiu para a busca de um novo sentido: a “educação para a comunicação” (SOARES, 2014).

O surgimento de projetos que ofereciam formação às lideranças de movimentos populares e também aos professores, tendo como exemplo o Projeto de Leitura Crítica da Comunicação, oferecido pela União Cristã Brasileira de Comunicação – UCBC, serviu de pontapé inicial para que essas pessoas efetivassem na prática a perspectiva dialética, ou seja, compreendessem qual a relação de suas vivências com as mídias, relacionando-as aos seus interesses, realidade e perspectivas.

3.3 O I CONGRESSO INTERNACIONAL SOBRE COMUNICAÇÃO E EDUCAÇÃO – NCE/USP

A relação entre mídias e educação trouxe à tona um novo conceito de educação para a comunicação, a qual passou a ser compreendida como um fenômeno “humano e político, segundo afirma Soares (2014, p. 21). Tal fenômeno foi reconhecido em diversos continentes entre os anos 90 e 2000, visto que especialistas de diferentes países dedicaram-se a relacionar comunicação e educação, tendo encontros e congressos internacionais como espaços de divulgação dessas ideias. Exemplos desses encontros são o Congresso de Toulouse⁸, o Congresso de La

⁸ Realizado em julho de 1990, na França, esteve voltado para novos direcionamentos da educação mediática, tendo a parceria da UNESCO, como os demais congressos citados por Devadoss. (Ver SOARES, 2014, p. 22)

Coruña⁹ e o Congresso de Paris¹⁰, na Europa. Outros dois congressos se destacaram por contribuírem com os debates acerca da relação comunicação/educação: o I Congresso Internacional sobre Comunicação e Educação, realizado em 1998 em São Paulo, sob a iniciativa do Núcleo de Comunicação e Educação da Universidade de São Paulo e o Congresso de Toronto, no Canadá.

A expansão mundial das discussões voltadas para a Educomunicação nos últimos vinte anos, como cita Soares (2014), é resultado do reconhecimento da importância desse conceito. O I Congresso Internacional de Comunicação e Educação, em 1998, de iniciativa do Núcleo de Comunicação e Educação da Universidade de São Paulo - NCE-USP, em parceria com o *World Council for Media Education* – WCME – que tem sede em Madri, na Espanha, agregou um grande momento para os educadores, no Brasil, sendo um marco para a expansão da relação educação/comunicação em nosso país.

A vinda de 170 especialistas representantes de 30 países para este debate, foi um marco no reconhecimento da educação midiática, pois fomentou a colaboração entre “os defensores do conceito de mídia e educação (herdeiros de uma tradição europeia de media education)”, como denomina Soares (2011, p. 20) e os defensores do conceito de educomunicação. Tal debate tornou pública, no Brasil, a concepção de Educomunicação e do perfil do profissional educador:

O congresso assumiu a Educação para a Mídia (Media Education) não simplesmente como uma questão educacional, mas, sobretudo, como um problema cultural. Tornou conhecido as, até então, desconhecidas experiências latino-americanas relacionadas à educação midiática, trazendo à público o conceito da Educomunicação, assim como o perfil profissional do Educador (Educommunication concept and Educator profile). Promoveu finalmente, um efetivo diálogo entre pesquisadores do campo da Media Education e professores de sala de aula (SOARES, 2014, p. 22).

A partir do I Congresso Internacional de Comunicação e Educação, a perspectiva educacional avançou significativamente, abrindo portas para implementação de políticas públicas voltadas para a inserção das mídias no ambiente educacional formal.

9 Segundo congresso europeu sobre a temática comunicação/educação, foi realizado na Espanha em julho de 1995, sobre “Pedagogy of Representation”.

10 Tendo como temática “A juventude e a mídia amanhã” (tradução minha), o Congresso de Paris foi o último evento dessa década realizado na Europa (abril de 1997), contando também com a colaboração da UNESCO.

3.4 EDUCOM.RÁDIO NO MUNICÍPIO DE SÃO PAULO

Tendo como ponto de partida o diálogo entre pesquisadores e educadores proporcionado pelo I Congresso Internacional de Comunicação e Educação, desde então, a propagação da proposta educ comunicativa sofreu uma grande expansão no Brasil, destacando-se o município de São Paulo.

A primeira década do século XIX viu florescer importantes experiências educ comunicativas no espaço do Ensino Fundamental e Médio, mediante ações patrocinadas pelo poder público, para contribuir com soluções para determinados problemas (SOARES, 2011, p. 36).

Objetivando a redução da violência no espaço escolar, uma ação que se destacou foi a implantação do Projeto Educom.rádio – Educomunicação pelas Ondas do Rádio, executado pelo NCE/USP, a pedido da Secretaria de Educação da Prefeitura de São Paulo. Esse projeto, durante sete semestres, entre os anos de 2001 e 2004, integrou o Núcleo de Comunicação e Educação da USP a 11 mil agentes educacionais, envolvendo alunos, professores e outros membros de 455 escolas da rede municipal de ensino de São Paulo (SOARES, 2011).

A partir desse projeto, as escolas participantes do curso receberam um kit de equipamento de radiofusão, o que possibilitou-lhes a montagem de estúdios com transmissores com alcance de 200 e 300 metros. Inicialmente voltado para o combate da violência nas escolas municipais da capital e ao incentivo de práticas cidadãs, o Educom.rádio promoveu, então, a inserção do rádio no ambiente escolar, seguida do vídeo e, posteriormente, do uso da linguagem digital.

O projeto trouxe, entre os anos de 2001 a 2004, uma nova articulação entre as comunidades escolares participantes, pois a partir da implementação deste projeto, houve a democratização dessas práticas, que se mantiveram independentemente das gestões advindas serem adversárias ou não: todos reconheceram os avanços obtidos, tanto que, de acordo com Soares (2014, p. 23), permitiram que “em 2010, a prática da produção midiática chegasse às crianças da educação infantil, com a criação de suas “emissoras de rádio” ou “mini estações de vídeo/TV”, totalmente conduzidas por crianças de 6 a 8 anos de idade”.

O Projeto Educom pelas ondas do rádio, após a promulgação da Lei nº 13.941, de autoria do vereador paulista Carlos Neder, do Partido dos Trabalhadores

(PT), e sancionado pela prefeita Marta Suplicy (PT), transformou-se em uma política pública, sendo regulamentada pelo prefeito subsequente, José Serra, do Partido da Social Democracia Brasileira (PSDB), que em agosto de 2005 fez com que a educomunicação estivesse presente no planejamento anual das Secretarias de Cultura, Meio Ambiente e Educação.

A Lei nº 13.941 define educomunicação como “o conjunto dos procedimentos voltados ao planejamento e implementação de processos e recursos da comunicação e da informação nos espaços destinados à educação e à cultura”, conforme corrobora a apostila da Viração, publicação disponibilizada no portal da Associação Brasileira de Pesquisadores e Profissionais em Educomunicação – ABPEducom (VIRAÇÃO, 2017, p. 21).

Nesse contexto, a Educomunicação surge como uma proposta de educação comunicativa, sendo definida por Soares (2002) como

[...] o conjunto das ações inerentes ao planejamento, implementação e avaliação do processo, programas e produtos destinados a criar e fortalecer ecossistemas comunicativos em espaços educativos presenciais ou virtuais, assim como melhorar o coeficiente comunicativo das ações educativas, incluindo as relacionadas com o uso dos recursos da informação nos processos de aprendizagem (SOARES, 2002, p. 5).

Importa ressaltar que, para Soares, os espaços educativos não se limitam ao ambiente escolar formal, mas todos os espaços que favorecem a educação, como centros culturais, emissoras de televisão, rádios educativas, etc. Costa (2015, p. 100), complementa que ao tratar de ecossistema comunicativo, “refere-se desde a organização do ambiente, incluindo a disponibilização de recursos, bem como a maneira de atuar dos sujeitos envolvidos, e o conjunto de ações que definem um tipo de fato comunicacional”.

3.5 EDUCOM.RÁDIO CENTRO-OESTE

O novo olhar voltado para as concepções de educação e comunicação, somado ao sucesso do Educom.rádio na rede municipal do município de São Paulo, fez com que o Ministério da Educação, em parceria com as Secretarias de Educação de três estados da região Centro-Oeste – Mato Grosso, Mato Grosso do Sul e Goiás –, oportunizasse a ampliação das práticas educadoras a outros estados além de São Paulo.

Sob responsabilidade do NCE-USP, segundo Soares (2011, p. 37), durante os anos de 2003 e 2006, o MEC capacitou “2.500 pessoas vinculadas a comunidades quilombolas, a aldeias indígenas, a grupos de assentamentos rurais, além de unidades escolares rurais e urbanas”, ressaltando-se que nessa formação, nos três estados foram atendidas 80 escolas.

O Educom.Rádio Centro-Oeste foi realizado, entre 2003 e 2006, pelo Núcleo de Comunicação e Educação da Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo em parceria com o Ministério da Educação - MEC (por meio da Secretaria de Educação à distância - SEED e da Secretaria de Educação Média e Tecnológica - SEMT) e a Fundação de Apoio à Universidade de São Paulo - FUSP, com apoio das Secretarias Estaduais de Educação dos Estados de Mato Grosso, Mato Grosso do Sul e Goiás (MOREIRA, 2007, p. 57).

Nessa formação ofertada pelo NCE-USP, através de uma plataforma virtual, eram disponibilizadas atividades on-line. Soares (2011, p. 38) ressalta a realização de “duas oficinas de produção radiofônicas, em cada escola, por radialistas locais, assim como eventos destinados a socializar os resultados obtidos junto às escolas.”

Um evento que exemplifica essa socialização dos resultados foi a reunião anual da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC) de 2007, ocorrida em Cuiabá, MT. Nela, estudantes de ensino médio de Mato Grosso entrevistaram cientistas e estudiosos presentes, divulgaram o evento via web-rádio, dando à reunião uma cobertura midiática de grande qualidade.

A repercussão dessa intervenção foi tão positiva que, semelhante ao município de São Paulo, o poder público de Mato Grosso garantiu legalmente o “emprego do conceito da educomunicação mediante o uso da linguagem radiofônica”, como preceitua Soares (2011, p. 38). A partir desse novo conceito, deu-se o surgimento de um novo profissional no ambiente escolar: o educ comunicador.

[...] a existência de uma nova figura profissional a que denominamos de Educ comunicador. [...] o Educ comunicador é o profissional que demonstra capacidade para elaborar diagnósticos e de coordenar projetos no campo da inter-relação Educação/Comunicação (SOARES, 2005, p. 111).

O projeto Educom.Rádio Centro-Oeste, conforme Moreira (2007, p. 57) beneficiou “70 escolas estaduais do ensino médio, sendo 20 em Mato Grosso, 20 em

Mato Grosso do Sul e 30 em Goiás, incluindo-se centros educacionais indígenas e quilombolas”.

Diretamente, o projeto atuou com 40 professores, porém, indiretamente, a formação atingiu, no Estado de Mato Grosso, 725, sendo 5 da equipe técnico-pedagógica, 40 professores-cursistas, além de mais de 500 estudantes e outros membros das comunidades escolares.

Em Cuiabá as escolas estaduais beneficiadas foram: Estevão Alves Correia, Heliodoro Capistrano da Silva, Presidente Médici e Raimundo Pinheiro da Silva. O projeto Educom.Rádio Centro-Oeste entregou um laboratório de rádio, para cada escola participante. O laboratório radiofônico, entregue a cada escola participante do projeto é regulamentado pela resolução nº 305, de 26 de julho de 2002, da Agência Nacional de Telecomunicações (Anatel) (MOREIRA, 2007, p. 59)

O equipamento de rádio-fusão disponibilizado através do curso Educom.Rádio Centro-Oeste, era semelhante ao kit entregue pela Prefeitura de São Paulo, entretanto, desta vez, sob a intervenção do Ministério da Educação, as escolas participantes receberam, segundo Moreira (2007, p. 60), o seguinte equipamento: “uma mesa de áudio com oito canais, duas caixas de som receptoras, antena, transmissor de frequência modulada - entre 220 e 270 megahertz -, dois microfones, dois gravadores de mão, um toca-CD e toca-fitas duplo”.

Por se tratar de rádio escolar restrita, o alcance desses equipamentos limita-se às caixas receptoras, instaladas nas dependências das escolas participantes do projeto.

O curso foi apresentado em três tópicos temáticos: Educomunicação e suas linguagens; Pedagogia da linguagem radiofônica; Planejamento da educomunicação em espaços educativos; Projetos de educomunicação com o uso da linguagem radiofônica. Todos os tópicos ofereciam ao professor-cursista problematizações. Cada tópico era composto por texto motivador e de aprofundamento – cujos hiperlinks permitiam chegar aos conceitos expostos – e por exercícios de interpretação e gestão (MOREIRA, 2007, p. 61).

A concretização do princípio educomunicador, que leva a comunicação aos espaços de educação formal apenas se efetiva quando os gestores públicos são capazes de reconhecer que a comunicação é um direito de todos, assim como a educação, e que uma não se dissocia da outra. Desta forma, as ações realizadas no

Rio de Janeiro, com o Cineduc, em São Paulo, com o Educom.Rádio, e no Centro-Oeste, com o Educom.Rádio Centro-Oeste, são exemplos de práticas voltadas para instigar educadores e educandos, promovendo, através da formação, a compreensão do fenômeno da comunicação atrelada à educação de forma dialógica e midiática.

De acordo com o portal oficial da Secretaria de Educação do Estado de Mato Grosso – SEDUC/MT –, o objetivo do Ministério da Educação e Cultura – MEC – em expandir o projeto para outras regiões do país foi "aproximar a comunicação e a educação, por meio da linguagem do rádio, jornal impresso e outros meios de comunicação" (SEDUC, 2008).

3.6 A LEI ESTADUAL N. 9.998/2008 E INSTRUÇÕES NORMATIVAS DA SEDUC

Em Mato Grosso, na gestão do Deputado Ságuas Moraes (PT) como Secretário de Educação, no governo de Blairo Maggi (PP), logo após o término do Educom.Rádio Centro-Oeste, foi endossada a figura do professor-educomunicador. A partir de 2007, as Portarias de Atribuição de Classes e/ou Aulas da SEDUC passaram a incluir o Projeto Educomunicação. Essa ação esteve atrelada à aprovação da Lei Estadual nº 9.998, de 10/06/2008, de autoria do deputado estadual Alexandre César, do Partido dos Trabalhadores, que legitima a continuidade da filosofia proposta pelo projeto Educom.Rádio Centro-Oeste.

A lei implanta o programa Rádio Escola Independente na rede estadual de ensino. No caso, através de miniestações de rádio, em cada unidade escolar, os alunos podem trabalhar todas as áreas de ensino, códigos, linguagens, ciências exatas, humanas e sociais. A lei objetiva, dessa forma, trazer diversos benefícios aos estudantes, como o desenvolvimento da criatividade e do senso de responsabilidade, a exploração das potencialidades pedagógicas do rádio para a difusão de conteúdos escolares, a promoção da educação ambiental na escola de forma interdisciplinar, a contribuição para a formação do jovem e o estímulo ao exercício da cidadania, além do combate à violência e do favorecimento à cultura de paz no ambiente escolar. A iniciativa prevê, ainda, que a Secretaria de Estado de Educação (SEDUC) atue de forma integrada com a direção das escolas, grêmios estudantis e entidades interessadas para o funcionamento das rádios (SOARES, 2011, p. 54).

A aprovação desta lei implica na institucionalização da proposta educadora enquanto política pública no Estado de Mato Grosso, justificando as portarias de atribuição do professor-educomunicador.

Nessa concepção, a Educomunicação surge como uma diretriz para a mudança na prática pedagógica formal. A partir de reivindicações dos professores e das comunidades educacionais que participaram do Projeto do MEC e NCE/USP, a SEDUC-MT resolveu garantir a continuidade das atividades educacionais. Inicialmente, para as escolas participantes do Educom.Rádio Centro-Oeste, disponibilizou, através de Portaria de Atribuição, a disponibilidade de professores para atuarem com o Projeto Educomunicação a partir de 2007.

De acordo com a Instrução Normativa Nº 008/2007/GS/Seduc/MT/, publicada no Diário Oficial do Estado de Mato Grosso, de 12 de novembro de 2007 (IOMAT, 2007), o Artigo 11 disponibiliza 30 horas para o Projeto Educomunicação.

Art. 11 Para funcionamento e utilização dos recursos didáticos, observar-se-ão as suas respectivas particularidades, a saber:

II - DO PROJETO DE EDUCOMUNICAÇÃO

a. Para o desenvolvimento do projeto na escola, será designado um professor efetivo da Área de Linguagem, preferencialmente que tenha participado de formação continuada realizada pelo Projeto, com carga horária de 30 horas, obedecendo a ordem de classificação na contagem de pontos, com as seguintes funções:

1. Garantir a carga horária de 30 h/a semanais nas atividades Educomunicativas: pautas, programação, produção, gravação e formação do grupo monitor;
2. Planejamento das ações Educomunicativas;
3. Realização de reuniões de pautas;
4. Elaborar cronograma de programação e produção das ações educacionais;
5. Discutir com a comunidade escolar os interesses comuns para a produção das ações;
6. Adequar a programação ao currículo e ao calendário escolar;
7. Reunir periodicamente com a comunidade escolar para planejar e produzir a programação do período;
8. Formar e fortalecer o grupo monitor para o funcionamento do veículo nos três turnos;
9. Apresentar relatório bimestral à coordenação pedagógica que encaminhará a coordenação do projeto na Seduc;
10. Garantir a ampliação e manutenção dos equipamentos necessários para as produções educativas no PDE-PDDE (IOMAT, 2007, p. 23)

Nestes termos, percebe-se que a implementação do Projeto denominado Educomunicação, pela SEDUC-MT, ocorrida após o Educom.Rádio Centro-Oeste, buscou garantir recurso humano preferencialmente para as escolas que receberam os equipamentos do MEC e a formação do NCE-USP. Segundo esta instrução normativa, as atividades destinadas ao projeto deveriam ser designadas por um educador da área de Linguagem, possivelmente por levar-se em conta a intimidade dessa área com a produção de textos e leitura, que são a base da comunicação.

A aprovação da Lei 9.998/2008 possibilitou a ampliação da oferta do projeto para outras escolas, uma vez que endossou a presença da rádio no ambiente escolar.

Com isso, após 2007, as Portarias e Instruções Normativas da SEDUC mantiveram a presença do educador.

Em relação à carga horária de trabalho, a proposta inicial foi de 30 horas semanais para pautas, programação, produção, gravação e formação do grupo monitor, bem como para o planejamento das ações Educomunicativas.

Entre 2008, a regulamentação da atuação do educador em Mato Grosso, através da Portaria Nº 257/2008, no Art. 28, já apresenta uma alteração: nesta, diferente da anterior, abre-se a possibilidade de disponibilidade para um Técnico Administrativo Educacional assumir o projeto, além do professor licenciado em Letras. As funções também sofrem algumas alterações, conforme disponível no trecho a seguir:

PORTARIA nº. 257/08/GS/Seduc/MT

[...] Art. 28. Para funcionamento e utilização dos RECURSOS DIDÁTICOS, observar-se-ão as suas respectivas particularidades, a saber:

§ 2º Nas unidades escolares que desenvolvem o PROJETO EDUCOMUNICAÇÃO será designado por opção da escola/CDCE, um professor efetivo ou estabilizado licenciado em Letras ou Técnico Administrativo Educacional efetivo ou contratado temporariamente em regime de trabalho de 30 (trinta) horas semanais, com conhecimento e/ou capacitação no Projeto, indicados para a função mediante manifestação formal do CDCE e/ou Assessoria Pedagógica, tendo como função:

- I – exercer a jornada de trabalho (30 horas semanais) nas atividades educacionais: planejamento das ações, pauta, programação, produção, gravação e formação do grupo monitor;
- II - realizar reuniões de pautas, para elaboração de cronograma;
- III - elaborar cronograma de programação e acompanhar a produção;
- IV - reunir periodicamente com a comunidade escolar para planejar e produzir a programação do período;
- V - adequar a programação ao currículo e ao calendário escolar;
- VI - formar e fortalecer o grupo monitor para o funcionamento do veículo nos três turnos;
- VII - apresentar relatório bimestral à coordenação do projeto na Seduc;
- VIII - garantir a ampliação e manutenção dos equipamentos necessários para as produções educacionais no PDE/PDDE (IOMAT, 2008, p. 13)

Comparando as funções apresentadas para o professor educador na Portaria de 2007 com publicada em 2008, percebe-se que houve uma síntese das funções 4, 5, 6 e 7 presentes na primeira Portaria, as quais foram resumidas em três na Portaria de 2008 (III, IV e V). Estas alterações foram mantidas na Portaria 371/2009, a qual não teve nenhuma mudança na redação comparada à Portaria de 2008.

PORTARIA Nº. 371/09/GS/SEDUC/MT

[...] Art. 30. Para funcionamento e utilização dos RECURSOS DIDÁTICOS, a jornada de trabalho de 30 (trinta) horas semanais dos profissionais da educação deverá ser dividida de acordo com o número de turnos de atendimento ao aluno, observando-se as respectivas particularidades, a saber:

§ 2º PROJETO EDUCOMUNICAÇÃO: Nas unidades escolares que desenvolvem o Projeto Educomunicação será designado, por opção da Escola/CDCE, um professor efetivo ou estabilizado licenciado em Letras ou Técnico Administrativo Educacional efetivo em regime de trabalho de 30 (trinta) horas semanais, com conhecimento e/ou capacitação no Projeto, indicado para a função mediante manifestação formal do CDCE e/ou Assessoria Pedagógica, tendo como função:

- I – exercer a jornada de trabalho de 30 h/a semanais nas atividades educacionais: planejamento das ações, pauta, programação, produção, gravação e formação do grupo monitor;
- II - realizar reuniões para elaboração do cronograma de programação;
- III - acompanhar a produção;
- IV - reunir periodicamente com a comunidade escolar para planejar e produzir a programação do período;
- V - adequar a programação ao currículo e ao calendário escolar;
- VI - formar e fortalecer o grupo monitor para o funcionamento do veículo nos três turnos;
- VII - apresentar relatório bimestral à Coordenação de Projetos e Programas Educativos/SUEB/ SEDUC;
- VIII - garantir a ampliação e manutenção dos equipamentos necessários para as produções educacionais no PDE/PDDE. (IOMAT, 2009, p. 33)

A Portaria nº 584/2010 retoma a atuação específica do professor licenciado em Letras, descartando o Técnico Administrativo da atuação de educador, como se pode ver no trecho abaixo:

PORTARIA nº 584/10/GS/Seduc/MT

[...] Artigo 32:

§ 2º PROJETO EDUCOMUNICAÇÃO: As unidades escolares que já desenvolvem o Projeto Educomunicação atribuirão 01(um) professor efetivo e/ou estabilizado, licenciado em Letras, em regime de trabalho de 30 (trinta) horas semanais, com conhecimento e/ou participação em capacitação do Projeto tendo como função:

- I – exercer a jornada de trabalho de 30 (trinta) h/a semanais nas atividades educacionais: planejamento das ações, pauta, programação, produção, gravação e formação do grupo monitor;
- II - realizar reuniões para elaboração do cronograma de programação;
- II - acompanhar a produção;
- IV - reunir periodicamente com a comunidade escolar para planejar e produzir a programação do período;
- V - adequar a programação ao currículo e ao calendário escolar;
- VI - formar e fortalecer o grupo monitor para o funcionamento do veículo nos três turnos;
- VII- apresentar relatório bimestral à Coordenação Pedagógica da unidade escolar que encaminhará a Coordenadoria de Projetos Educativos - SUEB/ SEDUC;
- VIII - garantir a ampliação e manutenção dos equipamentos necessários para produção educacional no PDE/PDDE da escola (IOMAT, 2010, p.31)

Desta forma, a SEDUC mantém a proposta inicial apresentada em 2007, de atribuir ao professor de Língua Portuguesa a atividade educomunicativa, mantendo as funções destinadas ao projeto conforme as publicadas no ano anterior.

No entanto, em 2011, no tocante às funções, a Portaria 451/2011 incluiu duas novas funções ao Professor Educomunicador: participação na formação continuada ofertada pela SEDUC, denominada Sala de Educador, assim como a integração da proposta educomunicadora com as atividades e planejamento da área de linguagem. Essas inclusões são vistas no trecho que segue.

PORTARIA Nº 451/11/GS/SEDUC/MT

[...] Art. 34. Para funcionamento e utilização dos RECURSOS DIDÁTICOS, a jornada de trabalho de 30 (trinta) horas semanais dos profissionais da educação deverá ser dividida de acordo com o número de turnos de atendimento ao aluno, observando-se as respectivas particularidades, a saber:

§ 2º - PROJETO EDUCOMUNICAÇÃO:

As unidades escolares que já desenvolvem o Projeto Educomunicação atribuirão 01(um) professor efetivo e/ou estabilizado, licenciado em Letras, em regime de trabalho de 30 (trinta) horas semanais, com conhecimento e/ou participação em capacitação do Projeto tendo como função:

- I – exercer a jornada de trabalho de 30 (trinta) h/a semanais nas atividades educomunicativas: planejamento das ações, pauta, programação, produção, gravação e formação do grupo monitor;
- II – participar de reuniões para elaboração do cronograma de programação;
- III - acompanhar a produção;
- IV - reunir periodicamente com a comunidade escolar para planejar e produzir a programação do período;
- V - adequar a programação a proposta pedagógica da escola e ao calendário escolar;
- VI - formar e fortalecer o grupo monitor para o funcionamento do veículo nos três turnos;
- VII- apresentar relatório bimestral à Coordenação Pedagógica da unidade escolar que encaminhará a direção da escola e a coordenadoria de projetos educativos - SUEB/ SEDUC;
- VIII - apresentar à direção da escola as demandas de ampliação e manutenção dos equipamentos necessários para a produção;
- IX – participar do projeto Sala do Educador;
- XI – participar das reuniões pedagógicas com os demais professores da área de linguagem (IOMAT, 2011, p. 44).

Tais alterações são positivas, pois fomentam a integração da educomunicação com as disciplinas de linguagem, evitando que a prática educomunicativa se restrinja à atuação de um único profissional e incentivando o reconhecimento dos demais docentes acerca da presença do projeto Educomunicação enquanto política pública voltada para a prática pedagógica.

Nas publicações relacionadas à atribuição de classes e/ou aulas do ano de 2012, as alterações em relação à integração do professor educador com os demais professores da área de linguagem são mantidas, através do Artigo 34 da Portaria 306/2012.

PORTARIA Nº. 306/12/GS/Seduc/MT

[...] Artigo 34

§ 2º. PROJETO EDUCOMUNICAÇÃO: As unidades escolares que já desenvolvem o Projeto Educação atribuirão 01 professor efetivo e/ou estabilizado, preferencialmente licenciado em Letras, em regime de trabalho de 30 horas semanais, com conhecimento e/ou participação em capacitação do Projeto tendo como função:

I – exercer a jornada de trabalho de 30 h/a semanais nas atividades educacionais: planejamento das ações aprovado pelo coordenador pedagógico, pauta, programação, produção, gravação e formação do grupo monitor;

II – participar de reuniões para elaboração do cronograma de programação;

III – acompanhar a produção;

IV – reunir periodicamente com a comunidade escolar para planejar e produzir a programação do período;

V – adequar à programação a proposta pedagógica da escola e ao calendário escolar;

VI – formar e fortalecer o grupo monitor para o funcionamento do veículo nos três turnos;

VII- apresentar relatório bimestral à Coordenação Pedagógica da unidade escolar que encaminhará a direção da escola e a coordenação de projetos educativos – SUEB/ SEDUC;

VIII – apresentar à direção da escola a demanda de ampliação e manutenção dos equipamentos necessários para a produção;

IX – participar do projeto Sala do Educador;

X – participar das reuniões pedagógicas com os demais professores da área de linguagem (IOMAT, 2012, p. 41).

Apesar da legislação estadual, na Portaria de 2012, não ter sofrido nenhuma alteração em relação à publicada no ano anterior, em 2013 a legislação voltada para a atribuição do educador sofre um grande retrocesso, a partir da publicação da Portaria 434/2013, que coloca em segundo plano a atribuição do profissional educador e dos demais projetos educativos subsidiados pela SEDUC. Publicada em 13 de dezembro de 2013, esta Portaria, no Art. , informa sobre uma posterior publicação acerca do projeto, conforme citação abaixo:

PORTARIA Nº. 434/13/GS/SEDUC/MT

[...] § 4º. As funções a serem desenvolvidas no LABORATÓRIO DE INFORMÁTICA, no PROJETO EDUCOMUNICAÇÃO e no PROJETO DE MÚSICA/FANFARRA ESCOLAR serão tratadas em portaria específica a ser publicada posteriormente (IOMAT, 2013, p. 35).

Entretanto, essa publicação posterior não ocorreu naquele ano, ficando as informações relacionadas ao professor educador restritas à comunicação interna entre SEDUC e Unidades Escolares, as quais receberam em seus correios eletrônicos institucionais as orientações sobre atribuição do educador.

Todavia, esse retrocesso não se restringe à exclusão dos critérios para atribuição do professor educador na Portaria regulamentar de Atribuição de Classes e/ou Aulas. A especificação das funções relativas ao Educador a *posteriori* não foi publicada no ano de 2013, mas as atividades voltadas para o projeto foram conduzidas a partir de e-mail enviado pela Coordenadoria às instituições, sendo reduzida a carga horária de atuação do educador de 30 para 10 horas semanais, sem qualquer justificativa.

Na normatização publicada para 2015, através da Portaria nº 416/2015, essa carga horária já aparece reduzida, como se vê no trecho apresentado abaixo.

Portaria nº 416/2015/GS/SEDUC/MT
[...] Art. 37

PROJETO EDUCOMUNICAÇÃO - As unidades escolares que desejam desenvolver o Projeto Educação em 2016, não terão atribuição imediata para a função de Professor Educação e deverão encaminhar o projeto para análise e deferimento.

§ 1º O Projeto Educação deverá ser encaminhado para o email da Coordenadoria de Projetos Educativos/SUEB até 12.02.16 com a seguinte formatação: escrito com espaçamento 1.0, fonte Arial, tamanho 12, limite máximo de 08 (oito) páginas, incluindo capa com o título do projeto, folha de rosto com a identificação (escola, professor, atividades selecionadas para o projeto e público-alvo), justificativa, objetivo(s), metodologia(s), avaliação, cronograma, referências e fotos (do espaço em que as atividades serão realizadas e dos recursos materiais disponíveis para as atividades). O projeto deve ser escrito e executado de acordo com o PPP e as diretrizes educacionais nacionais e estaduais.

§ 2º As escolas que desenvolveram o Projeto Educação em 2015 deverão encaminhar junto ao projeto de 2016, o Relatório das atividades executadas em 2015, o qual comporá o processo de análise da solicitação escolar.

§ 3º A escola deverá escolher de 01 (uma) a 03 (três) atividades que serão executadas no projeto dentre as seguintes:

- a) jornal escolar;
- b) rádio escolar;
- c) histórias em quadrinhos;
- d) fotografia;
- e) vídeo;
- f) ambiente de redes sociais;
- g) robótica educacional;
- h) tecnologias educacionais.

§ 4º O profissional a ser atribuído no Projeto Educação deverá: ser professor efetivo e/ou estabilizado, com Licenciatura ou Bacharelado em uma

das áreas de conhecimento, ter habilidade para desenvolver a função pretendida, com jornada de trabalho de 10 (dez) horas/aulas semanais, desenvolvendo as oficinas temáticas de mídias escolares com alunos e divididas por turno de atendimento.

§ 5º O profissional atribuído no projeto que não seguir o estabelecido ou que cometer infrações contra pessoa, patrimônio e a instituição como um todo (Comunidade Escolar, SEDUC, etc.), será responsabilizado administrativamente.

§ 6º Toda documentação liberada pela Gestão da Escola, no formato de CI ou Ofício, para fim de aquisição de equipamentos, através de compra, empréstimo ou doação deve ser acompanhada pelos Gestores, desde a confecção do documento, aquisição, registro, utilização e encaminhamentos legais dados pela Gestão da Escola.

§ 7º A Coordenadoria de Projetos Educativos/SUEB divulgará a lista dos projetos deferidos no dia 29.02.16 (IOMAT, 2015, p. 16).

Percebe-se que as mudanças apresentadas pela Coordenadoria na Portaria 416/2015 não se limitam à diminuição da carga horária destinada ao projeto Educomunicação. Elas incluem sete atividades a serem desenvolvidas numa carga horária de 10 horas semanais, bem como retira a obrigatoriedade da formação na disciplina de Língua Portuguesa, abrindo possibilidade para qualquer professor de qualquer formação assumir o projeto. Também é feito um direcionamento técnico em relação à escrita do projeto a ser enviado para a Coordenadoria, mas não é feita nenhuma referência aos direcionamentos teóricos que endossem tais atividades ou prática educadora.

O estrangulamento da prática educadora no Estado é efetivado com essas alterações, as quais foram mantidas nas Portarias publicadas em 2016 e até o presente momento. Ironicamente, a exigência da escolha por, no mínimo, duas das sete atividades apresentadas, é atrelada à diminuição da carga horária destinada ao projeto.

Apesar das Portarias citadas informarem sobre o tempo e tipos de atividades a serem desenvolvidas no projeto, nenhuma delas cita autores ou embasamento teórico acerca da Educomunicação ou das atividades a serem escolhidas para atuar com o projeto. Tampouco é ofertada formação voltada para direcionamento e acompanhamento das atividades do professor atribuído no Projeto Educomunicação.

Mesmo assim, durante a realização desta pesquisa, contatei a Coordenadoria de Projetos da SEDUC/MT, solicitando informações sobre a concepção de Educomunicação defendida pelo órgão. O coordenador do Programa no Núcleo de Projetos, Mizaél Teixeira Silva, passou as seguintes informações:

O estado de Mato Grosso adota uma política de educomunicação, baseada na Lei Estadual nº 8.889/08, que dispõe sobre a implantação do programa Rádio Escolar Independente na rede estadual de ensino. Este programa do governo visa fomentar o protagonismo juvenil, ampliar o coeficiente comunicativo das atividades educativas, ajudar na competência do manejo das tecnologias da informação e da comunicação visando a humanização das práticas educativas e o exercício da cidadania. Para isso, esta Secretaria proporciona aos professores que estão a frente deste programa, a carga horária de 10 horas.

2- Baseia-se na Lei Educom, de 2008 e também cumpre determinações da Portaria 367/2017 de atribuição e ao Orientativo Pedagógico fornecido pela Superintendência de Educação Básica.

3- A Lei Educom, se baseou no conceito de educomunicação proposto por Ismar de Oliveira Soares, a partir das pesquisas do Núcleo de Comunicação e Educação da ECA/USP, segundo o qual “a educomunicação designa todos os esforços realizados pela sociedade no sentido de aproximar os campos da cultura, comunicação e educação, constituindo-se em “campo emergente de prática social, com referenciais teóricos e metodológicos próprios”. A partir deste conceito verifica-se que o programa traz diversos benefícios aos estudantes, como:

- o desenvolvimento da criatividade e do senso de responsabilidade;
- a exploração das potencialidades pedagógicas do rádio para a difusão de conteúdos escolares;
- a promoção da educação ambiental na escola de forma interdisciplinar;
- a contribuição para a formação do jovem e o estímulo ao exercício da cidadania;
- o combate à violência e o favorecimento à cultura de paz no ambiente escolar

(Coordenador do NPE/SEDUC, resposta enviada por email em 15 de janeiro de 2018).

A declaração acima, apresentada por correio eletrônico pelo Coordenador do Projeto Educomunicação da SEDUC/MT, endossa a funcionalidade da prática educadora no ambiente educacional, ressaltando sua importância para a educação cidadã dos educandos, entre outras contribuições.

Contudo, a exclusão dessas informações nas Portarias que regulamentam o projeto nas escolas estaduais deixa dúvidas em relação à forma como ocorre a prática educadora nas escolas, visto que os professores educadores não têm acesso a tais diretrizes. Essa lacuna teórica, atrelada à ausência de formação continuada específica e/ou troca de experiências entre as escolas participantes do projeto, dificulta o progresso da Educomunicação enquanto política pública.

A partir das leituras dos documentos que regem o Projeto Educomunicação em Mato Grosso, considero fundamental refletir sobre as contribuições deste projeto no ambiente escolar, visto que sua existência objetiva promover a participação e autonomia dos alunos, bem como incentivar atitudes cidadãs dos envolvidos.

Outrossim, meu envolvimento com este tema se dá na crença de que a prática educadora pode auxiliar na implementação de uma educação de qualidade, realmente integradora e cidadã em Mato Grosso, possibilitando que a atual Gestão reavalie a importância da educação não só para o Ensino Médio, mas para todas as modalidades de ensino, ampliando a carga horária do educador e promovendo sua formação contínua.

É fato que houve grande avanço da intervenção educadora no estado desde a realização do Educom.rádio Centro-Oeste, pois, atualmente, a SEDUC contabiliza 132 escolas e 53 municípios que possuem o Projeto Educação, organizando a demanda de atividades com os alunos em diversas áreas, como rádio, jornal impresso, jornal mural, fotografia, histórias em quadrinhos, redes sociais e blog educativo. A tabela 2 descreve os municípios e escolas que adotaram essa proposta em Mato Grosso.

TABELA 2: Municípios e escolas com projeto educação em MT

Ano	Município	Unidade Escolar
2017	ACORIZAL	EE PONCE DE ARRUDA
2017	ALTA FLORESTA	EE JARDIM UNIVERSITARIO /EE JAYME VERISSIMO DE CAMPOS JUNIOR EE VITORIA FURLANI DA RIVA / EE 19 DE MAIO
2017	ALTO PARAGUAI	EE ALEXANDRE GOMES SILVA CHAVES
2017	BARRA DO BUGRES	EE 7 DE SETEMBRO /EE ALFREDO JOSÉ DA SILVA
2017	BARRA DO GARCAS	EE ANTONIO CRISTINO CORTES
2017	CACERES	EE CRIANÇA CIDADÃ / EE ONZE DE MARÇO EE PROF.DEMETRIO COSTA PEREIRA / EE SAO LUIZ
2017	CAMPOS DE JULIO	EE ANGELINA FRANCISCON MAZUTTI
2017	CANABRAVA DO NORTE	EE ELIAS BENTO
2017	CANARANA	EE 31 DE MARÇO / EE NORBERTO SCHWANTES / EE PAULO FREIRE
2017	CARLINDA	EE FREI CANECA / EE TANCREDO DE ALMEIDA NEVES
2017	CHAPADA DOS GUIMARAES	EE CEL. RAFAEL DE SIQUEIRA / EE PROF. ANA TEREZA ALBERNAZ
2017	COLIDER	EE ANDRÉ ANTONIO MAGGI / EE DES.MILTON ARMANDO POMPEU DE BARROS
2017	COLNIZA	ESCOLA ESTADUAL MARIA MIRANDA ARAUJO
2017	CONFRESA	EE 29 DE JULHO / EE TEOTONIO CARLOS DA CUNHA NETO
2017	CONQUISTA DO OESTE	EE CONQUISTA D'OESTE
2017	CUIABÁ	EE AGENOR FERREIRA LEO / EE PASCOAL MOREIRA CABRAL EE RAIMUNDO PINHEIRO DA SILVA / EE ALCEBIADES CALHAO

		EE FRANCISCO A. FERREIRA MENDES / EE LICEU CUIABANO MARIA DE ARRUDA MULLER / EE MARCELINA DE CAMPOS / EE PE. ERNESTO CAMILO BARRETO EE TANCREDO DE ALMEIDA NEVES / ESCOLA EST. MENINOS DO FUTURO EE PROF.PACIANA TORRES DE SANTANA / EE PROFESSORA MARIA HERMINIA ALVES
2017	CURVELANDIA	EE BOA ESPERANÇA
2017	DIAMANTINO	EE DECIO LUIZ FURIGO
2017	GUARANTA DO NORTE	EE GUARANTA / EE IRANY JAIME FARINA /EE KREEN AKARORE EE PROFESSOR ELCIO PRATES
2017	IPIRANGA DO NORTE	EE ANDRE ANTONIO MAGGI
2017	JACIARA	C.E.J.A. MARECHAL RONDON / EE ANTONIO FERREIRA SOBRINHO EE MILTON DA COSTA FERREIRA / ESCOLA ESTADUAL MODELO SANTO ANTONIO
2017	JANGADA	EE BENEDITA AUGUSTA LEMES / EE DAMIÃO MAMEDES DO NASCIMENTO
2017	JUINA	EE DR. ARTUR ANTUNES MACIEL
2017	JURUENA	EE DOM AQUINO CORREA
2017	JUSCIMEIRA	EE ANTONIO JOSE DE LIMA/ EE CAMPOS SALES EE DOM VUNIBALDO / EE JOAO MATHEUS BARBOSA/ EE SANTA ELVIRA
2017	LUCAS DO RIO VERDE	EE ANGELO NADIN/ EE DOM BOSCO/ EE LUIZ CARLOS CECONELLO
2017	MATUPA	C.E.J.A LUIZA MIOTTO FERREIRA / EE ANTONIO OMETTO/ EE JARDIM DAS FLORES
2017	MIRASSOL D'OESTE	EE 12 DE OUTUBRO/ EE BENEDITO CESARIO DA CRUZ/ EE BOA VISTA EE IRENE ORTEGA/ EE JOAO DE CAMPOS WIDAL/ EE PADRE TIAGO
2017	NOBRES	EE DR. FABIO SILVERIO FARIAS/ EE INOCENCIA RACHID JAUDY EE PROF. MARIO A. NASSARDEN/ EE PROF. NILO POVOAS
2017	NORTELANDIA	EE IDALINA DE FARIAS
2017	NOSSA SENHORA DO LIVRAMENTO	EE FELICIANO GALDINO
2017	NOVA MUTUM	EE VIRGILIO CORREA FILHO
2017	NOVA XAVANTINA	EE CEL. JOAO N. DE M. MALLETT/ EE JUSCELINO K. OLIVEIRA
2017	NOVO HORIZONTE DO NORTE	EE ROSMAY KARA JOSÉ
2017	NOVO MUNDO	EE EDUCAÇÃO BASICA ANDRE ANTONIO MAGGI
2017	PARANAITA	EE DR. MARIO CORREA DA COSTA/ EE JOAO PAULO I
2017	PARANATINGA	EE 29 DE JUNHO
2017	PEDRA PRETA	EE 10 DE DEZEMBRO/ EE 13 DE MAIO / EE PROF. IVONNE TRAMARIM DE OLIVEIRA/ EE SAO PEDRO APOSTOLO
2017	POCONE	EE BEL. RIBEIRO DE ARRUDA
2017	PORTO ALEGRE DO NORTE	EE ALEXANDRE QUIRINO SOUZA/ EE TAPIRAPE
2017	PORTO ESPERIDIAO	EE 13 DE MAIO
2017	PRIMAVERA DO LESTE	EE CREMILDA DE OLIVEIRA VIANA/ EE PROFª ALDA GAWLINSKI SCOPEL
2017	QUERENCIA	ESCOLA ESTADUAL 19 DE DEZEMBRO

2017	RIBEIRAO CASCALHEIRA	EE CEL. ONDINO R. LIMA
2017	RONDONOPOLIS	EE MAJOR OTAVIO PITALUGA/ EE PROF. AMELIA DE OLIVEIRA SILVA EE SAGRADO CORAÇÃO DE JESUS/ EE SANTO ANTONIO
2017	SANTO ANTONIO DO LEVERGER	EE GUSTAVO DUTRA/ EE NAGIB SAAD / EE SANTA CLAUDINA EE SANTANA DO TAQUARAL
2017	SAO PEDRO DA CIPA	EE IR. MIGUELINA CORSO
	SINOP	EE NILZA DE OLIVEIRA PIPINO/ EE PAULO FREIRE/ EE SÃO VICENTE DE PAULA
2017	SORRISO	EE 13 DE MAIO/ EE JOSE DOMINGOS FRAGA
2017	TANGARA DA SERRA	CEJA ANTONIO CASAGRANDE/ EE RAMON SANCHES MARQUES EE 13 DE MAIO/ EE ANTONIO HORTOLLANI / EE CLAUDIO APARECIDO PARO EE MANOEL MARINHEIRO / EE VER BENTO MUNIZ EE MIN PETRONIO PORTELA NUNES
2017	TAPURAH	EE CANDIDO PORTINARI
2017	TERRA NOVA DO NORTE	EE 12 ABRIL/ EE NORBERTO SCHWANTES
2017	TORIXOREU	EE ARTHUR DA COSTA E SILVA
2017	VARZEA GRANDE VERA	EE IRENE GOMES DE CAMPOS/ EE MANOEL CORREA DE ALMEIDA EE MARIA LEITE MARCOSKI/ EE PORFIRIA PAULA DE CAMPOS EE PROF.ADALGISA DE BARROS/ EE UBALDO MONTEIRO DA SILVA EE PROF. HONORIO RODRIGUES AMORIM
2017	VERA	EE N. SR. DO PERPETUO SOCORRO
TOTAL	57 MUNICÍPIOS	132 ESCOLAS

Fonte: Coordenadoria de Projetos educativos/SEDUC/MT, elaborada em 18/01/2018.

Observando o total de escolas que atuam com o projeto Educomunicação em Mato Grosso e comparando com o número de escolas participantes do Educom.rádio Centro-Oeste, percebe-se o grande avanço da proposta educadora, a qual mais que triplicou sua atuação na última década, neste estado.

Em Jaciara, local da realização desta pesquisa, o Projeto Educomunicação foi implementado primeiramente na Escola Estadual Antônio Ferreira Sobrinho, em 2012.

É interessante ressaltar que esse avanço se dá no mesmo momento em que o Ensino Médio no Brasil passa por reformas moldadas por interesses diversos, que nem sempre objetivam instituir práticas educativas que promovam o empoderamento dos jovens ou o protagonismo crítico.

3.7 REFORMA DO ENSINO MÉDIO X EDUCOMUNICAÇÃO EM MATO GROSSO

Diante do avanço das ações educacionais, as quais, de acordo com Soares (2011, p. 37), são ações que oferecem à comunidade “uma oportunidade real para criar um ambiente propício a uma revisão das relações de comunicação em todo o ambiente escolar (transformando e recriando seu ecossistema educativo)”, os debates relacionados à relação educação e currículo voltam-se para a defesa de uma educação pautada na construção da cidadania.

Soares (2011, p. 38) afirma que a pretensão dos teóricos que discutem as reformas educacionais é que “o currículo avance para além de um aglomerado de conteúdos de ensino, descolados da experiência e do tempo dos jovens, convertendo-se em instrumento de integração e articulação dos conhecimentos com a vida cotidiana”. Essa é justamente a proposta de educação defendida por Freire e seus seguidores.

No entanto, o Brasil tem presenciado o crescimento de uma onda ultraconservadora, principalmente no ambiente educacional. Essa tendência se confirma diante da aprovação da Medida Provisória 746/2016, que institui a Implementação de Escolas de Ensino Médio em Tempo Integral, além de alterar a Lei nº 9.394/1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional.

A Medida Provisória 746/2016, instituída pelo Presidente Michel Miguel Elias Temer Lulia (MDB), popularmente denominada como Reforma do Ensino Médio, torna obrigatório o ensino de Língua Portuguesa e Matemática, facultando a oferta das demais disciplinas.

A Medida Provisória 746/2016 reformula o ensino médio, segmentando as disciplinas segundo áreas do conhecimento e propondo a implementação do ensino integral com apoio financeiro da União ao setor público. A matéria será votada agora pelo Senado.

De acordo com o projeto de lei de conversão do senador Pedro Chaves (PSC-MS), o currículo do ensino médio será composto pela Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e por itinerários formativos correspondentes a essas áreas do conhecimento: linguagem e suas tecnologias; matemática e suas tecnologias; ciências da natureza e suas tecnologias; ciências humanas e sociais aplicadas; e formação técnica e profissional. Cada sistema de ensino organizará essas áreas e as respectivas competências e habilidades esperadas do aluno segundo seus próprios critérios. Poderá haver uma integração de componentes curriculares da base comum com disciplinas dessas áreas e, após a conclusão de um itinerário formativo, os alunos poderão cursar outro, se houver vaga. Todas as regras valerão para as redes

de ensino público e privado, mas o cronograma de implementação terá de ser elaborado no primeiro ano letivo seguinte à data de publicação da BNCC. A implementação, entretanto, ocorrerá no segundo ano letivo depois da homologação dessa base curricular (PIOVESAN, MORAIS, p. 1, 2016).

As alterações relativas à Reforma do Ensino Médio conduzem para a minimização dos debates sobre fatos que constituem a sociedade local, pois ao propor uma Base Nacional Curricular Comum para um país tão rico em diversidades, retirando a obrigatoriedade de disciplinas que focam na reflexão crítica, tais como História, Filosofia e Sociologia, acaba reforçando a ideia de uma educação fragmentada e tecnicista, longe de ser libertadora, democrática e promotora da transformação social de seus membros, defendida por educadores como Freire, Freinet, Carvalho, Soares e vários que endossam as concepções teóricas desta pesquisa.

Além da questão da prioridade de algumas disciplinas em detrimento de outras e do tempo na escola, a MP 746/2016 também apresenta mudanças em relação à atuação dos professores, abrindo espaço para profissionais de “notório saber” atuarem com o Ensino Médio, mesmo não tendo formação específica, como se visualiza na figura que segue.

Figura 6: Principais pontos da Reforma do Ensino Médio (MP 746/2016)



Fonte: PIOVESAN, MORAIS 2016, p. 2

É possível perceber que a Reforma do Ensino Médio apresentada pelo Governo Temer responde especificamente aos interesses da elite capitalista, quando restringe a atuação dessa modalidade aos interesses do mercado de trabalho, defendendo uma ideia de “flexibilização de oferta” que, na verdade, amplia a desigualdade educacional.

Um exemplo dessa restrição e desigualdade é a proposta apresentada pela Secretaria de Estado de Educação de Mato Grosso, que na pessoa do Secretário Marco Marrafon, instituiu a Escola Plena, pela Portaria GS/SEDUC Nº 371, de 25/10/2017. Essa Portaria resolve,

Art. 1º Instituir o Projeto Escola Plena de forma gradativa nas escolas na rede Estadual de Mato Grosso, com a finalidade atender aos estudantes com ensino de qualidade social, através de um conjunto de ações inovadoras relativas ao currículo e a gestão escolar, por meio da implementação de Políticas Públicas para o Ensino Médio em Tempo Integral no Estado de Mato Grosso.

Art. 2º O Projeto ora criado tem por finalidade:

- I - executar a Política Estadual de Ensino Médio, em consonância com as diretrizes das políticas educacionais fixadas pela Secretaria de Estado de Educação, Esporte e Lazer;
- II - difundir o modelo de Educação em Tempo Integral no Estado;
- III - Ampliar a jornada escolar, a fim de promover a formação integral e integrada do estudante;
- IV - sistematizar, implementar e difundir inovações pedagógicas e gerenciais;
- V - integrar as ações desenvolvidas nas Escolas Estaduais de Educação em Tempo Integral em todo o Estado, oferecendo atividades que influenciem no processo de aprendizagem e enriquecimento cultural;
- VI - promover e apoiar a expansão do Ensino Médio em Tempo Integral para todas as microrregiões do Estado;
- VII - consolidar o modelo de gestão para resultados nas Escolas Estaduais de Educação em Tempo Integral em todo o Estado, com o aprimoramento dos instrumentos gerenciais de planejamento, acompanhamento e avaliação;
- VIII - estimular a participação coletiva da comunidade escolar na elaboração do projeto político-pedagógico da escola; e
- IX - viabilizar parcerias com instituições de ensino e pesquisa, entidades públicas ou privadas que visem a colaborar com a expansão da Educação em Tempo Integral no âmbito Estadual.

Art. 3º O Estado de Mato Grosso adere, em 2017, ao Programa Federal de Fomento à Implementação de Escolas em Tempo Integral, que prevê duração de 10 (dez) anos, a partir da adesão, para a implantação, acompanhamento e mensuração de resultados, formalizada por assinatura do Termo de Compromisso e elaboração de Plano de Implementação.

Art. 4º As Escolas que ofertam Ensino Médio em Tempo Integral atendem aos seguintes critérios de seleção:

- I - escolas preferencialmente de ensino médio propedêutico;
- II - escolas que possuam, preferencialmente, infraestrutura adequada, conforme Portaria do MEC nº 727;
- III - escolas que apresentem o mínimo de 120 (cento e vinte) matrículas no primeiro ano do ensino médio, de acordo com o Censo Escolar mais recente;

- IV - escolas que tenham capacidade física para atender no mínimo 350 (trezentos e cinquenta) estudantes, após 03 anos de sua adesão, priorizando as escolas de maior porte e capacidade física;
- V - escolas localizadas em regiões de alta vulnerabilidade socioeconômica (PORTARIA N 371/2017, p. 1).

Conforme pressupõe o Parágrafo V do Artigo 4 dessa Portaria, um dos critérios de seleção para implementação da Escola Plena de Educação Integral é a localização da escola em região de alta vulnerabilidade socioeconômica. Entretanto, a infraestrutura adequada, citada no Parágrafo II tem sido o critério principal para a escolha das escolas. Um exemplo é a Escola Estadual Antonio Ferreira Sobrinho, que foi escolhida pela SEDUC para agregar o quantitativo de escolas plenas, mesmo contrariando a manifestação da maioria da comunidade escolar.

Um aspecto negativo dessa proposta é que, mesmo tendo como justificativa a oferta educacional pautada na qualidade e na formação integral e integrada do estudante, retira do ambiente escolar a continuidade de projetos democráticos e inovadores como o Projeto Educomunicação, o que coloca em xeque as reais intenções do projeto no que tange à formação integral do educando.

Pelo fato de não ter sido considerada a opinião da maioria da comunidade escolar, a Escola Estadual Antonio Ferreira Sobrinho, a partir de 2018, deixou de ofertar o Médio Inovador e também o Ensino Médio Integrado à Educação Profissional (sendo garantida a terminalidade das duas turmas existentes), passando à oferta do Ensino Médio em tempo integral. Com essa nova realidade, que excluiu alunos trabalhadores e professores que possuem mais de um vínculo empregatício, um quantitativo de 18 professores, 3 apoios educacionais e mais de 400 alunos foi transferido para outra unidade escolar, que não possui salas climatizadas, laboratório de informática, nem os laboratórios interdisciplinares da área de Ciências, o que enfatiza a desigualdade de condições de trabalho implantadas com esse Projeto.

Assim, compreende-se que a Reforma do Ensino Médio defende um conceito que, conforme Buffa, Arroyo e Nosella (1987, p. 58), vê cidadania como “aceitação da obrigação moral para o convívio harmônico com seus semelhantes. Educar para a cidadania se reduz a cultivar o senso do valor moral em cada indivíduo, na criança e nos jovens sobretudo.”

No que tange à Base Nacional Curricular Comum referente ao Ensino Médio, o Ministério da Educação apresentou em 03 de abril do corrente ano a terceira versão

do documento, a qual endossa o desenvolvimento de dez competências nos alunos que:

[...] consubstanciam, no âmbito pedagógico, os direitos de aprendizagem e desenvolvimento. Na BNCC, competência é definida como a mobilização de conhecimentos (conceitos e procedimentos), habilidades (práticas, cognitivas e socioemocionais), atitudes e valores para resolver demandas complexas da vida cotidiana, do pleno exercício da cidadania e do mundo do trabalho (BNCC, 2018, p. 10).

Em se tratando dessas competências, destaco a quinta, que se refere à comunicação:

5 – Compreender, utilizar e criar tecnologias digitais de informação e comunicação de forma crítica, significativa, reflexiva e ética nas diversas práticas sociais (incluindo as escolares) para se comunicar, acessar e disseminar informações, produzir conhecimentos, resolver problemas e exercer protagonismo e autoria na vida pessoal e coletiva (BNCC, 2018, p. 101).

Tendo como tarefa dirimir os problemas de evasão e reprovação da modalidade Ensino Médio, a BNCC está organizada em conteúdos pautados em competências e habilidades a serem desenvolvidas pelos alunos. No entanto, o documento ainda é muito genérico quando trata de tais competências, a exemplo da destacada acima, pois não especifica de que forma essas habilidades podem ser incentivadas ou promovidas na escola, nem dispõe sobre garantias de recursos e infraestrutura que permitam aos professores desenvolver tais competências.

A inserção da educomunicação no currículo do Ensino Médio, possibilitando “o estudo do significado social, econômico e político da mídia nas mudanças sociais, ampliando a compreensão do educando, bem como suas competências de análise crítica da realidade”, como afirma Soares (2011, p. 43), deve ser pensada pelas unidades escolares que ofertam tal modalidade.

Para tanto, precisamos adaptar as especificidades locais à BNCC, evitando generalização do currículo. Pensar formas de intervir e melhorar essas diretrizes curriculares implica assumir que concepção de educação e cidadania pretendemos adotar enquanto educadores democráticos e defensores de uma educação libertadora.

IV EDUCAÇÃO E COMUNICAÇÃO ENQUANTO PRÁTICAS DE LIBERDADE

O presente capítulo apresenta concepções de educação e comunicação, destacando os pressupostos teóricos de Freire (1985; 1987) e Freinet (1977; 1998).

Os mesmos são essenciais à discussão apresentada neste texto em virtude de serem alguns dos principais teóricos que embasam a relação entre educação e comunicação. Apesar de existirem outros estudiosos que permeiam a história da educomunicação, considero Freire o grande destaque na proposta de uma educação pautada no diálogo e valorização de saberes diferentes, assim como destaco a experiência de Freinet na inserção do jornal como instrumento de comunicação entre alunos e escolas.

4.1 CONCEPÇÃO DE EDUCAÇÃO

A concepção de educação que, infelizmente, ainda prevalece na maioria dos ambientes educacionais, exclui a subjetividade tanto do educador quanto (e principalmente), do educando, como ressalta Paro (2008), a seguir:

(...) em lugar de levar em conta os três elementos do processo (educador, educando e conteúdo) e suas mútuas relações, para procurar organizá-los e criar as opções metodológicas de cada situação, o que se faz é concentrar as atenções apenas no conteúdo. As iniciativas didáticas consistem, então, em dispor e organizar esse conteúdo da maneira mais adequada a sua explicação pelo mestre e sua compreensão e apreensão pelo aluno (PARO, 2008, p. 21).

Assim, o conceito de educação que defendo aqui busca justamente o oposto da prática educativa pautada no conteúdo e na transferência de informações pré-determinadas por uma lista de conteúdos anual.

Defendo uma educação que promova o protagonismo de seus integrantes, tanto do educador quanto do educando. Uma vez que o conhecimento promove mudanças e tais mudanças sempre estão a serviço de determinado(s) grupo(s) ou interesse(s), pensar em educação sem pensar a quem o exercício do poder promovido por ela irá atender é não identificar o seu principal objetivo para a sociedade, daí a ideia de educação libertadora reforçada por Freire.

Concebo a educação como instrumento de formação do homem enquanto um todo, ou seja, instrumento que “visa à formação do homem em sua integralidade. Pensar o homem como o objetivo da educação exige, antes de tudo, ter clareza a respeito de sua especificidade histórica (...) é, antes e acima de tudo, sua condição de sujeito” conforme propõe Paro (2008, p. 23).

O reconhecimento da condição do homem de sujeito de sua própria história e aprendizagem é o que diferencia a abordagem educacional presente no ambiente escolar. Isso porque a educação se faz necessária devido à ausência de traço cultural do homem no ato do seu nascimento.

De acordo com Paro (2008, p. 25), o homem “nascido natureza pura, para fazer-se homem à altura de sua história, precisa apropriar-se da cultura historicamente produzida. A educação como apropriação da cultura apresenta-se, pois, como atualização histórico-cultural.”

Assim, a percepção de uma educação pautada no homem como objeto social, requer práticas voltadas não apenas para o conteúdo, que não deixa de ser importante, mas passa a exigir uma nova metodologia de ensino, em que o educador e o educando recebem maior atenção.

Renunciar à concepção de educação conforme o senso comum e optar por uma educação democrática, que, para Paro (2008, p. 29), “tem no ser humano-histórico sua principal referência”, exige novos parâmetros metodológicos que se pautem no pressuposto de que a educação só se dá para o educando quando ele é sujeito ativo do processo, quanto protagoniza seu aprendizado, sendo autor por vontade própria de sua aprendizagem.

Essa ação democrática que permite ao educando transformar e transformar-se através da educação requer justamente o reconhecimento por parte do educador de que também é preciso querer ensinar para conseguir fazê-lo, deixando de lado a função de repetidor de conteúdos e assumindo a função de propiciar condições para que os educandos se façam sujeitos (PARO, 2008).

Por isso, a forma como são ensinados os conteúdos da cultura para formar a personalidade do educando é muito mais importante do que ter familiaridade ou conhecimento sobre educação; o comprometimento do educador, neste caso, é algo que faz diferença, assim como sua própria concepção de sujeito e de educador.

Em se tratando da história da educação no Brasil, há pensamentos que reforçam a ideia de predominância de modelos estrangeiros, pautados nos moldes de

um discurso profissionalista e voltados para os interesses do mercado capitalista (IMBERNON, 2000).

No entanto, apesar de haver uma influência da ideologia neoliberal no ambiente escolar através de práticas gerencialistas, transferidas do setor privado para o público, as discussões de classe no ambiente educacional buscam, cada vez mais, uma valorização da nossa própria realidade, tendo em Paulo Freire um dos teóricos que mais reforçam o compromisso da educação com a sociedade como um todo, com a transformação e libertação daqueles que nem sempre são valorizados – uma educação libertadora.

Isso significa uma luta para que a escola demonstre respeito aos educandos, à sua dignidade, ao seu ser formando-se, à sua identidade fazendo-se. Para Freire (1997, p. 71), “se não se levam em consideração as condições em que eles vêm existindo, não se reconhece a importância dos conhecimentos de experiência feitos com que chegam à escola.” A educação não pode se estruturar em uma hierarquia pautada na ideia de extensão de saberes.

Essa concepção de “extensão”, segundo Freire (1985), é incompatível com a ideia de uma prática educativa libertadora, pois pressupõe uma hierarquia do saber, “em que alguém que sabe mais vai “extender” esse saber a quem sabe menos, sendo esse menos favorecido apenas o “repositório” (p. 15). É preciso reconhecer que “não há saber mais, nem saber menos, há saberes diferentes”, como afirma Freire (1997, p. 15). Quando esse reconhecimento não ocorre na educação, quando as práticas pedagógicas se baseiam na transferência de conteúdos prontos, acabados, o que acontece é uma educação que não considera o sujeito na realidade social, pois separa pensar do fazer - é a chamada “educação bancária” problematizada por Freire.

Entretanto, o educador que defende a ética da educação enquanto um espaço de liberdade, de respeito aos menos favorecidos, aos oprimidos – e não a lógica do opressor – pauta por uma educação que favoreça aqueles oriundos das classes menos abastadas, as camadas populares. Para Freire (1985),

[...] educar e educar-se, na prática da liberdade, é tarefa daqueles que sabem que pouco sabem – por isso sabem que sabem algo e podem assim chegar a saber mais – em diálogo com aqueles que, quase sempre, pensam que nada sabem [...] (FREIRE, 1985, p. 15).

Assim, ao ler Paulo Freire passei a perceber com mais vigor que minha experiência educativa já se aproximava da ideia de educação enquanto prática de

libertação, pois apesar de não conhecer a matriz teórica que já direcionava minha prática docente, as leituras acerca da educação libertadora me mostraram essa raiz em minha própria prática.

A partir de tais leituras compreendi a relação entre os pressupostos teóricos de Freire e a inserção das mídias comunicativas no ambiente escolar, reforçando a importância da comunicação falada e escrita. Outro teórico que também se destaca, por exemplo, na inserção do jornal no ambiente escolar, é Freinet (2004), o qual concebe a educação do trabalho e do bom senso como frutos das experiências cotidianas dos educandos, os quais têm um incentivo a mais para se expressarem através da comunicação escrita oportunizada pela presença do jornal na escola.

Desta forma, a concepção de educação cidadã apresentada por Freire estabelece relação entre a educação, cidadania e comunicação, valorizando-as enquanto elementos da formação integral do sujeito e embasando os fundamentos da prática educomunicadora, sendo importante frisar que, para Freire (1985, p. 43), é necessário vencer “a “cultura do silêncio”, constituída historicamente, através do processo colonizador.”

Afirma Freire (1985, p. 44) que “a relação humana básica é apresentada como algo social, igual, dialógico, a coparticipação dos interlocutores no ato de aprender”. Esse pensamento se pauta no fato de, enquanto seres humanos, sermos seres sociais, com necessidade inata de convivência social, ou seja, não fomos feitos para a solidão e para o isolamento. Complementando essa ideia, Gadotti (1992) explicita que:

[...] para Freire, a comunicação admite três diferentes perspectivas antes mencionadas: a antropológica, porque a comunicação é constituinte natural do ser humano; a epistemológica, porque o conhecimento nasce do diálogo”, relação entre dois sujeitos mediatizados por um objeto que querem conhecer; e a política, porque exige uma relação igualitária de poder (GADOTTI, 1992, p. 621).

Tal condição confere à educação o papel de política social libertadora e transformadora. Essa condição também está presente em Freinet (2004), quando desenvolve uma proposta pedagógica diferenciada com o objetivo de fazer com que as crianças gostem da escola e do trabalho, de forma a se tornarem cidadãos conscientes e críticos no meio social ao qual pertencem. Essa transformação é ressaltada no pensamento de Gramsci (1977).

[...] para indicar a passagem do momento meramente econômico (ou egoístico-passional) para o momento ético-político, ou seja, a elaboração superior da estrutura em superestrutura na consciência dos homens. Isso significa, também, a passagem do 'objetivo ao subjetivo'. A estrutura, a força exterior que esmaga o homem, que o assimila a si, que o torna passivo, transforma-se em meio de liberdade, em instrumento para criar uma nova forma ético-política, em origem de novas iniciativas (GRAMSCI, 1977, p. 1244).

Semelhantemente, Freinet (2004) propõe uma transformação no sistema pedagógico e na busca de uma nova postura do professor em relação aos alunos com a criação de espaços para uma maior interação entre eles. Sua proposta de trabalho é fundamentada em torno de quatro eixos: **a cooperação** (um precisa do outro para construção social do conhecimento), **a comunicação** (de forma a transmitir ou divulgar o conhecimento), **a documentação** (é necessário escrever as experiências até para não perdê-las) e **a afetividade**.

Esses quatro eixos, em diálogo com as proposições de Freire, direcionaram a escolha das categorias de análise desenvolvidas nesta pesquisa, que são: **Educação e Pedagogia da Comunicação**.

Tais categorias estão dialogicamente relacionadas, pois as discussões acerca da importância da comunicação para a educação, assim como da formação para o exercício de uma comunicação educativa, são preconizadoras das análises desenvolvidas aqui, e reforçadas pela proposta de atuação docente feita por Freire (1985):

Um sujeito pensante não pode pensar sozinho; não pode pensar sem a co-participação de outros sujeitos no ato de pensar sobre o objeto. Não há um 'penso', mas um 'pensamos'. É o 'pensamos' que estabelece o 'penso' e não o contrário. Esta co-participação dos sujeitos no ato de pensar se dá na comunicação. O objeto, por isto mesmo, não é a incidência terminativa do pensamento de um sujeito, mas o mediatizador da comunicação (FREIRE, 1985, p. 66).

Nestes termos, a prática da mediação no ambiente escolar reforça o papel dialógico do educador, bem como favorece a participação dos educandos no processo de aprendizagem.

4.2 COMUNICAÇÃO NA EDUCAÇÃO: UMA RELAÇÃO DIALÓGICA

Conforme Bordenave (1997, p. 3), apenas “na década de 70 que se começou a conceder uma importância concreta ao fato de o homem ser ao mesmo tempo o produto e o criador de sua sociedade e sua cultura”. O reconhecimento de que o meio ambiente, seja ele físico, social ou relacional, exige uma interdependência entre as pessoas, tem ocupado lugar de destaque nas discussões voltadas à educação, principalmente quando se pensa em como ocorrem as intervenções dessas relações na formação humana.

A prática escolar, enquanto pautada em modelos e currículos que discriminam características e particularidades individuais do sujeito, assemelha-se, segundo Bordenave (1997), “aos cárceres e outras instituições sociais, organizadas e manejadas segundo modelos espúrios, não respeitam as características e necessidades da vida individual e social.”

Não diferente, a comunicação tem servido mais ao lucro e ao poder dos opressores e dominantes do que respondido aos anseios e necessidades da população como um todo.

Talvez por isso mesmo, pelo fato de que os meios de comunicação visam apenas o enriquecimento de uma minoria, que o emprego do termo comunicação tem estado cada vez mais frequente nos ambientes escolares, os quais, teoricamente, são ambientes destinados a todos, sem distinção de raça, credo, cor ou crença.

Para Barreto *et al* (2014, p. 220), “informação e comunicação devem ser entendidas como bens públicos, necessários ao exercício da cidadania, e, o diálogo, uma realidade prática possível de ouvir e ser ouvido sem distinções de qualquer natureza.”

Não obstante, a relação dialógica entre comunicação e informação enquanto fundantes da prática cidadã reforça o papel que ambas ocupam na formação do ser humano, devendo, portanto, estarem constantemente no cerne das discussões voltadas para a educação.

Conforme discorre Citelli (2012, p. 33), “estudiosos da comunicação humana defendem que o ato de comunicar é uma das bases da construção do conhecimento e da produção de sentido. A esse respeito, Marcuschi (2003) aponta o seguinte:

O mundo comunicado é consequência de ações discursivas nas quais dizer é um modo dialógico e interativo de construir a realidade: é fruto de uma operação que executamos cooperativamente sobre o mundo, num esforço de construí-lo discursivamente para nossos propósitos (MARCUSCHI, 2003, p. 244).

Assim sendo, mesmo sabendo que, nos tempos atuais, o avanço dos meios de comunicação social tem sido avassalador, temos constatado que esse avanço não veio seguido da formação de uma consciência crítica por parte das pessoas, principalmente dos jovens, de forma a evitar a alienação e/ou deformação das ideias. Atrelado ao envolvimento dos proprietários dos grandes meios de comunicação com uma minoria opressora, tanto do Brasil quanto do exterior, esse avanço predominantemente acaba servindo como objeto de opressão e alienação do povo.

Como afirma Freire (1997, p. 12), um dos saberes indispensáveis é que o educador mesmo no início de sua experiência enquanto formador, “assumindo-se como sujeito também da produção do saber, se convença definitivamente de que ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua produção ou construção”.

A relação dialógica que permeia a concepção de comunicação pauta-se na proposta de Freire (1985, p. 14) pelo fato de ser a comunicação uma “recusa à “domesticação” dos homens”. Essa negação pela domesticação opõe-se à transferência de saberes proposta pela educação bancária.

Nestes termos, o ato de educar, conforme nos apresenta Freire (1985), foge da concepção de “extensão de saberes rumo à ignorância” - extensão pautada na ideia de educação enquanto transferência de conhecimentos ou saberes. Mais ainda: de acordo com Freire (1985, p. 14), a relação da educação com a comunicação se estabelece na prática da liberdade, “em que aqueles que sabem pouco (e admitem saber pouco) dialogam com os que pensam que não sabem nada, transformando esse “quase nada” em um novo saber”.

Desta forma, a contraposição à prática hierárquica e opressora na educação se efetiva diante do reconhecimento de que a história da educação está pautada na busca de determinados grupos ou classes que lutam para a construção de sua hegemonia e pela libertação; luta essa que vem promovendo, ao longo dos tempos, inúmeras intervenções favoráveis às classes populares ou menos favorecidas, a partir de lutas coletivas organizadas.

A relação de poder que permeia a história institucional da escola, por vezes, serve de pressuposto para a manutenção da prática educativa nos moldes tradicionais, em que o professor é o detentor dos conhecimentos válidos, necessários para a formação humana, e o aluno¹¹ é visto como uma página em branco, como um ser vazio, sem nenhum conhecimento que deva ser aproveitado pelo professor.

Freire se opõe justamente à essa concepção, ao assumir o papel de defensor dos oprimidos, ao se posicionar contrário às práticas educacionais que fortalecem a elite: sua condução ressalta a ética em que há um debate acerca das práticas educacionais como sendo libertadoras. Estas servem de pressuposto não apenas para relacionar a comunicação à educação, mas quaisquer práticas que promovam a valorização do educando, fortalecendo um movimento de mudança na educação.

O professor que realmente ensina, quer dizer, que trabalha os conteúdos no quadro da rigorosidade do pensar certo, nega, como falsa, a fórmula farisaica do "faça o que mando e não o que eu faço". Quem pensa certo está cansado de saber que as palavras a que falta corporeidade do exemplo pouco ou quase nada valem. Pensar certo é fazer certo. Que podem pensar alunos sérios de um professor que, a dois semestres, falava com quase ardor sobre a necessidade da luta pela autonomia das classes populares e, dizem que não mudou, faz discurso pragmático contra os sonhos e prática a transferência de saber do professor para o aluno?! Que dizer da professora que, de esquerda ontem, defendia a formação da classe trabalhadora e que, pragmática hoje, se satisfaz, curvada ao fatalismo neoliberal, com o puro treinamento do operário, insistindo, porém, que é progressista? (FREIRE, 1997, p. 19).

Nestes termos, ao defender um ensino que permita a interpretação com profundidade, a compreensão dos fatos não como algo pronto e acabado, mas passível de discussão, de contraposição, Freire propõe que a educação seja uma possibilidade dada ao educando de ser autor de sua própria. Sua defesa é por uma educação que promova a capacidade de contextualização do educando na sua formação, sendo não apenas o autor ou intérprete de suas próprias experiências, mas protagonista de uma formação que o conduz para a uma educação libertadora, daí o sentido proposto de educação como prática da liberdade: tal prática significa compreensão do próprio papel diante da formação, por parte do educando.

11 Aluno aqui é utilizado em sua concepção etimológica: segundo Houaiss (2017, p. 2), A palavra *alumnus* é o particípio substantivado do verbo latino *alere*, que quer dizer "alimentar" ou "nutrir". Teve seu sentido estendido em "discípulo". No caso do exemplo, a ideia é mostrar que o conceito de aluno enquanto "sem luz", como vem sendo muitas vezes propagado no ambiente escolar, é uma tradução do termo que demonstra a concepção que o próprio educador tem da discência: pessoas vazias, que estão na escola apenas para receber informações e/ou conhecimentos que o próprio professor determina.

Na verdade, falo da ética universal do ser humano da mesma forma como falo de sua vocação ontológica para o ser mais, como falo de sua natureza constituindo-se social e historicamente não como um "a priori" da História. A natureza que a ontologia cuida se gesta socialmente na História. É uma natureza em processo de estar sendo com algumas conotações fundamentais sem as quais não teria sido possível reconhecer a própria presença humana no mundo como algo original e singular. Quer dizer, mais do que um ser no mundo, o ser humano se tornou uma Presença no mundo, com o mundo e com os outros. Presença que, reconhecendo a outra presença como um "não-eu" se reconhece como "si própria". Presença que se pensa a si mesma, que se sabe presença, que intervém, que transforma, que fala do que faz mas também do que sonha, que constata, compara, avalia, valora, que decide, que rompe. E é no domínio da decisão, da avaliação, da liberdade, da ruptura, da opção, que se instaura a necessidade da ética e se impõe a responsabilidade. A ética se torna inevitável e sua transgressão possível é um desvalor, jamais uma virtude (FREIRE, 1997, p. 9).

Essa postura ética inevitável proposta por Freire (1997) enseja justamente o reconhecer da individualidade do sujeito, a valorização da relação dialógica com o outro. A liberdade aqui descrita estabelece uma relação de conflito com as práticas de uma educação que, na maioria das vezes, serve ao opressor e não ao oprimido. Em relação ao oprimido, representado pelos menos favorecidos dentro da sociedade, Paulo Freire defende que o educador seja ético, mas que essa ética tenha como premissa o ponto de vista do oprimido, e não do opressor.

Essa questão é muito importante, pois o posicionamento ético não é a negativa dos demais pontos de vista que envolvem a educação, o que significaria uma postura alienada. A ética a que se refere Paulo Freire se baseia no posicionamento favorável aos direitos daqueles que são oprimidos pelos interesses de uma minoria opressora.

No que tange à essa ética, voltada para o respeito às individualidades, aos direitos e autonomia humana, Gadotti (1992, p. 6) ressalta que falar da autonomia da escola "é também falar de resistência e conflito que caracterizam essa escola vivida. A tradição burocrática da escola é um fardo pesado que limita os ideais de uma escola projetada para a liberdade e autonomia."

Sendo o professor – ou pelo menos devendo ser, em sua essência –, o elo entre educandos e escola, é importante observar que tipo de imagem está sendo construída acerca desse profissional no meio comunicacional, bem como se a mesma garante essa autonomia dentro da escola.

Assim, pensar uma educação libertadora exige que a escola adote práticas voltadas não apenas para a formação docente, mas abordagens pedagógicas que

visem envolver e incentivar a criatividade dos alunos dentro do ambiente escolar, favorecendo, na prática, a autonomia, a liberdade e a implementação desta escola cidadã, citada por Gadotti.

Nestes termos, conhecer tais práticas implica numa maior compreensão da educação enquanto espaço de presença da comunicação.

Freire (1985), ao denominar o professor como “educador-educando”, defende a lógica do diálogo presente no ato de ensinar, o qual favorece o aprendizado de ambos os envolvidos. Tal ato requer a intervenção do ser humano como transformador, não só de si próprio, mas da realidade que o permeia.

Daí a incompatibilidade do termo “extensão” com educação, apresentada anteriormente: não há como retirar da educação a função comunicadora, dialógica, interativa, pois é a interação entre os indivíduos que permite a liberdade, o fim da alienação.

A iniciativa de determinados grupos de tornar a educação apenas como um repositório de conhecimentos técnicos, sem reflexão, sem análise do contexto, demonstra a intenção alienadora e opressora dos mesmos, uma vez que sem o caráter dialógico, a educação não pode servir aos interesses de mais ninguém exceto do opressor, fazendo com que o oprimido não se identifique como oprimido, através da ignorância.

Essa ignorância alienante, a qual resulta da educação bancária, fragmentada, é, conforme ressalta Imbernon (2000, p.66), uma ameaça à escolaridade democrática e à efetivação do papel de intelectuais críticos dos educadores, a falácia da pedagogia reduzida ao formalismo técnico. Tal redução, que encontra defesa em grupos conservadores, extingue a dialogicidade do processo educacional, contrariando os pressupostos da educação libertadora e dialógica defendidos por Freire (1997).

Assim, é preciso que os educadores ajam em oposição a uma educação que favoreça a economia totalizadora de classes, na qual predomina a ideia de que ou há classe ou há cultura, mas não as duas coisas. Essa ideia ressalta justamente um modelo educacional que ignora, que não reconhece o entrelaçamento que a cultura e assuntos relacionados à etnia, gênero, orientação sexual e de classe, uma vez que é justamente no espaço cultural que se manifestam e se constroem as identidades e os valores são formados.

Contrariamente à essa proposta segregadora de educação, o reconhecimento do sujeito enquanto ser pensante, social e histórico, traz para a educação uma perspectiva de assunção do sujeito, como preconiza Freire (1997):

Outro sentido mais radical tem assunção ou assumir quando digo: uma das tarefas mais importantes da prática educativo-crítica é propiciar as condições em que os educandos em relação uns com os outros e todos com o professor ou a professora ensaiam a experiência profunda de assumir-se. Assumir-se como ser social e histórico, como ser pensante, comunicante, transformador, criador, realizador de sonhos, capaz de ter raiva porque capaz de amar. Assumir-se como sujeito porque capaz de reconhecer-se como objeto. A assunção de nós mesmos não significa a exclusão dos outros. É a "outredade" do "não eu", ou do tu, que me faz assumir a radicalidade de meu eu (FREIRE, 1997, p. 24).

Não obstante, o sujeito que se assume ativamente, reconhecendo o outro não como alguém que não deva ser excluído, mas ouvido, compartilhando e transformando essas experiências em comum, é um sujeito que efetivamente concretiza o conceito de assunção apresentado por Freire.

Desta forma, a neutralidade na educação defendida por grupos conservadores nada mais é do que uma defesa alienante dos interesses opressores, buscando evitar que os oprimidos, através da educação, se libertem.

Para tanto, negam que a cultura, enquanto arena de luta e espaço de discussão, deva estar presente no espaço escolar e na formação do sujeito, pois são essas manifestações culturais e sociais, organizadas a partir de representatividades de classe e grupos marginalizados, que promovem a defesa dos direitos à equidade e igualdade (IMBERNON, 2000).

Tal pressuposto converge para o preceito ético descrito por Freire (1985), em que os educadores precisam se colocar ao lado dos oprimidos, fortalecendo o diálogo e a discussão, a concepção crítica de realidade, para que se identifiquem como oprimidos e possam combater a opressão. É apenas a partir de práticas educativas que assumam a postura ética que a pedagogia deve ter, que a educação passa a ser libertadora.

A proposta de uma educação democrática valoriza o diálogo como ponto central da educação. Tal valorização foi ressaltada pela difusão das teorias dialógicas, atrelada ao surgimento da escola pública e aos estudos voltados para a educação, destacando-se a psicologia educacional, a sociologia da educação e a filosofia educacional.

Tais ciências começaram a defender uma nova postura dos adultos frente ao desenvolvimento infantil, ressaltando as particularidades da infância e defendendo que o homem se forma desde pequeno, a partir das suas experiências, percepções de mundo e não simplesmente através da transferência de saberes dos adultos, como presumia a escola tradicional.

É a partir da efetivação do papel do professor enquanto mediador do conhecimento que a proposta de uma educação democrática se efetiva, caminhando para um ideal dialógico.

A partir dos anos 60, sob novas condições históricas, a noção de diálogo toma uma forma também nova: entra em cena um novo dado, que é o dado político da relação educadora. Aquela concepção de neutralidade da ação educativa que orientava a teoria da educação da escola tradicional e que, de início, não havia sido posta em questão pela escola nova, torna-se problemática para seus defensores, entre eles o educador brasileiro Anísio Teixeira (1900-1971), que havia sofrido a influência do filósofo e educador norte-americano John Dewey (1859-1952). Como não podia deixar de ser, a pedagogia do diálogo é tão histórica quanto as outras e, portanto, em evolução. Seus principais defensores sofreram as influências de sua prática pedagógica (GADOTTI, 1995, p. 14).

Assim, conforme a citação acima, é a partir dos anos 60 que surgem as manifestações a favor da educação pautada no diálogo, tendo seus defensores influências de sua formação e de seus tempos históricos.

Os anos 60-70 foram marcados por conflitos, guerras, revoluções contra a ditadura, manifestações contra o militarismo, destacando-se assim, o nome de Paulo Freire como o grande defensor do diálogo na educação, pois abordava uma perspectiva política do diálogo, pautado na consciência crítica da realidade que não foi ressaltada por seus antecessores.

Talvez por isso mesmo, Freire esteja sendo rebatido por inúmeros defensores da escola tradicional, pois os ultraconservadores não são favoráveis ao diálogo em que se pode ouvir a voz do oprimido, preferindo o monólogo do opressor.

Um exemplo dessas práticas conservadoras é o Projeto de Lei N.º 867, de 2015, de autoria do Deputado Federal Izalci Lucas Ferreira, filiado ao Partido da Social Democracia Brasileira (PSDB), que propôs incluir nas diretrizes e bases da educação nacional, o "Programa Escola sem Partido"¹².

12 Segundo Santana (2016, disponível em: www.ebc.com.br/educacao/2016/07/o-que-e-o-escola-sem-partido), essa proposta torna obrigatória a presença de um cartaz em sala de aula informando os estudantes sobre o direito que eles têm de "não serem doutrinados". Na contramão dessa ideia, estudiosos especialistas em educação criticam o programa

Esse projeto, que supostamente defende a neutralidade política, ideológica e religiosa da educação, indicando a punição de professores que promovem uma educação plural, aprofundada e debatedora da realidade, foi retirado da pauta do Senado Federal em novembro de 2017.

Apesar disso, o mesmo serviu de pressuposto para vários outros projetos semelhantes serem aprovados em municípios e estados da federação, fato que fere o direito que todo cidadão tem de se expressar e de ter uma educação de qualidade, pois exclui a possibilidade de debate e reflexão, ambos imprescindíveis ao processo de comunicação dialógica. Desta forma, a discussão acerca dessa alienação proposta pelos defensores do “Escola sem Partido” está longe de acabar, visto que a intencionalidade de tal proposta em retirar da prática pedagógica sua característica dialógica atende aos interesses de uma parcela da população cujos preceitos se distanciam muito da educação democrática e libertadora.

Nesta perspectiva, Gadotti (1995, p. 15), destaca que, “em Paulo Freire o diálogo dos oprimidos, orientados por uma consciência crítica da realidade, aponta para a superação do conflito destes com seus opressores.” Ao defender que o educador precisa assumir uma postura comprometida com o oprimido, Freire enfatiza que o diálogo é muito mais do que o encontro de duas ideias ou significados; é sim um compromisso com a transformação, ou seja, é a ação interligada com a reflexão.

Tal ênfase ao compromisso com a transformação da realidade ressalta o papel social do diálogo para Freire, visto que a conotação dialógica na educação reforça seu enfoque político e social e sua importância enquanto base e instrumento para a formação de professores.

Um aspecto de extrema importância destacado por Freire, Gadotti e Guimarães (1995, p. 16) é a existência de uma relação entre a pedagogia do diálogo com a autogestão proposta pelos socialistas. Tal relação se dá a partir da hipótese de que a educação tem como ponto final a autogestão social.

Para tanto, a educação resulta em uma estratégia político-pedagógica pautada na formação do educador-educando e seu trabalho, promovendo, assim, a

afirmando que nada na sociedade é isento de ideologia, e que o Escola Sem Partido, na verdade, é uma proposta carregada de conservadorismo, autoritarismo e fundamentalismo cristão. “Além de não assumir sua mensagem conservadora, camuflada em suposto pluralismo, o Escola Sem Partido quer evitar um pensamento crítico. Quer uma escola medíocre. Afirma uma ideologia pautada em um fundamentalismo cristão evitado até pelo Papa Francisco, diante das possibilidades de um papado que sucedeu o ultraconservador Bento XVI”, afirma Daniel Cara, coordenador-geral da Campanha Nacional pelo Direito à Educação. Ver SANTANA, 2016.

transformação social. Esse pensamento pedagógico também foi defendido por Freinet, ao propor uma educação pautada no método natural e na relação com o trabalho.

Importa enfatizar que o diálogo enquanto princípio educacional rompe com práticas autoritárias e ressalta o valor da comunicação para o conhecimento em suas dimensões histórica, lógica e gnosiológica.

A manifestação interna que se constitui entre sujeito e conhecimento concebe o caráter individual do conhecimento, o qual, atrelado ao seu caráter social e interdisciplinar, promove uma concepção muito mais completa acerca do valor do diálogo para a democratização do ensino. Nestes moldes, Freire sugere à educação uma significação dialógico-dialética.

Segundo Freire, Gadotti e Guimarães (1995, p.42), ao defini-la como “experiência basicamente dialética da libertação humana do homem, que pode ser realizada apenas em comum, no diálogo crítico entre educador e educando (...), um momento da experiência dialética total da humanização dos homens”, Freire constrói uma teoria da educação libertadora, que instiga o sujeito a refletir sobre a prática do e para com o mundo e a sociedade.

Conforme essa proposta, pensar certo, de acordo com Freire (1997, p. 28) enseja “saber que ensinar não é transferir conhecimento”. Ter essa certeza é uma postura exigente, difícil, às vezes penosa, que temos de assumir diante dos outros e com os outros.

Desta forma, não se pode defender uma educação integral pautada no formalismo técnico conteudista. A formação do ser humano precisa considerar a realidade e o contexto sócio-cultural do sujeito, pois um ser completo perpassa pelas suas vivências e pela sua compreensão de mundo. Nesses termos, a educação enquanto prática de liberdade ressalta a existência de espaços dialógicos no ambiente escolar. Assim, experiências que favoreçam a comunicação entre os educadores-educandos e demais entes da comunidade escolar funcionam como estratégias que auxiliam na formação integral do educando.

Além disso, as experiências comunicativas são fundamentais para uma educação libertadora, pois apenas tendo consciência da realidade é que o educando poderá assumir práticas transformadoras. É através da transformação que as mudanças se efetivam.

Considerar a educação como um espaço apenas de transmissão conteudista, formal e fragmentada é remeter à escola uma função alienada e dogmática.

Ao afirmar que a educação é um ato político, Freire (1987) resgata a concepção dialógica do termo: política é negociação, é a busca por um equilíbrio entre dois pontos de vista.

Negar à educação essa abordagem é restringir-lhe a um mero repassar de dados. O discurso radical que defende a educação conservadora e “apolítica” tem como único objetivo calar a voz da coletividade excluída, a qual luta por seus direitos através da educação.

Pucci (1985, p. 9) afirma que “a educação tem sempre uma dimensão política, pois “nada é puramente ‘educacional’ na educação”. Nesta perspectiva, inconscientemente ou não, o educador acaba atendendo, na maioria das vezes, aos interesses dos opressores quando pauta sua prática apenas na formalidade do ensino. Tal prática coloca-nos à serviço dos opressores e não da libertação dos oprimidos, como pressupõe a postura ética defendida por Freire, podendo até mesmo nos considerarmos opressores e não oprimidos.

Portanto, a comunicação enquanto um recurso indiscutivelmente presente nas manifestações cotidianas, seja dentro ou fora do ambiente escolar, influencia não só no meio sociocultural do aluno, mas do próprio educador.

Essa influência é ressaltada por Freire (1997), quando considera que a leitura e a escrita podem ser estratégias de libertação, porque através delas o ser humano pode, entre outras coisas, se expressar, se manifestar culturalmente e socialmente, garantir seus direitos, expor suas opiniões, enfim, ser capaz de dialogar.

Quanto maior o domínio letrado, maiores as possibilidades de identificação do indivíduo com sua realidade e transformação da mesma. Essa perspectiva mostra a relação de poder que existe na educação. Paro (2008, p. 46), ressaltando que “o poder existe e é exercido tanto por parte do educador quanto do educando, e se dá tanto como “capacidade de agir sobre as coisas” quanto como “capacidade de determinar o comportamento de outros”. Assim, quando o educando é capaz de agir diante da ação educativa, seu poder se dá enquanto sujeito do aprendizado, incorporando elementos culturais que lhe fortalecem, sentindo-se “poderoso” cada vez que demonstra capacidade de ação.

Na comunicação a mensagem apenas faz efeito se houver um referente, um enunciado, que transita entre enunciador e receptor. Do mesmo modo, o processo

educacional e o conhecimento integral do aluno serão efetivamente significativos apenas quando houver interação entre os dois lados da moeda – quando o educador-educando assumir seu papel não de ensinante, mas de mediador e de “aprendente”, assim como aqueles a quem “ensina”.

Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender. Quem ensina ensina alguma coisa a alguém. Por isso é que, do ponto de vista gramatical, o verbo ensinar é um verbo transitivo-relativo. Verbo que pede um objeto direto - alguma coisa - e um objeto indireto - a alguém. Do ponto de vista democrático em que me situo, mas também do ponto de vista da radicalidade metafísica em que me coloco e de que decorre minha compreensão do homem e da mulher como seres históricos e inacabados e sobre que se funda a minha inteligência do processo de conhecer, ensinar é algo mais que um verbo transitivo-relativo. Ensinar inexiste sem aprender e vice-versa e foi aprendendo socialmente que, historicamente, mulheres e homens descobriram que era possível ensinar. Foi assim, socialmente aprendendo, que ao longo dos tempos mulheres e homens perceberam que era possível - depois, preciso - trabalhar maneiras, caminhos, métodos de ensinar (FREIRE, 1997, p. 12).

Essa abordagem apresentada por Freire no tocante ao ensinar tem sua base na concepção dialógica da comunicação e da educação, sendo os dois processos indissociáveis da relação do *eu* com o outro, o que não permite excluir ou ignorar as concepções e experiências vividas de ambas as partes. Essa afirmativa endossa, então, qual deve ser o papel do professor no processo educativo, o qual perpassa pela mediação, observação, orientação.

Reforçando o papel que o educador assume, é interessante frisar a paráfrase feita por Freinet (2004), ao comparar o ciclo de colheita do agricultor com a educação: é preciso observar todo o contexto do processo de formação do aluno, e não apenas focar no resultado externo e final.

Como a fruta que madura abruptamente sob um processo de envenenamento e toxidade, o aluno que simplesmente perpassa pelo processo de aprendizagem sem que sua formação seja integral, libertadora e crítica, apenas atenderá à demanda do mercado, semelhante à fruta que foi colhida verde para maturar sob camadas de algodão: aos olhos do consumidor a fruta está belíssima e pronta para o consumo, mas, como diz Freinet (2004):

[...] o fruto está salvo. Mas está tão impregnado de tóxicos, que se torna veneno para quem o consome. E a árvore que o deu, esgotada e ferida antes do tempo, seca antes mesmo de ter ousado lançar para o céu os seus braços audaciosos. Se um dia os homens souberem raciocinar sobre a formação dos seus filhos como o bom agricultor raciocina sobre a riqueza do seu pomar, deixarão de seguir os eruditos que, nos seus antros, produzem frutos

envenenados que matam ao mesmo tempo quem os produziu e quem os come. Restabelecerão valorosamente o verdadeiro ciclo da educação: escolha da semente, cuidado especial do meio em que o indivíduo mergulhará para sempre as suas raízes poderosas, assimilação, pelo arbusto, da riqueza desse meio (FREINET, 2004, p. 13).

As palavras de Freinet (2004) ressaltam o compromisso que a educação requer de seus atores: a formação requer cuidados em todas as fases da vida do aluno, e em todos os aspectos, não apenas no aspecto cognitivo, mas no social, no cultural, no sentimental, enfim, na integralidade do ser humano. E é justamente nesse pensar da formação integral que não se pode excluir a formação cidadã, a autocrítica, a reflexão acerca de si no mundo e do mundo em si.

Pensar uma educação fragmentada, voltada para conteúdos ou currículos segmentados não é pensar na formação libertadora. Pelo contrário: a alienação vem justamente da falta de reflexão e da visão geral da realidade.

Essa preocupação com as necessidades que regem a formação do aluno reforça o bom senso defendido por Freinet: é preciso que o professor assuma seu papel nessa formação, não como um reprodutor de passos a serem seguidos pelos alunos, mas como incentivador, como mediador de um processo que é muito mais individual que coletivo.

Cada um escolhe como quer chegar ao topo da escada. Definir que o meio correto é apenas a subida, degrau por degrau, é limitar o olhar às particularidades de cada aluno, é sucumbir a um modelo estruturado que não comporta as diferenças nem a criatividade. É reforçar a educação bancária ao invés da libertadora.

É preciso “descobrir e cultivar” as virtudes¹³ que, tradicionalmente, a escola não valoriza. O exemplo dado por Freinet (2004, p. 14) resalta essa falta de valorização das habilidades dos alunos que fogem ao padrão tecnicista de educação.

Ao dizer que a escola incita o aluno a decorar a tabuada numa época em que as calculadoras fazem todos os cálculos, Freinet foca justamente na contradição que envolve a prática educativa, a qual acaba, por vezes, se baseando em pressupostos que excluem a realidade do aluno, fazendo com que o processo de aprendizagem seja maçante e desinteressante.

13 Freire destaca que existem qualidades que fazem parte do sujeito e que, por serem constituídas na prática democrática de escutar, devem ser discutidas e valorizadas como indispensáveis se a prática democrática se basear na opção político-pedagógica. São elas: “amorosidade, respeito aos outros, tolerância, humildade, gosto pela alegria, gosto pela vida, abertura ao novo, disponibilidade à mudança, persistência na luta, recusa aos fatalismos, identificação com a esperança, abertura à justiça”. (FREIRE, 1997, p. 75).

Hoje, ao mesmo tempo que a maioria das escolas pinta em seus muros e descreve em seus PPPs que a missão da escola é “formar cidadãos”, poda o aluno e limita seu aprendizado a uma lista de conteúdos fragmentados e dissociados da realidade e dos seus interesses, impedindo que o mesmo possa agir e refletir sobre sua própria vida e sobre o mundo que o cerca.

Portanto, pensar a educação numa perspectiva de Paulo Freire e de Freinet requer que o educador tenha bom senso para desenvolver sua prática pedagógica. Na educação, ter bom senso, é saber a hora em que se deve intervir sobre a “encruzilhada” em que se encontram os professores em relação aos alunos. Freinet (2004, pp. 18) faz uma paráfrase para argumentar sobre a necessidade do bom senso na educação, quando afirma que os educadores não devem teimar “numa “pedagogia do cavalo que não tem sede”.

O jovem da cidade queria prestar um serviço à fazenda onde o hospedavam, e então pensou: - Antes de levar o cavalo para o campo, vou dar-lhe de beber. Ganho tempo e ficaremos sossegados o dia todo. Mas o que é isso? Agora é o cavalo quem manda? Recusa-se a ir para o bebedouro e só tem olhos e desejos para o campo de luzerna! Desde quando são os animais que mandam? – Venha beber, estou dizendo!...E o camponês novato puxa a rédea e depois vai por trás e bate no cavalo com força. Finalmente!... O animal avança... Está à beira do bebedouro... — Talvez esteja com medo... E se eu o acariciasse?... Olhe, a água é limpa! Olha! Molhe as ventas... Como! Não?... Veja só!... E o homem mergulha bruscamente as ventas do cavalo na água do bebedouro. — Agora você vai beber! O animal funga e sopra, mas não bebe. O camponês aparece, irônico:Ah! Você acha que é assim que se lida com um cavalo? Ele é menos estúpido que os homens, sabe? Ele não está com sede...

— Pode matá-lo, mas ele não beberá. Talvez ele finja que está bebendo, mas vai cuspir em você a água que está sorvendo... Trabalho perdido, meu velho!...— Então, como se faz?

— Bem se vê que você não é camponês! Você não compreende que a esta hora da manhã o cavalo não tem sede; ele precisa é de uma luzerna fresca. Deixe-o comer até ele se fartar. Depois ele vai ter sede e você vai vê-lo galopar para o bebedouro. Nem vai esperar você dar licença. Aconselho mesmo que você não se intrometa... E quando ele beber você poderá puxar a rédea! É assim que sempre nos enganamos, quando pretendemos mudar a ordem das coisas e obrigar a beber quem não tem sede...

Educadores, vocês estão numa encruzilhada. Não teiem numa “pedagogia do cavalo que não tem sede”. Caminhem com empenho e sabedoria para a “pedagogia do cavalo que galopa para a luzerna e para o bebedouro (FREINET, 2004, p. 18)

Ao propor que os educadores “caminhem com empenho e sabedoria”, Freinet (2004) destaca justamente a necessidade que nós, educadores, devemos ter de conduzir nossa prática com bom senso. Nesse caso, o bom senso é saber observar o momento do educando, suas necessidades, seus desejos, suas apreensões.

Não podemos simplesmente forçá-los a um aprendizado que não interessa, ou considerar segundo os pressupostos bancários, que seu papel é o de simples “depositário” de conhecimentos pré-definidos. Sendo o ser humano inacabado, em constante processo de aprendizado, tanto o educador quanto o educando aprendem nessa relação recíproca e dialógica que deve ser a educação.

O que significa isso? Que assim como o aprendiz de camponês não pode obrigar o cavalo a beber água sem que o mesmo tenha sede, o professor não pode querer que o aluno se interesse pelo conteúdo que trabalha sem que se sinta motivado ou interessado. É preciso partir do ponto de vista do aluno e de seus anseios.

Reforçando a importância do bom senso na educação, Freire (1997, p. 67) afirma que “qualquer discriminação é imoral e lutar contra ela é um dever, por mais que se reconheça a força dos condicionamentos a enfrentar. A boniteza de ser gente se acha, entre outras coisas, nesse dever de brigar.” Aí, então, deve estar presente o bom senso do educador, que precisa saber exercer sua autoridade, respeitando a autonomia, a identidade e dignidade dos educandos com os quais lida diariamente.

O exercício do bom senso, com o qual só temos a ganhar, se faz no “corpo” da curiosidade. Neste sentido, quanto mais pomos em prática de forma metódica a nossa capacidade de indagar, de comparar, de duvidar, de aferir, tanto mais eficazmente curiosos nos podemos tornar e mais crítico se pode fazer o nosso bom senso. O exercício ou a educação do bom senso vai superando o que há nele de instintivo na avaliação que fazemos dos fatos e dos acontecimentos em que nos envolvemos (FREIRE, 1997, p. 69).

Neste sentido é que se destacam, no ambiente educacional, práticas centradas nas habilidades dos alunos como incentivo à participação, como na atitude do educador em posicionamento baseado no bom senso e na ética.

Esse diálogo necessário entre o conhecimento de mundo – como diz Freire –, ou a educação do trabalho – como diz Freinet –, e o saber escolar, reforça a importância de uma educação focada em relações democráticas. E as relações democráticas se fundam em práticas que incentivam a consciência crítica, e não a consciência ingênua.

Especificando as diferenças entre esses dois tipos de consciência, Freire (1983, p. 38) aborda a significação das práticas educativas baseadas na concepção bancária, na qual o professor “ainda é um ser superior que ensina a ignorantes. Isto forma uma consciência bancária. O educando, nessa concepção, recebe passivamente os conhecimentos, tornando-se um depósito do educador. Educa-se

para arquivar o que se deposita”, contrariamente ao que focam Freire e Freinet, quando reforçam a educação pautada no diálogo e na pedagogia da pergunta.

Assim, a ênfase na consciência ingênua, é aquela em que o indivíduo aceita a massificação dos comportamentos: todos precisam agir da mesma forma, satisfazerem-se apenas com as experiências, sem investigações aprofundadas da realidade em qualquer coisa. Nesse tipo de consciência, segundo Freire (1983), o sujeito acredita que a realidade é “estática e não mutável”, julga-se conhecedor de tudo o que é importante, impondo uma verdade baseada em fatos passados e simplistas.

Este tipo de consciência difere totalmente da consciência crítica proposta por Freire. Segundo o que apresenta em *Educação e Mudança*, Freire (1985, p. 38) considera que “o destino do homem deve ser criar e transformar o mundo, sendo o sujeito de sua ação”.

Pensar que acumular conhecimentos transmitidos por outrem sem relação nenhuma com sua própria prática ou experiência, nem sem fomentar mudanças e transformações em sua realidade não é ser crítico, mas é conduzir a educação para a mediocridade.

Diferentemente daquele que têm, segundo os moldes da educação bancária, uma consciência ingênua, o consciente crítico reconhece a mutabilidade da realidade, é curioso, investiga a fundo. É inquieto, sendo considerado “inadaptável” para os moldes bancários.

Assim, a construção da democracia não se dá por um exercício de treinamento feito dentro da escola. É no convívio social, no estabelecimento das relações com o outro, no diálogo e no confronto de ideias que se reconhece os direitos e se aprende a lutar por eles, seja dentro ou fora da escola.

Esse exercício é reforçado em Freire, Gadotti e Guimarães (1995), para quem a pedagogia do diálogo é importante por ter permitido no ensino a ênfase da democratização.

A pedagogia do diálogo contribuiu para a democratização do ensino na medida em que, ao colocar a questão das relações democráticas entre professores e alunos e na própria instituição, pôs em evidência outras relações autoritárias, notadamente as relações burocráticas institucionais e as relações autoritárias, o antidiálogo, que predomina na sociedade classista. Coerente com os seus princípios, a pedagogia do diálogo foi mudando com a sua própria prática (FREIRE, GADOTTI, GUIMARÃES, 1995, pp. 19).

Assim, o diálogo na educação torna-se um instrumento não apenas de interação entre teoria e prática, mas do reconhecimento da necessidade de discussões e reflexões acerca do papel que a educação tem na vida das pessoas e na sociedade.

Isso porque a educação dialógica se transforma em libertadora a partir da pressuposição do outro; é preciso valorizar e reconhecer a relação que estabelecemos com o outro, compreendendo que o ser humano se tornou uma presença no mundo, com mundo e com os outros. Presença que “se pensa a si mesma, que se sabe presença, que intervém, que transforma, que fala do que faz mas também do que sonha, que constata [...]”, como afirma Freire (1997, p. 10).

Em se tratando do papel transformador do diálogo e da sua evolução no que se refere à pedagogia, Wolfdietrich Schmied-korwarzik, corrobora que,

[...] para Freire a característica problematizadora do diálogo e a relação do trabalho educativo com a transformação da sociedade. [...] define a educação como a “experiência basicamente dialética da libertação humana do homem, que pode ser realizada apenas em um, no diálogo crítico entre educador e educando, um momento da experiência dialética total da humanização dos homens (SCHMIED-KOWARZIK, 1983, p. 70).

O papel transformador pensado por Freire para a educação apenas se efetiva através do diálogo. Entretanto, ao constatar a desigualdade desse diálogo entre os sujeitos, permanece a constatação de uma desigualdade social que pode ser vencida ou fortalecida pela educação, dependendo da percepção do que seja educação ou do que seja cidadania para o educador. Quando este defende uma proposta de educação pautada nos moldes da opressão do capital, conduz o trabalho educativo para um processo de transferência “bancária”, hierárquica, extensão de “saberes”, defendendo uma dimensão cultural que transforma o indivíduo em um ser passivo, “acrítico”, adepto da “cultura do silêncio”.

Entretanto, a postura educadora pautada numa práxis dialógica, crítica, é aquela que valoriza a experiência dos alunos e lhes dá embasamento teórico para um questionamento saudável acerca de sua presença e atuação no mundo e na sociedade; essa postura favorece a dialogia entre educação e cidadania.

Acerca dessa postura, Carvalho (2013, p. 21) argumenta que a relação entre “educação e cidadania implica pensar na condição humana, sobretudo compreender

a educação e cidadania com uma questão política enquanto instrumento fundante para emancipação humana.”

Destarte, a transformação da sociedade através da educação apenas acontece se essa mesma educação permitir ao indivíduo se libertar da ignorância, ser capaz de ter voz e vez. Isso significa que educação e cidadania implica numa ação cotidiana e recíproca entre o que é e o que se deve ser.

É válido afirmar que o diálogo inicial se pauta justamente no anseio de uma transformação crítica de uma sociedade enraizada nos moldes do capitalismo, do patriarcalismo, etc, em que se torna comum as pessoas agirem de forma passiva, indiferente, imparcial diante da perda de direitos ou da prevalência de um grupo em detrimento de outros.

Relacionar educação a uma dimensão emancipatória requer a reconstrução de laços atualmente descartados ou esquecidos entre educação e trabalho, visto que a forma como a sociedade vê o trabalho é a mesma forma como a educação é vista. Gutierrez (1982) afirma que:

a dicotomia existente entre “trabalho intelectual e o trabalho manual, entre o homo sapiens e o homo faber, parece ser um dos mais legítimos e perigosos resultados de um sistema escolar que durante muitíssimos anos desconheceu o valor humanizante e formador do trabalho produtivo. [...] A escola serviu a uma sociedade mecanicista e funcionalista contribuiu e contribui para degradar e rebaixar o trabalho, para que ele seja considerado como algo tedioso e, conseqüentemente, executado de maneira rotineira e sem a menor inspiração criadora (GUTIERREZ, 1982, p. 94).

Sem essa relação criadora e prazerosa do ato de estudar e o trabalho, a educação resulta em um processo de transmissão de saberes que não incentiva a ação transformadora da realidade.

A postura apática diante do contexto é algo que está se tornando “natural” no cotidiano atual. Um exemplo de que as pessoas apenas assistem a realidade passar é o comportamento apático da população diante de medidas políticas que retiram direitos sociais; mesmo diante de denúncias que motivariam manifestações populares em diversos outros países, muitos brasileiros permanecem assistindo de camarote às negociatas e manobras políticas que garantem a continuidade de atos corruptos.

Pode-se imaginar que tal apologia nada tem a ver com a discussão sobre educação e cidadania, no entanto, pensar cidadania é pensar numa educação que dê ao sujeito a certeza de poder intervir no seu contexto e de ser capaz de se manifestar, de se fazer ouvir e de reivindicar os direitos que sabe ser seus.

Emir Sader (2005, p. 8), no prefácio à obra “Educação além do capital”, de Mészáros, ressalta que em uma sociedade do capital, “a educação e o trabalho se subordinam a essa dinâmica, da mesma forma que em uma sociedade em que se universalize o trabalho – uma sociedade em que todos se tornem trabalhadores –, somente aí se universalizará a educação”.

O agrupamento que a classe dominante faz em torno de seus próprios interesses busca, entre outras coisas, reforçar a ideia de que a educação seja neutra. Tal neutralidade é a garantia de que os oprimidos continuarão servindo apenas aos interesses dos dominadores. O avanço da ciência assim como a educação, por essência, serve para ajudar a maioria, o que não é de interesse dos dominantes.

Daí a explicação para tantos projetos e mudanças instituídas recentemente no campo da educação e da ciência, todos voltadas para um ensino técnico, com base nos pressupostos da educação bancária, que não têm perspectivas de consciência crítica ou, no caso das pesquisas científicas, cortes no orçamento evitam maiores discussões que possam sensibilizar a sociedade para tais desmandos do capitalismo.

É nesta perspectiva que Freire sempre defendeu a educação enquanto libertadora do oprimido: a interação entre os saberes do mundo e os saberes da escola permite a capacidade criadora e transformadora, podendo servir de trampolim para mudanças sociais que beneficiem muito mais pessoas do que simplesmente os grupos dominantes.

Como afirma Freire, no prefácio a Gutiérrez (1982, p. 9), “não há prática educacional neutra, nem prática política por si mesma. Portanto, o educador deve se perguntar a favor do que e de quem está a serviço; e, por conseguinte, contra o que e contra quem deve lutar [...]”. Esse, para mim, é o principal ponto de discussão que devemos fazer ao abordar a educação enquanto prática libertadora ou cidadã. Assumir que a atitude diária requer correspondência mútua entre o que somos e o que devemos ser.

A esse respeito, Carvalho (2013, p. 22) corrobora que “pensar educação e cidadania implica em pensar na condição humana, produção e relação do mundo da vida. Isto porque a educação cidadã é que produz no ser humano o desejo permanente de ser mais.”

Não há como separar poder e educação, como defendem aqueles que, intencionalmente, utilizam a neutralidade da educação como tática de luta, conforme cita Freire (1985).

Essa diferença entre o poder que serve à dominação (poder-sobre) e o poder que reforça a condição de sujeito (poder-fazer) é de grande importância na apreciação das relações de poder que têm lugar na sociedade, especialmente quando o assunto em pauta é a educação, que é a própria forma pela qual se plasman personalidades humanas (PARO, 2007, p. 46).

A afirmação de Paro (2007) reforça a existência do poder nas relações e no processo educativo, uma vez que esse processo sempre irá pressupor a existência de dois lados: um que pretende modificar comportamentos (no caso, do educador) e outro que se predisporia a ser modificado (o educando).

Essa ideia de condição do sujeito apresentada por Paro (2007) pode ser compreendida por uma concepção de educação e poder baseada na ideia de sujeito livre e que deve ser valorizado numa educação pautada na prática democrática.

Importa dizer também que o poder é o eixo fundamental em toda relação comunicativa, uma vez que se exerce na e através dessas relações.

Desta forma, assumir-se enquanto professor com uma prática pedagógica voltada para um efetivo exercício da cidadania requer reconhecimento da autonomia humana. Para tanto, o professor precisa ter compromisso com a ética, além de ter como valores o respeito ao próximo, humildade e uma preocupação com a sua própria formação.

Nesta dimensão, penso que a educação no espaço escolar deve ser compreendida pelos educadores e educandos como processo de debates, produção, aprendizagem e exercício de cidadania. Porque no espaço da escola cidadã a ação de ensino-aprendizagem deve estar voltada ao compromisso com a formação humana, na dimensão do desenvolvimento da autonomia no pensar e agir criticamente na sociedade. É tarefa do professor representar o mundo diante dos educandos. Diante do processo pedagógico de ensino, aprendizagem e produção do conhecimento, “o gesto do professor vale mais do que a própria nota dez que atribui à minha redação [...]” (CARVALHO, 2013, p. 25).

Assim, a formação não pode ser pautada nos interesses da minoria, pois precisa fomentar a discussão crítica dos professores, ressaltando o papel libertador da educação aos envolvidos, e não para um ou outro segmento.

Essa formação para a autonomia integral, no entanto, independentemente de ser inicial ou continuada, vai estar intimamente ligada ao próprio perfil que o educador tem, caso contrário torna-se uma mera imposição que em nada contribui para a mudança da prática pedagógica.

Um sujeito consciente, segundo Freire (2015, p. 107), é aquele que reconhece e que compreende criticamente a relação do ser humano no e com o mundo.

Nestes termos, a fragmentação na educação não conduz a uma formação cidadã e crítica, porque está pautada em apenas uma dimensão, na maioria das vezes a cognitiva, deixando de lado os aspectos social e cultural, entre outros, o que elimina a possibilidade da conscientização do educando de forma integral, pois exclui sua própria concepção de vida e suas experiências.

Martins (2014), ao discorrer sobre autonomia, afirma que:

[...] ao distinguimos a gestão do ensino, o centro mobilizador do processo é o professor, da gestão da aprendizagem, ação realizada pelo aprendente com a participação dos agentes educacionais que colaboram, para que, tanto a capacidade de autocontrole seja desenvolvida pelo aprendente quanto para que a sua autonomia seja construída (MARTINS, 2014, p. 95).

Essa questão da construção da autonomia citada por Martins como oriunda da participação tanto do educando quanto do educador, reflete justamente o que já foi dito aqui anteriormente: apenas a oportunidade de se tomar decisões através das experiências vividas é que permite a construção da autonomia ou, como declara Freire (1987), ninguém é autônomo primeiro para depois decidir.

Sendo o processo de autonomia um processo do que devemos ser, algo que se constrói a partir da relação dialógica de nós com o outro, com o mundo, é impossível pensar numa educação que promova a autonomia do sujeito sem que a formação seja pensada de forma integral. É preciso deixar de lado o pensamento fragmentado e conceber a educação pautada na pedagogia da autonomia, a qual está centrada em experiências que estimulem decisões e responsabilidades, promovendo a liberdade do sujeito no seu processo de amadurecimento (FREIRE, 1997).

A concepção de cidadania defendida nessa pesquisa vai além da que muitas pessoas têm, de que ser cidadão é ter o direito de votar, como descreve Covre (2002).

Para essa autora, o simples ato de votar não significa ser cidadão, quando a partir do voto o sujeito não tem acesso às condições específicas de cidadania, sendo elas relacionadas aos direitos e deveres sociais:

[...] a proposta mais funda de cidadania é a de que todos os homens são iguais ainda que perante a lei, sem discriminação de raça, credo ou cor. E ainda: a todos cabe o domínio sobre seu corpo e sua vida, o acesso a um salário condizente para promover a própria vida, o direito à educação, à saúde, à habitação, ao lazer. E mais: é direito de todos poder expressar-se livremente, militar em partidos políticos e sindicatos, fomentar movimentos

sociais, lutar por seus valores. Enfim, direito de ter uma vida digna de ser homem. Isso tudo diz mais respeito aos direitos do cidadão. Ele também deve ter deveres: ser o próprio fomentador da existência dos direitos a todos, ter responsabilidade em conjunto pela coletividade, cumprir as normas e propostas elaboradas e decididas coletivamente (...) (COVRE, 2002, p. 9).

Nessa concepção, pensar em compreender cidadania requer relacionar os direitos e deveres, os quais somente se efetivam a partir da luta e da prática de reivindicação. O sujeito cidadão é aquele que sabe dos seus direitos e luta para tê-los efetivados. A escolha por essa postura cidadã resulta da autonomia que esse sujeito tem de reconhecer e lutar por seus direitos.

Melônio (2012, p. 91) afirma que o projeto emancipatório iluminista, baseado na Razão e na Ciência, “foi deformado pelo processo histórico guiado pelo capitalismo. Ao invés de esclarecer e emancipar, a razão instrumental obscureceu nossa visão sobre a realidade e produziu o contrário da emancipação, a saber, a barbárie”.

A partir da relação dialética que permeia escola e sociedade, não é possível pensar o ensino sem definir qual o papel que a instituição escolar ocupa nessa relação: ambas se influenciam e se transformam. No entanto, o tipo de transformação que rege tal relação é que define a abordagem crítica e cidadã da escola. Isso significa que não se pode ignorar as influências dos aspectos externos à escola, o que coloca justamente por terra a defesa dos princípios de objetividade e neutralidade inspirados no Positivismo e na Ciência moderna.

Assim, as instituições de ensino não ficam à margem do processo de deformação da razão e da emancipação, pelo contrário, elas têm também um papel muito importante na construção e efetivação do obscurecimento da razão. Contudo, pensando a partir da Teoria Crítica da Escola de Frankfurt, as escolas poderão tanto obstaculizar a emancipação quanto ser um instrumento para a sua realização, se analisarmos a questão numa perspectiva dialética (DE PAULA, 2016, p. 92)

Nestes termos, com base nas teorias críticas, tal como assumo com Freire, é importante que o educador tenha definido que tipo de educação pretende ofertar ao educando, seja ele criança, jovem ou adulto.

Essa concepção é que definirá se a escola adotará práticas pedagógicas condizentes com a emancipação do educando, favorecendo sua formação enquanto um sujeito livre e autônomo. A partir de tal definição, surge um questionamento: o que é educação? Brandão (2007) comenta o seguinte sobre educação:

Existe a educação de cada categoria de sujeitos de um povo; ela existe em cada povo, ou entre povos que se encontram. Existe entre povos que submetem e dominam outros povos, usando a educação como um recurso a mais da sua dominância. Da família à comunidade, a educação existe difusa em todos os mundos sociais, entre as incontáveis práticas dos mistérios do aprender; primeiro, sem classes de alunos, sem livros e sem professores especialistas; mais adiante com escolas, salas, professores e métodos pedagógicos (BRANDÃO, 2007, p. 10)

Pode-se, então, dizer que a educação é uma representação do modo de vida de determinados grupos ou sociedades. No entanto, Brandão reafirma o que tantos outros já disseram acerca da relação entre educação e sociedade ou grupos sociais: qualquer que seja o grupo social em que a educação é ofertada, e mesmo havendo uma hierarquia no mesmo, é impossível deixar de lado a liberdade na educação.

Os saberes trazidos das experiências e vivências do educando também interferem e contribuem na sua formação escolar. Sendo assim, esses saberes precisam ser valorizados e reaproveitados pela escola.

Freinet endossa a ideia de que “o estudo do entorno só faz sentido realmente quando há também um esforço para agir sobre ele e transformá-lo”, como afirma Legrand (2010, p. 15).

As dimensões que complementam a proposta de educação de Freinet se voltam para o desejo de compartilhamento das experiências individuais que os alunos possuem, o que justifica a importância do texto livre e do jornal no ambiente escolar enquanto instrumento de comunicação e socialização não apenas entre os membros do ambiente escolar, mas de todo o entorno.

A comunicação, que equivale à socialização, torna-se instrumento por excelência do acesso à escrita. O desejo de comunicar transformará o estudo do entorno em observação meticulosa, com a finalidade de transmitir algo a pessoas estranhas àquele entorno. Além disso, identifica-se e cria-se o meio técnico capaz de viabilizar essa comunicação, vale dizer, a imprensa escolar e a linogravura. Estudo do entorno, imprensa, jornal e correspondência escolares tornar-se-ão instrumentos primordiais de uma revolução pedagógica (LEGRAND, 2010, p. 16).

Uma vez que a concepção de cidadania perpassa pelo reconhecimento dos direitos e deveres que o sujeito tem em relação a si e aos outros, embasar a concepção de educação conforme os preceitos de Freire e Freinet é reconhecer a necessidade de uma educação pautada no diálogo entre seus elementos, valorizando a comunicação entre educador-educando e a inter-relação de ambos com o mundo, conduzindo para um processo emancipatório.

Eis o porquê da abordagem teórica apresentada aqui ter suas raízes em Paulo Freire e Célestin Freinet quando se refere à educação cidadã e comunicação: ambos reforçaram em suas obras a necessidade da educação se estabelecer de forma crítica e reflexiva, embasada na proposta de emancipação do sujeito como ser autônomo.

Daí a relação dessa proposta de educação cidadã com a proposta que relaciona educação e comunicação, visto que ambas têm suas práticas direcionadas para a aquisição do conhecimento enquanto fomentador da autonomia e do protagonismo.

V PEDAGOGIA DA COMUNICAÇÃO E ESPAÇOS COMUNICATIVOS NO AMBIENTE ESCOLAR

Discorre sobre a dimensão de intervenção do Educomunicação, destacando a Pedagogia da Comunicação. É feita ainda uma ambientação acerca da Reforma no Ensino Médio, discorrendo também sobre essa proposta e a concepção de cidadania defendida pelo projeto Educomunicação.

5.1 EDUCOMUNICAÇÃO: CONCEITO E INTERVENÇÕES PRÁTICAS

A proposta pressupõe que a educação seja carregada de racionalidade, que significa negar ao jovem estudante e trabalhador a “capacidade de agir politicamente em defesa dos seus interesses em detrimento dos interesses da burguesia”, como afirmam Buffa, Arroyo e Nosella (1987, p. 46).

Assim, instituir uma única diretriz curricular para o país é tentar anular a possibilidade de diálogo na educação enquanto libertação, uma vez que a libertação só acontece quando se tem consciência do poder que o conhecimento traz.

É nessa perspectiva de liberdade que trabalho neste texto, defendendo uma cidadania que tenha como dimensão central a socialização e a participação no poder; uma cidadania que oportunize ao oprimido se reconhecer enquanto oprimido e lutar para deixar de sê-lo.

Tal perspectiva integra a prática educadora justamente porque tem como premissa a concepção de Freire (1983, p. 7), para quem o conhecimento “exige uma presença curiosa do sujeito em face do mundo. Requer sua ação transformadora sobre a realidade. Demanda uma busca constante. Implica invenção e reinvenção”.

Neste estudo de caso, o objeto de pesquisa está relacionado à Pedagogia da Comunicação enquanto intervenção adotada para a educomunicação.

Desta forma, me atenho à compreensão mais detalhada apenas dessa modalidade, a fim de relacionar sua intervenção no projeto educomunicação da escola estadual Antonio Ferreira Sobrinho.

De acordo com Almeida (2016), a pedagogia da comunicação consiste em

promover a construção de conhecimento por meio da comunicação dialógica e da relação entre as pessoas, utilizando estratégias que impulsionem a interação em uma comunidade de aprendizagem, incentivando a participação de todos. É também comunicar-se bem, usando recursos que facilitem a compreensão dos assuntos em pauta (ALMEIDA, 2016, p. 21).

Essa área de intervenção da educomunicação pressupõe do mediador da aprendizagem uma postura responsável e comprometida, além de domínio de conteúdo e sintonia com os participantes.

Segundo Soares e Almeida (2012, p. 123), no ambiente educacional, “a pedagogia da comunicação relaciona-se a procedimentos que qualificam a aprendizagem, criando condições de alteração – para melhor – da própria prática pedagógica”.

Trata-se, então, de uma área que busca pensar o ensino escolar como um todo, principalmente através de projetos que despertem a comunidade para novas ações.

Kaplún (1992, p. 78), acerca da pedagogia da comunicação, afirma que a “apropriação do conhecimento pelos alunos se catalisa quando eles são instituídos e potencializados como emissores. Seu processo de aprendizagem é favorecido e incrementado pela realização de produtos comunicáveis e efetivamente comunicados”

Repensar o currículo, principalmente na modalidade do ensino médio, implica estabelecer uma relação entre educação e mídia diante das mudanças sociais, econômicas e políticas ocorridas nos últimos anos. Implica também, como pressupõe Soares (2011, p. 48), “ampliar a compreensão do educando, bem como suas competências de análise crítica da realidade”.

Uma proposta de mudança educacional é a meta 3.1 do Plano Nacional de Educação, a qual sugere uma renovação do Ensino Médio, tendo como objetivo “incentivar práticas pedagógicas com abordagens interdisciplinares estruturadas pela relação entre teoria e prática, por meio de currículos escolares que organizem, de maneira flexível e diversificada”. (BRASIL, 2017)

Nesta perspectiva de transformação, a educomunicação contribui para que as escolas “formem pessoas com capacidade de aprendizagem e adaptação constante, com autonomia intelectual e emocional, com habilidades diversificadas e flexíveis, além de sólido sentido ético e social”, como afirma Soares (2011, p. 48).

5.2 EDUCOMUNICAÇÃO COMO ESTRATÉGIA DE FORMAÇÃO CIDADÃ

Como estou tratando nessa pesquisa da relação entre educação e comunicação, ressaltando a intervenção do Projeto Educomunicação na formação cidadã dos educandos de Ensino Médio, antes de apresentar uma fundamentação teórica que trata da relação educação e comunicação, procuro resgatar a abordagem teórica que fundamenta a prática desse projeto para melhor compreendê-lo.

Eis que nesse item procuro inter-relacionar os fundamentos do projeto Educomunicação com os pressupostos que direcionam a prática educativa cidadã, enfatizando a contribuição de Paulo Freire e de Célestin Freinet na concepção da educação como comunicação, principalmente na utilização de instrumentos educacionais como o jornal e o rádio no ambiente escolar.

Nestes termos, enfatizo que a fundamentação do termo Educomunicação empregada nessa pesquisa está relacionada ao compromisso de colocar a escola na rota da emancipação cidadã, ou seja, como pressupõe Citelli (2014):

[...] a alfabetização midiática, a educação para a mídia, e tantas outras formas de pensar as relações entre salas de aula e comunicação, fazem sentido quando integradas em um projeto de ensino-aprendizagem que diga respeito à superação das anomias e das desvinculações entre atos formativos e integração à cidadania (CITELLI, 2014, p. 15-16).

Essa integração apenas ocorre quando se efetiva a transição de um conhecimento regulado para um conhecimento emancipatório, libertador. E é justamente essa percepção que temos da presença da comunicação e suas mídias no ambiente escolar: a de estratégia para a formação crítica dos jovens e provedora de instrumentos que permitam o diálogo constante no ambiente escolar.

Para Freire (1985, p. 44), o ser humano, “desafiado pela natureza, a transforma com seu trabalho; e que o resultado desta transformação, que se separa do homem, constitui seu mundo.”

Assim, em “Extensão ou Comunicação”, em que Freire utiliza como exemplo a “formação” que camponeses recebem de alguns agrônomos, pautada na extensão de saberes, sem que haja a relação e coparticipação dos mesmos para a compreensão do conhecimento técnico, podemos compreender que a comunicação no ambiente escolar somente será efetiva quando permitir que o aluno compreenda a

significação do objeto de estudo, caso contrário, a comunicação se torna inviável devido à falta de compreensão.

É o que ocorre quando o educador se limita a apenas repassar listas de conteúdos pré-selecionados nos livros didáticos, de forma isolada da realidade e do conhecimento de mundo que o aluno tem. Não está havendo comunicação, mas apenas a extensão de um saber inútil. Seria o mesmo que dizer aos educandos que um inteiro é igual a oito oitavos sem relacionar um exemplo prático, como o de uma pizza inteira dividida para oito alunos. Talvez nessa exemplificação o educando compreenda o conceito de fração porque tem uma significação vivenciada da mesma situação.

A relação de Paulo Freire com a proposta educ comunicativa se dá justamente em sua defesa do diálogo enquanto comunicação, uma vez que, para Freire (1979, p. 8, é necessário “atuar sobre a realidade social para transformá-la, ação que é interação, comunicação, diálogo”:

Aqueles que estão “conscientizados” apoderam-se de sua própria situação, inserem-se nela para transformá-la, ao menos com seu projeto e com seus esforços. Portanto, a conscientização não pode pretender nenhuma “neutralidade”. Como consequência que é da educação, demonstra que esta também não poderia ser neutra, porque se apresenta sempre, queiramos ou não, como “a forma própria de uma ação do homem sobre o mundo” (FREIRE, 1979, p. 40).

Sendo o diálogo sinônimo da comunicação, Freire propõe que a escola se efetive como espaço de múltiplas mediações, descartando as práticas que enfatizam modelos pedagógicos “unidirecionais e unicentrados”, muitas vezes representados pela figura do professor ou de outra autoridade escolar. A proposta de inserção da comunicação na educação formal possibilita a articulação de duas dimensões, como cita Citelli (2012, p. 41) “como elemento de aproximação do jovem, naturalmente envolvido com videotecnologias, a internet, os videojogos, as redes sociais, e como objeto de análise e instância para descoberta dos mecanismos de produção midiática”.

É importante ressaltar a menção que Freire (1987, p. 68) faz à presença do trabalho com as mídias no ambiente escolar, destacando a análise dos conteúdos midiáticos como uma estratégia de formação crítica, a fim de auxiliar o leitor a perceber sua intencionalidade.

Outro recurso didático, dentre uma visão problematizadora da educação e não “bancária”, seria a leitura e a discussão de artigos de revistas, de jornais, de livros começando-se por trechos. Como nas entrevistas gravadas, aqui também, antes de iniciar a leitura de artigo ou do capítulo do livro sealaria de seu autor. Em seguida, se realizaria o debate em torno do conteúdo da leitura. Na linha do emprego destes recursos, parece-nos indispensável a análise do conteúdo dos editoriais da imprensa, a propósito de um mesmo acontecimento. Por que razão os jornais se manifestam de forma diferente sobre um mesmo fato? Que o povo então desenvolva o seu espírito crítico para que, ao ler jornais ou ao ouvir o noticiário das emissoras de rádio, o faça não como mero paciente, como objeto dos “comunicados” que lhes prescrevem, mas como uma consciência que precisa libertar-se (FREIRE, 1987, p. 68).

Assim, pensar as mídias como instrumentos de discussão e reflexão para a população é promover conscientização crítica aos alunos para que sejam capazes de se expressar e atuar não só na própria aprendizagem, mas também de intervir na transformação na sociedade.

Bordenave (2011, p. 79), fala que a Declaração dos Direitos Humanos, que garante a comunicação e participação como direitos fundamentais dos seres humanos, endossa que lutar para democratizar a comunicação significa lutar também por uma democracia participativa, o que implica numa ação cidadã.

De acordo com Romão (2016), a cidadania pode ser entendida em várias subcategorias:

política (a relação com o Estado); econômica (referente ao trabalho e ao mercado); social (está relacionada ao bem-estar mínimo, como educação, saúde, transporte, esporte, habitação); cultural (relação entre Estado e cidadão e entre cidadão-cidadão). A última das subcategorias é a cidadania comunicativa, que diz respeito a algo maior do que o reconhecimento do direito ao simples acesso à informação. Ela refere-se a um contexto amplo de recepção, produção, emissão diante das novas telas e caracterizado pela nova condição da comunicação digital, da internet e de toda a reorganização social que representam (ROMÃO, 2016, p. 4).

Desta forma, a comunicação está entrelaçada à participação, que surge de uma curiosidade natural da leitura de mundo crítica, como pressupõe Freire (2000).

Portanto, em várias de suas obras, Freire destaca a importância de se fazer uma leitura crítica dos instrumentos de comunicação, a fim de promover não só a conscientização a partir da educação, mas a libertação da condição de oprimido e a promoção da autonomia do educando para que o mesmo se reconheça como unidade de conhecimento e também responsável pela construção do saber.

Também ressaltando o trabalho de instrumentos de comunicação no ambiente escolar, Freinet (1974) descreve a técnica de utilizar o jornal em sala de aula enquanto

meio de promover a criatividade entre as crianças, as quais fazem uso do jornal para expressarem-se livremente.

Se numa aula a redação não serve senão para ser corrigida e classificada pelo professor, se este está persuadido de que a criança não sabe pensar pela sua cabeça nem é capaz de criar e que precisa de se alimentar das riquezas do professor, este receberá sempre “os deveres” mas nunca terá “obras” suscetíveis de serem o testemunho de uma personalidade. Não é com redações clássicas, mesmo perfeitas, que um professor poderá manter vivo um jornal escolar. Nas nossas classes, a criança conta primeiro e, mais tarde, escreve livremente aquilo que sente necessidade de exprimir, de exteriorizar, de comunicar aos que com ela convivem ou aos seus correspondentes. Não escreve uma coisa qualquer. A “espontaneidade” que tem sido tão discutida, não deve ser para nós uma fórmula pedagógica. A criança exprime-se inserida num contexto que nos cabe tornar o mais educativo possível, com objetivos que devemos englobar nas nossas técnicas de vida (FREINET, 1974, p. 12).

Nestes termos, a presença de instrumentos comunicativos no ambiente escolar, como por exemplo o jornal, reforça a intervenção do pensamento de Freinet na efetivação da prática educomunicativa, visto que sua iniciativa de trazer para dentro da escola a imprensa como um recurso educativo permitiu não apenas o trabalho com leitura e escrita com seus alunos, mas a instituição de uma comunicação participativa, criativa e espontânea, capaz de permitir a expressividade das crianças e, desta forma, promover transformações tanto na escola quanto na comunidade.

Para Freinet (1974), a criança sente a necessidade de escrever, exatamente porque sabe que “seu texto, se for escolhido, será publicado no jornal escolar e lido por seus pais e pelos correspondentes; por isso sente a necessidade de expandir o seu pensamento por meio de uma expressão que constitui a sua exaltação” (p. 48).

Sua técnica de trabalho com o jornal se baseia justamente no método natural, ou seja, a escrita livre, sem pressões ou preocupações com regras gramaticais ou estruturas técnicas. O simples fato de exigir uma organização contínua para que produza o jornal, desde dar a vida ao texto mentalmente, depois a escrita, o aperfeiçoamento coletivo, a composição, etc., já promove um aprendizado ao estudante, possibilitando-lhe, através do jornal escolar, motivação ideal do “nosso método de expressão livre, é o melhor exercício de redação, de ortografia e de gramática vivos” (FREINET, 1974).

Sendo a Educomunicação uma prática que se baseia na transformação a partir da presença das mídias comunicativas no ambiente escolar, possibilitando que

os educandos se comuniquem entre si e com os demais de uma forma dialógica, ela se torna um procedimento para que a escola eduque para a vida.

A proposta da linguagem radiofônica no ambiente escolar, entre outras, tem sua justificativa teórica nessa dialogia presente na comunicação. Daí a importância dos meios de comunicação como rádio e jornal, além das mídias digitais, como redes sociais, páginas de compartilhamento, como blogs, flogs, entre outras. Freire (1985) apresenta o exemplo de rádio como um meio de comunicação que diminui a distância entre as pessoas, e que, apesar da promoção de uma proximidade entre campo e urbano.

Nesta exemplificação, o autor enfatiza o valor do diálogo e dos aspectos particulares de cada envolvido no processo de comunicação.

Assim, a presença de meios de comunicação como o rádio, apenas será um instrumento para a educação democrática se promover o diálogo entre as partes, provocar mudanças significativas no processo de aquisição do conhecimento, respeitando e valorizando a “essência” de cada interlocutor.

Segundo Consani (2012, p. 83), a rádio é uma mídia sonora que “articula e integra diversos sistemas sgnicos, quais sejam os códigos verbal, sonoro e musical. Tais componentes, na configuração da mensagem radiofônica, perdem sua unidade isolada e só podem ser observados e compreendidos atuando em conjunto”. Sendo o discurso, no caso do rádio, ordenado pelo tempo, há uma articulação simultânea entre esses elementos – sonoros + musicais + verbais – os quais foram uma espécie de mosaico acústico.

Pensar essa interação voltada para o ambiente escolar requer que haja abordagens baseadas em diferentes concepções quando o assunto é a relação entre educação e comunicação.

Ainda que, na maioria das experiências, os equipamentos de uso da linguagem radiofônica no ambiente escolar não sejam qualitativamente comparáveis aos de uma rádio profissional e/ou comercial, a contribuição dessa mídia para a educação não se refere à qualidade do som ou dos equipamentos sonoros, mas às experiências de aprendizagem voltadas à verbalização, à interação, à comunicação em si, à reflexão e à produção escrita.

Consequentemente, a presença dessas perspectivas no âmbito escolar, através do uso da linguagem radiofônica, promove a interação dos preceitos midiáticos e tecnológicos com os educativos.

Além disso, pode-se dizer que incentiva também o desenvolvimento de uma inter-relação da comunidade escolar com os aspectos culturais que permeiam a realidade dos educandos, visto que é impossível conceber a contribuição deles nas atividades voltadas para a rádio educativa sem que se percebam as raízes culturais que formam tais sujeitos.

Essa percepção apenas se efetivará se a proposta de rádio escolar tiver como ponto de partida a concepção crítica e reflexão, promovendo a conscientização acerca da mídia que temos e a que podemos fazer. Baltar (2012) endossa que é preciso que haja uma mídia da escola que se configure como

[...] decorrência de atividades significativas de linguagem, em que os sujeitos envolvidos em sua construção (estudantes, professores, pais e funcionários) possam agir como atores capazes e responsáveis, decidindo como e, sobretudo, o que querem comunicar (BAL TAR, 2012, p. 35).

Tal afirmação tem como base a ideia de um trabalho com a rádio escola que seja capaz de conduzir à transformação da comunidade escolar, a partir de discussões que incentivem o protagonismo dessa comunidade, através de ações críticas, criativas e conscientes.

Isso significa que as atividades da mídia rádio no ambiente escolar, enquanto representação do protagonismo dessa comunidade, apenas será efetiva se promover a valorização de sua própria realidade, suas aptidões, anseios e dificuldades, estando presente nas ações e discussões desenvolvidas e promovidas pela comunicação midiática. A concepção de rádio escolar apresentada por Baltar (2012) é a seguinte:

As rádios escolares caracterizam-se por serem instrumentos de interação sociodiscursiva entre os membros da comunidade escolar. Frutos de projetos de letramento, elas podem funcionar como recurso de ensinagem de conteúdos: conceituais, procedimentais e atitudinais, que visam ao desenvolvimento e à aprendizagem dos estudantes, articulando as atividades didático-pedagógicas da escola. A concepção e a execução dos programas da rádio escolar são de responsabilidade dos estudantes e dos professores, podendo sua coordenação ficar a cargo de um professor (ou professores) ou de líderes estudantis (BAL TAR, 2012, p. 39).

Desta forma, as atividades realizadas na rádio escolar irão depender do perfil adotado pelo(s) educador(es) responsável(is) e pelos educandos colaboradores, assim como da concepção de educação e comunicação que a comunidade escolar possui. Essa concepção, para Freire (1997), é percebida pelo exemplo prático:

Assim como não posso ser professor sem me achar capacitado para ensinar certo e bem os conteúdos de minha disciplina, não posso, por outro lado, reduzir minha prática docente ao puro ensino daqueles conteúdos. Esse é um momento apenas de minha atividade pedagógica. Tão importante quanto ele, o ensino dos conteúdos, é o meu testemunho ético ao ensiná-lo (FREIRE, 1997, p. 103).

Assim sendo, é a concepção ética de educação dos envolvidos que irá definir o perfil editorial, o formato dos programas apresentados e, conseqüentemente, demonstrar o conhecimento de mundo que têm os sujeitos envolvidos.

É importante destacar que as atividades da rádio escolar, conforme projeto (Ver anexo A, p. 157), se restringem aos limites da escola, o que não impede que suas ações transformem a comunidade escolar.

Já no tocante ao trabalho com o jornal, Faria (2007, p. 46) corrobora que a presença do texto jornalístico no ambiente escolar pode ajudar o educando na compreensão dos gêneros textuais, principalmente quando transita entre o texto descritivo (como a fofoca) e passa para o dissertativo, em que precisará sustentar sua opinião através de argumentos convincentes e sustentadores: “a estrutura jornalística contribui por oferecer aparato de apoio ao aluno em seu amadurecimento crítico e também serve como instrumento auxiliar no desenvolvimento do texto argumentativo.”

O trabalho com o texto jornalístico, não apenas nas aulas de Língua Portuguesa, mas em todas as disciplinas, seria uma forma de promover a leitura, análise e interpretação, além da produção escrita, com os educandos, de forma a incentivar tanto a diferenciação dos tipos de textos e suas intervenções, mas a própria criatividade e reflexão crítica, principalmente quando do processo de argumentação.

A importância da reflexão crítica através da leitura e escrita torna a experiência de produção jornalística na educação um viés para a formação cidadã, visto que o acesso a notícia, bem como a análise e reflexão de diversos pontos de vista, permitem que o aluno se posicione como protagonista de sua educação no processo de aprendizagem, definindo seu posicionamento e defendendo-o.

Freinet defende, tanto em *Educação para o trabalho* (2002) quanto em *Educação do Bom Senso* (2004), que a educação precisa estar pautada na simplicidade e naturalidade com que constituímos nossa própria existência. Ele ressalta em todos os exemplos da prática pedagógica a relação do trabalho com a natureza, enfatizando que o processo de aprendizagem deve ser tão prazeroso e envolvente como um dia de brincadeira na relva ou no campo.

Como exemplo de práticas que promovam a valorização do saber do educando, Freinet propõe a presença do jornal na escola como sendo um instrumento de comunicação que contribui na relação entre a concepção de mundo que a criança tem e o mundo real.

Para isso, nenhuma técnica conseguirá prepará-lo melhor do que aquela que incita as crianças a se exprimirem pela palavra, pela escrita, pelo desenho e pela gravura. O jornal escolar contribuirá para a harmonização do meio, que permanece um fator decisivo da educação. O trabalho desejado, a que nos entregamos totalmente e que proporciona as alegrias mais exaltantes, fará o resto (FREINET, 2004, p. 25).

Nestes termos, a ideia de harmonizar o meio através da comunicação que o jornal escolar permite, é defendida por Freinet como uma forma de trabalho que por si só contribui na formação dos estudantes, os quais estarão envolvidos em uma prática dinâmica e interessante, fonte não apenas de conhecimento, mas de alegrias.

Mas essa alegria ao executar o trabalho de produção do jornal apenas se efetivará se houver interesse por parte dos envolvidos. Através de paráfrase, Freinet estabelece uma relação entre o trabalho e a educação, explicando que ambas podem ser atividades feitas por prazer ou por obrigação, dependendo apenas da abordagem dada na prática.

É isso; um mesmo trabalho pode ser obrigação ou liberação. Não é uma questão de novidade, mas de iluminação e de fecundidade. Você conhece a história de "descascar batatas", no regimento? Há uma arte — de que a Escola fez uma tradição — para funcionar o mais lentamente possível, sem no entanto se deixar de trabalhar. É stakanovismo ao contrário. E, quando se trata de pegar a vassoura para varrer as cascas das batatas, é pior ainda: todos os homens são manetas. Às vezes é o próprio cabo que tem de se encarregar da tarefa. O soldado sai de licença e vai ver a mulher. Fazer a sopa, descascar as batatas, até varrer, tudo isso se transforma em prazer de que ele reclama o privilégio. A tarefa da manhã transformou-se numa recompensa! Acontece o mesmo na escola, onde certos trabalhos gastos pela tradição serão, amanhã, procurados como atividades novas que você julgará exclusivas. Não procure a novidade; a própria mecânica mais aperfeiçoada chega a cansar, se não atender às necessidades profundas do indivíduo. No número cada vez maior de atividades que lhe são oferecidas, escolha primeiro as que iluminam sua vida, as que dão sede de desenvolvimento e de conhecimentos, as que fazem brilhar o sol. Edite um jornal para praticar a correspondência, recolha e classifique documentos, organize a experiência tateante que será a primeira fase da cultura científica. Deixe desabrochar os botões de flores, mesmo que às vezes o orvalho os molhe. Tudo o mais lhe será dado por acréscimo (FREINET, 2004, p. 28).

Ao comparar certos trabalhos escolares com atividades tradicionais impostas de forma obrigatória (como o soldado que é obrigado a descascar batatas), que podem

ser transformadas em novidades posteriormente, Freinet demonstra que é a forma como trabalhamos que faz desabrochar o interesse dos educandos e, conseqüentemente, seu envolvimento e produtividade.

O emprego do jornal surge aí como uma proposta de iluminação da prática pedagógica, por permitir a prática comunicativa e a experiência de troca de conhecimentos.

VI JORNAL E RÁDIO COMO INSTRUMENTOS DE EDUCAÇÃO CIDADÃ: A EDUCOMUNICAÇÃO NA ESCOLA ESTADUAL ANTONIO FERREIRA SOBRINHO, JACIARA – MT.

À luz das abordagens e fundamentos teóricos apresentados até aqui acerca do Projeto Educomunicação, ou seja, da relação entre comunicação e educação, pretendo nesse capítulo apresentar como está concebido o Projeto Educomunicação na Escola Estadual Antonio Ferreira Sobrinho em Jaciara-MT, apresentando neste item os dados coletados na primeira etapa da pesquisa de campo, ou seja, na observação direta.

Assim, no período de observação que deu início à coleta de dados, realizado entre dezembro de 2016 e abril de 2017, foi possível acompanhar os passos que direcionam anualmente a continuidade do projeto na escola.

Segundo o relatório da observação, em virtude de ter havido greve na unidade escolar no ano de 2016, o término do ano letivo ocorreu apenas em 31 de janeiro. Desta forma, todas as atividades que geralmente são feitas no final do ano foram feitas nesse período, entre elas, o envio do projeto anual do Educomunicação para o setor de projetos educativos da SEDUC-MT.

Desta forma, acompanhei o desenvolvimento do projeto escrito, bem como a definição das ações a serem realizadas pelo Projeto Educomunicação no ano de 2017.

Segundo o que foi observado no início do ano letivo, logo na primeira semana de aula, a professora responsável pelo Educomunicação começou a desenvolver algumas das atividades descritas no cronograma.

Lotada com carga horária de 10 horas semanais destinadas apenas ao Projeto, a professora visitou todas as salas de aulas, nos três períodos de funcionamento, conversando sobre a educomunicação com os alunos e convidando-os para contribuírem com o mesmo, conforme as habilidades e interesse de cada um.

Os interessados preencheram uma ficha, marcando suas habilidades. A partir daí, a professora educadora distribuiu os alunos em determinadas funções, analisando as habilidades apresentadas. Essa distribuição foi feita em forma de tabelas, conforme a mídia para qual cada um se inscreveu. A primeira, a seguir, demonstra a organização dos alunos conforme a habilidades voltadas para os trabalhos com a rádio-escola.

Tabela 3: Colaboradores da rádio escolar - 2017

N	NOME	SÉRIE TURMA	PERÍODO	FUNÇÃO
01	VALDIR MACHADO	1º A	MATUTINO	SONOPLASTA
02	DIOGO WALACE MAFORTE	1º A	MATUTINO	PLAYLIST
03	MÁRIO MARCIO SMOLSKI	1º A EMIEP	MATUTINO	LOCUTOR REPÓRTER
04	GUILHERME GERÔNIMO	1º A EMIEP	MATUTINO	SONOPLASTA LOCUTOR
05	MATHEUS VINÍCUS ALVES DE MORA	1º C	MATUTINO	SONOPLASTIA PLAYLIST
06	ERIC GUSTAVO S. MOREIRA	1º C	MATUTINO	SONOPLASTIA
07	FELIPE ALVES AMARO DA SILVA	1º C	MATUTINO	LOCUTOR CANTOR
08	ISADORA REGINA DOS REIS	1º E	MATUTINO	LOCUÇÃO REPÓRTER
09	BRUNO ANTONIO O. VENÂNCIO	1º E	MATUTINO	PLAYLIST
10	CAROLINE NASCIMENTO SILVA	2º A	MATUTINO	LOCUTORA
11	GEMÉCIA	2º A	MATUTINO	LOCUÇÃO
12	JOSÉ HUGO KLESSY AGUIAR	2º A EMIEP	MATUTINO	*REPÓRTER *PLAYLIST
13	ÉRICA BARBOSA DA SILVA ANDRADE	2º B	MATUTINO	LOCUÇÃO SONOPLASTIA
14	RANIQUELI GOMES MACARIN	2º C	MATUTINO	LOCUÇÃO SONOPLASTIA
15	ISABELY LARISSA	2º C	MATUTINO	LOCUÇÃO PLAYLIST
16	DOUGLAS GABRIEL MELO DA SILVA	3º A	MATUTINO	SONOPLASTA
17	ANDRÉ GNOATTO	3º A EMIEP	MATUTINO	SONOPLASTIA
18	GABRIEL SULZBAHER	3º A EMIEP	MATUTINO	LOCUTOR
19	GUILHERME FREITAS	3º A EMIEP	MATUTINO	LOCUTOR
20	GUILHERME LIMA	3º A EMIEP	MATUTINO	REPÓRTER SONOPLASTA
21	MICAELA RODRIGUES TEIXEIRA	3º A EMIEP	MATUTINO	LOCUTORA
22	THIAGO CARDOSO	3º A EMIEP	MATUTINO	FOTÓGRAFO REPÓRTER
23	JONATHAN BORGES LIMA	2º G	NOTURNO	LOCUÇÃO FOTÓGRAFO
24	KELSON	2º G	NOTURNO	PLAYLIST
25	KARLA		NOTURNO	LOCUÇÃO
26	SAMUEL ALEXANDRE ROELSE	2º G	NOTURNO	LOCUÇÃO REPÓRTER
27	LUDIMILA	2º G	NOTURNO	PLAYLIST
28	WILLIAN V. DOS SANTOS	3º	NOTURNO	SONOPLASTA
29	MAXSUEL		NOTURNO	
30	MARCO		NOTURNO	
31	EDUARDA CRUZ ABREU	1º B EMIEP	VESPERTINO	PLAYLIST SONOPLASTA
32	GABRIEL SILVA SOARES	1º B EMIEP	VESPERTINO	SONOPLASTIA
33	JOÃO RAFAEL DOS SANTOS CARAPIÁ	1º B EMIEP	VESPERTINO	SONOPLASTIA

34	RICARDO SILVEIRA VELA ALENCAR	1º B EMIEP	VESPERTINO	SONOPLASTIA
35	ROSILENE FERREIRA DA COSTA	1º B EMIEP	VESPERTINO	SONOPLASTIA
36	ADRIAN SILVA TEIXEIRA	2º D	VESPERTINO	SONOPLASTIA
37	ANDREZA GOMES BONIFÁCIO	2º E	VESPERTINO	PLAYLIST
38	CEZAR AUGUSTO MOSER	2º E	VESPERTINO	SONOPLASTIA
39	CINTIA MORAES	2º E	VESPERTINO	PLAYLIST
40	DAVI OLIVEIRA GOMES	2º E	VESPERTINO	LOCUTOR
41	EMILI CAMILA BARBOSA SANTOS	2º E	VESPERTINO	LOCUTOR PLAYLIST
42	MARCELO HENRIQUE	2º E	VESPERTINO	LOCUTOR
43	HELLEN GARCIA	2º F	VESPERTINO	LOCUTORA
44	JAKILINE ALEXADRINO	2º F	VESPERTINO	LOCUÇÃO
45	JOÃO PEDRO DA S. JORGE	2º F	VESPERTINO	SONOPLASTIA
46	RAYNARA DE LIMA	2º F	VESPERTINO	PLAYLIST
47	SAMUEL DA SILVA OLIVEIRA	2º F	VESPERTINO	LOCUÇÃO
48	MATHEUS	2º F	VESPERTINO	SONOPLASTIA
49	SAMUEL MARTINS	2º F	VESPERTINO	SONOPLASTIA
50	CASSIELY BRUNA	3º D	VESPERTINO	LOCUÇÃO
51	RACHEL ARRUDA PEREIRA	3º D	VESPERTINO	LOCUÇÃO

Fonte: CARVALHO, Pesquisa de campo. Elaborada em 11/04/2017.

No que se refere às atividades voltadas para a rádio-escola, pode-se perceber, conforme a Tabela 1, que há diferentes funções, tais como locução, playlist, sonoplastia e reportagem. Alguns alunos apresentaram duas ou mais funções, mas em virtude do grande número de interessados, a professora definiu que escolhessem apenas uma, para que todos pudessem contribuir.

Em relação ao jornal, a professora educadora montou a tabela 2, conforme as inscrições de alunos interessados em contribuir com o jornal. É importante registrar que o jornal mural é de periodicidade semanal, sendo o jornal impresso de edição semestral. Entretanto, as contribuições para o jornal impresso, segundo informou a professora, não envolvem necessariamente os alunos colaboradores do mural, havendo contribuições avulsas de alunos que escrevem para o boletim informativo, conforme incentivos dos professores das diferentes áreas.

Tabela 4: Colaboradores do jornal mural semanal - 2017

	NOME	SÉRIE TURMA	PERÍODO	FUNÇÃO
01	CAMILA GARCIA D. DE FRANÇA	1º A EMIEP	MATUTINO	DIGITAÇÃO
02	FERNANDO ALEX SANTOS DE ALMEIDA SOBRINHO	2º A EMIEP	MATUTINO	FOTÓGRAFO EDIÇÃO DE TEXTO E IMAGEM

03	DIEGO FITA	2º E	VESPERTINO	DESENHO
04	ELISAMA ALVES	3º A EMIEP	MATUTINO	FOTÓGRAFA REPÓRTER
05	CRISTIELE S. MATOS DE A.	3º D	VESPERTINO	DIGITAÇÃO
06	EDUARDO OLIVEIRA SOUZA	1º G	VESPERTINO	DIGITAÇÃO
07	MANUELA BOAVENTURA	1º B EMIEP	VESPERTINO	EDIÇÃO DE TEXTO E IMAGEM
08	RUDISON ALVES F. CENTURIÃO	1º G	VESPERTINO	FOTÓGRAFO EDITOR DE TEXTO E IMAGENS
09	ALICE SANTANA DE LIMA	2º E	VESPERTINO	DIGITAÇÃO
10	MARJULIE CAMILA DA SILVA SOUSA	3º A EMIEP	MATUTINO	FOTÓGRAFA REPÓRTER
11	JONAS FONTES	2 A EMIEP	MATUTINO	FOTÓGRAFO REPÓRTER EDIÇÃO DE IMAGENS DIGITAÇÃO
12	TAINARA TACILIA REIS	3º A EMIEP	MATUTINO	FOTÓGRAFA REPÓRTER
13	JÉSSICA BAHRI DE BRITO	3º D	VESPERTINO	REPÓRTER
14	JOSÉ HUGO KLESSY AGUIAR	2º A EMIEP	MATUTINO	REPÓRTER
15	TAYNARA DOS SANTOS	3º D	VESPERTINO	DIGITAÇÃO REPÓRTER EDIÇÃO DE IMAGENS
16	THALITA TAMARA DA SILVA SANTOS	3º D	VESPERTINO	ESCRITA DIAGRAMAÇÃO
17	FERNANDO ALEX SANTOS DE ALMEIDA SOBRINHO	2º A EMIEP	MATUTINO	FOTÓGRAFO EDIÇÃO DE TEXTO E IMAGEM

Fonte: CARVALHO, Pesquisa de campo. Elaborada em 11/04/2017.

Conforme se visualiza na Tabela 4, as funções relacionadas aos trabalhos de montagem do jornal mural requerem dos educandos colaboradores noções de escrita e leitura, além de noções técnicas de informática, como as necessárias para editar imagem, texto, diagramação, entre outras.

Neste aspecto, pode-se perceber que, numa quantidade de dezessete (17) alunos colaboradores do jornal mural, nove (09) são do Ensino Médio Integrado à Educação Profissional, Técnico em Informática. Esse interesse dos alunos do EMIEP nas atividades relacionadas ao uso do computador e produção escrita pode ser justificado pela rotina diária das atividades da base técnica, conforme se verá, posteriormente, nas respostas dadas por muitos deles, durante a entrevista realizada.

Cabe ressaltar aqui que a dimensão abordada nesse trabalho remete à dimensão pedagógica da comunicação que propunha Freinet: para esse educador

francês, que vislumbrou a introdução do meio de comunicação na aula, o jornal escolar não se tratava de uma atividade complementar dos trabalhos disciplinares. Pelo contrário: sua proposta foi a transformação permanente dos trabalhos escolares em produção e redação de jornal.

Freinet realizou oficinas de composição e impressão para trabalhar com as crianças numa perspectiva coletiva, promovendo a expressividade livre com base nos interesses existentes entre elas.

Como já relatado anteriormente, ainda há uma preocupação mais voltada à sequência de tópicos e modelos a serem seguidos do que ao incentivo da criação escrita livre e natural.

No entanto, em se tratando de alunos do Ensino Médio, essa orientação é muito mais necessária do que com crianças, visto que para essas, o trabalho com a imprensa serve de motor para futuras aprendizagens escritas, enquanto que para aqueles, a abordagem escrita já deve ser bem mais formal, pois as cobranças por resultados escritos mais apurados são muito maiores.

A exemplo do trabalho com a imprensa escrita ou falada no ambiente escolar, Kaplún (2014) fala de uma experiência específica que

[...] mudou toda a dinâmica ensino/aprendizagem. Os pequenos jornalistas aprendiam realmente a redigir para expressar suas ideias, aprendiam a estudar e a pesquisar de verdade, porque agora tinham uma motivação e um estímulo para fazê-lo (KAPLÚN, 2014, p. 63).

Esse aprendizado citado por Kaplún (2014) não se tratava de obrigação ou tarefa escolar, mas acontecia naturalmente, movido pelo prazer de compartilhar, comunicar e publicar os saberes adquiridos no cotidiano escolar.

Nesta perspectiva, os alunos envolvidos com as atividades do jornal mural e também do boletim informativo atuam voluntariamente: em virtude da colaboração facultativa, sem motivação por nota, mas somente pelo interesse em contribuir, os estudantes que se inserem no processo de produção do jornal e também da rádio, têm esses meios de comunicação como espaços abertos para expressão e colaboração.

Na escola foco desta pesquisa, como incentivo à participação no projeto Educomunicação, alguns professores “dão nota” como premiação aos alunos pelas contribuições no jornal ou na rádio, conforme vamos perceber nas entrevistas feitas

com os alunos. Uma delas, inclusive, ressalta que só participa do projeto por causa da nota, apesar de afirmar que gosta e se interessa pelas atividades.

Os trabalhos realizados com essas mídias são feitos de forma organizada. Logo após a sistematização das funções que cada educando iria assumir no projeto, a professora educadora realizou, durante o mês de março e abril, algumas oficinas para ensiná-los a usar os equipamentos da rádio escola, contando com ajuda de pais que atuam no meio de comunicação e sonoplastia, para ensinar a manusear mesa de som, amplificador, microfone e o programa de edição de áudio, além da produção escrita da programação da rádio.

Em relação ao jornal mural, os alunos se reuniram semanalmente, nas segundas-feiras, para montagem do mural, já com as produções escritas impressas. Foi feita uma pauta para servir de fonte para os assuntos apresentados, sendo eles: Meio Ambiente, Protagonismo Juvenil, Educação e cultura, Vida saudável. Para cada um desses temas, há a divisão de colunas no mural, semelhante ao jornal impresso: editorial, humor, educação, novidade, notícia, charge da semana, previsão do tempo e diversos.

Considerando o trabalho com o jornal mural, foi possível perceber uma problemática: tanto os textos apresentados quanto as temáticas são direcionados pela professora educadora, pelo menos na maioria. Não há ainda um protagonismo efetivo por parte de todos os envolvidos cotidianamente com o projeto, mas muitos alunos produzem textos relacionados às suas vivências, destacando problemas como suicídio, depressão, e abordando esse assunto tanto na escrita disponibilizada no jornal mural quanto nas mensagens locutadas na rádio.

Assim, penso que é importante valorizar a iniciativa, pois alguns alunos, mesmo em número pequeno, demonstram atitudes protagonistas ao escreverem livremente sobre o que lhes interessa, como o texto publicado no jornal impresso, escrito pela aluna do 3º D PROEMI sobre o consumo de álcool por adolescentes, conforme figura a seguir.

Figura 7: Texto da aluna Juliana

Consumo de álcool por adolescentes



Por Juliana

O uso precoce de álcool tem sido um dos temas mais preocupantes da atualidade, pois a cada dia aumenta mais o consumo do álcool pelos jovens e adolescentes. Presenciamos essa situação em festas, bares, casas noturnas e até mesmo em avenidas, entretanto o governo quer assegurar ao adolescente a proteção de sua saúde e qualidade de vida e prevenindo danos em relação ao consumo de álcool.

Em nossa cultura é algo bem comum o uso dessa droga lícita, mas o que as pessoas não enxergam é que o álcool é muito prejudicial para nossa saúde.

Pessoalmente acho que está tudo tão avançado que até a própria televisão mostra e incentiva as pessoas para o

uso do álcool e é claro que atinge bem mais ao público jovem.

Mesmo proibida para menores, a ingestão de álcool por adolescentes cresceu nos últimos anos e é hoje um grande problema de saúde pública.

Do meu ponto de vista, esse aumento de uso da bebida tem várias consequências, como distúrbios no comportamento e pode levar até a depressão e gerar mortes.

Estudo realizado em 1996 pelo Centro Brasileiro de Informações sobre drogas Psicotrópicas da Universidade Federal de São Paulo em dez estados brasileiros, mostrou que 19% dos jovens entre 10 e 18 anos tomavam bebida alcoólica mais de seis vezes por mês e também apontou que 94% dos adultos e 88% dos adolescentes acham fácil

menores de 18 anos conseguirem bebidas alcoólicas.

Sem dúvida, com essas pesquisas podemos comprovar os problemas que o álcool ocasiona na vida de um indivíduo, principalmente na vida do adolescente que é mais frágil.

Para finalizar, criaram a lei nº 14.592, para a fiscalização e controle para a proibição de se vender, oferecer, fornecer, entregar ou permitir o consumo de bebidas alcoólicas por adolescentes.

Assim, esta lei reduzirá a porcentagem desses casos que foram citados anteriormente como também os casos de mortes e alguns tipos de perturbações na vida do adolescente.

Juliana
3º D PROEMI

“Do meu ponto de vista, esse aumento de uso da bebida tem várias consequências”

Fonte: Boletim Informativo AFS Jovem, agosto/2017.

Outro exemplo de atitude protagonista foi a participação de alunos colaboradores como repórteres em uma sessão pública da Câmara Municipal de Vereadores, realizada em 24 de março de 2017, nas dependências da Escola Municipal Magda Ivana, a qual está localizada em uma região periférica da cidade.

Neste ato, quatros alunos inscritos como repórteres do projeto Educomunicação voluntariaram-se para realizar uma entrevista com os vereadores, e no evento acabaram atuando como porta-vozes da população presente na reivindicação de ações dos vereadores para a comunidade local.

O texto escrito por um dos repórteres presentes nessa sessão faz um detalhamento do evento, bem como transcreve as contribuições feitas por eles no evento. A atitude foi elogiada pelos vereadores presentes, que solicitaram a visita dos mesmos na Tribuna Livre da Câmara Municipal para apresentar as atividades do projeto à sociedade Jaciarense.

Figura 8: Texto do aluno Fernando sobre a sessão itinerante**Sessão itinerante da Câmara de Vereadores**

Por Fernando

No dia 24/03/2017 a equipe de jornalismo da rádio AFS Jovem esteve em uma sessão itinerante da câmara de vereadores na Escola Magda Ivana, onde se reuniram os representantes do legislativo jaciarense para tratar assuntos relacionados a melhorias da nossa cidade. Em primeira instância foi apontado o objetivo da realização dessas sessões pelo vereador Clóves. Comentou que a sessão é um novo projeto da câmara municipal para levar os trabalhos da câmara a todos os bairros da nossa cidade, isso vai resultar em uma aproximação maior com a população, e com isso ouvir o povo, suas reivindicações para posteriormente estar agindo sobre elas e levar ao conhecimento do prefeito as necessidades da população, para que as ações sejam tratadas e solucionadas para melhoria da qualidade de vida da população jaciarense.

Em seguida questionamos sobre as dificuldades financeiras e também sobre as economias para regularizar as dívidas, ele respondeu dizendo que estão preocupados com essa questão, e que vão procurar economizar para que no final do ano devolvam aos postos públicos para serem investidos em melhorias de creches, escolas, e estão visando investir principalmente na saúde e na educação do nosso município.

Falamos também sobre as vagas nas unidades de educação infantil e a escassez das mesmas, onde vários alunos que não podem estudar porque devem ficar em casa cuidando de irmãos menores que não conseguiram vaga nas creches. O vereador Thiago Pereira respondeu que todas as cobranças feitas aos vereadores os mesmos tentam responder de forma positivas através de solicitações, e que sobre esse caso vai fazer a cobrança ao Secretário de Educação para o bem da nossa população.

De acordo com a demanda

apresentada pela população e reivindicada através dessa sessão, o vereador Clóves concluiu falando sobre a importância dessas sessões itinerantes onde há uma aproximação da população com os parlamentares. E que foi perceptível um enorme problema que deverá ser rapidamente sanado sobre o lixo próximo a escola dizendo que não podem compactuar de maneira alguma com essa situação. Crianças tendo que participar de aulas com aquele odor insuportável essas e outras reivindicações serão prioridades na câmara municipal e que estarão levando ao executivo e cobrando bastante para que não fique somente nas sessões e nas conversas, mas que seja tratada com carinho e que as ações se tornem realidade. Ao final agradecemos ao vereador Thiago Pereira e ao vereador Clóves pela parcela de participação deixando em aberto às considerações finais em nome da escola Antonio Ferreira Sobrinho. Os mesmos agradeceram frisando a importância desse trabalho onde os alunos cidadãos correm atrás dos seus interesses, orientando-os a continuarem com esse trabalho maravilhoso que vem desenvolvendo. Disseram que a Câmara Municipal está a disposição da população jaciarense. Deixou um convite a toda população que participe.



Repórteres do Projeto Educomunicação



Fonte: Boletim Informativo AFS Jovem, agosto/2017

Essas publicações, além de mais duas entrevistas, sendo a primeira com o Secretário de Educação do Estado de Mato Grosso, Marco Marrafon¹⁴, e a outra com a Dra. Vera Borges¹⁵, estão disponíveis no Blog AFS Comunicando.

As entrevistas e textos produzidos pelos alunos e publicados nos meios de comunicação presentes na escola, demonstram a preocupação e interesse desses alunos em se expressar quanto aos problemas que vivenciam, o que se configura numa mobilização diante de desafios apresentados pela vida em comunidade, atitude essa típica da cidadania.

14 Em visita à Escola Estadual Antonio Ferreira Sobrinho, no mês de agosto de 2016, o Secretário de Educação foi entrevistado pelo repórter da rádio escola, estando o áudio dessa entrevista disponível no Blog AFS Comunicando. Ver: <http://afscomunicando.blogspot.com.br/2016/08/visita-do-secretario-de-educacao-com.html>

15 Médica clínico-geral, sócio proprietária do Hospital e Maternidade Santa Lúcia. Apresenta programa na TV Cidade local, abordando assuntos relacionados à saúde da mulher. O áudio dessa entrevista está disponível no Blog AFS Comunicando. Ver: <http://afscomunicando.blogspot.com.br/2017/04/entrevista-concedida-pela-dra-vera.html>

A produção das pautas são feitas a partir de reuniões semanais ou sugeridas no grupo de WhatsApp do projeto.

Após apresentação dos registros feitos na observação, passo agora aos dados coletados nas entrevistas feitas com professoras e estudantes; bem como da roda de conversa com professoras, a fim de aprofundar as discussões e resultados da primeira entrevista.

Quanto as análises, as mesmas são feitas com base na relação entre os resultados obtidos e a teoria apresentada até aqui, relacionado as respostas e agrupando-as conforme os eixos **1. Educação e 2. Pedagogia da Comunicação**.

No período de coleta de dados, no que diz respeito à segunda e terceira etapa, foi possível acompanhar como os trabalhos de integração entre comunicação e educação se efetivam na prática do Projeto Educomunicação na Escola Estadual Antonio Ferreira Sobrinho.

Inicialmente, apresento as respostas obtidas em cada categoria de análise, sendo expostas simultaneamente as respostas dos alunos e professoras participantes da pesquisa, os quais, conforme já descrito no capítulo metodológico, foram selecionados pelo critério de, no mínimo, dois anos de envolvimento com o projeto.

A partir do método dialético-fenomenológico, a análise dos dados coletados nas entrevistas tem como premissa a concepção de que o percebido – no caso o fenômeno “Educomunicação”, não se apresenta do mesmo modo em seu contexto, pois cada sujeito o percebe de uma forma, atribuindo-lhe sentidos conforme sua própria existência e características sociais e culturais.

Assim, Bicudo (2011, p. 56) afirma que os significados que o pesquisador pode compreender nas descrições “não se mostram de imediato, de modo direto, mas vão se revelando mediante a compreensão e sentido das experiências vividas pelo sujeito, olhadas em sua totalidade”. Essa totalidade nada mais é do que o resultado de uma busca focada e direcionada por procedimentos rigorosos, busca essa voltada para um movimento em torno da interrogação que move a pesquisa.

Desta forma, a abordagem do método dialético-fenomenológico permite, na análise dos dados coletados nas entrevistas, a percepção do sentido, concepções, valores e vivências individuais acerca da conceituação de educomunicação (educação e comunicação) e de cidadania, tanto por parte dos educandos-educadores quanto das educadoras-educandas.

A utilização das categorias de análise, enquanto instrumentos de compreensão dos dados a partir do método dialético-fenomenológico, está pautada na relação das mesmas com a contextualização do tema na pesquisa, sendo ressaltada a compreensão de que tanto o ser quanto a sociedade não estão relacionados em parte, mas por inteiro, em diversas dimensões: políticas, sociais, emocionais, intelectuais, etc.

Neste sentido, a análise das descrições obtidas através da entrevista está pautada na compreensão do sentido do “dito buscado na totalidade do descrito nesse depoimento individual e os significados que o transcendem, uma vez que estão articulados às expressões culturais de sentidos percebidos e trabalhados pelos atos da consciência” (BICUDO, 2011, p. 57).

Assim, nas entrevistas realizadas, busco compreender as concepções que os entrevistados possuem acerca do tema da pesquisa. Para tanto, a entrevista foi feita no dia 15 de maio de 2017, com os nove alunos e com duas professoras.

Entretanto, em virtude da constatação de algumas lacunas nas respostas obtidas, as quais não apresentaram um conteúdo que favorecesse o diálogo entre os eixos da análise interpretativa, foi necessária a realização de uma segunda conversa com as professoras, desta vez realizada no dia 17 de agosto de 2017.

Como o critério de seleção foi o envolvimento com o projeto Educomunicação há mais de dois anos, e como nem a diretora nem a articuladora apresentou esse tempo de envolvimento, a participação das mesmas foi dispensada, ficando a entrevista com as professoras limitada a duas participantes: a coordenadora e educadora.

6.1 EIXO EDUCAÇÃO

Em se tratando do 1º eixo de análise – Educação –, a primeira questão feita aos alunos, além daquelas de identificação que não serão descritas aqui, buscou compreender o entendimento deles quanto ao termo “Educomunicação”.

1ª Pergunta: O que você pode me falar sobre o Projeto Educomunicação?

É um projeto que faz a gente, tipo assim, demonstrar que ajuda as pessoas, ter um reconhecimento melhor, que ajuda as pessoas a interagir mais.

Cris¹⁶

É sempre a gente está educando o pessoal dentro da escola, com algumas músicas, e ensinando um pouco sobre aquelas músicas que faz apologia às coisas, né? Tirando essas músicas um pouco daqui da escola, porque essas músicas, Funk, essas coisas, são bem proibido mesmo. Faz muita apologia, essas coisas...

Ricardo

O projeto Educomunicação, para mim, é divulgar informações ao público jovem, alvo da escola Antonio Ferreira Sobrinho; é abrir a mente deles, por exemplo, para informações como o dia do trabalho. Às vezes muita gente não sabe. Por exemplo, Tiradentes, datas folclóricas, e a temperatura que nós informamos de manhã. Têm as músicas boas, é para ter a cultura na sociedade.

Bruno Mauri

Educomunicação, na minha opinião, é um projeto que leva o aluno a integrar-se no ambiente escolar de uma forma que expõe ele dentro e fora da escola através das funções e busca facilitar entrosamento do mesmo melhorando suas habilidades de acordo com suas dificuldades.... Creio eu que o projeto busca melhorar e facilitar a comunicação dos alunos um com os outros.

Ferreira

É um projeto de comunicação, que traz a comunicação diferente para os alunos para hora do recreio. É um momento muito importante que aborda assuntos muito importantes e tem mural, tem rádio, o jornal. É isso.

André

É comunicação no meio escolar. Ele faz a gente se comunicar melhor com as pessoas, interagir nisso, nas notícias que estão ocorrendo no meio escolar, na nossa cidade, no meio dos professores, direção da escola, alunos. É isso.

Robson

É um projeto que ajuda os alunos a passar informação à toda a escola (...)

Maitê

É um projeto pra melhorar a comunicação entre a escola, não sei, comunicar as coisas para os alunos (...)

Glória

É uma forma de levar informação aos alunos, porque, tipo, acontece coisas na escola que nem todo mundo fica sabendo, e o Educomunicação é uma coisa, uma forma, uma ferramenta de transpor as informações.

Victorino (Alunos da E. E Antonio Ferreira Sobrinho, entrevistados em 15 de maio de 2017).

Na entrevista com os alunos, percebi logo de início muita insegurança da maioria deles. Com exceção de Bruno Mauri, Ferreira e André, os demais pediram para não gravar, porque tinham vergonha. Eu expliquei que precisava da gravação dos áudios para análise, mas que os devolveria escritos para que lessem e verificassem se autorizariam (ou não) a publicação. Expliquei também que não precisavam se preocupar, porque estávamos apenas conversando informalmente. Eles concordaram e, aos poucos, foram ficando mais à vontade.

Mesmo alguns citando apenas a transmissão de informações ou conteúdos musicais, todos endossam a comunicação como um pressuposto do projeto, enquanto

16 A denominação dessa aluna, assim como dos demais alunos participantes, segue o Quadro 2 (p. 38), ocultando o nome verdadeiro dos alunos e classificando-os conforme as atribuições e habilidades apresentadas no envolvimento com o Projeto Educomunicação. Todos foram entrevistados no dia 15 de maio de 2017, sendo os áudios com as respostas transcritos e apresentados aqui em sua integralidade, conforme registros verbais.

Ferreira e André citam integração, e Bruno Mauri, ao falar em “abrir a mente”, entendem a conscientização como resultante das atividades educacionais.

Segundo Soares (2015, p. 9), o Art. 9º das Diretrizes Curriculares Nacionais para o ensino de 9 anos afirma que o currículo deve ser constituído “pelas experiências escolares que se desdobram em torno do conhecimento, permeadas pelas relações sociais, buscando articular vivências e saberes dos alunos com os conhecimentos acumulados [...]”.

Essa articulação contribui na construção da identidade do educando, tornando-se a mídia comunicativa um veículo de diálogo entre a formalidade educacional e as experiências vivenciadas além do espaço da sala de aula.

Nestes termos, mesmo o Artigo 9º das Diretrizes Curriculares se referindo à organização do ensino fundamental, percebe-se, nas respostas dos alunos Ferreira e Robson, essa articulação entre o conhecimento formal e informal.

Apesar de não utilizarem os termos conscientização e diálogo, as respostas sugerem a existência desses dois pressupostos, indicando a atuação do projeto na relação dialógica entre educação e comunicação.

Desta forma, apesar de ainda ser uma visão limitada acerca da importância da comunicação dentro da educação, o simples fato de estar presente no ambiente escolar já provoca mudanças de comportamento e percepção, como se constata através das respostas apresentadas pelos alunos. Essa percepção também se verifica na compreensão acerca de Educomunicação apresentada pelas duas professoras participantes da pesquisa, aqui identificadas como Coordenadora e Educomunicadora.

1ª Pergunta: O que você pode me dizer sobre o Projeto Educomunicação?

Bom, o projeto educomunicação é uma parceria muito significativa pra escola. Eu gosto dessa participação, desse entrosamento dos alunos que entram na escola. Eles gostam desse momento na hora do recreio, ter uma música, ter um momento descontraído, e eu acho que o projeto ajuda nesse sentido, a descobrir novos talentos. Tem vez que a gente não espera que um aluno vai se deslanchar como, por exemplo, locutor. E ele perde essa vergonha e vai lá, e interage com os colegas. Isso é bem legal no projeto. Outros né são sonoplasta em igrejas em evento no município de quando chegam aqui na escola quer ajudar e seja bem legal para projeto. (Coordenadora da E. E. Antonio Ferreira Sobrinho, entrevistada em maio de 2017)

O projeto Educomunicação começou aqui na escola em abril de 2012. Na verdade, começou na cidade de Jaciara, pois fomos a primeira escola a

*implantar o projeto, que foi desenvolvido pela professora Elisângela¹⁷ até ano passado (2016), quando ela saiu para o Mestrado. No começo, foi um choque para todos os professores, e apesar de ter chamado a atenção logo de cara dos alunos, a maioria achava que era momento de bagunça e sempre reclamava. Com o tempo, muitos foram aderindo ao projeto, ajudando nas publicações do jornal mural e impresso, mandando material para publicar no blog, e incentivando os alunos a contribuir na rádio, publicando textos que faziam em sala de aula. O que fez mudar a cabeça desses professores, eu acho, foi justamente o interesse dos alunos e a criatividade que eles começaram a demonstrar nas atividades do projeto. Como o primeiro evento foi realizado dia 10 de abril, foram feitas homenagens ao dia internacional da mulher, que caiu num domingo. E os alunos cantaram músicas, fizeram poesias e foi feito sorteios de prêmios para mulheres, o que chamou muito a atenção de todos da escola. O projeto fala justamente isso, sobre promover o protagonismo e a participação dos alunos. Isso é importante demais na escola, porque ajuda e incentiva eles a estudarem. Então eu não sei falar muito sobre o projeto, mas nesses dois anos eu estou à frente desse projeto com a colaboração de amigos e outros professores, né? [...] O projeto, ele é de grande importância para a escola porque não existe um outro projeto que desenvolva a comunicação; a desenvoltura desses meninos através da comunicação, através do desenvolvimento nas mídias sociais. **Ele é um projeto muito abrangente, que traz uma qualidade muito satisfatória na educação, tanto fora como dentro da sala de aula, como instrumento pedagógico.** (Educomunicadora da E. E. Antonio Ferreira Sobrinho, entrevistada em maio de 2017)*

Conforme os relatos da professora educomunicadora, a implantação do projeto promoveu algumas mudanças dentro do ambiente escolar, principalmente quanto à presença do jornal e da rádio como instrumentos de comunicação empregados.

6.2 EIXO PEDAGOGIA DA COMUNICAÇÃO

Segundo Almeida (2016, p. 21), “usar a pedagogia da comunicação consiste em promover a construção de conhecimento por meio da comunicação dialógica e da relação entre as pessoas, [...], incentivando a participação de todos.”

A partir das respostas apresentadas pelas professoras, pode-se dizer que a percepção acerca da Educomunicação é semelhante para ambas: a **Professora Coordenadora** acompanha o projeto há mais tempo do que atua a professora educomunicadora, entretanto, na sua fala, ela enfoca o papel socializador do projeto, enquanto a educomunicadora endossa o desenvolvimento da comunicação nas atividades realizadas, reforçando a validade das mídias na escola.

¹⁶ Pelo fato de eu ter sido a professora responsável pela implementação do projeto na Escola Antonio Ferreira Sobrinho, várias vezes, durante os relatos e entrevistas apresentados nesta pesquisa, o meu nome foi citado. Essas respostas foram apresentadas na primeira entrevista feita com as duas professoras, no dia 15 de maio de 2017.

Apesar de destacar que Educomunicação é um momento de entrosamento entre os alunos na hora do recreio, a **Professora Coordenadora** ressalta a sua contribuição na interação entre os educandos.

A respeito da relação do projeto Educomunicação com a socialização, Almeida (2012) apresenta a seguinte reflexão:

Nossa contemporaneidade está marcada pelas reconfigurações dos modos de ser, de estar e de relacionar-se no tempo e no espaço (MARTÍN-BARBERO, 2010, CASTELL, 2010, HALL, 2006, CITELLI, 2011), em virtude da presença constante dos media, nas nossas vidas diárias. Dessa forma, entendemos que os media precisam ser objetos de estudo por serem agentes de socialização da comunicação e da educação, e por terem, pois, uma função educativa (ALMEIDA, 2012, p. 33).

A percepção que a **Professora Coordenadora** tem dessa função do projeto Educomunicação, na primeira fala, demonstra o reconhecimento das mídias como sendo “agentes de socialização da comunicação e da educação”, conforme cita Almeida (2012). No entanto, a descrição que a mesma faz ao ser inquirida sobre o que entende por Educomunicação é limitada ao uso da rádio como um passatempo por parte dos educandos, não deixando transparecer se compreende esse neologismo como algo além do uso da mídia, no caso, a rádio.

Essa concepção pode ser melhor compreendida na fala da **Professora Educomunicadora**, quando a mesma enfoca a relação entre as mídias e a comunicação enquanto instrumentos de qualidade na educação. Tal compreensão é o ponto chave da discussão acerca da comunicação na educação: promover uma educação de qualidade.

Nestes termos, a função educativa das mídias comunicativas citada por Almeida (2016), vai mais além: a comunicação deixa de ser um instrumento de socialização para tornar-se o ponto de discussão e desenvolvimento do conhecimento.

O olhar dado às mídias de comunicação presentes no ambiente escolar deve ser muito mais apurado, mais cuidadoso, pois elas produzem sentido e direcionam a construção dos nossos valores e ações, sendo consideradas “matrizes de cultura” justamente por estabelecerem sentido na relação que estabelecemos com o outro, podendo ajudar a fortalecer ou condenar práticas culturais cotidianas (MARTÍN-BARBERO, 2008).

Desta forma, na voz da **Professora Coordenadora**, a comunicação está presente nos trabalhos do projeto Educomunicação enquanto um processo de entretenimento musical, um espaço de descoberta das habilidades comunicativas dos educandos-educadores.

Freire (1996, p. 47), afirma o seguinte sobre a formação democrática: [...] “a solidariedade social e política de que precisamos para construir a sociedade menos feia e menos arestosa, em que podemos ser mais nós mesmos, tem na formação democrática uma prática de real importância”.

Esse pensamento endossa a presença de práticas como a educ comunicativa no ambiente escolar, uma vez que a oportunidade que o educando-educador tem de trazer para dentro da escola os saberes já adquiridos em grupos sociais, como igrejas (conforme cita a coordenadora), permite a valorização do conhecimento adquirido fora do espaço escolar, integrando-os à chamada educação formal, sem dissociá-lo daquele.

Assim, o primeiro ponto de intersecção entre as vozes das professoras participantes está na natureza comunicadora do projeto e sua relação com o desenvolvimento da prática cidadã no ambiente escolar, através da interação social pelas mídias.

Ainda na primeira pergunta, no segundo momento da entrevista, foi pedido um aprofundamento da compreensão que ambas possuem do termo “Educomunicação”:

2ª Pergunta: O que você entende por Educomunicação?

Educação, né, por causa do edu (...) (Educomunicação), comunicação por causa da interatividade. Pra mim o termo seria isso, né (...)? Quando fala educomunicação a gente compreende que é a junção da educação mais a comunicação que, acho que deve ser isso (...) dentro da escola. Educomunicação. (...) Bom, (...) eu acho que é mais para isso mesmo, para ajudar o aluno com a comunicação. Porque tem jornal tem (é) (...) tem a rádio, né (...) ele tem que montar os programas, na sala, dar orientação, eles têm que montar um programinha de tudo para estar passando para os alunos. Então é isso mesmo, é comunicação para escola, entre eles (...). (Coordenadora da E. E. Antonio Ferreira Sobrinho, entrevistada em 17 de agosto de 2017).

É, bem, (...) eu entendo que é a comunicação dentro da educação né e como é a comunicação abrange todas as áreas do conhecimento onde o aluno tem a oportunidade de estar colocando as suas ideias em diversos setores, não é nem setores, em diversos pontos das áreas do currículo tanto na linguagem como na matemática na ciência das humanas eu entendo que educomunicação é colocar a comunicação dentro do currículo e esse currículo ele abrange todas as áreas e a comunicação porque senão existe

uma comunicação uma relação da linguagem escrita oral visual com aluno ele não vai ter uma compreensão adequada de toda essa fala no meu entendimento, porque tem que existir essa relação da comunicação com a educação como um todo.

(Educomunicadora da E. E. Antonio Ferreira Sobrinho, entrevistada em 17n de agosto de 2017).

Nas explanações feitas pelas professoras, é importante destacar a insegurança, principalmente na fala da coordenadora, na hora de responder aos questionamentos. A quebra da sequência do discurso com o emprego de interjeições (né, bom, é, bem), seguidas de pausas na fala, sugere dúvidas na resposta apresentada. A professora Coordenadora fez uma concepção lógica do termo, ao repetir “*educação, né, por causa do edu, e comunicação*”.

A mesma sugere que o termo educomunicação restringe-se à comunicação na educação, enquanto meio de interação entre os alunos que contribuem no projeto e os demais. Ressalta o trabalho de organização dos materiais organizados na rádio e no jornal como meios de ajudar os educandos na comunicação dentro da escola. Tal percepção remete à um conhecimento superficial do projeto, o que se confirma na resposta apresentada acerca da formação.

Essa compreensão reduzida do termo Educomunicação pode ser explicada por Kaplún (2014, p. 60), quando afirma que “o diálogo entre a educação e a comunicação está longe de ser – até agora – fluido e frutífero. O mais frequente tem sido que a primeira (a educação) entendesse a segunda (a comunicação) em termos subsidiários e meramente instrumentais”.

Conforme as respostas apresentadas, percebi que para a Professora Coordenadora a comunicação é um instrumento da educação. Para Freire (1996), toda educação é comunicação.

No que tange à compreensão do termo pela professora Educomunicadora, a mesma ressalta a presença da comunicação dentro do currículo escolar, nas diversas áreas do conhecimento, além de considerar a importância da comunicação como um todo, valorizando as diversas manifestações comunicativas, sejam verbais ou não.

Tal percepção remete à concepção de comunicação apresentada por Freire (1996, p. 74), quando afirma que um dos problemas mais sérios que temos é como trabalhar a linguagem oral ou escrita associada ou não a força da imagem, no sentido de “efetivar a comunicação que se acha na própria compreensão ou inteligência do

mundo. A comunicabilidade do inteligido é a possibilidade que ele tem de ser comunicado, mas não é ainda a sua comunicação”.

Essa constatação ressalta que, o fato do estudante ter um espaço de comunicação, como a rádio ou o jornal, em que as falas são preparadas sob a supervisão de um professor, como afirmou a coordenadora na entrevista, remete mais a um comunicado do que à sua própria comunicação, significando que o protagonismo do jovem educador não se efetiva na prática, pois suas explanações não são suas, na realidade, mas do professor que orienta o que o mesmo deve falar.

Entretanto, fica claro que o simples fato deste espaço comunicativo existir já configura um avanço para a educação democrática dos jovens, visto que, conforme declara a professora educadora, há espaço para que os alunos se expressem, para que coloquem suas ideias em todos os setores das áreas de conhecimento. Tal afirmativa se solidifica na concepção freiriana.

Na segunda questão da entrevista, busquei conhecer qual percepção as duas professoras têm acerca dos objetivos do projeto Educomunicação. Eis as respostas apresentadas:

3ª Pergunta: Qual o objetivo do Projeto?

O objetivo, acho, é fazer com que esse aluno interaja, ele fique mais perto da escola. Ele ocupe a mente dele, ele tenha alguma ocupação, algum sentido esse aí depois mais tarde pode até ajudar ele a escolher a sua profissão, isso aí acho que ajuda bastante ele a interagir com os colegas. (Coordenadora da E. E. Antonio Ferreira Sobrinho, entrevistada em 15 de maio de 2017).

O objetivo do projeto é a inclusão da mídia na sala de aula, né? Inclusão da mídia na educação. Então, seria a comunicação no currículo, que seria um currículo cidadão. (Educadora da E. E. Antonio Ferreira Sobrinho, entrevistada em 1 de agosto de 2017).

No que tange ao Eixo Pedagogia da Comunicação, as respostas apresentadas pelas duas no primeiro questionamento da entrevista, sugere que há pouca discussão acerca do tema, até mesmo pelos professores diretamente envolvidos com o projeto, o que pode ser percebido também na fala dos estudantes, quando inquiridos sobre o que entendem por Educomunicação.

Uma vez que, conforme a voz da **Professora Educadora**, o projeto “desenvolve a comunicação, através do desenvolvimento das mídias sociais”, pode-se considerar que a prática educadora no ambiente escolar facilita a dialogicidade entre conteúdos formais e informais, relacionando as experiências

comunicativas adquiridas fora e dentro da escola com as atividades propostas pelo programa curricular desenvolvido nas disciplinas.

Assim, a prática com a comunicação identificada pelas duas professoras, ressalta o projeto Educomunicação como espaço de desenvolvimento social, reconhecendo a capacidade e oportunidade do educando-educador relacionar os saberes cotidianos com o currículo formal da escola, o que, segundo Carvalho (2013, p. 22), “ratifica a ideia que a educação é cidadania, [...] porque pensar a educação e a cidadania implica em pensar na condição humana, produção e relação do mundo da vida.

É a partir do desejo que o educando-educador tem de “ser alguém na vida” que a educação se torna um ponto de partida para a concretização desse ser, pois com o reconhecimento do seu inacabamento é que o mesmo se coloca como passível de mudança e de transformação, reconhecendo a educação como trampolim para esse crescimento.

Em relação aos educandos, durante a entrevista foi feito o mesmo questionamento acerca dos objetivos do projeto Educomunicação, para o qual eles apresentaram as respostas abaixo:

3ª Pergunta: Você sabe para que serve o Projeto, quais os objetivos?

Servem para, como eu falei para ter um conhecimento a mais, porque a gente não tinha. Por exemplo, se alguém perguntar você pode ir lá e explicar o que é Educomunicação.

Cris

Essa pergunta, você me pegou agora. Como que eu posso responder? (...)

Ricardo

Os objetivos para mim é ter uma infraestrutura, assim, de sonoplasta com som acústico, e aprender mais nessa mesa. Eu fui aprender mais aqui nessa mesa que a gente usa porque lá na igreja que eu mencionei atrás eu só ligava e desligava o som. Então, acústica, os graves, o som dos microfones, cabos, eu fui aprender tudo aqui na escola.

Bruno Mauri

Pelo fato de nós lidamos com muitos textos na parte da locução, acabamos tendo, de certa forma, maior facilidade para entendermos e temos assim uma melhor interpretação de textos. Também, por exemplo, em um seminário em uma apresentação. O que mais contribui no projeto era para que nós possamos ter melhor desempenho na comunicação.

Ferreira

Eu acho que é para mobilizar os alunos.

André

Ele interage no meio escolar. Então as pessoas que vêm para escola, às vezes, sem vontade, ou achando que a escola é algo monótono, algo chato, acaba mudando de qualificação sobre o meio escolar. Porque quando ele vê o projeto, uma coisa gostosa de se fazer, que interage a gente, nos faz ter vontade para vir para a escola. Então ajuda bastante nessa questão, nesse quesito.

Robson

Não (...)

Maitê

Não sei (...)

Glória

Levar informação ao aluno na escola

Victorino (Alunos entrevistados em 15 de maio de 2017).

As respostas apresentadas pelos alunos em relação aos objetivos do projeto demonstram que não houve uma formação ou estudo teórico com os mesmos acerca do projeto, ou pelo menos não lhes foi apresentado o texto do projeto enviado à SEDUC/MT quando entraram para o grupo de colaboradores.

Apesar de, no período de observação, eu ter constatado a existência de um grupo no whatsapp, onde a educadora compartilhava informações e materiais sobre as funções e mídias que são trabalhadas na educação, não presenciei o repasse do projeto nem para os alunos nem para os professores, em nenhum momento.

No entanto, conforme a experiência que os alunos vão adquirindo com a participação, alguns tentam relacionar os objetivos da educação às suas vivências dentro do projeto, como declara Bruno Mauri e Ferreira, ambos locutores e sonoplastas vinculados à rádio escola.

Apesar de três entrevistados não terem conseguido responder ao questionamento, dois deles destacaram a relação do projeto com a integração no ambiente escolar e a comunicação, estabelecendo uma relação entre educação, comunicação e cidadania, o que sugere a intervenção da educação numa atitude participativa e, possivelmente, reflexiva, acerca da realidade

A fala da coordenadora se assemelha às dos alunos, ressaltando o papel integrador do projeto, mas focando no mesmo como entretenimento. Já a educadora relaciona educação e mídias ao citar a inclusão das mesmas em sala de aula e integrando comunicação ao currículo.

Carlsson e Feilitzen (1999) destacam a importância da mídia no dia a dia, principalmente quando se trata de jovens:

A mídia pode ser vista como um recurso simbólico que muitos adultos usarão — mas especialmente os jovens — ao dar sentido a suas experiências, ao se relacionar com os outros e ao organizar as práticas da vida diária (CARLSSON, FEILITZEN, 1999, p. 153).

A educação para a mídia não faz parte da proposta apresentada neste projeto. No entanto, é uma característica que os alunos e professores acabam atribuindo ao

projeto, pelo que se percebe nas respostas. Pressupõe-se que há uma lacuna na compreensão que alunos e professoras envolvidas têm da área de intervenção da educomunicação.

Essa interpretação se dá justamente pela falta de uma formação continuada sobre a educomunicação, fato que ficou claro nas respostas apresentadas na terceira questão, quando perguntei aos entrevistados se eles têm conhecimento de material teórico sobre o projeto educomunicação.

4ª Pergunta: Você sabe se existe material teórico, livro, algo que direciona as atividades do Projeto Educomunicação na Escola?

Cris

Eu acho que sim. Eu nunca vi, mas eu já vi falar.

Ricardo

Não conheço..

Bruno Mauri

Não..

Ferreira

Não sei.

André

Alguns livros na internet também algo material então quem tem interesse em pesquisar e aprender sobre ele consegue encontrar material. É algo material então quem tem interesse de pesquisar e aprender sobre ele consegue encontrar material. Já li vários artigos na internet não procurei bastante livros com a internet que fica mais fácil né mas eu já pesquisei, porque quando a gente interage no meio escolar, participando do projeto cria uma curiosidade né? A gente sempre quer aprender mais, e isso é uma das coisas boas que tem no projeto. A gente acaba aprendendo mesmo sem querer, é uma coisa interessante. Nessa leitura melhorei a dicção, a forma de falar, de interagir com as pessoas, de se conversar formalmente com a direção da escola ou com outras pessoas. Ajuda. Tudo graças ao projeto.

Robson

Na biblioteca tem. Nunca senti curiosidade de ler nada sobre o projeto, mas eu sei que tem porque eu vi.

Maitê

Não sei (...)

Glória

Tem sim. Eu já li e também vou mandado no grupo lá.

Victorino *(Estudantes colaboradores do projeto Educomunicação, entrevistados em 15 de maio de 2017).*

Apesar da maioria dos alunos afirmarem que não tinham conhecimento de material teórico sobre o projeto, Robson, Maitê e Victorino afirmaram ter visto o material que foi compartilhado no grupo de WhatsApp do projeto, tendo os dois locutores declarado que leram. A curiosidade que Robson cita remete à educação do bom senso defendida por Freire (2000), quando afirma que a comunicação está entrelaçada à participação. Essa participação, segundo o autor, surge de uma curiosidade natural da leitura de mundo crítica.

Uma leitura de mundo crítica implica o exercício da curiosidade e o seu desafio para que se saiba defender das armadilhas, por exemplo, que lhe põem no caminho as ideologias. As ideologias veiculadas de forma sutil pelos instrumentos chamados de comunicação. Minha briga, por isso mesmo, é pelo aumento de criticidade com que nós podemos defender desta força alienante. Esta continua sendo uma tarefa fundamental de prática educativo-democrática. Que poderemos fazer, sem o exercício da curiosidade crítica, em face do poder indiscutível que tem a mídia [...] (FREIRE, 2000, p. 48).

A referência à curiosidade como ponto de partida da busca do conhecimento, citada por um aluno, reafirma que a motivação individual para participar das atividades educacionais serve de incentivo para a participação dos mesmos, não apenas no projeto, mas nas atividades escolares. É preciso ter interesse para buscar participar e compreender.

Ao responderem ao mesmo questionamento, a coordenadora apresentou as considerações a seguir.

4ª Pergunta: Você sabe se existe material teórico, livro, algo que direciona as atividades do Projeto Educomunicação na Escola?

Olha, deve ser bem pouco [risos], aqui na escola nosso orientador é a professora Elisângela, é ela quem nos auxilia, nos ajuda. É a professora de educação que está o tempo todo nos ajudando, orientando nesse sentido. Eu particularmente agora que estou descobrindo alguns livros que falam desse projeto, do educação, desse ambiente. Mas eu quase não tenho conhecimento de livros, de literatura. (Coordenadora da E. E. Antonio Ferreira Sobrinho, entrevistada em maio de 2017)

A professora educadora, em uma resposta mais detalhada, afirmou ter conhecimento de material teórico, mas argumentou que o tempo de trabalho com o projeto é muito pouco, visto que são dez horas para inúmeras atividades e que acaba sendo insuficiente para as leituras, tanto para ela quanto para os demais envolvidos com o projeto.

4ª Pergunta: Você sabe se existe material teórico, livro, algo que direciona as atividades do Projeto Educomunicação na Escola?

Sim. Têm vários livros. Inclusive eu, como sou nova no projeto, estou lendo alguns. Mas tem sim, várias fontes de pesquisa, né? Esse tema traz uma grande bagagem para que a gente possa estar começando o trabalho na escola. Mas [...] não houve essa divulgação. Isso tudo que precisaria de ter acontecido, não houve mesmo. É uma falha da gente eu não ter feito o trabalho, mas também nós não temos tempo disponível e nem os alunos têm tempo para eu tirar esse aluno da sala de aula ou quem for a coordenadora do Educação, estar trabalhando com eles a parte teórica. Seria importante pegar os alunos de manhã, à tarde e à noite, quem participa do

projeto, e trabalhar com eles uma semana ou mais se fosse possível para eles entenderem como funciona o projeto. Mas aí 10 horas de trabalho como eu tenho, o aluno no horário que eu estou aqui ele está na sala, então precisaria mais tempo para o coordenador do projeto e mais disponibilidade para o aluno estar participando dessa formação. Que precisa ter, que precisa acontecer, precisa. A gente vê que falta a eles esse entendimento, agora para o professor falta também o interesse. Eu até coloco isso para a equipe gestora colocar no seu PPP como regra principal, os professores estarem conhecendo o projeto do Educomunicação dentro da escola e praticar no currículo dia a dia. (Educomunicadora da E. E. Antonio Ferreira Sobrinho, entrevistada em agosto de 2017)

Buscando integrar os demais professores às atividades desenvolvidas pelos projetos da escola, a equipe gestora programou, no início de 2017, a realização de um momento de estudo, incluindo o Projeto Educomunicação no cronograma do Programa de Formação na Escola – PEFE, o qual é orientado pelo Centro de Formação dos Profissionais da Educação – CEFAPRO.

Essa formação foi realizada pela professora Educomunicadora, que apresentou o texto do projeto enviado à SEDUC/MT aos demais professores da escola, os quais foram convidados a integrar as ações propostas no cronograma do projeto (Ver anexo A, Cronograma, p. 163).

A integração dos demais professores, entretanto, ocorreu de forma sazonal, em alguns eventos realizados durante o ano e na publicação do jornal impresso, sendo a maioria das ações direcionadas e organizadas pela educadora.

Em se tratando desse envolvimento dos professores das disciplinas curriculares, as respostas, tanto dos alunos, quanto das professoras, demonstram que há um envolvimento limitado, conforme já foi relatado nos registros da observação.

Analisando sobre o eixo educação, e buscando relacionar as atividades educacionais com a educação formal, foi questionado aos participantes se conseguiam relacionar a educação com as atividades trabalhadas em sala de aula. Para tanto, os alunos apresentaram as seguintes respostas:

5ª Pergunta: O Projeto Educomunicação contribui com sua aprendizagem em sala de aula?

Contribui. Igual, como eu faço ensino médio integrado, a gente pode ter uma noção a mais do que está acontecendo, [...] da evolução e isso ajuda bastante a gente, porque se tiver uma pesquisa a gente consegue dizer algo. Sobre a educação, você já tem uma noção a mais...

Cris

Contribui. A programação da Rádio aqui ela tem algumas informações importantes, o que é comemorado nesses dias da semana, fala a temperatura também tem muitas coisas, assim, que a gente procura saber aqui na escola. E alguns avisos importantes também, algumas atividades da escola, o que

está acontecendo na sua vida enquanto cidadão e enquanto uma pessoa que faz parte da sociedade.

Ricardo

Para o meu aprendizado, assim, não. Nas matérias escolares não. Mas mediante a faculdade, aí sim. Esse negócio é uma opção que poderia estar usando mais futuramente.

Bruno Mauri

Sim. Pelo fato de nós lidamos com muitos textos na parte da locução, acabamos tendo, de certa forma, maior facilidade para entendermos e temos assim uma melhor interpretação de textos. Também, por exemplo, em um seminário, em uma apresentação. O que mais contribui no projeto é que nós possamos ter o melhor desempenho.

Ferreira

Em português ajuda. Ajuda a tirar a timidez também e na sua vida, assim, como pessoa.

André

Agora, no terceiro ano, a gente vai fazer o Enem no final do ano. Então, tem a redação. E quantas vezes eu estou na rádio, vejo alguma matéria sendo feita, a gente acaba aprendendo um pouco de como fazer um texto, como redigir um texto que influencia, não diretamente, mas em partes na redação do Enem, em alguns aprendizados que a gente aprende em português no terceiro ano, a área de comunicação ajuda totalmente, né? Eu gosto muito da área de comunicação, embora eu seja tímido, e já até entrei numa rádio na web rádio. Com o projeto foi mais fácil para mim, sabe, porque no primeiro ano eu ajudei um pouco, bem pouco. Daí o Guilherme falou para mim vir, aí eu falei: tá bom. Já me ajudou bastante. Eu até pensei em fazer comunicação, pensar em realizar um sonho.

Robson

Me ajuda muito na apresentação de seminários, porque eu consigo desenvolver mais aqui fora e na sala de aula.

Maitê

Não (...)

Glória

Acho que não, nunca percebi relação.

Victorino (Estudantes colaboradores do Projeto Educomunicação na E. E. Antonio Ferreira Sobrinho, entrevistados em 15/05/2017).

Em se tratando do eixo Pedagogia da comunicação, pode-se dizer que a intervenção da educomunicação está voltada para contribuição da comunicação no aprendizado formal. Partindo desse pressuposto, pensar numa atividade educ comunicativa que não contribui enquanto recurso pedagógico parece ser impossível.

Nas respostas apresentadas pelos alunos, posso dizer que alguns não compreendem ou diferenciam saber formal de saber informal, quando alguns entrevistados, como Glória e Victorino, afirmam não perceber nenhuma contribuição do projeto educomunicação no aprendizado trabalhado em sala de aula.

Tal afirmativa pode representar dificuldade, por parte desses estudantes, de relacionar o que aprendem em sala de aula com os aprendizados que vivenciam em outros ambientes.

Conforme o registro do Blog AFS Comunicando, fica claro que há inúmeras atividades realizadas pelos colaboradores da rádio e do jornal que complementam os conteúdos trabalhados em sala de aula. Pode-se citar, por exemplo, concursos de poesia, voltados para datas comemorativas, três entrevistas feitas no ano de 2017 por grupos diferentes de repórteres da Rádio Escola AFS Jovem, entre outras atividades. Vejamos, como exemplo, um trecho do texto disponibilizado pela aluna do 2º ano, Maísa Draeger, para ser publicado no jornal e no blog AFS Comunicando:

Aquela dose de amor

*Um certo dia eu estava
Ao redor da minha aldeia
Atirando nas rolinhas
Caçando rastro na areia
Atrás de me divertir
Brincando com a vida alheia*

*Eu andava mais na sombra
Devido ao sol muito quente
Quando vi uma juriti
Bebendo numa vertente
Atirei ela voou
Mas foi cair lá na frente*

*Carreguei a espingarda
Saí, olhando pro chão
Procurando a juriti
Nos troncos do algodão
Quando surgiu um velhinho
Com um taco de pão na mão*

*O velho disse: - Senhor,
Não quero lhe ofender
Mas se está com tanta fome*

*E não tem o que comer
Mate a fome com este pão
Deixe este pássaro viver!*

*O velho disse: - Pois não.
Vou explicar ao senhor.
Porque mesmo sem querer
Sou o maior causador
De hoje em dia o ser humano
Ser tão carente de amor.
[...]
Isso tudo aconteceu
Há muitos séculos atrás.
Quando meu pai fez o mundo
Terras, mares, vegetais
Me pediu pra lhe ajudar
No último dos animais.
[...]*

*E naquele mesmo instante
Vi passando na estrada
A juriti que eu chumbei
Com uma asa quebrada
Mas não tive mais coragem*

De atirar na coitada.

*Joguei fora a espingarda
Voltei olhando pro chão
Procurando aquela dose
Nos troncos do algodão
Pra guardá-la com carinho
Dentro do meu coração.*

*Se acaso algum de vocês
Tiverem a felicidade
De encontrarem aquela dose
Eu peço por caridade
Derramem todo o sabor
Daquela dose de amor
No peito da humanidade.*

*Autor: Antonio Francisco
Aluna: Maísa Maria Draeger
Grieger
Turma: 2º F ProEMI
Turno: Vespertino*

Fonte: Boletim Informativo AFS Jovem, Anexo D, p

Observando a poesia escolhida pela aluna, a qual foi trabalhada no período da Páscoa, em 2017, percebe-se a relação do conteúdo trabalhado em sala – poesia romântica, conforme planejamento anual de linguagem, também disponível no PPP da escola, com a proposta apresentada pela rádio escola, de premiar quem lesse uma poesia na programação, a qual seria publicada no blog.

Apesar de não ser de sua autoria, a apresentação dessa poesia tanto na programação quanto no blog reforça a interação entre a atividade feita no projeto com as atividades feitas em sala de aula.

Desta forma, apesar desse tipo de produção ser mínima, visto que não é algo imposto por nenhum professor, percebi que há várias atividades que contribuem como complementares ao conteúdo aplicado em sala de aula.

Outros exemplos dessa integração, já citados na página 114, foram as reportagens realizadas no mês de abril de 2017.

A primeira entrevista foi realizada na sessão itinerante da Câmara de Vereadores na Escola Municipal Magda Ivana, onde os repórteres conversaram com o Presidente da Câmara Municipal de Vereadores de Jaciara, Vereador Clóves Pereira da Silva, do Partido Republicano, e com o Vereador Tiago Pereira dos Santos, do Partido dos Trabalhadores, conforme se visualiza na figura 9, abaixo.

Figura 9: Aluno entrevistando vereadores



Fonte: Blog AFS Comunicando. Acesso em 12/12/2017.

Na segunda entrevista, as repórteres conversaram com a Dra. Vera Borges, que foi entrevistada em seu consultório médico. A figura 10 demonstra as alunas realizando a entrevista, juntamente com professora educadora.

Figura 10: Entrevista com Dra. Vera sobre saúde da mulher



Fonte: Boletim Informativo AFS Jovem. Acesso em 21/01/2018.

Percebe-se que a primeira entrevista, feita pelos meninos, esteve direcionada para aspectos políticos, enquanto a segunda, feita pelas meninas, abordou problemas de saúde da mulher. Entretanto, os dois grupos de repórteres discutiram assuntos de seus interesses, que foram trabalhados pela professora de Sociologia, como declara a educadora em sua fala, quando respondeu ao mesmo questionamento, o qual foi feito para constatar a existência de relação entre as ações da educomunicação com a proposta pedagógica da escola.

Outra matéria disponível no Blog AFS Comunicando, que demonstra a atuação cidadã dos colaboradores do projeto, foi a participação de alunos, em janeiro de 2017, na Caravana da Transformação¹⁸.

Os mesmos foram convidados pela Assessoria Pedagógica de Jaciara para mostrar o trabalho feito na escola através do projeto, e mesmo já estando no período de férias, os alunos Ricardo e Ferreira se disponibilizaram a ficar durante todo o dia no *stand* dedicado à Rádio Escola AFS Jovem, fazendo locução acerca do evento e distribuindo mudas, juntamente com os professores responsáveis pelo Projeto Jaciara Mata Viva (outro projeto em funcionamento na escola).

Figura 11: Ricardo e Professora Educomunicadora com outros professores no *stand*



Fonte: Blog AFS Comunicando. Acesso em 20/01/2017.

18 A Caravana da Transformação é uma iniciativa do Governo do Estado que visa reduzir as filas do SUS ao realizar cirurgias de catarata, *yag laser* e pterígio, procedimentos recordistas de espera no serviço público de saúde. Esta é uma ação de caráter emergencial que garante o atendimento sem custos ao cidadão. A 4ª edição da Caravana foi realizada em Jaciara, entre os dias 24 de janeiro e 03 de fevereiro de 2017. Além de atendimentos oftalmológicos e dermatológicos, foram feitas palestras e apresentações de atividades das diversas secretarias do Governo Estadual. Neste espaço, houve um stand destinado ao Projeto Educomunicação da Escola Estadual Antônio Ferreira Sobrinho. Veja mais em <http://www.caravana.mt.gov.br/>

Nessa atividade, o repórter Ferreira, participante dessa pesquisa, entrevistou o governador do Estado de Mato Grosso, Sr. José Pedro Gonçalves Taques, do PSDB, ao vivo, sendo essa atividade filmada pela equipe de comunicação do estado e disponibilizada nas redes sociais da SEDUC/MT.

Figura 12: Ferreira entrevistando governador Pedro Taques



Fonte: Blog AFS Comunicando. Acesso em 18/01/2017.

Além da relação da prática educadora com os conteúdos das disciplinas formais, foi questionado às professoras sobre a descrição dessa relação no PPP (2015) da escola, visto que, no período de observação, constatei que o projeto Educomunicação não consta do texto do PPP. As respostas apresentadas foram as seguintes:

5ª Pergunta: Há contribuição nas práticas entre as disciplinas das diversas áreas e as ações do Projeto? Explique. Se há, estão presentes no PPP da Escola?

O projeto contribui, porque o aluno, ainda mais os que vão para jornal mural, eles querem desenvolver um texto. Então, isso aí já vai ajudar ele a querer, a se interessar, a ter curiosidade. Ter curiosidade é muito importante porque ele é curioso em alguma situação e ele vai descobrir respostas boas. Isso aí vai ajudar ele a se desenvolver. Então, eu creio que isso aí, ele ajuda sim na parte pedagógica da escola, num todo, na aprendizagem do aluno.

No PPP da escola tem o nosso projeto educomunicação. Agora, atualmente, eu não sei quais são as ações que estão lá, né? Nós colocamos lá que é para o aluno interagir, o aluno fazer parte dessas situações, mas eu não tenho conhecimento como que ele está no PPP. (Coordenadora da E. E. Antonio Ferreira Sobrinho, entrevistada em 15 de maio de 2017).

Eu acho que tem relação com as disciplinas. Eu acho que o Educomunicação (...) é um projeto de apoio à comunicação na escola. Ele tem que ser

divulgado, ele tem que ser trabalhado na formação continuada, inclusive. Não são poucas horas, não. Eu acho que todo o contexto dever estar incluído no educamunicação, porque ele abrange qualquer área. Por exemplo, eu vou trabalhar linguagem, eu vou trabalhar Geografia, História, Sociologia, trabalhando saúde e política, por exemplo. Área de humanas é riquíssima, e você pode inserir o projeto aí. Mas para trabalhar o professor também tem que conhecer, né? Porque se ele não conhece ele não vai saber trabalhar, aí uma das funções da escola, inclusive da coordenadora, é estar cobrando isso, cobrando isso dos professores. Porque os alunos gostam disso e também como o aluno é o centro se nós estamos aqui trabalhando a favor do aluno, ele tem direito de trabalhar nas próprias aulas. Aqui para nós, eu não sei se vai servir para alguma coisa, porque às vezes o Educamunicação é só um projeto meu, que o professor não quer deixar o aluno participar e nem quer colaborar comigo, fazendo atividade dele em relação ao projeto. Agora, quanto à divulgação, fica quase impossível a pessoa, só o coordenador do projeto, estar com eles em tudo, porque as horas são muito poucas. A gente precisa de mais horas pelo menos 30 horas.

Ah, eu coloco assim, que a escola, em primeiro lugar, não pode ter nenhum projeto de cunho que abrange toda a escola sem estar previsto no PPP da escola. Já é um erro começar não colocando no PPP um projeto de tão grande importância, de tão grande valor, que os alunos consideram como um projeto em primeiro lugar na escola. Porque não tem outro projeto da escola que tem mais aluno participante do que esse. Está comprovado. Então, já é um erro não ter no PPP. Eu acho que a escola deveria ter cobrado de coordenadores o projeto. Não pode. A escola tem um projeto, e esse projeto carrega um peso muito grande dentro da escola, porque tudo que se desenvolve de atividades de comunicação, de eventos, o projeto está na frente. Então, ele é uma como uma mola mestre na escola. Ele deveria estar no PPP eu estou sabendo agora que ele não está, porque para mim ele estava. [...] Aí como eu estou à frente desse projeto e como eu sei que todas ações têm que passar pelo projeto e não tem nada desvinculado, eu não tenho essa informação que está fora e eu não pode. Eu não sabia dessa informação que ele estava fora. (Educamunicação da E. E. Antonio Ferreira Sobrinho, entrevistada em 17 de agosto de 2017).

No que tange ao Projeto Político Pedagógico da escola, conforme já citado, durante a observação constatei a ausência não só do Projeto Educamunicação, mas também dos demais projetos que a escola possui (Projeto Jaciara Mata Viva e Projeto Horta Escolar). Durante a entrevista, questioneei essa omissão com as duas professoras, sendo a coordenadora enfática ao afirmar que o projeto consta no PPP. Já a educamunicação demonstrou indignação com a equipe gestora em não constá-lo no PPP, afirmando não ter conhecimento até aquele momento desta ausência no texto.

Apesar de ambas as professoras afirmarem que há relação das ações educamunicativas com as disciplinas formais do currículo escolar, fica claro que não há um envolvimento mais apurado dos demais professores, o que também se percebeu pelas fala dos alunos, quando muitos afirmam que não há relação das ações com as atividades realizadas em sala de aula.

Entretanto, aparece novamente a questão da curiosidade como motivadora da aprendizagem do aluno, desta vez na fala da coordenadora, a qual enfatiza que o conhecimento se efetiva com base no interesse e na participação do aluno.

Mesmo assim, a curiosidade parece não fazer parte da prática dos demais professores, como foi citado pela educadora. A mesma sugere a formação continuada como incentivo dessa integração entre o projeto e as demais disciplinas, buscando, através do conhecimento, uma maior adesão dos demais professores.

A esse respeito, prosseguindo a análise sobre a Pedagogia da Comunicação, foi questionado também se há e como ocorre a integração educação-disciplinas. Conforme se pode perceber nas respostas abaixo, a coordenadora comenta que já foi feito um primeiro momento de formação e repasse sobre o projeto, mas que precisa ser mais trabalhado.

6ª Pergunta: O que é preciso fazer para melhorar a integração entre o projeto e as demais disciplinas?

Nós temos que trabalhar um pouquinho mais, [risos]. É, não são todos que têm ideia da dimensão do projeto, alguns ainda não tiveram a curiosidade, né? De ver esse projeto um pouquinho mais de perto, mas nós temos, inclusive, um tema de sala de educador que trabalha o educação pra ver se a gente consegue trazer esses professores mais para perto da nossa realidade, porque ele é um projeto bonito, mas que precisa da participação de todos, né? Os professores precisam ajudar a professora coordenadora do projeto a montar os seus murais, a ter conteúdo para esses alunos falarem na rádio. Então, eu acho que os nossos professores ainda precisam chegar mais perto, eles estão muito distantes ainda do projeto educação (Coordenadora da E. E. Antonio Ferreira Sobrinho, entrevistada em 17 de agosto de 2017).

Percebe-se, na fala acima, que a coordenadora considera o envolvimento dos professores com o projeto como resultado da curiosidade, semelhantemente ao que declarou dos alunos. Mas, pela sua fala, não são todos que demonstraram interesse na relação entre suas disciplinas e as atividades do projeto, talvez por falta de curiosidade, talvez por falta de conhecimento ou formação, visto que a coordenadora cita a necessidade de estudar sobre o projeto no momento da formação continuada feita na escola.

Neste aspecto, a educação do bom senso defendida por Freinet precisa ser apreendida pelos demais professores, visto que não assumem a proposta pedagógica da escola ao isentarem-se da participação nos projetos educativos.

Nessa questão a educadora apresentou uma possibilidade que foge do eixo Pedagogia da Comunicação, mas se adequaria à educação para a comunicação como intervenção da Educomunicação:

7ª Pergunta: Há contribuição do projeto na missão da escola? De que forma?

Sim. Entendo que seriam os dois. A comunicação isolada das áreas seria um ponto de partida importante para o currículo que isso seria até um sonho né? A gente pensar, assim, numa matéria de comunicação, partir para a área do jornalismo na educação. Muito bacana, mas nem encontra, nós não temos e não podemos ter essa disciplina, componente curricular dessa forma. Nós temos que trabalhar ela dentro da disciplina. O que nós trabalhamos podemos incluir, só que é bem diferente eu ter a disciplina Comunicação na escola voltada para o profissionalismo. (...) (Educadora da E. E. Antonio Ferreira Sobrinho, entrevistada em 17 de agosto de 2017).

Segundo Almeida (2016, p. 19), na “área de educação para a comunicação, o objeto de estudo é a comunicação direta quanto a comunicação mediada”.

Ao sugerir a comunicação isolada como uma disciplina escolar, a professora educadora parece relacionar o projeto com o currículo de forma fragmentada, não integrado às demais disciplinas, mas trabalhado como uma “matéria” voltada para a profissão de comunicador ou jornalismo, como ela mesma cita.

A compreensão da comunicação como uma disciplina se distancia da proposta de educomunicação enquanto ação educativa voltada para “conscientizar as comunidades sobre o poder da articulação comunitária na sociedade e o papel da comunicação e do diálogo na construção do conhecimentos e na conquista de melhores condições de vida”, como pressupõe Almeida (2016, p. 6).

É importante ressaltar aqui a ideia de interdisciplinaridade, conforme citam Freire, Gadotti e Guimarães (1995, p. 10), é tida como uma utopia, que “conduz para a capacidade de sonhar e de lutar pelo sonho que deve animar o educador popular em todos os lugares onde atua”.

Essa animação, citada pelos autores, refere-se à curiosidade de que fala a coordenadora, visto que sem curiosidade não há motivação nem participação. Daí a importância de haver interesse dos professores em agregar as ações educacionais como complementares das atividades feitas em sala de aula.

Outro aspecto observado nas respostas dadas tanto pelos alunos quanto pelas professoras foi sobre a diferença que existe entre a escola, que possui educomunicação, e outras que não possuem. Conforme as respostas para essa

questão, percebi que houve unanimidade entre os participantes ao citarem a integração e espaço para expressão como principal diferença.

Essa percepção é reforçada pelo pensamento de Káplun (2014, p. 69), o qual afirma que “a expressão não se dá sem interlocutores; o aluno deve escrever para ser lido”. É fundamental que essa produção de significados seja difundida, socializada, compartilhada”.

Por último, porém não menos importante, já que um dos objetivos dessa pesquisa esteve voltado para a relação da Educomunicação com a formação cidadã dos educandos, foi feito um questionamento comum aos eixos de análise Educação e Pedagogia da comunicação, uma vez que a missão da escola é ofertar uma formação cidadã e crítica aos seus estudantes, conforme destaca o PPP.

Neste aspecto, os alunos apresentaram reflexões interessantes acerca do que é ser cidadão e dessa relação com o projeto, quando lhes foi questionado o seguinte: Enquanto cidadão/cidadã, na sua opinião, o projeto exerce alguma influência para sua prática cidadã? Vejamos o que responderam.

7ª Pergunta: O projeto influência sua prática enquanto cidadão/cidadã?

Acho que sim, sim. Porque, para mim, ser cidadão, eu acho que é um pouco de ser amigo. Decidir ajudar as pessoas.

Cris

Olha, sim. Influencia. Porque eu acho que ser cidadão é ajudar. Porque, assim, algumas das datas, das coisas que estão na programação, como falar das drogas, essas coisas, podem estar ajudando as pessoas a não entrarem no mundo das drogas, bebidas, né? Porque atrapalha um pouco a vida e prejudica para saúde...

Ricardo

Sim, como, como por exemplo, escutando músicas boas, não aquelas músicas que difamam a mulher, como funk ou rap, que fica xingando as pessoas, também é uma boa cultura, para saber o que é. Como cidadão tem que se portar na frente de alguém, uma pessoa de maior cargo que você. A sociedade, hoje em dia ela, é uma via de mão dupla. As pessoas te tratam como você trata elas, e o Educomunicação tem como fazer pessoas com caráter melhor, para ser cidadãos melhores.

Bruno Mauri

Sim, da forma que, a partir do momento que eu, como cidadão, consiga expor, por exemplo, os meus direitos, os meus deveres, eu vou poder estar atuando de melhor forma como cidadão, exigindo meus direitos e cobrando, né? E cumprindo deveres.

Ferreira

Sei lá não sei acho que é uma pessoa boa. A pergunta é muito difícil... É uma pessoa que faz parte de uma sociedade, não só no meio político.

André

Totalmente, porque muitos cidadãos procuram de reivindicar seus direitos, mas no meio que ele está ele não sabe demonstrar essa integração, então acaba ofendendo, acaba fazendo uma coisa que não é certa. Então, como cidadão fora da escola, acabei aprendendo isso, como dirigir uma informação formal, como dirigir uma conversa formalmente com alguém, com algum membro da população, com algum membro de um grupo político ou qualquer

coisa. Então, só esse fato de você conversar com as pessoas formalmente já ajuda, essencialmente, na nossa cidadania.

Robson

O envolvimento dos alunos em participar de algo [...] enquanto pessoa, membro de uma sociedade e nos chamarmos cidadãos. Como na escola o desenvolvimento é aquela parte de falar com jeito com as pessoas, a comunicação então é principal, e a facilidade da comunicação ajuda muito. Por exemplo, têm alunos aqui que chegaram no primeiro ano e que desenvolveu e se envolveram com projeto, estão criando laços de amizade e chegaram aqui às vezes sozinhos ou às vezes com algum problema psicológico. Ajuda bastante.

Maitê

Sim, porque ensina compreender as opiniões das pessoas.

Glória

Auxilia na disciplina, ensino a ter disciplina e responsabilidade

Victorino *(Estudantes colaboradores do Projeto Educomunicação na E. E. Antonio Ferreira Sobrinho, entrevistados em 15/05/2017).*

Na análise acerca da educação cidadã, considero que as respostas apresentadas pelos alunos, em sua maioria, refletem uma concepção de cidadania semelhante àquela que defendem Silva, Cardoso e Carvalho (2014), ao afirmarem que “a cidadania deve ser entendida num sentido amplo, que transcende o direito a ter direitos e implica, também, numa formação que contribua para a promoção destes direitos, através da participação ativa na sociedade, ao assumirem responsabilidades [...]”.

Em se tratando do bom senso na prática docente, uma forma de estabelecer diálogo entre a ação educadora e o conteúdo formal trabalhado em sala de aula, seria a realização de debates sobre as atividades feitas pelos alunos, a exemplo das entrevistas e produções de textos publicadas nas mídias comunicativas. O aproveitamento dessas intervenções nas atividades disciplinares reforçaria a abordagem dialógica dessas discussões, refletindo de uma prática docente pautada na valorização dos saberes e da leitura de mundo que os alunos fazem.

Também poderia servir de motivação para uma prática educativa mais instigante, motivadora e mediadora do conhecimento.

Falar em responsabilidade, em direitos, em ajudar os outros ou expressar suas opiniões é falar em participação. Freire (1992, p. 60) endossa que “não penso autenticamente se os outros também não pensam. Simplesmente não posso pensar pelos outros nem para os outros”. Tal afirmação implica não apenas a concepção dialógica da educação, mas ressalta o caráter democrático e participativo que a prática educativa deve ter.

Quando os alunos são capazes de perceber essa relação entre a atividade educadora e suas experiências dentro e fora dos muros da escola, pode-se considerar que o mesmo contribui sim na sua formação cidadã.

Desta forma, as mídias presentes no projeto Educomunicação são vistas como espaços favoráveis para a participação democrática não só enquanto meios de compartilhamento de informações, mas como espaço de produção individual e coletiva, bem como ambiente de diálogo e reflexão acerca das diversas temáticas que permeiam a vivência dos educandos e também dos educadores.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A realidade da educação no Brasil, principalmente do Ensino Médio, se levarmos em conta os altos índices de evasão e desistência dos estudantes desta modalidade, tem motivado educadores e estudiosos a buscarem estratégias que alterem esses resultados e que contribuam para um ensino de qualidade, democrático e participativo.

Nesta perspectiva, repensar o diálogo entre o ensino formal e informal, significa valorizar os diversos saberes que formam o indivíduo, no caso, educando e educador, visto que não é possível ensinar sem aprender.

Tal valorização perpassa pela consciência de classe, bem como pela concepção de sujeito que o educador tem. Só defende o diálogo no ambiente escolar quem assume uma educação pautada na mediação, na liberdade, na participação e, conseqüentemente, na ideia de que conhecimento não se adquire, mas se constrói.

O Projeto Educomunicação surge como uma proposta de integrar e transformar a realidade do Ensino Médio. O contexto histórico desta proposta comprova sua contribuição na busca por essa educação libertadora e de qualidade.

Considerando os objetivos desta pesquisa, os quais estiveram voltados para a relação entre o projeto Educomunicação e a formação cidadã dos estudantes de Ensino Médio da Escola Estadual Antonio Ferreira Sobrinho, pode-se, a partir dos dados coletados nas entrevistas e nos registros documentais, dizer que há uma contribuição significativa na formação cidadã dos alunos por parte do projeto.

Quando digo significativa, não considero apenas o número de entrevistados que demonstrou ter conscientização de seus direitos e de seu papel enquanto cidadãos. Levo em conta, também, os registros das entrevistas e das mídias educacionais, os quais comprovam que vários alunos utilizam a rádio e o jornal escolar para comunicar e compartilhar dúvidas e opiniões.

A partir desses registros, posso evidenciar a intervenção do Projeto na implementação de uma perspectiva democrática no ambiente escolar. Mesmo não tendo adesão de todos os professores, foi possível constatar que a presença da rádio e do jornal na escola promoveu mudanças na atuação de alunos e de alguns professores que, de uma forma ou de outra, contribuíram com as atividades educacionais.

Os relatos dos estudantes entrevistados, ao compararem a escola com outras que não ofertam o projeto, ressalta uma diferença na atuação dos alunos, pois estes são mais participativos, dedicados, críticos e adquirem o gosto pelas atividades escolares, mesmo que seja apenas para contribuir no projeto.

A espontaneidade e curiosidade dos repórteres que deixaram a escola e foram em outros ambientes da cidade, buscando informações sobre assuntos de seu interesse me permitiram estabelecer uma ligação desta ação com a realizada pelos cursistas do Educom.rádio Centro-oeste, onde os alunos atuaram como repórteres, registrando um evento nacional realizado em Cuiabá. Tal atitude, tanto no primeiro como no segundo exemplo, são resultados da intervenção educ comunicativa na escola.

Desta forma, a respeito da intervenção educ comunicativa, constatei que não são apenas os alunos diretamente envolvidos com o projeto que reconhecem as mídias educativas como um espaço de livre comunicação, pois, conforme observação e também os registros do Blog AFS Comunicando e do Boletim Informativo AFS Jovem, vários alunos que não estão inscritos como colaboradores do projeto, fazem uso desses espaços para expor suas opiniões e dons, como nos casos das reportagens, produções de textos e apresentações musicais.

Em se tratando dos eixos de análise – Educação e Pedagogia da Comunicação –, as respostas apresentadas pelas professoras demonstraram que o projeto contribui para o trabalho pedagógico e também para a participação dos estudantes dentro do ambiente escolar.

Fica claro nos dois grupos de entrevistados que a integração entre as disciplinas e o projeto ainda é mínima, fato que pode ser justificado pela falta de conhecimento dos professores acerca das áreas de intervenção da educ comunicação e sua importância na efetivação da comunicação no ambiente escolar.

A partir daí, o desafio que se institui é a efetivação do Projeto Educ comunicação enquanto política pública nas escolas, não se restringindo à um projeto, mas sendo adotado como prática pedagógica.

No que se refere a legislação que rege a função do educ comunicador no Estado de Mato Grosso, constatei ser a Lei Educom, de 2008, a mola propulsora dessa proposta. No entanto, as orientações sobre a atuação e intervenção do educ comunicador ainda são muito vagas, principalmente se considerarmos o embasamento teórico da proposta educ comunicativa.

Diante disto, considero ser necessária uma discussão entre Coordenadoria de Projetos Educativos da SEDUC/MT, Recursos Humanos e unidades escolares que adotam o projeto, buscando estabelecer uma melhor compreensão sobre as diretrizes da proposta, bem como uma avaliação das diretrizes voltadas para a função de educador.

É fato que a educação enquanto política pública no Estado de Mato Grosso indica um grande avanço na proposta de implementar práticas educativas que incentivem o protagonismo estudantil e promovam as mudanças necessárias para a efetivação da educação democrática e libertadora que defende Paulo Freire.

Não obstante, a diminuição do tempo destinado para as atividades do projeto pelo professor educador precisa ser revista, visto essa redução dificulta a integração da educação com as demais áreas de conhecimento, além de minimizar as atividades e produções, como ressaltou a professora educadora em sua fala. Basta comparar os registros das produções feitas com a carga horária de 10 horas atuais e as feitas quando o professor educador tinha 30 horas para trabalhar com o projeto. Os registros no Blog AFS Comunicando servem de comparativo para essa afirmação.

Outro aspecto passível de reflexão refere-se à exclusão da prática educadora da proposta de Escola Plena adotada em Mato Grosso, pois estando a educação a serviço da comunicação na escola, por que não incluí-la no ensino de tempo integral que, conforme Art. 2, tem por finalidade estimular a participação coletiva da comunidade escolar?

Desta forma, pensar em educação como política pública requer valorizar sua presença no ambiente escolar e, acima de tudo, incentivar sua prática enquanto promotora de mudanças sociais.

A falta de formação continuada na perspectiva educadora é outro ponto destacado na coleta de dados e que pode ser revisto a partir do diálogo entre comunidade escolar e SEDUC/MT. Pensar a inclusão dessa formação no PEFE, com a intervenção do CEFAPRO é uma sugestão que apresento a partir das análises realizadas.

Outra possível contribuição dessa pesquisa seria a sua divulgação aos professores, como referencial teórico para ampliar o conhecimento sobre educação, bem como sua integração com o currículo e com as habilidades e competências pressupostas pela Base Nacional Comum Curricular.

Desta forma, a escola que queira realmente propiciar uma educação cidadã precisa incentivar o educando-cidadão a ter opiniões próprias, sendo capaz de filtrar a informação, verificando sua veracidade ou não, bem como produzir sua própria interpretação a respeito do que escuta ou lê.

A pesquisa mostrou que o projeto Educomunicação trabalhado na Escola Estadual Antonio Ferreira Sobrinho promove a participação estudantil, promovendo atitudes cidadãs dentro e fora do ambiente escolar.

A partir daí, o desafio que se institui é a efetivação dessa proposta como política pública adotada pelas escolas públicas e privadas, não limitando a implementação do projeto a apenas uma demanda.

Por ser um estudo de caso, as informações apresentadas nesta pesquisa podem ser semelhantes a de outras escolas, assim como podem não existir em outras. Mesmo assim, podem servir de ponto de reflexão para futuras pesquisas.

É importante destacar que o projeto só se efetiva quando há interesse de um grupo, seja ele grande ou não. A consequência, quando sua avaliação é positiva, é a integração dos demais, o que faz com que a proposta deixe de ser um projeto e se torne efetivamente política pública institucional.

Sugiro, como proposta para futuras pesquisas, uma investigação comparativa da intervenção do projeto Educomunicação em todas as escolas que o implementaram em Jaciara, analisando os resultados e atividades produzidas e verificando as possíveis contribuições do mesmo na formação dos envolvidos.

No que tange à pesquisa enquanto legado, além do aprofundamento teórico sobre a prática educadora, posso afirmar que a realização deste estudo me permitiu sair da zona de conforto em que me encontrava, pois percebi que, enquanto educadora, tenho a missão de promover essa prática para meus colegas, auxiliando-os a reconhecer a importância e as possibilidades dessa proposta.

A partir daí, pretendo dedicar-me no aperfeiçoamento da prática pedagógica que fomente a comunicação na escola e que contribua para que os alunos se percebam capazes de questionar, dialogar, conhecer e contribuir para uma possível sociedade democrática.

Neste sentido, ao propor o diálogo entre as concepções teóricas de Freire, Freinet e Soares, entre outros que endossam a educomunicação, proponho-me a contribuir para que a escola seja comprometida com a formação pautada na liberdade, consciência crítica e cidadã, pautada na ética e responsabilidade.

Concluindo, considero que essa pesquisa se constitui como material relevante para impulsionar uma reflexão acerca dos desafios e perspectivas de desenvolvimento e implantação do projeto Educomunicação, diante de um contexto sócio-político que dificulta a implementação de práticas educativas realmente inclusivas e democráticas.

Por último, pode também contribuir para a formação de professores, alunos e todos que sintam curiosidade em compreender o que é Educomunicação e qual seu papel na implementação de uma educação pautada no protagonismo estudantil e no diálogo.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Maria do Carmo Souza de. Pro dia nascer feliz: imagens da educação brasileira. IN: CITELLI, Adilson (org). *Educomunicação: imagens do professor na mídia*. São Paulo: Paulinas, 2012.

ALMEIDA, Lígia Beatriz Carvalho de. Projetos de intervenção em educomunicação. 2016. Disponível em: http://issuu.com/ligiacarvalho77/docs/sas_reas_de_interven_o_da_educo/1. Acesso em: 11/01/2018.

APARICI, Roberto (org.). *Educomunicação para além do 2.0*. São Paulo: Paulinas, 2014.

BALTAR, Marcos. *Rádio escolar: uma experiência de letramento midiático*. São Paulo: Cortez, 2012.

BARRETO, A. As tecnologias intensivas de Informação e o reposicionamento dos atores no setor. In: *INFO 2014. Anais*. Cuba, 1997. Disponível em: . Acesso em: 14/01/2018.

BELLO, Angela Ales. *Introdução à Fenomenologia*. Bauru/SP: Edusc, 2006.

BICUDO, Maria Aparecida Viggiani (org.) *Pesquisa qualitativa segundo a visão fenomenológica*. São Paulo: Cortez, 2011.

BLOG AFS COMUNICANDO. Disponível em: <https://afscomunicando.blogspot.com.br/> Acesso em: 12/06/2017.

BORDENAVE, Juan E. Diáz. *O que é comunicação*. São Paulo: Brasiliense, 1997. (Coleção Primeiros Passos)

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *O que é educação*. São Paulo: Brasiliense, 2007. (Coleção Primeiros Passos)

BRASIL. *Base Nacional Comum Curricular*. Ensino Médio. 2018. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/wp-content/uploads/2018/04/BNCC_EnsinoMedio_embaixa_site.pdf Acesso em: 06/04/2018.

_____. *Projeto de Lei N.º 867, de 2015*. Disponível em: <http://www.camara.gov.br/sileg/integras/1317168.pdf> Acesso em 15/08/2017.

_____. Ministério da Educação e Cultura. *Plano Nacional de Educação*. 2017. Disponível em: <http://pne.mec.gov.br/> Acesso em: 03/01/2018.

_____. *Plano Nacional da Educação*. 2014-2024: Lei nº 13.005, de 25 de junho de 2014, que aprova o Plano Nacional de Educação (PNE) e dá outras providências. 2ª ed. Brasília: Câmara dos Deputados, Edições Câmara, 2017. Versão e-pub.

BUFFA, Ester, ARROYO, Miguel, NOSELL, Paolo. *Educação e cidadania: quem educa o cidadão?* São Paulo: Cortez, 1987.

CARLSSON, Ulla, FEILITZEN, Cecilia Von (orgs.) *A criança e a mídia: imagem, educação, participação*. São Paulo: Cortez, 1999.

CARVALHO, Ademar de Lima. *O imaginário e ausência: estigma e diferenças na educação – a necessidade de uma educação inclusiva*. Cuiabá: EdUFMT, 2007, v. 01, p. 69-98.

_____. *Pedagogia e psicologia: interrelações históricas e possibilidades contemporâneas*. 2013. (Apresentação de Trabalho/Comunicação).

_____. *Educação e cidadania: um diálogo necessário*. In: SILVA, Adelmo Carvalho, CARDOSO, Cancionila Jankovski, CARVALHO, Ademar de Lima. *Educação, cidadania e práticas educativas*. Cuiabá: EdUFMT, 2014.

CHIZZOTTI, Antônio. *Pesquisa em ciências humanas e sociais*. São Paulo: Cortez, 2006.

CITELLI, Adilson (org). *Educomunicação: imagens do professor na mídia*. São Paulo: Paulinas, 2012.

CONSANI, Marciel. *Como usar o rádio na sala de aula*. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2012.

COSTA, Elisângela Rodrigues. *Educomunicação e políticas públicas: um estudo comparativo entre as cidades de São Paulo e Rio de Janeiro*. 2015. Disponível em: <https://eventos.set.edu.br/index.php/simeduc/article/view/3317> Acesso em: 16/12/2017.

COVRE, Maria de Lourdes Manzini. *O que é cidadania*. São Paulo: Brasiliense, 2002. (Coleção Primeiros Passos, 250)

DE PAULA, J. A. A “introdução dos Grundrisse”. In: DE PAULA, João Antônio (Org.). *O ensaio geral: Marx e a crítica da economia política (1857-1858)*. Belo Horizonte: Autêntica, 2010. p. 89-108.

FARIA, Maria Alice. *Como usar o jornal na sala de aula*. Ed. 3. São Paulo: Contexto, 2007.

FAZENDA, Ivani (org). *Metodologia da pesquisa educacional*. 3 ed. São Paulo: Cortez, 1994.

_____. *O que é interdisciplinaridade*. São Paulo: Brasiliense, 2008.

FREINET, Célestin. *O jornal escolar*. Cooperativa de L'Enseignement laic Cannes: Editorial Estampa, 1967.

_____. *Educação do Trabalho*. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

_____. *Educação e bom senso*. São Paulo: Martins Fontes, 2004, p. 11-13.

FREIRE, Cláudia Pontes. *Método e monitoramento de redes sociais: epistemologia, técnicas e propostas de mineração de bancos de dados para conteúdos gerados por fãs de telenovelas em redes sociais*. São Paulo: Programa de Pós-graduação em Ciências da Comunicação da ECA/USP, 2015. Tese de Doutorado.

FREIRE, Paulo. *Extensão ou comunicação*. 8ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 1985.

_____. *Educação e mudança*. 11ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 1986.

_____. *Pedagogia do oprimido*. 17ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

_____. Prefácio. IN: GUTIÉRREZ, Francisco. *Pedagogia para el Desarrollo Sostenible*. Heredia, Costa Rica: Editorialpec, 1982.

_____. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 6 ed. São Paulo: Paz e Terra, 1997.

_____. *Política e educação: ensaios*. 5 ed. São Paulo: Cortez, 2001.

_____, Paulo. *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa*. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2015.

GADOTTI, Moacir. *Educação cidadã*. São Paulo: Cortez, 1992.

_____. *Pedagogia da práxis*. São Paulo: Cortez/Instituto Paulo Freire, 1995.

GADOTTI, Moacir; FREIRE, Paulo; GUIMARÃES, Sérgio. *Pedagogia diálogo e conflito*. 4 ed. São Paulo: Cortez, 1995.

GIL, Antonio Carlos. *Como elaborar projetos de pesquisa*. São Paulo: Atlas, 2007.

GRAMSCI, A. *Quaderni del carcere*. Edição crítica de Valentino Gerratana. Torino, Einaudi, 1977. 4 v.

GÓMEZ, Guillermo Orozco. *Educomunicação: recepção midiática, aprendizagens e cidadania*. São Paulo: Paulinas, 2014.

HERMANN, Nadja. *Hermenêutica e Educação*. Coleção [o que você precisa saber sobre...] Rio de Janeiro: DP & A. 2002.

IMBERNÓN, Francisco (org.). *A educação no século XXI: os desafios do futuro imediato*. 2 ed. Porto Alegre: Artmed, 2000.

IOMAT. *Instrução Normativa 008/2007*. 2007. Disponível em: <https://www.iomat.mt.gov.br/portal/visualizacoes/pdf/1572/#/p:23/e:1572?find=Educomunica%C3%A7%C3%A3o> Acesso em 19/12/2017.

_____. *Portaria nº. 257/08/GS/Seduc/MT*. 2008. Disponível em: <https://www.iomat.mt.gov.br/portal/visualizacoes/pdf/1868#/p:13/e:1868?find=educomunica%C3%A7%C3%A3o> Acesso em 18/12/2017.

_____. *PORTARIA Nº. 371/09/GS/SEDUC/MT*. 2009. DISPONÍVEL EM: <HTTPS://WWW.IOMAT.MT.GOV.BR/PORTAL/VISUALIZACOES/PDF/2414#/P:50/E:2414?FIND=Educomunica%C3%A7%C3%A3o> ACESSO EM: 21/12/2017.

_____. *PORTARIA Nº 584/10/GS/SEDUC/MT*. 2010. DISPONÍVEL EM: <HTTPS://WWW.IOMAT.MT.GOV.BR/PORTAL/VISUALIZACOES/PDF/2706#/P:55/E:2706?FIND=Educomunica%C3%A7%C3%A3o> ACESSO EM: 21/12/2017

_____. *Portaria Nº 451/11/GS/SEDUC/MT*. Disponível em: <https://www.iomat.mt.gov.br/portal/visualizacoes/pdf/2968#/p:44/e:2968?find=educomunica%C3%A7%C3%A3o> Acesso em 19/12/20187.

_____. *Portaria 2012, p. 41*. Disponível em: <https://www.iomat.mt.gov.br/portal/visualizacoes/pdf/3261#/p:41/e:3261?find=educomunica%C3%A7%C3%A3o> Acesso em 19/12/2017.

_____. *Portaria nº. 434/13/GS/SEDUC/MT*. 2013. DISPONÍVEL EM: <https://www.iomat.mt.gov.br/ver/3580/22/Portaria%20n%C2%BA.%20434%2F13> Acesso em: 21/12/2017

_____. *Portaria Nº. 310/014/GS/SEDUC/MT*. 2014. Disponível em: <https://www.iomat.mt.gov.br/portal/visualizacoes/pdf/3839#/p:35/e:3839?find=Educomunica%C3%A7%C3%A3o> Acesso em: 19/12/2017.

_____. *Portaria Nº 416/2015/SEDUC/MT*. 2015. Disponível em: <https://www.iomat.mt.gov.br/ver/14313/69/Portaria%20n%C2%BA%20416%2F2015%2FSGS%2FSEDUC%2FMT> Acesso em 24/12/2017.

KAPLÚN, Mario. Uma pedagogia da comunicação. In: *Educomunicação para além do 2.0*. São Paulo: Paulinas, 2014. p. 59-80.

_____. *A la educación por la comunicación*. La práctica de la comunicación educativa - UNESCO/OREALC, Chile, 1992. 234 p.

LEGRAND, Louis. *Célestin Freinet*. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massangana, 2010.

LUDKE, Menga; ANDRÉ, Marli E. D. A. *Pesquisa em educação: abordagens qualitativas*. São Paulo: EPU, 1986.

MANACORDA, Mario Alighiero. *História da educação: da antiguidade aos nossos dias*. 2. ed. São Paulo: Cortez, 1989.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. *Fundamentos de metodologia científica*. 5 ed. São Paulo: Atlas, 2003.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Atividades de referenciação, inferenciação e categorização na produção de sentido. In: FELTES, Heloísa Pedroso de Moraes (org.). *Produção de sentido: estudos transdisciplinares*. São Paulo: Annablume; Porto Alegre: Nova Prova; Caxias do Sul: Educs, 2003.

MARTÍN-BARBERO. *Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonias*. 5. ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2008.

_____. Globalização comunicacional e transformação cultural. In: MORAES, Dênis de (org.). *Por uma outra comunicação: mídia, mundialização cultural e poder*. 5. Ed. Rio de Janeiro: Record, 2010, p. 57-86.

MARTINS, Bruno. *Oprimidos da Pedagogia: de Paulo Freire à educação democrática*. São Paulo: Nibelungo, 2014. Disponível em: <https://www.sabedoriapolitica.com.br/products/pedagogia-do-oprimido-resenha-critica/> Acesso em: 31/12/2017.

MELÔNIO, Danielton C. Educação, poder e currículo: uma análise da relação entre escola, currículo e dominação a partir de Michael Apple. *Pesquisa em foco: educação e filosofia*. Vol. 5. 1º semestre/2012. Disponível em: <http://www.educacaoefilosofia.uema.br/> Acesso em: 03/11/2017.

MÉSZAROS, István. *A educação para além do capital*. São Paulo: Boi Tempo Editorial, 2005 (Mundo do Trabalho)

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). *Pesquisa social*. 18 ed. São Paulo: Vozes, 2001

MOGADOURO, Cláudia de Almeida. *Educomunicação e escola: o cinema como mediação possível (desafios, práticas e proposta)*. São Paulo, 2011. Disponível em: http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27154/tde-23092011-174020/publico/TESE_MOGADOURO_CLAUDIA.pdf Acesso em 19/12/2017.

MOREIRA, Cláudia da Consolação. *Educom.Rádio: indícios e sinais*. UFMT, 2017. Disponível em: http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action=&co_obra=94712 Acesso em 12/01/2018.

PARO, Vitor Henrique. *Educação como exercício do poder: crítica ao senso comum em educação*. São Paulo: Cortez, 2008.

PIOVESAN, Eduardo; MORAIS, Ginny. *Câmara aprova MP 746, de 2016*. 2016. Disponível em: <http://www2.camara.leg.br/camaranoticias/noticias/EDUCACAO-E-CULTURA/521288-CAMARA-APROVA-MP-DA-REFORMA-DO-ENSINO-MEDIO.html> Acesso em 10/04/2018.

PORTAL DO JORNALISTA. Jandir Martins. 2017. Disponível em: <http://www.portaldosjornalistas.com.br/jornalista/jandir-martins/> Acesso em 18/12/2017.

PPP. Projeto Político Pedagógico da E. E. Antonio Ferreira Sobrinho. Disponível em: <https://drive.google.com/file/d/1Px3GZDvhZ12W7H5Ooc6pyttLxqf2c5yE/view?usp=sharing> Acesso em 11/05/2017.

PUCCI, Bruno. *A nova práxis educacional da igreja*. São Paulo: Ed. Paulinas, 1984.

REY, González F. *Pesquisa qualitativa e subjetividade*. São Paulo: Thomson, 2010

ROMÃO, Lílian C. R. Participação cidadã e os desafios da Educomunicação. IN: *Intercom* : Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação XXXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. São Paulo/ SP, 05 a 09/09/2016. Disponível em: <http://portalintercom.org.br/anais/nacional2016/resumos/R11-2357-1.pdf> Acesso em: 09/01/2018.

SANTANA, Ana Elisa. *Escola sem Partido*: entenda o que é movimento que divide opiniões na educação. Disponível em: <http://www.ebc.com.br/educacao/2016/07/o-que-e-o-escola-sem-partido> Acesso: 24/02/2018.

SCHMIED-KOWARZIK, W. *Pedagogia dialética*: de Aristóteles à Paulo Freire. São Paulo: Brasiliense, 1983.

SEDUC. Notícias. 2008. Disponível em: www.seduc.mt.gov.br/Paginas/Noticias.aspx?Paged.

SOARES, Ismar de Oliveira (org). *Para uma leitura crítica dos jornais*. São Paulo: Paulinas, 1989.

_____. Comunicação/educação: a emergência de um novo campo e o perfil de seus profissionais. In: *Contato*. Brasília, ano I, n 2, jan/mar, p. 18-74.

_____. Gestão comunicativa e educação: caminhos da Educomunicação. IN: *Comunicação & Educação*, São Paulo. (23) 16 a 25, jan./abr. 2002.

_____. *Educomunicação*: o conceito, o profissional, a aplicação – contribuições para a reforma do Ensino Médio. São Paulo: Paulinas, 2011.

_____. A educomunicação na América Latina: apontamentos para uma história em construção. IN: APARICI, Roberto (org.). *Educomunicação para além do 2.0*. São Paulo: Paulinas, 2014.

_____. *Educomunicação e educação midiática*: vertentes históricas de aproximação entre comunicação e educação. *Comunicação & Educação*, Brasil, v. 19, n. 2, p. 15-26, set/dez, 2014.

_____. A Educomunicação em diálogo com as tecnologias, na educação básica. IN: *Comunicação & Educação*, Brasil, vol. 20, n. 2, p. 7-14, jul/dez 2015.

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. *Introdução à pesquisa em Ciências Sociais: a pesquisa qualitativa em educação*. São Paulo: Atlas, 1987.

VIRAÇÃO. *Guia de participação cidadã para educadores*. 2017. Disponível em: http://viracao.org/wp-content/uploads/2017/05/GuiaDeParticipa%C3%A7%C3%A3oCidad%C3%A3paraEducadores.pdf?utm_campaign=primeiro_nome_acesse_o_seu_guia_de_participacao_cidada_para_educadores&utm_medium=email&utm_source=RD+Station Acesso em 01/03/2018.

WELLER, Wivian; PFAFF, Niole (orgs.) *Metodologias da pesquisa qualitativa em educação: teoria e prática*. Petrópolis/RJ: Vozes, 2010.

APÊNDICES

APÊNDICE A: ROTEIRO DE ENTREVISTA PARA ESTUDANTES

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO
GROSSO CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE
RONDONÓPOLIS
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E
SOCIAIS**



PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

Roteiro de entrevista para o projeto de pesquisa “Educação e comunicação: o projeto educomunicação na escola de Ensino Médio Antonio Ferreira Sobrinho, em Jaciara – MT.”

Entrevista para estudantes

O que pretendo saber com esta entrevista:

- O que levou o jovem a participar do projeto;
- O que o/a jovem sabe a respeito do projeto Educomunicação;
- Como o/a jovem vê o projeto e o que espera dele;
- Como o projeto influencia sua vida (valores cidadãos);
- Como o/a jovem se sente no projeto.

Questões:

1- Fale-me um pouco de você.

1.1- Você mora com quem?

1.2- Qual a sua idade?

1.3- Você estuda em que ano do Ensino Médio e em qual período?

1.4- Como você soube do Projeto Educomunicação?

1.5- Por que você quis participar do projeto?

1.6- O que a sua família pensa sobre a sua participação no projeto?

2- Fale-me sobre o que você sabe a respeito do projeto.

2.1- Você pode me explicar o que é o Projeto Educomunicação?

2.2- O que é preciso para participar do Projeto?

2.3- Quais os objetivos do Projeto?

2.4- Você sabe se existe algum material que indica como deve funcionar o Projeto Educomunicação?

2.5 - Há quanto tempo atua no projeto Educomunicação?

2.6 - Em que (quais) função(ões) atua no projeto?

2.7 - Para você, enquanto estudante, o projeto contribui para seu aprendizado? Como?

2.8 - Fala se o projeto Educomunicação o ajudou na sua vida de estudante, enquanto cidadão e participação social.

2.9 - Como você avalia a sua participação no projeto de educomunicação?

2. 10 - O que desenvolve no projeto tem relação com o seu estudo na escola?
- 2.11- Você pode apresentar uma ou mais características que diferenciam essa escola de outra que não tem o Projeto?
- 2.12 - Há alguma mudança no trabalho com o Educomunicação que você gostaria de sugerir para melhoria da qualidade?

APÊNDICE B: ROTEIRO DE ENTREVISTA PARA PROFESSORAS



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE RONDONÓPOLIS
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
EDUCAÇÃO**



Roteiro de entrevista para o projeto de pesquisa “Educação e comunicação: o projeto educomunicação na escola de Ensino Médio Antonio Ferreira Sobrinho, em Jaciara – MT.”

Entrevista para professora educadora e coordenadora

O que pretendo saber com esta entrevista:

- O que o/a professor/a sabe a respeito do projeto Educomunicação;
- Como o/a professor/a vê o projeto e o que espera dele;
- Como o projeto influencia sua prática docente (valores cidadãos);
- Como o/a professor/a se sente no projeto.

2- Fale-me sobre o que você sabe a respeito do projeto.

2.1- Você pode me explicar o que é o Projeto Educomunicação?

2.2- O que é preciso para participar do Projeto?

2.3- Quais os objetivos do Projeto?

2.4- Você sabe se existe algum material que indica como deve funcionar o Projeto Educomunicação?

2.5 - Há quanto tempo atua no projeto Educomunicação?

- Para você, enquanto professor/a (coordenador/a, diretor/a, articulador/a), em que o projeto contribui para seu trabalho pedagógico?

Essa contribuição é registrada no PPP, através de ações práticas entre as disciplinas das diversas áreas e as ações do Projeto? Explique.

Em relação à formação cidadã do educando, conforme cita a missão da escola, você considera que há contribuição do projeto nesta missão? De que forma?

Na sua opinião, o que diferencia a escola de outras que não têm o projeto Educomunicação?

Para você, há diferença entre a prática dos alunos que participam do projeto e dos que não participam? Se sim, qual(is)?

Há alguma mudança no trabalho com o Educomunicação que você gostaria de sugerir para melhoria da qualidade?

ANEXOS

ANEXO A: PROJETO EDUCOMUNICAÇÃO

ESCOLA ESTADUAL ANTONIO FERREIRA SOBRINHO

PROJETO EDUCOMUNICAÇÃO – MÍDIAS EDUCATIVAS NA ESCOLA

JACIARA - MT

2017

ESCOLA ESTADUAL ANTONIO FERREIRA SOBRINHO**PROJETO EDUCOMUNICAÇÃO – MÍDIAS EDUCATIVAS NA ESCOLA**

Projeto Educativo apresentado pela Escola Estadual “Antonio Ferreira Sobrinho, localizada à Avenida Piracicaba, 1030, Centro, Jaciara –MT, telefone/fax (66)3461-1902. E-mail: jcr.ee.antoniof.sobrinho@seduc.mt.gov.br, pela professora Elisângela Lopes de Lima Carvalho, com proposta de uso das mídias TV escolar, rádio pátio escolar, jornal impresso, jornal mural e ambiente virtual (facebook e blog). Os componentes curriculares envolvidos no projeto são as disciplinas constantes da área de linguagem: Língua Portuguesa, Língua Estrangeira, Artes, além das áreas de Códigos, Ciências Exatas, Humanas e Sociais e Matemática.

JACIARA - MT**2017**

JUSTIFICATIVA

A escola, enquanto espaço de aprendizagem e valorização dos saberes dos alunos, integra uma variedade de conhecimentos, os quais devem cada vez mais fazer parte das atividades pedagógicas. Uma vez que para a geração atual o acesso às tecnologias de Informação e Comunicação – TICs faz parte do cotidiano, pois apresenta um aparato de recursos tecnológicos, pensar uma forma de integrar tais recursos ao fazer pedagógico tem sido uma preocupação da Escola Estadual Antonio Ferreira Sobrinho, uma vez que em se tratando dos jovens que cursam o Ensino Médio, essa ocorrência é ainda mais forte, pois a relação dos mesmos com tais recursos é cada vez mais intrínseca. Isto posto, a escola precisa adaptar suas atividades a essa interatividade coletiva de forma a tornar o trabalho comunicativo e a relação com os alunos muito mais prazerosa e integradora.

Outro incentivo à implementação de tal integração está na sanção da Lei Estadual nº 8.889/08 de autoria do deputado estadual Alexandre Cesar, uma vez que dispõe sobre a implantação do programa Rádio Escola Independente na rede Estadual de ensino. Através de mini-estações de rádio, em cada unidade escolar, os alunos poderão trabalhar todas as áreas de ensino, códigos, linguagens, ciências exatas, humanas e sociais.

Em execução desde 2011, o projeto Educomunicação traz diversos benefícios aos estudantes, enumerados na própria Lei, como o desenvolvimento da criatividade e do senso de responsabilidade; a exploração das potencialidades pedagógicas do rádio para a difusão de conteúdos escolares; a promoção da educação ambiental na escola de forma interdisciplinar; a contribuição para a formação do jovem e o estímulo ao exercício da cidadania; o combate à violência e o favorecimento à cultura de paz no ambiente escolar.

Além disso, tornou-se um espaço aberto de divulgação e comunicação entre os jovens, utilizando as mídias disponíveis, as quais são a Rádio Escola AFS Vivo, o Blog AFS Comunicando, o Boletim Informativo AFS Jovem e o Jornal Mural “Papas na língua”, os quais funcionam como uma proposta de integrar os meios de comunicação e informação disponíveis no ambiente escolar, como por exemplo, televisão, celular, DVD, internet e rádio.

Entretanto, tais recursos não estão sendo utilizados como nos dois primeiros anos do projeto, nos quais havia disponibilidade de um professor com 30 horas para atendimento do projeto.

A extensão das atividades realizadas na escola nos períodos matutino, vespertino e noturno, somadas ao quantitativo de alunos interessados em contribuir com o projeto exigem

uma carga horária de trinta (30) horas, contrariamente ao que vem ocorrendo há três anos, nos quais apenas dez (10) horas têm sido insuficientes para que o projeto funcione nos três períodos.

É sabido que cada unidade escolar realiza um trabalho diferenciado, sendo o nosso trabalho comprovadamente de qualidade e produtivo, não podendo ser comparado aos que não alcançam resultados positivos ou penalizado por falta de produção dos demais.

O Projeto Educomunicação, enquanto integração das mídias no ambiente escolar, promoveu na Escola Estadual Antonio Ferreira Sobrinho a implementação de uma “concorrência” ao método tradicional de ensino praticado em muitas escolas do Brasil, ainda pautado na antiga concepção que cabe ao aluno esperar ao conteúdo previamente estabelecido por um agente detentor exclusivo do conhecimento – o professor. As próprias práticas tradicionais existentes na escola são combatidas com a prática educadora, a qual exige do professor uma nova postura em relação às mídias.

Portanto, manter o Projeto Educomunicação com uma carga horária de 30 horas, para atendimento nos três períodos de funcionamento é permitir que a escola entenda sua importância diante dessa nova realidade, usando as mídias como aliadas ao processo de ensino e como recursos que incentivem nos jovens o interesse pela construção de uma realidade sócio-educacional diferente, auxiliando-os a reconhecer que cada indivíduo é um agente importante nessa construção, a partir da compreensão de seu modo de pensar, agir e falar.

Desta forma, a continuidade deste projeto, desde que de uma forma eficaz (com carga horária compatível ao atendimento da escola e às atividades propostas neste projeto), torna possível a implementação e manutenção de uma ação pedagógica inovadora, que utilize a linguagem escrita, falada e cantada como incentivo ao desenvolvimento intelectual, crítico e criativo dos alunos. Sem a disponibilidade das 30 horas para o professor responsável pelo projeto, praticamente três das mídias integrantes do projeto (jornal impresso, rádio escola e blog) tornam-se obsoletas, em virtude da falta de tempo para manutenção dos mesmos, restando o mínimo de tempo para atender.

OBJETIVOS:

OBJETIVOS GERAIS

- Promover o protagonismo juvenil por meio da integração entre processo de ensino e práticas educadoras, utilizando as mídias e tecnologias de informação e comunicação na promoção de uma educação cidadã;
- Contribuir para o desenvolvimento da competência leitora e escritora e das expressões comunicativas dos alunos;
- Possibilitar o desenvolvimento da expressão comunicativa;
- Contribuir para a integração entre professores, alunos e comunidade.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Fomentar a leitura e escrita a partir da contribuição prática nos programas de rádio e TV escolar, integrando as produções dessas mídias aos conteúdos trabalhados em sala de aula;
- Desenvolver a ideia e a consciência do jovem enquanto agente produtor e receptor de conhecimento e cultura, através da participação nas atividades de educação;
- Utilizar as mídias (TV, Jornal impresso, jornal mural, rádio escolar, blog e facebook) como instrumentos colaboradores no desenvolvimento do processo educacional e de compartilhamento de conteúdos;
- Aprimorar o conhecimento da linguagem oral e escrita, visando a expressão de opiniões;
- Reconhecer a interatividade como um instrumento fundamental na construção do conhecimento na sociedade brasileira atual, favorecendo a utilização das mídias como recursos de discussão e debate de temas relacionados à realidade local;
- Divulgar das ações pedagógicas realizadas na E.E. Antônio Ferreira Sobrinho para a comunidade escolar e adjacente, através das produções escritas e audiovisuais;
- Estimular o trabalho criativo e a socialização entre as turmas dos três períodos de funcionamento da escola.
 - Contribuir para o desenvolvimento de competências para o uso das tecnologias na comunicação, incentivando a produção de áudios e vídeos;
 - Ampliar o universo cultural e intelectual dos participantes, proporcionando atividades de pesquisa em diferentes fontes de produção de textos e de informação;
- Exercitar a comunicação oral, aperfeiçoando a objetividade e clareza de exposição do pensamento;
- Favorecer a convivência e trabalho em grupo, respeitando diferenças, níveis de conhecimento e ritmos de aprendizagem de cada integrante da equipe.

METODOLOGIA:

A metodologia de trabalho do projeto Educomunicação inclui práticas educadoras que utilizam as mídias rádio escolar (sendo até o momento a rádio pátio), através da qual são feitas gravações de áudio e podcast, os quais são disponibilizados na programação da rádio, nos horários de intervalo, e também no Blog AFS Comunicando.

O projeto Educomunicação – Educação e Mídias – na Escola Estadual Antônio Ferreira Sobrinho constitui-se como atividade interna da escola, objetivando contribuir para a melhoria do processo educativo, mobilizando direção, coordenação pedagógica, professores, alunos e demais funcionários nos horários de intervalo bem como nas horas de lazer, sendo as ações do projeto executadas durante os períodos de funcionamento da escola: às segundas feiras é montado o Jornal Mural, com a contribuição dos alunos colaboradores, os quais possuem um cronograma de organização com temas das colunas apresentadas. Também ocorre toda segunda-feira, às 06:45 e 12:45, o Programa “Falando com Deus”, com mensagens bíblicas e músicas religiosas, gravado anteriormente pelos alunos responsáveis do matutino, e vespertino, sob monitoramento da coordenadora do projeto.

Essas atividades de organização do material, gravação, edição de áudio, impressão tanto do jornal mural quanto do programa de segunda-feira já ocupam a carga horária de dez (10) horas, o que limita as demais atividades de organização dos programas diários da Rádio Escola, seleção de material, edição e impressão do Boletim Informativo AFS Jovem, quiçá da alimentação do Blog AFS Comunicando e Facebook da Escola, muitas das quais, mesmo sendo delegadas aos alunos, não funcionam sem monitoramento do professor responsável.

Com tantas mídias existentes, a metodologia de mediação dos trabalhos realizados pelos alunos tem sido insuficiente para o funcionamento de todos os recursos que o projeto Educomunicação alcançou ao longo dos anos de funcionamento, o que exige uma reformulação para o ano de 2017, de forma ou a limitar as atividades, o que prejudicará a participação dos alunos já envolvidos e também a inserção de novos, ou de uma ampliação da carga horária que permita atender todos os recursos.

CRONOGRAMA

Sendo os recursos midiáticos da escola responsáveis por abordar assuntos de fundamental importância, como ações voltadas para a educação; ações da Secretaria de ação social; saúde, educação, esporte, lazer, cultura, veiculação de músicas previamente selecionadas, serviços de utilidade, avisos, recados, compartilhamento de conteúdos, enfim, atividades de interesse da comunidade, utilizar a abrangência da Rádio AFS Vivo, do Informativo AFS Jovem, do Blog AFS Comunicando e do Jornal Mural “Papás na língua” exige uma disponibilidade maior da coordenação do projeto, sendo as ações descritas abaixo:

1. Ações relativas ao Blog “AFS Comunicando”

ATIVIDADES RELATIVAS AO BLOG	PERÍODO (DATA)	CARGA HORÁRIA
Atualização dos direitos de imagem e voz dos alunos menores de idade da escola junto aos pais ou responsáveis, através de autorização escrita para divulgação de imagens e áudios;	ANUAL (Março/2017 Início do ano letivo)	10 horas (2 horas por um dia)
Atualização do conteúdo do blog, com informações do dia a dia da escola, fotos e diversos registros de passeios, aulas de campo, projetos interdisciplinares, atividades vivenciadas pelos alunos, atividades curriculares intra e extraclasse, etc.;	Semanalmente Março a Dezembro/2017	5 horas semanais (1 hora por dia)
Preparação de atividades interativas e promoções a fim de que ocorra o estímulo à visitação do blog pelos alunos.	Semanalmente Março a Dezembro/2017	30 minutos por semana
Divulgação do endereço do blog e das novas postagens por variadas formas: rede social (Facebook) Jornal mural e impresso, cartazes, anúncios em sala nos três períodos, entre outros.	ANUAL (Março/2017 Início do ano letivo)	10 horas (2 horas por um dia)
Realização oficinas com os alunos abordando as diversas fases das postagens do blog e criação de Podcast das programações da rádio escola.	Quinzenal Março Dezembro/2017	10 horas (3 horas por dia, sendo 1 oficina por período)
Realizar uma escolha de dois representantes por turma para que sejam habilitados como colaboradores do blog.	ANUAL (Março/2017 Início do ano letivo)	5 horas
Criar conta de email para os monitores por turma e adicioná-los como colaboradores e tenham direito de realizar postagens no blog.	ANUAL (Março/2017 Início do ano letivo)	3 horas
Realizar um cronograma de postagem, especificando o momento em que cada turma será responsável pela publicação de dados, textos, informações em geral no blog, sob tutela do(s) professor(es) responsável(is).	Quinzenal Março Dezembro/2017	2 horas

Realização de reuniões para avaliação dos resultados das postagens do blog, bem como atualização de conteúdo.	MENSAL	4 horas
---	--------	---------

2. Ações relativas ao “Jornal Mural Papas na Língua”

Nº	ATIVIDADES RELATIVAS AO JORNAL MURAL	PERÍODO (DATA)	CARGA HORÁRIA
1	Oficinas extraclasse sobre os recursos e textos jornalísticos em horário de contraturno, destacando sua importância do jornal escrito (impresso ou mural) na sociedade escolar e como forte instrumento de comunicação entre alunos.	ANUAL (Março/2017 Início do ano letivo)	10 horas
2	Pesquisa e seleção dos alunos interessados em participar da produção do Jornal Mural	ANUAL (Março/2017 Início do ano letivo)	10 horas (3 horas por um dia)
3	Reunião com a equipe selecionada a fim de definir as editorias do Jornal Mural “Papas na língua”, bem como a definição dos conteúdos que serão apresentados semanalmente.	Quinzenal Março Dezembro/2017	2 horas por semana
4	Redação das reportagens a serem expostas no Jornal Mural, com cada grupo de alunos se reunindo para sua produção conforme a editoria previamente escolhida.	Semanalmente Março a Dezembro/2017	4 horas por semana
5	Digitação, por parte dos alunos, e impressão das reportagens produzidas na Sala de Informática.	Semanalmente Março a Dezembro/2017	4 horas por semana
6	Montagem do Jornal Mural com as informações e reportagens produzidas.	Semanalmente Março a Dezembro/2017	2 horas por semana
7	Reuniões para a repetição dos procedimentos “4”, “5” e “6”, para a troca das reportagens produzidas, bem como para avaliação de cada edição anterior (acesso, comentários, viabilidade das edições, etc.)	Semanalmente Março a Dezembro/2017	2 horas por semana

3. Ações relativas à “Rádio AFS Jovem”

ATIVIDADES RELATIVAS Á RÁDIO AFS JOVEM	PERÍODO (DATA)	CARGA HORÁRIA
Levantamento dos equipamentos já existentes e que estão em plenas condições de uso e os que necessitam ser adquiridos para a ativação da rádio.	Março/2017	2 horas Primeira semana no ano
Explicação em salas de aula sobre o que é o Projeto de Educomunicação, destacando sua importância na sociedade escolar e como forte instrumento de comunicação entre alunos.	Março/2017	4 horas Primeira semana no ano
Pesquisa e seleção dos alunos interessados em participar das atividades da Rádio Escola AFS Jovem.	Março/2017	6 horas Primeira semana no ano
Reunião com a equipe selecionada a fim de definir a programação da Rádio, a qual inicialmente funcionará nos horários de intervalo, utilizando as caixas de som já instaladas nos corredores e refeitório e montagem de caixas acústicas nos corredores.	Março/2017	4 horas Primeira semana no ano
Definição das tarefas a serem realizadas a fim da montagem da programação da rádio, além da definição dos alunos responsáveis por cada atividade.	Março/2017	4 horas Primeira semana no ano
Reuniões entre os professores responsáveis e os alunos da equipe selecionada, a fim de realizar eventuais ajustes no funcionamento da Rádio AFS Jovem	Quinzenal Março a Dezembro/2017	2 horas por semana
Digitação e impressão de programa diário, por período, com seleção de músicas, notícias, previsão do tempo e outros informes	Diariamente Março a Dezembro/2017	10 horas por semana
Gravação dos programas digitados e/ou apresentação ao vivo, por período, com seleção e download de músicas selecionadas	Diariamente Março a Dezembro/2017	10 horas por semana
Publicação dos podcasts gravados diariamente no blog e no facebook da escola	Diariamente Março a Dezembro/2017	5 horas por semana

4. Ações relativas ao “Boletim Informativo AFS Jovem”

ATIVIDADE RELATIVA AO BOLETIM INFORMATIVO (BIMESTRAL)	PERÍODO DE EXECUÇÃO	CARGA HORÁRIA
Incentivar os alunos envolvidos a escreverem sobre um tema pertinente a cada nova edição/programa, resumindo as abordagens do jornal mural, impresso e rádio.	MENSAL (Início em março)	2 horas semanais para organizar

Preparar coluna sobre gêneros musicais para o jornal. Cada mês um gênero musical diferente	MENSAL (Início em março)	2 horas semanais para organizar
Realizar entrevistas com as pessoas sobre as músicas de épocas diversas e trazer as entrevistas gravadas e digitalizadas	MENSAL (Início em março)	2 horas semanais para organizar
Reunir editores e repórteres para finalizar o material coletado para o informativo e disponibilizar para o jornal e rádio	Quinzenalmente	2 horas semanais para organizar
Organizar grupos de editores para divulgação dos alunos sobre as propriedades de plantas medicinais existentes no viveiro Jaciara Mata Viva, escrevendo textos com nomes científicos, propriedades e receitas dessas plantas e divulgar ações do projeto Jaciara Mata Viva e textos de sensibilização ambiental.	MENSAL (Início em março)	2 horas semanais para organizar
Produzir textos mensais com alunos	MENSAL (Início em 15 de março)	5 horas por mês
Dicas de uso da língua, com palavras cotidianas que causam confusão na grafia e dicas sobre a nova ortografia	MENSAL (Início em 15 de março)	2 horas por mês
Produzir textos com todos os resultados obtidos nas pesquisas e aulas de campo realizadas por bimestre	BIMESTRAL	2 horas semanais para organizar
Organizar, coordenar e mediar a realização e edição de entrevistas sobre conteúdos trabalhados, realidade local social e política	MENSAL	2 horas semanais para organizar
Envolver alunos na produção e diagramação do jornal mensal escolar, trabalhando a norma padrão escrita e variedades linguísticas. Trabalhar uma oficina de uso do BrOffice Writer para diagramação do jornal e de edição de imagem para o jornal	SEMANAL	2 horas semanais
	QUINZENAL	4 horas quinzenais
Produzir com os alunos textos biográficos e comentários sobre autores de diversas correntes literárias, com poemas e poesias	MENSAL (A partir de 15/Março)	8 horas mensais
Produzir com os alunos mensalmente textos com informações biográficas e resumos sobre teorias e correntes filosóficas	MENSAL (A partir de 15/Março)	8 horas mensais
Elaborar textos com os alunos de conscientização sobre uso indevido e reciclagem de equipamentos eletrônicos	MENSAL (A partir de 15/Março)	8 horas mensais

AVALIAÇÃO

A avaliação do projeto acontecerá durante as reuniões com os componentes do grupo e os educadores, devendo ser apontados os pontos positivos e negativos, objetivando corrigir falhas, por meio de diálogo e revisão dos conteúdos publicados tanto no blog quanto no jornal, bem como da programação da rádio, verificando a adequação do mesmo ao trabalho coletivo pedagógico, tornando público o trabalho educacional efetivamente realizado na unidade escolar.

Conforme sugestão do cronograma, as reuniões serão quinzenalmente, com possibilidade de alteração desse período conforme necessidade.

ANEXO B: FICHA CADASTRAL DE COLABORADORES**PROJETO EDUCOMUNICAÇÃO 2017****E. E. ANTONIO FERREIRA SOBRINHO****FICHA CADASTRAL**

NOME		ENDEREÇO
TELEFONE CELULAR	E-MAIL	
DATA DE ENTRADA NO PROJETO	FUNÇÃO	
DIA(S) DE ATUAÇÃO	PERÍODO DE ATUAÇÃO	
TURMA	SÉRIE	
MÍDIA DA QUAL PARTICIPA	☐ RÁDIO ESCOLA AFS JOVEM ☐ BLOG AFS COMUNICANDO ☐ BOLETIM INFORMATIVO AFS JOVEM ☐ JORNAL MURAL PAPAS NA LÍNGUA	
HABILIDADES E CONHECIMENTOS (que tem ou deseja ter)	☐ Falar em público ☐ Cantar ou tocar instrumento musical ☐ Escrever e/ou interpretar textos ☐ Registrar fatos através de fotos ou gravações de áudio ou vídeo ☐ Desenhar ☐ Manipular aparelhos eletrônicos ☐ Organizar playlist ☐ Sonoplastia ☐ Digitação de textos ☐ Edição de imagens ☐ Outra: _____	
Observações (para professor responsável):		

ANEXO C: BOLETIM INFORMATIVO AFS JOVEM

BOLETIM INFORMATIVO AFS JOVEM

Ano 4 Volume 7
1º Semestre/2017



Alunos trabalhando na horta escolar.

Principais matérias

- Sujando as mãos com o conhecimento
- As inovações tecnológicas da arte
- Como estão as contas da escola?
- A arte da palavra Enem: prepare-se
- O sabor da influência
- Consumo de álcool por adolescentes
- Enem em ação
- Sessão interativa da Câmara Municipal
- Dia Nacional da Juventude
- O poder do amor
- Humanização do conhecimento
- Dicas e tutoriais
- Aulas práticas de informática
- Intervenção no laboratório de Ciências
- É aprendendo que se ensina
- A mulher e a saúde na educação

Editorial

A finalidade do Boletim Informativo AFS Jovem é deixar a comunidade da E. E. Antônio Feneiro Sobrinho atualizada sobre as atividades pedagógicas desenvolvidas na escola. Este boletim faz parte do Projeto Educomunicação que, em parceria com o corpo docente e gestão da escola, faz uma coletânea dos projetos e atividades realizadas dentro e fora da escola com os alunos do Ensino Médio Inovador e Integrado à Educação Profissional. Então boa leitura!

Como andam as finanças da escola?

Em virtude da redução do número de matrículas, houve também diminuição nos repasses financeiros recebidos pela escola. Segundo o responsável pela organização financeira, professor Sebastião Malta, a Escola Estadual Antônio Feneiro Sobrinho, neste ano letivo de 2017, teve um prejuízo no número de alunos em relação aos anos anteriores e isso afetou significativamente os recursos financeiros recebidos pelo CDE, em todos os setores. Continua pg 18

Sujando as mãos...

O Projeto de Revitalização do espaço ocioso da E. E. Antônio Feneiro Sobrinho através da construção de uma Horta Escolar e um Jardim Sustentável, em parceria com a Faculdade EDUVALÉ está a todo vapor. Continua pg 18

As inovações tecnológicas da arte

A arte tem um avanço enorme, desde pinturas nas cavernas e grandes pinturas em quadros como, a Mona Lisa, feita por Leonardo Da Vinci. Continua pg 2A

O sabor da influência

O planejamento de História, dos 3º anos do período matutino, no 1º bimestre, consta, entre outras, o estudo da México e a Revolução Mexicana, bem com o objetivo de concretizar a aprendizagem. Neste item, então, foi feita uma exposição gastronômica com as comidas típicas deste país. Continua pg 2A



Atividade de reconhecimento da culinária mexicana com alunos dos 3º anos.

Página 1A
Boletim Informativo AFS Jovem, Ano 4 Vol 7



Como andam as finanças da escola?

Por Sebastião Carlos Morla

Como bem sabemos, a Escola Estadual Antônio Ferreira Sobrinho, neste ano letivo de 2017, teve um prejuízo no número de alunos em relação aos anos anteriores e isso veio nos afetando de forma significativa nos recursos financeiros recebidos pela CDCE, em todas as seções.

Recursos que são destinados ao CDCE:

- 1) PPP/PDE – SEDUC – MT: sendo 4 parcelas anuais no valor de:
 - ✓ R\$ 30.540,00 – custeio (consumo e Manutenção);
 - ✓ R\$ 1.860,00 Capital (Permanente);
 - ✓ R\$ 6.768,00 – Infraestrutura, recebidos na 1ª e 2ª parcelas.

Desses recursos, a primeira parcela (custeio) recebida no valor acima, já foi executada em manutenção da escola, na rede elétrica, limpeza e conserto dos condicionadores de ar, material pedagógico, material de limpeza e material de expediente.

- Capital se encontra aplicado e será utilizado na aquisição de Ar Condicionado para o Laboratório de Química e Informática.

- Infraestrutura foi executada com reforma no Laboratório de Informática I, sala de direção e colocação de cortinas em todos os laboratórios.

2) PDE – Qualidade – PROEMI – MEC: num valor de R\$ 60.000,00, já recebemos a 1ª parcela de R\$ 36.000,00, que se encontra na aplicação bancária aguardando aprovação da PRC para execução, na proporção de 70% para custeio (consumo) e 30% para capital (material permanente) conforme proposto na PRC.

1- Merenda Escolar – PNAE: com valor de R\$ 0,40 por aluno/dia dividida em 10 parcelas, sendo uma a cada 20 dias letivos. Até o momento, já recebemos 3 parcelas, totalizando R\$ 19.740,00, executadas exclusivamente para aquisição de alimentos.

2- PDE Regular MEC: recebida em uma única parcela durante o ano letivo, sendo que neste ano ainda não recebemos e não temos o valor a ser repassado para a CDCE.

Todos os verbas recebidos pela escola são aplicados conforme as prioridades, decididas pelo Conselho Deliberativo Escolar, tendo os cheques assinados pela diretora da escola, o tesoureiro e o presidente da CDCE.



Futura instalação de condicionador de ar adquirido com recursos próprios

Sujando as mãos com o conhecimento...

Por Divina Maria Aguiar

Um dos projetos que estão sendo desenvolvidos pela Escola Estadual Antônio Ferreira Sobrinho no ano letivo de 2017, está em plena implantação, com participação dos alunos, professores e funcionários, contando com a parceria da Faculdade Estadual, através dos alunos da curso de Agronomia, sob orientação dos professores Zilmeristen Calábria e Natália Laura de Araújo, tendo como parceira também a Prefeitura Municipal de Jacara na limpeza do terreno e fornecimento de terra preta, bem como a contribuição da comunidade na doação de telhas usadas e garrafas PET.

O objetivo principal da horta escolar é desenvolver nos alunos o conhecimento sobre geometria, biologia, química, através da cultura orgânica de hortaliças, tendo como resultado concreto a colheita de verduras e temperos que servirão para enriquecer a merenda escolar. Nem o sol ou a calor foram obstáculos para a participação de todos envolvidos, o que está surpreendendo e não deixa dúvidas de que há evidente um anseio em viver a aprendizagem e praticar a teoria. Os resultados parciais já são visíveis, num terreno antes improdutivo, se vê a formação das canteiras com materiais reciclados, uma mistura de compostagem e terra preta, tendo para os próximos dias, iniciando a semeadura. Parabéns a todos envolvidos e em breve colheremos as "frutas" do





Isabela, Geovana, Kíria, Thiago, Cesconetto, José Hugo, Bruno de Luca, Fernando – 2ª A EMEP
Professora de Arte – Maria da Graça S. Di Loreto

As inovações tecnológicas na Arte

Por Isabela, Geovana, Kíria, Thiago, Cesconetto, José Hugo, Bruno de Luca, Fernando – 2ª A EMEP

Sendo a tecnologia uma constante na história da arte, que se constitui essencialmente por imagens, procura-se perceber em que medida a tecnologia digital, vista aqui como um ponto de mudança na posição do sujeito face à produção artística, interfere nos processos artísticos quanto às novas formulações a respeito do posicionamento do observador e do autor. Da intervenção que resulta dessa tecnologia como a criatividade, vemos a ideia da produção partilhada ganhar força e se constitui cada vez mais como uma vontade inerente à própria atitude do ato criativo. A obra ao ser revelada no desejo da interioridade, que se vai afirmando na requisição da participação do outro como elemento fundamental para sua concretização, anuncia um posicionamento que se diferencia na

forma e no resultado que se vincula pelas meios tecnológicos, quer em relação ao espaço quer em relação aos procedimentos. No campo dos estudos das artes, adquire-se cada vez mais importante uma procura empenhada na constituição de um fio condutor, neutro e de alcance a mais universal possível, com o intuito de compreender um componente ideológico que se pode revelar na atitude ideológica inerente à utilização das novas tecnologias.

É visível a influência e a troca produtiva entre a arte e a tecnologia; a cada advento tecnológico, as atividades artísticas se adaptam, se modificando e até surgem novas atividades ligadas às artes e que fazem uso dessa tecnologia, como: Designers gráficos, fotógrafos, web designers e tanto outros tipos de profissões artísticas: photoshop, corel, animadores e evolução técnica.

A arte tem um avanço enorme, desde pinturas nas cavernas e grandes pinturas em quadros como, a Mona Lisa, feita por Leonardo Da Vinci.

O sabor da Influência

Por Dêlma Maria de Andrade

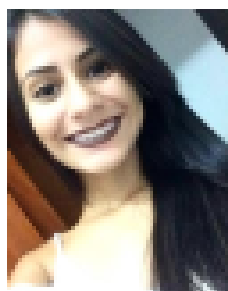
De acordo com o planejamento da disciplina de História, dos 3º anos do período matutino, no 1º bimestre, que consta, entre outras, o estudo da México e a Revolução Mexicana, bem com o objetivo de concretizar a aprendizagem, foi feita uma exposição gastronômica com as comidas típicas deste país. Sabe-se que a culinária de um país demonstra muito de sua cultura e a mexicana não é diferente, pois inclui práticas agrícolas e técnicas culinárias milenares, como formas diferentes do processamento do milho, usando também ingredientes principais, como o feijão e as pimentas, além de outros produtos indígenas, como a tomate, a abóbora, o abacate, o cacau e a baunilha. O entusiasmo dos alunos na realização do evento foi contagiante, mostrando que aulas com atividades diferenciadas, tornam o conhecimento mais concreto, fixando mais a aprendizagem. Como é saboroso aprender!



Estudos da culinária e História Mexicana



Consumo de álcool por adolescentes



Juliana
3º D PROEMI

“Do meu ponto de vista, esse aumento de uso da bebida tem várias consequências”

Por Juliana

O uso precoce de álcool tem sido um dos temas mais preocupantes da atualidade, pois a cada dia aumenta mais o consumo do álcool pelos jovens e adolescentes. Presenciamos essa situação em festas, bares, casas noturnas e até mesmo em avenidas, entretanto o governo quer assegurar ao adolescente a proteção de sua saúde e qualidade de vida e prevenindo danos em relação ao consumo de álcool.

Em nossa cultura é algo bem comum o uso dessa droga lícita, mas o que as pessoas não enxergam é que o álcool é muito prejudicial para nossa saúde.

Pessoalmente acho que está tudo tão avançado que até a própria televisão mostra e incentiva as pessoas para o

uso do álcool e é claro que atinge bem mais ao público jovem.

Mesmo proibido para menores, a ingestão de álcool por adolescentes cresceu nos últimos anos e é hoje um grande problema de saúde pública.

Do meu ponto de vista, esse aumento de uso da bebida tem várias consequências, como distúrbios no comportamento e pode levar até a depressão e gerar mortes.

Estudo realizado em 1996 pelo Centro Brasileiro de Informações sobre Drogas Psicotrópicas da Universidade Federal de São Paulo em dez estados brasileiros, mostrou que 19% dos jovens entre 10 e 18 anos tomavam bebida alcoólica mais de seis vezes por mês e também apontou que 94% dos adultos e 88% dos adolescentes acham fácil

menores de 18 anos conseguirem bebidas alcoólicas.

Sem dúvida, com essas pesquisas podemos comprovar os problemas que o álcool ocasiona na vida de um indivíduo, principalmente na vida do adolescente que é mais frágil.

Para finalizar, citamos a lei nº 14.582, para a fiscalização e controle para a proibição de se vender, oferecer, fornecer, entregar ou permitir o consumo de bebidas alcoólicas por adolescentes.

Assim, esta lei reduzirá a porcentagem desses casos que foram citados anteriormente como também os casos de mortes e alguns tipos de perturbações na vida do adolescente.

Professora Claudienej

Simulados do ENEM em ação

Por Abigail Ferreira da Silva

Com o fim das inscrições do Exame Nacional do Ensino Médio, é hora de começar de fato a preparação para as provas que ocorrerão em novembro. É uma das estratégias de estudos que as candidatas devem buscar desde já, consiste na realização de Simulados do Enem 2017.

Fazer este tipo de prova, traz uma série de vantagens para os estudantes. Além de simular todas as incômodas e situações desconfortáveis, pelas quais, certamente, passarão nas dias de aplicação do Enem, como a própria nome diz, os simulados também possibilitam:

- adaptação ao modelo de prova e estilo das questões;
- fixação dos conteúdos estudados, na teoria, por meio da prática;
- controle dos níveis de ansiedade, concentração e atenção, durante o exame;
- auto avaliação e análise do desempenho, a cada simulado.

O ideal é que os inscritos no Enem 2017 procurem ter uma frequência bem

definida para resolverem os simulados, como por exemplo, uma vez por mês. É claro que, na medida do possível, quanto maior essa frequência (um a cada 15 dias ou um por semana, por quanto maior essa frequência (um a cada 15 dias ou um por semana, por exemplo), mais rápida o estudante terá o retorno dos benefícios desta prática e melhores serão os reflexos em seus resultados.

Além dos tradicionais simulados presenciais, oferecidos por escolas, colégios e cursinhos preparatórios, as candidatas também têm inúmeras opções a sua disposição, na internet.

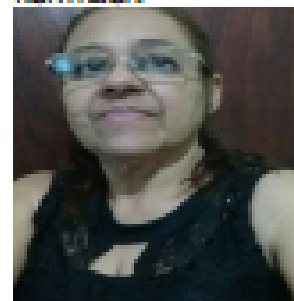
Experimente a Plataforma de Simulados Online do InfoEnem

Uma ótima opção para prática constante de simulados é a **Plataforma Online do InfoEnem**, que é 100% adaptada para dispositivos móveis e permite que a candidata resolva as provas pelo computador, celular ou tablet. Composta por um banco com questões de edições antigas do exame nacional e grandes vestibulares, o sistema oferece ao aluno um minisimulado

semanal, com 45 questões, e outro de desempenho, com informações pertinentes ao número de acertos/erros/questões em branco, além de detalhes sobre o tempo de resolução. Por fim a plataforma ainda oferece uma comparação com o resultado de todas as outras usuárias, em cada item. Faça sua inscrição na seguinte endereço:

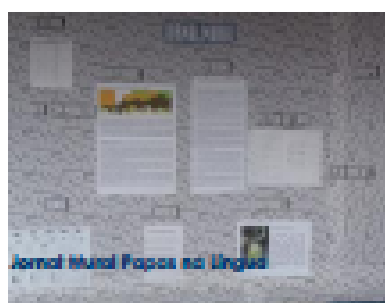
<https://www.infoenem.com.br/abril-2017/abril-2017-na-plataforma-de-simulados-enem-2017-participar/>

RCA A DICA!



Ordem	Assunto	Relator
01	PROPOSTA	PROPOSTA Nº 001
02	PROPOSTA	PROPOSTA Nº 002
03	PROPOSTA	PROPOSTA Nº 003
04	PROPOSTA	PROPOSTA Nº 004
05	PROPOSTA	PROPOSTA Nº 005
06	PROPOSTA	PROPOSTA Nº 006
07	PROPOSTA	PROPOSTA Nº 007
08	PROPOSTA	PROPOSTA Nº 008
09	PROPOSTA	PROPOSTA Nº 009
10	PROPOSTA	PROPOSTA Nº 010
11	PROPOSTA	PROPOSTA Nº 011
12	PROPOSTA	PROPOSTA Nº 012
13	PROPOSTA	PROPOSTA Nº 013
14	PROPOSTA	PROPOSTA Nº 014
15	PROPOSTA	PROPOSTA Nº 015
16	PROPOSTA	PROPOSTA Nº 016
17	PROPOSTA	PROPOSTA Nº 017
18	PROPOSTA	PROPOSTA Nº 018
19	PROPOSTA	PROPOSTA Nº 019
20	PROPOSTA	PROPOSTA Nº 020

Calendário de eventos da Rádio Escola
APS Jovem para 2017



Dia Mundial da Juventude

Por Eliângela Lopes de Lima Carvalho

Segundo Paulo Freire (1983, p. 30), o educador "se recusa a "domesticação" dos homens, sua tarefa corresponde ao conceito de comunicação, não de extensão". Com esse pensamento, mais um ano iniciamos as atividades do Projeto Educomunicação na E.E. Antônio Ferreira Sabrinho, tendo como comemoração inicial o dia 30 de março – Dia Mundial da Juventude. A Rádio Escola APS Jovem, como espaço de comunicação e protagonismo juvenil, organizou uma programação de abertura digna dos seus colaboradores: cheia de talentos, com apresentações e interpretações fantásticas nos três períodos de funcionamento da escola. Parabéns aos alunos colaboradores, que esse ano já somam 73 participantes. Parabéns à Professora Divina, que brilhantemente conduziu os trabalhos realizados. Parabéns à escola por acreditar que educação é mudança!

Sessão Itinerante da Câmara de Vereadores

Por Fernando

No dia 24/03/2017 a equipe de jornalismo da rádio APS Jovem esteve em uma sessão itinerante da câmara de vereadores na Escola Magda Ivana, onde se reuniram os representantes do legislativo joiariense para tratar assuntos relacionados a melhorias da nossa cidade. Em primeira instância foi apontado o objetivo da realização dessas sessões pelo vereador Clóves. Comentou que a sessão é um novo projeto da câmara municipal para levar os trabalhos da câmara a todos os bairros da nossa cidade, isso vai resultar em uma aproximação maior com a população, e com isso ouvir o povo, suas reivindicações para posteriormente estar agindo sobre elas e levar ao conhecimento do prefeito as necessidades da população, para que as ações sejam tratadas e solucionadas para melhoria da qualidade de vida da população joiariense.

Em seguida questionamos sobre as dificuldades financeiras e também sobre as econômicas para regularizar as dívidas, ele respondeu dizendo que estão preocupados com essa questão, e que vão procurar economizar para que no final do ano devolvam aos postos públicos para serem investidos em melhorias de creches, escolas, e estão visando investir principalmente na saúde e na educação da nossa municipalidade.

Falamos também sobre as vagas nas unidades de educação infantil e a escassez das mesmas, onde vários alunos que não podem estudar porque devem ficar em casa cuidando de irmãos menores que não conseguiram vaga nas creches. O vereador Thiago Pereira respondeu que todas as cobranças feitas aos vereadores as mesmas tentam responder de forma positiva através de solicitações, e que sobre esse caso vai fazer a cobrança ao Secretário de Educação para o bem da nossa população.

De acordo com a demanda

apresentada pela população e reivindicada através dessa sessão, o vereador Clóves concluiu falando sobre a importância dessas sessões itinerantes onde há uma aproximação da população com os parlamentares. É que foi perceptível um enorme problema que deverá ser rapidamente sanado sobre o lixo próximo a escola dizendo que não podem compactuar de maneira alguma com essa situação. Crianças tendo que participar de aulas com aquele odor insuportável essas e outras reivindicações serão prioridades na câmara municipal e que estarão levando ao executivo e cobrando bastante para que não fique somente nas sessões e nas reuniões, mas que seja tratada com carinho e que as ações se tornem realidade. Ao final agradecemos ao vereador Thiago Pereira e ao vereador Clóves pela parcela de participação deixando em aberto as considerações finais em nome da escola Antônio Ferreira Sabrinho. Os mesmos agradeceram ficando a importância desse trabalho onde os alunos cidadãos correm atrás dos seus interesses, orientando-os a continuarem com esse trabalho maravilhoso que vem desenvolvendo. Disseram que a Câmara Municipal está a disposição da população joiariense. Deixou um convite a toda população que participem.

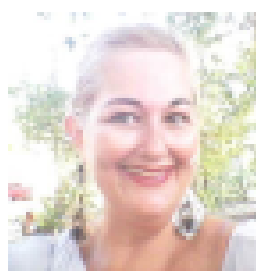


Repórteres do Projeto Educomunicação





Prof. Reginaldo Alexandre Pereira da Silva



Luciana França
Diretora

Humanização do conhecimento

Por Luciana França de Moraes

Não da Escola Estadual Antônio F. Sobrinho estamos inovando algumas práticas com finalidade de tornar o ambiente escolar num espaço mais harmônico e humanizado. Implementamos um processo de Gestão embasado na autonomia e democratização no desenvolvimento das ações e práticas pedagógicas avaliativas. Todo esse processo de distribuição de tarefas resulta em equipes que realizam com maestria o que lhes foi delegado, descentralizando essa autonomia do gestor, porém, não deixando de estar a par de todas as ações organizadas. Seja incoerente para com os nossos preceitos se nossa escola, um local privilegiado para o aprendizado formal, exercício das relações sociais e, por consequência, da cidadania, mantivesse sua postura diladora, atitudinal e controladora. Temos, então, por função, ser o grande integrador, articulador das várias segmentos internos e externos da escola, cuidando da gestão das atividades, para que venham a acontecer a contento (o que significa dizer, de acordo com o PPP (projeto Político Pedagógico) que norteia nosso trabalho. Ser democrático não anula somente ao gestor as imperfeições ou o banifica individualmente as sucessos, já que a escola não é do "gestor", mas, sim, "tem a cara de sua gestão". Os fracassos e acertos são da coletividade, de toda comunidade escolar (pais, alunos, professores, técnicos educacionais etc) que juntos buscamos uma escola e uma educação de qualidade. Diante das inúmeras maneiras de se gerir uma escola, sem sombra de dúvidas, a forma em que exista participação da coletividade na tomada de decisões; na elaboração e execução de projetos pertinentes à comunidade escolar; na delimitação de tarefas e hierarquização das funções é a mais valiosa de todas. Por meio dela, a gestão democrática e participativa, descentraliza o poder das mãos de um único indivíduo, atribuindo participação e responsabilidade a todos os sujeitos envolvidos e interessados com o contexto educacional e na formação emancipadora da sociedade. Por essa razão, sinto-me honrada em atuar com profissionais tão competentes e comprometidos, por não medirem esforços para o reconhecimento efetivo da nossa escola.

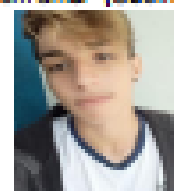
Necessidade do amor

Por Reginaldo Alexandre Pereira da Silva – Professor de Filosofia

O Homem como ser de razão tem consciência de si, de seu passado e das possibilidades de seu futuro, consciência de seu curto período de vida do fato de haver nascido sem ser por vontade própria e de ter de morrer contra sua vontade de ter de morrer antes daquelas que ama ou antes antes dele, consciência de sua solidão, angústia, isolamento e fragilidade de sua impotência antes as forças da natureza e da sociedade, tudo isso faz de sua existência um dualismo uma prisão insuperável, o homem ficaria louco se não pudesse libertar de tal prisão e alcançar os outros homens, unir de uma forma ou de outra com eles com o mundo exterior.

O amor é o meio procurado pelo homem para vencer o isolamento e escapar da loucura e o amor é

fundamental para o homem e para a sociedade, sem amor o homem torna-se árido, incapaz de encontrar-se com a vida e de envolverem com os outros. Não se sensibiliza com os acontecimentos no mundo, vê o mundo de forma totalmente racional, o mundo e assim e pronto, sem amor não há encontro, não há diferença, resta à escuridão, as prisões do egocentrismo do ser incapaz de relação, amor é reencontro, reviver de uma forma immanente que se conquista gradualmente à medida que desenvolve a sensibilidade, afetos e sentimentos para com as pessoas e sair de si e ir ao encontro do outro numa dimensão altíssima de zelo e respeito, vivenciada desde o seio materno e que se torna visível na sua existência com o mundo e a vida. "Mundus! Que és tu para um coração sem amor" (Goethe).



A arte da palavra

Por Gustavo Fabiano

Literatura é a arte da palavra. Literatura não é apenas bons livros a serem lidos ou apenas descobrir bons escritores. É algo além do que imaginamos. Não apenas a busca pelo conhecimento em torno do mundo, mas o conhecimento dentro de si, ou seja, a busca da autonomia do próprio indivíduo. Questiono-me muito a falta de leitura, e geralmente, a escola não apóia muito a literatura, deixando de enfatizar que ela é a peça chave do desenvolvimento, tanto por meio do prazer pela leitura, até a paixão por se aventurar, de se "perder" em um livro. O enriquecimento intelectual que adquirimos é espetacular, além de melhorar a cultura e de valorizar a sua origem, buscar conhecimentos e novas ideologias de vida e costumes diferenciados. A literatura é usada em todos os lugares e de diversas formas. Usamos literatura em tudo. Nossa vida conta uma bela obra, como forma de escrita motivacional ou algum testemunho de um acontecimento catastrófico, no decorrer dos anos. O ideal seria que os professores nunca deixassem de incentivar seus alunos a buscarem a informação, a autonomia e a expressividade que esse mundo conturbado necessita. Que sensibilizassem os alunos a lutarem por um espaço, por uma voz, por meio da escrita e da leitura, que é através da qual encontramos o conhecimento para viver de uma forma mais suportável e conseguimos, consequentemente, tornar o lugar onde vivemos, mais tolerável e menos rotulado pelo "emburrecimento" mental que às vezes nos é imposto, pela sociedade.



Por Armarino Bastos

Veja como mandar uma mensagem para várias pessoas no WhatsApp ao mesmo tempo

Para quem gosta de enviar mensagens genéricas para uma grande quantidade de pessoas - como em época de fim de ano ou para convidar os amigos para o seu aniversário -, mas sem preguiça de ter que copiar e colar a recado em cada conversa de contato, o **WhatsApp** possui uma bela opção que facilita muito a vida dos usuários.

Chamada lista de transmissão, a funcionalidade permite a você enviar uma mesma mensagem para um total de cinquenta contatos, sem que os destinatários saibam uns dos

DICAS E TUTORIAIS

outros - como a opção de cópia oculta presente nos e-mails. Saiba como utilizar esse ótimo recurso contendo nosso tutorial logo abaixo.

Passo 1 - Com a versão do WhatsApp mais recente instalada em seu celular, abra o aplicativo e, na barra superior da tela, localize à direita o botão com três pequenas quadradinhos verticais (na Windows Phone são três pontos horizontais, localizados na parte de baixo). Clique no mesmo e selecione a opção "Nova transmissão". Pronto! Agora sua lista de transmissão foi criada e você será redirecionado automaticamente para a conversa com os destinatários escolhidos, semelhante a uma conversa normal ou um grupo, bastando escrever a mensagem desejada. Na janela principal do WhatsApp, a transmissão terá o nome das pessoas para as quais a mensagem foi enviada listadas e a imagem de um megafone como símbolo.

As mensagens enviadas através da lista de transmissão criada serão entregues e recebidas normalmente pelos contatos escolhidos, sem que os mesmos saibam que as outras pessoas foram contatadas e que a função foi utilizada. Apesar da semelhança com os famosos grupos, a lista de transmissão não funciona como eles: a mensagem enviada para uma pessoa também será visualizada na conversa individual com a mesma, como se a recado tivesse sido mandado pela própria janela de conversa com aquele contato.

Ninguém saberá que uma lista de transmissão está sendo utilizada. O único indicativo de que o recurso foi usado será visto por você - o megafone ao lado da mensagem. Quem recebeu a mensagem através desse recurso não poderá diferenciá-la de uma mensagem normal enviada por você.

Link <http://www.kitaplan.com.br/whatsapp-com-uma-lista-de-transmissao-10>

Aulas práticas

Por Viviane Almeida

A maioria das empresas procuram profissionais especializadas para desenvolverem os seus sites e aumentar a renda e a divulgação do seu negócio. Por isso as aulas práticas nas disciplinas de informática são tão importantes, para que os nossos alunos conclua o curso com mais qualidade e preparados para o mercado de trabalho. Durante as aulas práticas são realizadas uma integração entre as disciplinas de manipulação de imagens e a disciplina de desenvolvimento web, assim, eles desenvolvem habilidades para manipular imagens e cores com qualidade e adicioná-las em sites, blogs, etc.

A escola APS disponibiliza para os alunos a utilização de dois laboratórios de informática um que possui o sistema operacional Windows XP e outro que possui o sistema operacional Linux. Nesse primeiro semestre de 2017 os alunos têm aprendido a desenvolverem sites e a manipular imagens em softwares gratuitos que já vem instalada no Linux educacional 3.0, mas, que podem ser baixados gratuitamente pela internet.

Para melhorar ainda mais a qualidade do nosso trabalho junto com os alunos, a direção está disponibilizando um laboratório de hardware com peças e equipamentos de montagem e manutenção



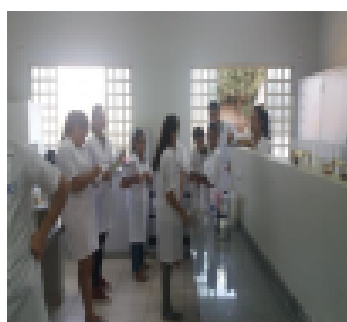
Aulas práticas e conteúdos trabalhados no laboratório de informática



Projeto Sala de Educador: é aprendendo que se ensina

Por Maristela Costa Bieber

A Escola Estadual Antônio Pereira Sobrinho foi fundada em 08 de março de 1979 e atende as modalidades de Ensino Fundamental e Médio. Hoje atende nas modalidades Ensino Médio Regular, desde 2009 o Ensino Profissionalizante – EMEP e desde 2014 o Ensino Médio Inovador (ProEMI) em três períodos de funcionamento; temos 667 alunos regularmente matriculados.



Atividade no laboratório de Ciências

Intervenção no Laboratório de Ciências

Por Gilmaro Feltosa da Costa

Foi realizada uma aula prática no laboratório de ciências, na qual primeiramente foi feita uma breve explicação sobre o tema da atividade e logo após os alunos se separaram em grupos a fim de realizar o primeiro experimento, no qual verificaria a densidade de misturas utilizando um ovo. Em seguida, os alunos fizeram um segundo experimento pelo qual verificaram a densidade de substâncias usando um densímetro caseiro feito com canudo. Logo após a finalização dos experimentos os alunos responderam algumas questões referente à aula. Também foi trabalhado Misturas Homogêneas e Heterogêneas. A grande maioria dos materiais encontrados na natureza, em nossa sociedade e em nosso corpo, não são substâncias puras, mas na verdade são misturas de duas ou mais substâncias, existem tipos diferentes de misturas, que podem ser classificadas em homogêneas e heterogêneas. Misturas Homogêneas: São aquelas que apresentam um aspecto uniforme, com uma única fase. Registro de Intervenção: As aulas foram realizadas com as turmas de primeiros anos regulares e EMEP Matutino e Vespertino: 1ª A,B,C,D,F,G, A e B EMEP.

Em todas as turmas a atividade foi realizada sem problemas, os alunos se mostraram bastante interessados e participativos, com algumas diferenças entre uma turma e outra.

Os alunos apresentaram um relatório da aula prática para verificação do conteúdo.

A escola encontra-se na gestão da professora Luciana Franço de Moraes. As coordenadoras pedagógicas que estarão trabalhando neste ano de 2017 são: professora Maristela Costa Bieber e professora Neidiane Goulart Lima Paiva. Os professores lotados na instituição somam 28 professores efetivos e 16 contratados, totalizando 44 professores. A formação continuada in loco é fator contribuinte para que as práticas pedagógicas, que embasadas nas Orientações Curriculares possam resultar em mudanças significativas na transmissão do conhecimento. Como Paulo Freire defende (1996, p.43-44) "o fazer educativo deve ser refletido". Neste espaço vamos desenvolver as trocas de experiências e vivências, esperando que as nossas atitudes possam refletir de forma positiva e transformadora na vida de nossos alunos e também da comunidade

e transformadora na vida de nossos alunos e também da comunidade escolar. Temos ciência de que uma transformação social só será possível através da construção do conhecimento crítico, criativo, democrático e inclusivo, capaz de dar sentido na vida do indivíduo (que passa pelas nossas "mãos"). É é na formação, que teremos condições de contribuir com o crescimento profissional dos nossos docentes.



Partilha em comemoração à Páscoa

O verdadeiro significado da Páscoa

Por Wilson Pereira

Quando pensamos em páscoa, a primeira coisa que imaginamos são os famosos ovos de chocolate. Mas é importante lembrarmos o verdadeiro significado desta data, para ensinarmos aos nossos alunos. A Equipe Gestora realizou uma palestra com o Professor Wilson. Toda a comunidade escolar contribuiu na partilha feita na escola. Independente da religião que seguimos, a páscoa cristã nos leva a refletir sobre o amor, a vida e a capacidade de recomeçar, tornando esse dia, além de muito doce, especial!

A origem da celebração da Páscoa está na história judaica relatada na Bíblia, no livro chamado "Êxodo", que significa "saída" e é exatamente a saída dos judeus do Egito que esse livro relata. Quando Ramsés II, rei do Egito, subiu ao trono, apavorou-se com o crescimento do povo de Israel, achando que esse crescimento colocava em risco o seu poder.

Essa preocupação, deu início a uma série de ordens e obras levaram os judeus a um período de grande sofrimento. Conta a Bíblia que Deus, vendo o que se passava com seu povo, escolheu Moisés para tirá-los dessa situação, dando a ele as poderes necessários para o cumprimento da missão. Na semana em que o povo de Israel iniciou sua jornada para sair do Egito, Deus ordenou que comessem só pão sem fermento e no último dia, quando finalmente estariam fora do Egito seria comemorado a primeira Páscoa, sendo esse procedimento celebrado de geração em geração. Essa celebração recebeu o nome de Pesach, que em hebraico significa passagem, nesse caso da escravidão à liberdade. Daí surgiu a palavra Páscoa. Jesus Cristo deu novo significado à Páscoa. Ele trouxe a "boa-nova", esperança de uma vida melhor. A morte de Jesus Cristo representa o fim dos tamentos.

"É na educação dos filhos que se revelam as virtudes dos pais."

A Educação vem do exemplo, das atitudes, e com toda certeza Educação vem de casa.

A mulher e a saúde em debate na educação

Por Divina Maria Aguiar Alve

Em 12 de maio de 2017 a rádio APSJ EM parceria com a Equipe Gestora promoveu uma palestra com a Doutora Vera Figueiredo Borges. Ela falou sobre saúde, respeito e entre outros assuntos relacionados ao perfil da mulher atual. A palestrante Dra. Vera, abordou principalmente as cuidados que a mulher deve ter com a saúde nas diversas fases da vida: menina-mulher, adolescente-mulher, incluindo também as homens. Comentou sobre os cuidados referentes à alimentação saudável, a importância da higiene do corpo da

mulher, da prática de exercícios físicos, a relevância de dormir bem. No fim da palestra, a médica reforçou a importância de a mulher cuidar do corpo e da mente, ter um tempo para relaxar e a importância da fé na vida da mulher, para ser uma pessoa e uma mãe melhor.

Antes desta palestra, um grupo de quatro alunos da período vespertino ligados ao projeto Educação foi ao consultório da Dra. Vera, que concedeu uma entrevista falando sobre os cuidados que a juventude deve ter com a saúde, principalmente com os excessos no uso das tecnologias. A entrevista está disponível em áudio no blog da escola: afcomunicando.blogspot.com



Locutores da Rádio APS Jovem em programação ao vivo



Jogos escolares municipais



Professor Selma e alguns atletas campeões

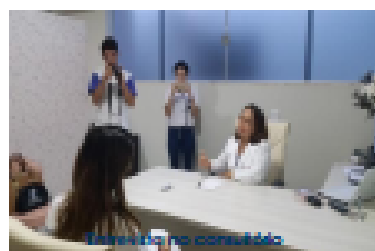
A cerimônia de abertura aconteceu no início da tarde dessa segunda-feira dia 13 de maio de 2017, no Ginásio Municipal de Esportes. Os Atletas matriculados em 12 escolas públicas e particulares estão participando das competições, organizadas pela Diretoria de Esportes (Decel), por meio da Secretaria Municipal de Educação, D e a c o r d a c o m o d i r e t o r d e e s p o r t e s d a D e c e l, S i m o i l, estão sendo disputadas as modalidades de futebol, basquete e vôlei. Ambas as modalidades são disputadas nos masculinos e femininos. O objetivo do evento é fazer a integração entre as alunos e escolas da rede educacional da cidade, a prática esportiva e dar novas oportunidades às crianças e adolescentes. Escola campeã nos jogos municipais de Jacara: Escola Estadual Antônio Ferreira Sobrinho. Leva cinco títulos campeões: parabéns aos alunos e colaboradores pela desempenho, principalmente ao nosso professor Selma da Silva, que fez o seguinte agradecimento: "Jogos Escolares da Juventude - Fase Municipal, quero agradecer todos que contribuíram para o sucesso do evento: os colaboradores, a Prefeitura Municipal de Jacara, as escolas participantes e principalmente aos funcionários da DECEL."

Juventude e alcoolismo: um problema social

Por Divina M. Aguiar



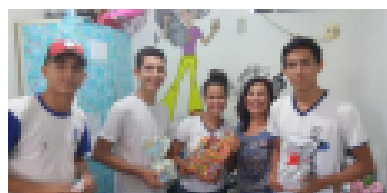
Alunos, apresentando a Dra. VERA



Interatando no consultório

Homenagens para as mães

O Projeto EDUCOMUNICAÇÃO durante semana do Dia das Mães teve sua programação diferenciada. Os alunos dos períodos matutino e vespertino fizeram homenagens ao vivo para as mães, com músicas, poesias, dedicatórias e mensagens de autorias próprias. Quem participou levou um mimo para suas mães oferecido pela Direção da EEAFS e também brindes doados pela secretaria Dida.



Alunos recebendo mimos para as mães



Página 58

No dia mundial da juventude a rádio APSJOVEM com a minha organização da professora realizou uma palestra com o tema JUVENUDE NA ATUALIDADE com a Dra. VERA L. RIBEIRO BORGES. Contei com a participação das alunas da Rádio escola: a repórter Taynara dos Santos (3ª D Vesp.), a fotógrafa Jéssica Bahr (3ª D Vesp.) e o cinegrafista Adilson Silva (2ª P Vesp.). A Dra. VERA abordou vários fatores que contribui para o desequilíbrio físico e cognitivo dos jovens como, por exemplo, expectativas lusóicas de que depois que terminarem a faculdade irão ganhar muito dinheiro, o que não é tão simples assim. Temas que ir subindo de grau por degra. Quando isso não acontece o jovem fica frustrado e parte para outras caminhos ilícitos como drogas, álcool e crimes diversos.

Resumindo a matéria, achamos importante deixar uma mensagem para os pais e jovens quanto ao consumo do álcool que por se tratar de uma droga ilícita vem crescendo entre os jovens dos sexos masculino e feminino, levando mais tarde para as drogas ilícitas.

De acordo com especialistas sobre o tema, o uso de álcool na adolescência está associado a uma série de comportamentos de risco, além de aumentar a chance de envolvimento em acidentes, violência sexual e participação em gangues, está fortemente associada à morte violenta, queda no desempenho escolar, dificuldades de aprendizagem, prejuízo no desenvolvimento e estruturação das habilidades cognitivas-comportamentais e emocionais do jovem. O consumo de álcool causa modificações neuroquímicas, com prejuízos na memória, aprendizagem e controle dos impulsos.

O Pediatra com especialidade em Toxicologia e Diretor do CEATOX - Centro de Assistência Toxicológica, Dr. Anthony Wong, destaca também os danos à saúde. Ele enfatiza que o álcool é a única substância que conhecemos que é tóxica para todas as células do corpo. A bebida, se

consumida em excesso, prejudica principalmente a capacidade enzimática destas células, a transmissão de impulsos nervosos e a integridade celular, consequentemente, suas sequelas poderão ser duradouras. Dessa forma, é possível citar alguns riscos graves com impacto direto na saúde, em longo prazo, como: hepatite alcoólica, gastrite, síndrome de má absorção, hipertensão arterial, acidentes vasculares, cardiopatias (aumento do ventrículo esquerdo com cardiomiopatia), alguns tipos de cânceres (estômago, boca, garganta, cordão vocal, câncer de mama nas mulheres e o risco de câncer no intestino), pancreatite e polineurite alcoólica (dor, formigamento e câimbras nos membros inferiores). É importante destacar que no caso das mulheres, essas manifestações são mais precoces.

Administrar o consumo de bebida dos filhos não é uma tarefa simples para os pais e responsáveis. Entendendo que esse é o desafio diário de muitos e que, com a proximidade do carnaval, o consumo dessas bebidas tende a ser maior, listamos algumas dicas que podem auxiliar os pais nessa empreitada, publicadas no [site Viva Saúde](#).

- Busque informações sobre os efeitos do álcool e o alcoolismo na adolescência. Um pai bem informado ganha poder de persuasão no diálogo com os adolescentes;
- Fique atento em relação aos amigos identificando os que não são os melhores amigos nesse aspecto e estabeleça limites e acordos com seus filhos. Evite dizer apenas não. Aprenda a escutar seus filhos e as razões deles para justificar o consumo de álcool.
- Dê o exemplo em casa, evitando o uso indevido (regular e em excesso) de bebidas alcoólicas.
- Participe da vida do adolescente e supervisione seu filho, quando necessário.
- Propicie qualidade de vida ao jovem e estimule hábitos saudáveis, com passeios ao ar livre, contato com a natureza e momentos de lazer em família.

Fonte: CISA - Centro de Informações sobre Saúde e Alcool



Cuide do seu jardim

Por Walkiria Carneiro

Esse texto conta a história de um homem que se chamava João. João tinha um lindo jardim, ele resplandecia igual a diamantes, porém João não conseguia ver como eram formosas as suas rosas.

Do seu lado direito, morava um vizinho chamado José. José também tinha um belo jardim, mas a resplandecer de suas rosas não era com a mesma intensidade das de João. Porém, todas as dias, João subia no muro para observar com que intensidade e formosura cresciam as rosas de José e ficava ali horas e horas observando e desejando que as rosas do vizinho murchassem.

Quando João olhava para suas rosas, não via a mesma beleza que enxergava nas de José e fazia de tudo para que suas rosas ficassem tão bonitas e cheirosas quanto as do vizinho. Mas sabia João, que enquanto ele ambicionava o jardim de José, Francisco, um vizinho que morava do seu lado esquerdo, não tinha rosa alguma, e todas as dias desejava e admirava a formosura de seu jardim. Certo dia, enquanto João observava e desejava as rosas de José, Francisco, adentrou o seu jardim e percebendo a falta de cuidado e atenção de João, roubou-lhe todas as suas rosas, restando-lhe apenas as espinhos. A partir daquele dia, João percebeu o quanto eram lindas as rosas que davam graça ao seu jardim, porém a obscuridade de sua ganância havia vedado os seus olhos. Após perder a beleza de seu jardim, João nunca mais desejou novamente as rosas de José, pois tudo o que ele mais queria eram as suas rosas de volta, somente depois de perdê-las, enxergou o quanto eram resplandecentes e lembrou-se do perfume hipnotizante que todas as dias proporcionavam a sua vida.

A vida pode te dar uma segunda chance, mas a perda da primeira, será inesquecível e dolorida. Cuide do seu jardim, valorize-o, muitas vezes você não consegue vê-lo, mas ele é lindo.

Oficina de cinema

A Escola Estadual Fênix Sobrinho - Projeto Jaciara Mata Viva, em parceria com a prefeitura de Jaciara subsecretaria de Cultura, promoveram nos dias 23 a 27 de abril a Oficina de Cinema O TERCEIRO OLHAR, com o cineasta Amauri Tangará e roteirista Tati Mendes, patrocinada pela CATXERÉ TRANSMISSORA DE ENERGIA S.A. e ELOS PLANEJAMENTO AMBIENTAL cujo produção final foi a curta metragem "Efeito Dominó". O cineasta Amauri Tangará propõe com esta ação de formação a possibilidade de abertura de novas perspectivas profissionais, análise de diferenciados olhares sobre fatos comuns e o desafio da experimentação de novas linguagens para empreender este mergulho audiovisual. A arte das imagens em movimento tem provado ser uma prática fundamental para as comunidades que têm em mente o registro de suas mais importantes manifestações, novas formas de experimentação de linguagens, a capacidade de expressão de ideias e muito mais. Uma comunidade que desenvolve suas potencialidades através do cinema, espõe ao mundo todos os aspectos culturais, sociais, econômicos e comportamentais de sua época, divulga e perpetua suas formas de convívio, amplia ou destaca a visão

econômica e comportamental de sua época, divulga e perpetua suas formas de convívio, amplia ou destaca a visão sobre alguns fatos, desenvolve olhares vários sobre fatos importantes ou banais, analisa questões de interesse comum ou simplesmente inicia a reflexão sobre temas de urgente percepção. O desafio de orientar um ou dois grupos para a captação de imagens, com a finalidade de criar um filme que documente e perpetue alguma festa importante para a comunidade ou simplesmente contando uma estória, apresentando toda a força contida numa manifestação cultural, representa uma importante ação estratégica e antropológica, para que, principalmente as jovens reflitam sobre seu papel nesta sociedade. Isto, para além de poder mostrar a capacidade de cada um de perceber sua raiz cultural através das imagens em movimento. O filme é uma ficção com a temática "Homem e o tempo" e busca a reflexão entre passado e futuro, com uma provocação do presente.

Link da vídeo:
https://www.youtube.com/watch?v=w_VD8hNvF56&list=PL5656565656565656



Por Viviane Almeida

Aulas práticas

A maioria das empresas procuram profissionais especializados para desenvolverem os seus sites e aumentar a renda e a divulgação do seu negócio. Por isso as aulas práticas nas disciplinas de informática são tão importantes, para que as novas alunas concluem o curso com mais qualidade e preparados para o mercado de trabalho. Durante as aulas práticas são realizadas uma integração entre as disciplinas de manipulação de imagens e a disciplina de desenvolvimento web, assim, eles desenvolvem habilidades para manipular imagens e cores com qualidade e adicioná-las em sites, blogs, etc. A escola APS disponibiliza para as alunas a utilização de dois laboratórios de informática um que possui o sistema operacional Windows XP e outro que possui o sistema operacional Linux. Nesse primeiro semestre de 2017 as alunas têm aprendido a desenvolver sites e a manipular imagens em softwares gratuitos que já vem instalados no Linux educacional 3.0, mas, que podem ser baixados gratuitamente pela internet. Para melhorar ainda mais a qualidade do nosso trabalho junto com as alunas, a direção está disponibilizando um laboratório de hardware com peças e equipamentos de montagem e manutenção de computadores, completamente novos.



Bombeiros do futuro

Por Jorge Antunes

A escola Antônio Ferreira Sobrinho – Projeto Jaciara Mata Viva, recebeu na manhã do dia 29 de abril o Projeto “Bombeiros do futuro” coordenado pelo comandante da 9ª Companhia de Bombeiros Militar de Jaciara, 2º tenente Gláury Matti. Pelo projeto, crianças e jovens com idades entre 11 e 16 anos aprendem noções de primeiros socorros, prevenção de acidentes no lar, sexualidade, higiene bucal, consumo racional de energia elétrica, hinos e canções, boas maneiras e conduta da cidadania, educação para o trânsito (ASSESSORIA SEJUSP-MT). Além disso o projeto “Bombeiros do futuro” tem a finalidade de contribuir na formação de cidadãos disciplinados, conscientes, responsáveis e construtores de atitudes benéficas para seu bom desenvolvimento físico, mental e social. Além de fomentar a cultura da paz, da não violência e da prevenção de acidentes e sinistros. Nessa oportunidade o professor Jorge Antunes coordenador do projeto Mata Viva, ministrou aula sobre educação ambiental, abordando a relação “HOMEM E MEIO AMBIENTE NO DECORRER DA HISTÓRIA”, os resultados e o que podemos fazer para contribuir para o equilíbrio ambiental. Após a aula teórica os alunos participaram das atividades práticas de replantio de mudas de azeiteiro, que servirão para arborização de espaços públicos.



Visita a Gazin

Os alunos da 3ª Ano PROEMI da Escola Estadual Antônio Ferreira Sobrinho sob orientação dos professores Wilson e Ana Paula, visitaram o pólo da Empresa Mavels Gazin de Jaciara BR 364. O objetivo da visita foi dar continuidade a ação (Jovens Aprendizes) Mavels Gazin de Jaciara - Jaciara Mata Viva) que teve início em 02/12. Os alunos puderam acompanhar o resultado da plantio realizado em dezembro de 2016 no pólo da Gazin e fazer o replantio das mudas que morreram. Aproveitando a oportunidade o Emerson de Gueiros Mariano, encarregado de Recursos Humanos da Gazin falou sobre o mercado de trabalho e empreendedorismo, incentivando o estudo e as boas práticas e responsabilidades.



Jovens Aprendizes Mata Viva



Alunos recebendo mudas na Pit Stop



Pit stop do Meio Ambiente

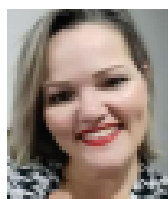
Por Jorge Antunes

No dia 09 de junho em comemoração à Semana do Meio Ambiente, aconteceu o “1º PIT STOP ECOLÓGICO” da escola Antônio Ferreira Sobrinho. O grande evento ocorreu das 16h30min às 18h00min na Avenida Pracinha em frente da escola. Foram distribuídas 220 mudas espécies nativas e exóticas para arborização de espaços urbanos. Foram distribuídas mudas de azeiteiro, ipê amarelo, roseira e branca, jacarandá e nin (Acrodrachta indica). As mudas entregues foram parte produzidas pelas próprias alunos da Escola Antônio Ferreira Sobrinho no Viveiro Educador Mata Viva e outra parte doada pela Instituto Ação Verde. É imprescindível que ocorra esta integração entre a escola e a comunidade e a efetivação de parcerias, trazendo a comunidade para dentro da escola e levando a escola para a comunidade, envolvendo toda a comunidade escolar. Devemos considerar que todos os participantes do processo educativo têm a capacidade de elaboração propostas para a melhoria da educação e a construção de um mundo melhor nos aspectos sociais e ambientais. Dessa forma, a escola Antônio Ferreira Sobrinho oportunizar “situações de encontro” a fim de contribuir com a comunidade e os aspectos da sua realidade, contribuindo não tomar o ensino mais prazeroso melhorando o processo do ensino-aprendizagem. Parabéns a diretora Luciana França de Moraes e a organizadora da evento, coordenadora Neildiane, bem como professores e alunos envolvidos.



Alunos recebendo mudas na Pit Stop

Dúvidas na doação de sangue



Prof. Gueuseli Maria de Souza

Por Gueuseli Maria

Para fazer a doação é necessário:

- Levar documento oficial de identidade com foto (identidade, carteira de trabalho, certificado de reservista, carteira do conselho profissional ou carteira nacional de habilitação);
- Estar bem de saúde;
- Ter entre 16 (dos 16 até 18 anos incompletos, apenas com consentimento formal dos responsáveis) e 69 anos, 11 meses e 29 dias;
- Pesar mais de 50 Kg;
- Não estar em jejum; evitar apenas alimentos gordurosos nas três horas que antecedem a doação.

Recomendações para o dia da doação:

- Nunca vá doar sangue em jejum;
- Faça um repouso mínimo de 6 horas na noite anterior a doação;
- Não tome bebidas alcoólicas nas 12 horas anteriores;
- Evite fumar por pelo menos 2 horas antes da doação;
- Evite alimentos gordurosos nas 3 horas antes da doação;
- As pessoas que exercem profissões como: piloto avião ou helicóptero, condutor ônibus ou caminhões de grande porte, sabem em andaluzes e praticam paraquedismo ou mergulho, devem interromper estas atividades por 12 horas antes da doação.

Intervalo para doação:

- Homens: 60 dias (até 4 doações por ano); Mulheres: 90 dias (até 3 doações por ano);
- Cuidados pós-doença:
- Evitar esforços físicos exagerados por pelo menos 12 horas;
- Aumentar a ingestão de líquidos;
- Não fumar por cerca de 2 horas;
- Evitar bebidas alcoólicas por 12 horas;
- Manter o curativo no local da punção por pelo menos de quatro horas;
- Usar drogas;
- Aqueles que tiveram relacionamento sexual com parceiro desconhecido ou eventual, sem uso de preservativos.

Cirurgias e provas de impedimentos

Extração dentária: 72 horas;
Apendicite, hêmia, amigdalectomia, varizes: três meses;
Colectectomia, histerectomia, nefrectomia, redução de fraturas, politraumatismos sem sequelas graves, fisioeletrólise, colectomia: 6 meses;
Ingestão de bebida alcoólica no dia da doação;
Transfusão de sangue: 1 ano;
Tatuagem: 1 ano;

Vacinação: o tempo de impedimento varia de acordo com o tipo de vacina.

Em Jaciara existe Banco de sangue que recebe doações de sangue de segunda-feira a sexta-feira das 07:00 as 11:00 e das 13:00 as 17:00 horas, localizado no CIAS, anexo ao hospital municipal de Jaciara. Para os trabalhadores são emitidas atestados de trabalho. Males informações no(66)3461-3454. Existe Disque-Saúde no número 136 onde você encontra informações das hemocentros mais perto de você.

Atos e Verdades:

1-DOAR SANGUE DÓI?

Nada!

Só a picadinho, que é inevitável, mas nada que vai impedir de você de um gesto tão nobre, não é mesmo?

2-Diabéticos podem doar? o diabetes estiver controlado apenas com alimentação ou hipoglicemiantes orais, e não apresente alterações vasculares, o portador da doença pode doar sem medo. Agora, caso ele tenha utilizado insulina uma única vez, infelizmente não poderá doar.

3-VOU FICAR SEM SANGUE? Não, a quantidade retirada é pequena e a reposição é feita naturalmente pelo organismo sem alterar o equilíbrio. Ele começa a ser feito nas primeiras 24 horas após a doação. A natureza pensou em tudo direitinho, viu?

4-QUEM RECEBE TRANSFUSÃO ESTÁ SUSCETÍVEL A

DOENÇAS?

A partir da implementação do teste de Ácido Nucleico (NAT), doenças como HIV, Hepatites B e C, são detectadas pelo procedimento que tem capacidade de identificar se a pessoa está contaminada mesmo que haja um curto período entre o dia de contaminação e a doação.

5- DOAR SANGUE ENGORDA? Não.



Equipe de atendimento do Banco de Sangue de Jaciara

Saber e saber na sala de aula

Por Araildo Pinheiro de Oliveira

Na disciplina de Geografia com as turmas de segunda ano A, B e C os alunos estudaram sobre Reaproveitamento de alimentos. Os alunos pesquisaram receitas culinárias e fizeram diversos alimentos. Na aula do dia 01/06 trouxeram os mesmos para a escola e apresentaram aos colegas e degustaram. Eles puderam perceber que aquilo que muitos jogam fora, pode ser reaproveitado, como por exemplo: casca de legumes, frutas, sobras de comidas e tantos outros alimentos que podem ser transformados em diferentes pratos deliciosos.



Alunos em atividade de reaproveitamento de alimentos

Aulas desenhos do relevo

Os alunos dos terceiros anos da escola Antônio Benseir Sobrinho nos dias 15 a 19 de maio de 2017 construíam desenhos a mão livre tendo como base os tipos de relevo com estudos prévios sobre estrutura da serra e as paisagens brasileiras. Cada aluno construiu uma paisagem utilizando pelo menos um tipo de relevo, com resoluções próprias como altitude, hidrografia e clima.



Alunos 3º O participando e se envolvendo com o tema da aula.



Professora Ana Paula Rocha das Neves
Docente em Geografia.

Em trabalho com o 3º ano F Profª M Natuma, Sobre o sistema ABO, foi abordada a importância de doar sangue. Antes da descoberta do sistema ABO muitos acidentes fatais ocorreram devido ao desconhecimento de que o sangue de uma pessoa e o de outra pessoa, o sangue podia ou não se aglutinar. Em trabalho com o 3º ano F Profª M Natuma, Sobre o sistema ABO, foi abordada a importância de doar sangue. Mas antes de falar sobre doação de sangue vamos saber um pouquinho sobre esse sistema. Antes da descoberta do sistema ABO muitos acidentes fatais ocorreram devido ao desconhecimento de que o sangue de uma pessoa e o de outra pessoa, o sangue podia ou não se aglutinar. Dessa forma, eles concluíam que na espécie humana existem quatro tipos sanguíneos, conhecidos como tipo A, B, AB e O. Pessoas que apresentam sangue do tipo AB são consideradas receptores universais, pois podem receber sangue de qualquer tipo. Isso se deve ao fato de que esse tipo sanguíneo não apresenta aglutinina de nenhum tipo. É importante lembrar que esse tipo sanguíneo pode receber sangue de todos os outros tipos sanguíneos, mas pode doar somente para ele mesmo. Já o tipo sanguíneo O é considerado doador universal, pois por não apresentar nenhum tipo de aglutinogênio, ele pode doar para qualquer grupo sanguíneo, lembrando que esse tipo sanguíneo só pode receber sangue do tipo O. O sangue é indispensável para a manutenção da vida. No entanto, mesmo com o avanço da ciência, ainda falta muito para que ele seja desenvolvido em laboratório, o que auxiliaria, e muito, nos casos de baixa estoque nos hemocentros. "A doação de sangue, aplaudível medida que aproxima o ser humano de sua humanidade, é indispensável em favor de tantos que lutam para sobreviver".

13 de julho – Dia Nacional do Rock

Por Cristiane Boro

Mesmo sendo uma data comemorada somente no Brasil, esse dia faz uma série de fatos que marcam toda a trajetória da música que ele influenciou e continua influenciando ainda hoje no Brasil e no mundo. O rock é um gênero musical de origem popular que conta de suas primeiras aparições no decorrer dos anos 40 nos Estados Unidos. Suas raízes se encontram na junção de outros ritmos como o rockabilly (um pré-gênero do Rock que surgiu em meados da década de 40), do Blues, do country music e do rhythm and blues (R&B). Já na década de 70 o rock sofreu influências de outros gêneros (folk e jazz) e dessa forma, acabou gerando uma série de outros subgêneros: surfrock, heavy metal, hard rock, rock progressivo, etc. Em 1955, a música "Rock around the clock" de Bill Haley se tornou a primeira canção de rock a chegar ao topo da para da de vendas e execuções da revista Bill Board e acabou abrindo caminho mundialmente para esse novo gênero musical que se revelava cada dia mais famoso. No entanto, há uma edição da revista Rolling Stones de 2004 argumentando que um ano antes, 1954, o primeiro single de Elvis Presley gravado em Memphis já tinha sido o primeiro registro de Rock'n'roll na história da citação desse som. Muito mais do que apenas um novo gênero musical, o rock influenciou estilos de vida, moda, atitudes e a linguagem. Existem, recentemente, pesquisas que mostram que o rock possa ter ajudado até mesmo em movimentos pela causa dos direitos civis nos EUA, porque tanto jovens brancos como negros apreciavam o novo estilo de música. Foi em solo britânico que se desenvolveu a grande cena do rock and roll, pois devido a não haver as barreiras raciais que ainda existiam nos EUA (japaneavam R&B mais para os negros) o ritmo conseguiu evoluir sem nenhuma restrição. Uma segunda leva de bandas de Rock do Reino Unido e também dos EUA tornou-se popular durante o início da década de 70. Essas bandas já começavam a apresentar um modelo de rock mais parecido com o que conhecemos hoje, pois intensificavam o modo de tocar conduzindo suas guitarras rumo ao Hard rock. As bandas mais populares dessa fase são: Nazareth, Led Zeppelin, Kiss, Queen, Aerosmith, Scorpions, AC/DC, etc. Muitas dessas bandas não conseguiram manter certo número de fãs e pararam de sucesso, no entanto, outras estão em sua trajetória até os dias atuais. Não importa seu estilo musical, com certeza de alguma forma ele também teve influência do rock!!!

EQUIPE EDITORIAL

Diagramação
Elisângela Lopes
Seleção de textos
Divina Maria Aguiar
Professores
colaboradores
Abigail
Avalda
Claudine
Cleane
Cristiane
Divina
Gilmara
Gueunel
Jorge
Maria das Graças
Marileia
Natalina
Reginaldo
Sebastião
Selma
Viviane
Waldia
Wilson
Armstrong (técnicos)
Branca (apoio)
Luciana (chefe)
Alunos colaboradores
Fernando
Gustavo Fabiano
Juliana
Iracema
Geovana
Rêsis
Thiago Casconetto
José Hugo
Bruno de Luca

Quem doa, quem recebe	
TIPO	DOA PARA
A+	A+ AB+
A-	A+ AB+
B+	B+ AB+
B-	B+ AB+
AB+	AB+
AB-	AB+
O+	A+ B+ O+ AB+
O-	A+ B+ O+ AB+ (DOADOR UNIVERSAL)
TIPO	RECEBE DE
A+	A+ O+
A-	A- O-
B+	B+ O+
B-	B- O-
AB+	A+ B+ O+ AB+ (RECEPTOR UNIVERSAL)
AB-	A- B- O- AB-
O+	O+
O-	O-